

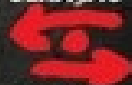
CORAÇÃO DE PEDRA

CHARLIE FLETCHER

LIVRO 1



GERAÇÃO



EDITORIAL

Ediouro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



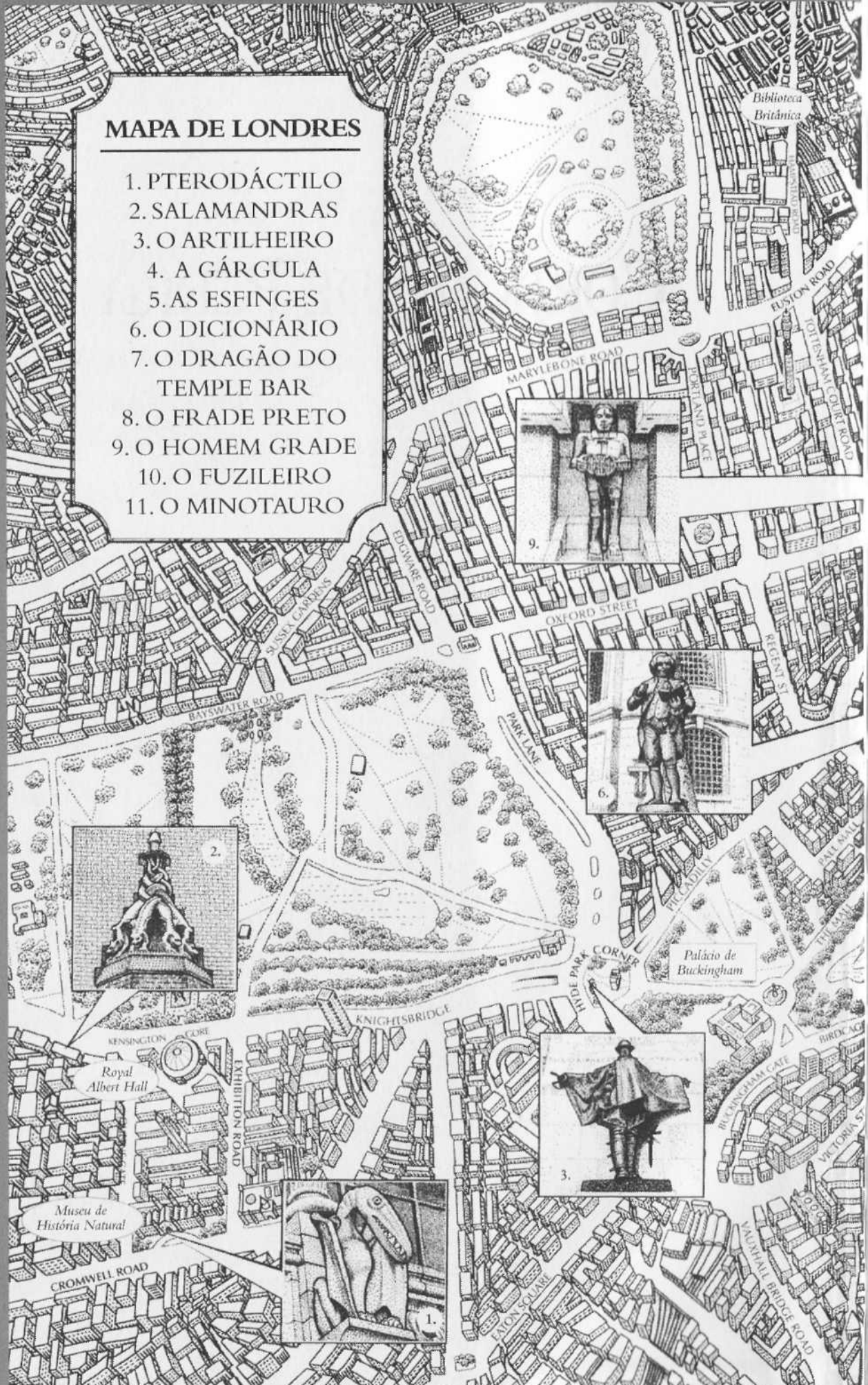
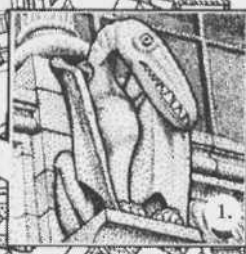
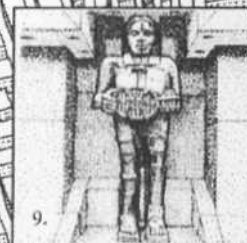
CHARLIE FLETCHER

CORAÇÃO DE PEDRA

MAPA DE LONDRES

1. PTERODÁCTILO
2. SALAMANDRAS
3. O ARTILHEIRO
4. A GÁRGULA
5. AS ESFINGES
6. O DICIONÁRIO
7. O DRAGÃO DO TEMPLE BAR
8. O FRADE PRETO
9. O HOMEM GRADE
10. O FUZILEIRO
11. O MINOTAURO

Biblioteca
Britânica



Royal
Albert Hall

Museu de
História Natural

Palácio de
Buckingham



St. Pancras



4.



11.



10.



7.



8.



5.

Museu Britânico

Barbican

Museu de Londres

Catedral de St. Paul

Pedra de Londres

Monumento

Estação de Cannon Street

Tribunal de Justiça

Aguilha de Cleópatra

Olho de Londres

Big Ben

Parlamento

HOLBORN

ST. MARTIN LANE

FLEET STREET

WIDWYCH

EMBANKMENT

STRAND

WHITEHALL

VICTORIA

WESTMINSTER BRIDGE

LAMBETH PALACE ROAD

LAMBETH BRIDGE

MILL BANK

LAMBETH ROAD

KENNINGTON ROAD

WESTMINSTER BRIDGE ROAD

LONDON ROAD

ST. GEORGE'S ROAD

NEW KENT ROAD

NEWINGTON

BLACKRIARS ROAD

DE EXETER NYNANILEK

BURCHARD HIGH STREET

GREAT DOVER STREET

LONDON BRIDGE

SOUTHVARNS BRIDGE

CLERKENWELL ROAD

GOSWELL ROAD

ST. PANCRAS

Título original: STONE HEART

1ª edição — outubro de 2007

EDITOR E PUBLISHER

Luiz Fernando Emediato

DIRETORA EDITORIAL

Fernanda Emediato

PRODUÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro Ana Julia Cury

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Nana Vaz de Castro

REVISÃO

Hugo Langone Izabel Cury

DIAGRAMAÇÃO

Abreus System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Fletcher, Charlie

Coração de pedra / Charlie Fletcher;

Tradução Euda Lídia Cavalcante Luther

Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2007

Tradução de: Stone Heart

ISBN 978-85-6030-210-9

1. Literatura infanro-juvenil.

I. Luther, Euda Lidia Cavalcante.

II. Título.

III. Título: Coração de pedra.

IV. Série. 07-1577

CDD: 028.5 CDU: 087.5

2007

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Aos meus pais, Margaret e Paul Fletcher, com carinho e agradecimento, fazedores de uma infância feliz além de muito mais...

“As coisas que os homens fizeram com suas mãos alertas, colocando dentro a vida maleável, permanecerão vivas através dos anos pela transferência do toque e continuarão brilhando por longos anos. E por esta razão, objetos antigos continuam maravilhosamente aquecidos com o calor da vida daqueles homens já esquecidos que as fizeram.”

Coisas que os Homens Fizeram, D.H. Lawrence, 1929.

N”ossa felicidade aqui é glória vã Este mundo falso é apenas transitório A carne é fraca e o demônio, esperto Timor mortis conturbai me.”

“Lamento aos Fazedores”, William Dunbar (? 1460-1520).

A BARRIGA DA BALEIA E OS DENTES DO MACACO

GEORGE NUNCA PERDEU TEMPO procurando as razões por que ele queria fazer parte. Era o que queria. Assim eram as coisas. Ou se faz parte do grupo ou não; e fazer parte do grupo, estar por dentro, era muito mais seguro. Não era o tipo de coisa que se questiona. Era assim e pronto.

Na excursão anterior da escola, eles visitaram o Museu da Guerra e aprenderam tudo sobre as batalhas em trincheiras. George sabia que assim era a vida: manter a cabeça abaixo do parapeito para não ser atingido.

Claro que isso foi no ano anterior, no passado, como todas as coisas que faziam parte de ser criança. Ele às vezes ainda pensava sobre isso. Ainda se lembrava como era a sensação de ser criança. Mas agora tinha ultrapassado isso. Tinha doze anos. Doze de Verdade, não “Apenas Doze”, como seu pai disse na última vez que se falaram. Ele sabia que os *seus* doze anos não tinham nada a ver com os doze anos de seu pai porque ele tinha visto fotografias de seu pai quando criança com a cara de quem não sabia de nada, de óculos e meio gordo, tudo o que — da perspectiva dos doze anos de George — seria o equivalente a estar sentado bem em cima do parapeito com um alvo pintado na cabeça gritando “Olha eu aqui!”.

George se lembrava das conversas e das risadas com seu pai quando falavam sobre coisas assim, antes de seu pai se mudar, e então as conversas foram secando até quase não haver mais nenhuma.

Ele já não falava muito em casa também. Sua mãe se queixava, geralmente com ele, mas às vezes para outras pessoas, no meio da noite, no telefone, quando achava que ele estava dormindo. Em algum lugar dentro dele doía um pouco quando ouvia sua mãe dizer aquilo — não tanto como quando ela dizia que ele costumava ter um sorriso lindo, mas quase.

E nem chegava perto do tanto que doía não poder dizer mais nada para o seu pai, nunca mais.

O problema é que ele não deixava de falar de propósito. Era uma coisa que parecia simplesmente acontecer, assim como quando caem os dentes de leite, ou quando se ganha altura. Bom, o fato de ele não estar crescendo tão rápido quanto queria naquele momento fazia parte do problema.

Sua altura era a média para a sua idade, talvez até um pouco mais que a média — no entanto ele *se sentia* menor, do mesmo jeito como se sentia às vezes mais velho do que sua idade. Ou talvez nem fosse exatamente mais velho, e sim um pouco mais batido e desalinhado do que os seus colegas na sala de aula — do mesmo jeito que suas roupas. Suas roupas eram lavadas todas juntas na máquina, as coloridas e as brancas, e embora sua mãe dissesse que não fazia a mínima diferença, fazia sim. As roupas ficavam encardidas, cinzas, desbotadas. E era assim que George se sentia na maioria das vezes.

Certamente era assim que se sentia agora, hoje, e não poder ver o que acontecia à sua frente o fazia se sentir ainda mais insignificante do que o normal; tudo o que ele conseguia ver era a barriga da baleia e as cabeças do resto de sua turma enquanto eles se agrupavam ao redor do guia do museu, que mostrava alguma coisa interessante. Tentou se arrastar um pouco para frente, mas só conseguiu uma cotovelada nas costelas. George tentou sair para o lado do grupo para tentar um novo ângulo de visão, cuidadoso em não empurrar ninguém.

Achou um lugar em que quase dava para ouvir e se aproximou, espiando pelo vão entre uma prateleira de

metal cheia de panfletos coloridos e um menino que era pelo menos dez centímetros mais alto que ele. E quando tocou na prateleira com seu ombro e se virou para segurá-la, o menino também se virou e o encarou.

George abriu um sorriso em resposta, um reflexo. O menino não retornou o sorriso. Apenas deu-lhe as costas de novo sem uma palavra. George não se preocupava em ser ignorado. Na verdade, ficou aliviado. O menino era um daqueles que inventavam apelidos. Tinha o dom de inventar os apelidos mais cruéis para seus colegas, e pior ainda, fazia os apelidos grudarem. Ele *quase* se tornou amigo de George quando eram novatos, mas logo descobriu que o seu dom o impregnava com uma certa invulnerabilidade, um poder que o livrava da necessidade de ter amigos. Tinha apenas seguidores. E isso era o que o fazia perigoso.

O menino virou-se para George. Desta vez falou:

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

George congelou. E logo tentou disfarçar seu congelamento com um outro sorriso e um dar de ombros.

— Não. É... Apenas tentando um melhor...

— Não fique parado atrás de mim.

O menino voltou a olhar para a frente. Outros da classe, porém, assistiram a tudo e nos olhos deles George viu algo que reconheceu. Não era interesse, certamente não era simpatia, nem mesmo antipatia. Apenas uma gratidão disfarçada por não serem o alvo da vez.

George então engoliu em seco e ficou onde estava. Sabia o suficiente para não ser visto cedendo. Isso seria o fim, ele seria engolido. Sabia que havia um nível abaixo do qual não se devia afundar, porque uma vez lá embaixo, no fundo, não havia uma escada para poder subir de volta. Uma vez dentro do poço, virava-se presa fácil para qualquer um e qualquer um faria picadinho de você.

Por isso George olhou para o quadrado de mármore em que pisava e decidiu ficar ali. Havia professores ao redor. O que de pior poderia acontecer?

O menino calmamente esticou o braço para trás e derrubou a prateleira, bem em cima de George. Ele deu um passo atrás, mas não havia espaço suficiente, e assim empurrou a coluna de metal com as mãos para se proteger. A prateleira bateu no chão com um barulho metálico estrondoso, espalhando os panfletos pelo chão de mármore ao redor de George.

A sala de repente ficou em silêncio total. Os rostos se viraram. O menino virou-se como os outros, um ar de inocência e fascinação logo se transformando em choque e surpresa.

— Caramba, Chapman!

O grupo de meninos ao seu redor se dissolveu em uma anarquia barulhenta, e os três adultos, os dois professores e o guia ficaram procurando o culpado. E com todo mundo inclinado e apontando, lá estava ele, sua cabeça acima do parapeito, os pés afundados na lama de panfletos coloridos ao seu redor.

O Sr. Killingbeck o perfurou com olhos de franco-atirador, e, firmando o dedo no gatilho, mirou e atirou a bala em forma de uma única palavra.

— Chapman.

George sentiu seu rosto ruborizar. Killingbeck estalou os dedos para os outros meninos.

— Vocês todos arrumem a bagunça que o Chapman fez! Você: venha comigo.

George foi atrás do professor, afastando-se do grupo.

Seguiram da sala da baleia até o saguão central do Museu de História Natural. O Sr. Killingbeck parou no meio do salão, bem embaixo do esqueleto do dinossauro, e mandou George se aproximar.

George conhecia bem o Sr. Killingbeck para não começar ele mesmo o que estava por vir. Por isso apenas esperou. A boca do homem se movia vagarosamente. Ela sempre se movia como se tudo o que dissesse tivesse um gosto amargo e precisasse ser cuspidado antes de causar mais dor e agonia para ele.

— Humm, me diga, você estava tentando ser rude, Chapman, ou isso lhe vem naturalmente?

— Não fui eu, senhor.

— Quem foi, então?

Não havia uma resposta para isso. Pelo menos uma resposta que George pudesse dar. Ele sabia muito bem. O Sr. Killingbeck sabia muito bem. Por isso George ficou calado.

— Covardia moral e insolência estúpida. Nada muito atrativo, Chapman. Nada do que você veio aqui para aprender, não é mesmo?

George ficou pensando em que planeta estava o Sr. Killingbeck. Planeta 1970 ou por aí, provavelmente. Não um planeta em que George pudesse respirar. Ele começou a sentir falta de ar. Seu rosto começou a esquentar lentamente, um calor que ele sentia sem ver.

— Aquilo foi uma coisa imperdoável, rapaz. Você se comportou como alguém totalmente incivilizado. Como aquele macaco ali.

O dedo magro apontou para um macaco em uma jaula de vidro, seus dentes evidentes no sorriso que era sua última mensagem para o mundo. George sabia muito bem como era isso.

— Você é um incivilizado, Chapman. O que você é?

George olhou para o macaco, pensando como seus dentes eram fortes e assustadores. Pareciam presas de verdade.

O Sr. Killingbeck preparou a boca.

George achou uma bolota de massa de cera no bolso e começou a modelá-la com seus dedos. Ainda tinha o contorno irregular de um rosto que ele tinha modelado no ônibus.

— Acho que o momento exige um pouco mais do que este silêncio amuado, Chapman. Penso que a ocasião exige um pedido de desculpas, para começar.

George passou o dedo sobre a boca aberta do rosto de massa, pressionando-a para abri-la um pouco mais.

— Tire as mãos do bolso.

George amassou o nariz do rosto e tirou a mão do bolso.

— Você vai pedir desculpas nem que tenha de ficar de castigo aqui o dia inteiro. Você está me entendendo?

George trabalhou a massa na sua mão fechada.

— Ou você pode me dizer quem foi o culpado. Está me entendendo?

George entendia. Havia a espada. E havia a parede. E ele, bem no meio dos dois. Não podia dedurar o outro menino, mesmo que fosse um provocador e valentão, porque dedurar o empurraria para aquele

lugar tão baixo aos olhos dos outros meninos que não apenas lhe faltaria a escada para subir, como também não haveria nem o chão. Se de-durasse alguém, o resto da sua vida seria passada caindo em um poço sem fundo que ficava cada vez mais fundo e mais escuro e nunca acabava.

Esta era a espada.

Era simples.

A parede era menos simples, talvez por ser tão grande, impossível de mover.

A parede era todo o resto. A parede era sua vida.

A parede era tudo o que o fizera chegar àquele momento. E o momento o grampeava, não lhe dando espaço para correr.

— Chapman?

Impaciente, o dedo do Sr. Killingbeck batia de leve no vinco da perna de suas calças.

George olhou para as presas do macaco. Seria tão fácil para elas abocanharem aquele pedaço impaciente de pele ressequida e ossos ralos. Desejou tanto ter aqueles dentes na sua boca. Queria muito morder aquele dedo e cuspi-lo na cara do Sr. Killingbeck. Seu desejo era tão intenso que até sentia a tritura e a quebra dos ossos e quase o gosto do sangue. Este sentimento foi tão imediato, quase tão real, que ele de repente sentiu medo, seus vestígios ainda escuros e pegajosos na sua mente. Nunca, jamais, havia tido um pensamento desses. O choque o encolheu por dentro e o fez esquecer do que falava.

— Senhor?

— Então?

A voz do Sr. Killingbeck o trouxe de volta para o agora, o momento entre a espada e a parede. Não sabia o que faria. De repente, percebeu pelo ardido nos olhos que havia uma possibilidade muito mais traiçoeira.

E George não choraria. E sabendo o que ele certamente *não* faria, de repente deixou tudo evidente. Sabia o que faria, o que diria. E sabia dizê-lo bem devagar, bem calmo, para que a coisa que estava explodindo na sua garganta não o sufocasse.

— Compreendo que é isto que o senhor pensa que eu devo fazer.

O Sr. Killingbeck olhou para ele com a surpresa de um homem faminto cuja comida de repente o morde. Sua boca parou de mastigar o que estava preparando para dizer.

— Mas eu não concordo.

As pupilas do Sr. Killingbeck viraram um ponto final no meio da íris de seus olhos.

George sabia que tinha cometido um erro. Sabia, com aquela súbita intimidade que o deixava ainda mais apavorado do que a imagem do dedo decepado, que o Sr. Killingbeck queria machucá-lo. Sentiu a coceira na mão do professor quando ele cerrou o pulso.

— Bem, bem, bem. Muito bem.

O Sr. Killingbeck fechou os olhos e passou a mão livre entre seus cabelos grisalhos, que se encaracolavam ao redor do crânio, como se ele estivesse tentando tirar George do pensamento com a massagem.

— Vai ficar aqui até decidir pedir desculpas. Se não tiver pedido até a hora de irmos embora, você não imagina em que situação terá se metido. Vai ficar de pé, reto, sem poder se sentar, não é para pôr as mãos

nos bolsos, não é para chupar balas, não é para se mover um centímetro daqui, os vigias do museu não o deixarão sair a não ser que esteja com o resto do grupo. Voltamos em uma hora e meia para lhe buscar e então você se desculpará, na frente de todos. Está me entendendo?

Seus olhos se abriram. George não piscou.

— Estou.

O Sr. Killingbeck deu meia-volta e foi atrás do resto da turma.

George ouviu o estalo dos saltos dele sobre o chão de pedra.

George então pôs as mãos no bolso. Sentou-se no banco. Pôs um chiclete na boca.

Depois levantou-se, foi até a porta e saiu, enfrentando o chuvisco que ensopava os degraus da entrada do museu.

Os vigias não olharam para ele sequer uma vez.

O HORROR

GEORGE EXPERIMENTOU O VENTO FRIO açoitando seu rosto quando saiu do museu. Sentiu-se terrível. Aquele sentimento negro e pegajoso ainda borbulhava na sua cabeça e o frio no seu rosto só piorava as coisas. Não sabia o que fazer naquele instante. Sabia apenas que precisava sair e ficar sozinho um momento.

George agora tinha certeza de que era mais seguro e mais fácil ficar sozinho. Decidiu isso depois que seu pai morreu, quando a vida de repente ficou cheia de gente dizendo tudo o que era errado, como se suas palavras pudessem preencher um pouquinho o buraco enorme dentro dele.

Estar sozinho parecia uma estrada difícil, e às vezes sua fraqueza acabava por lhe trair: por exemplo, detestava a si mesmo por ter sorrido para o menino que derrubou a prateleira móvel com os panfletos em cima dele; aquilo foi fraqueza momentânea, pura e simples.

Ele traíra a si mesmo.

Ter sorrido foi o mesmo que estar tentando fazer um amigo, quando na verdade eles não seriam amigos nunca. Ter sorrido foi um sinal de covardia, de necessidade. E George havia definitivamente decidido que não precisava de ninguém, amigos ou não.

A chuva batia no seu rosto em rajadas. Ele olhou para cima, pensando que ficar sozinho era o único jeito, já que estar sozinho significava estar no controle do que poderia lhe afetar e do que poderia ser ignorado.

Acima dele, no alto da fachada decorada do museu, havia um bando de animais imaginários talhados nas paredes, quase reais, mas não de verdade. Lagartos que existiam apenas na imaginação de seu escultor se alternavam com pássaros de uma aparência assustadora como um pterodáctilo. Os pterodáctilos tinham dentes afiados e pontudos, que protuberavam como bicos também pontudos, e ganchos ameaçadores se esticavam de suas asas sem penas. Os olhos eram escancarados em um olhar congelado, daqueles que intimidam e desafiam.

George sentiu o ar frio nas gengivas e ficou em dúvida se estava sorrindo ou fazendo uma careta. Quanto mais ele olhava para cima, mais percebia que a fachada inteira do prédio fervilhava de esculturas de animais talhadas em pedra. Elas o deixavam inquieto. Não sabia por quê, mas não gostava delas. Sentiu-se observado. Talvez fossem as janelas na frente do prédio; as pessoas podiam estar olhando pelos vidros, observando o seu rosto avermelhado e seus olhos ardendo de frustração e lágrimas que ele se recusava a deixar cair.

George sabia o suficiente sobre autopiedade para detestá-la, mais do que detestava o Sr. Killingbeck, mais do que a espada ou a parede. Assim, virou-se contra a fachada e limpou os olhos para ter certeza de que ninguém o vira quase chorar.

Olhou para o relógio: 15h42. Eles ficariam no museu até as 16h30 pelo menos. Não sabia o que faria. Virou e se encostou contra a parede do prédio.

Alguma coisa o espetou nas costas.

Atrás dele, à altura de sua cintura, no canto do pórtico do museu, a pequena escultura da cabeça de um dragão cinzelada na pedra o observava.

Ela lembrava os objetos que seu pai fazia — ou costumava fazer — no seu ateliê. Não as coisas grandes, as mais sérias, mas os pequenos animais de brinquedo que ele às vezes moldava com argila para fazer George rir, quando era pequeno, nos dias em que o menino o encontrava trabalhando, mas não muito ocupado.

A lembrança não o deixou alegre. Talvez porque tinha pensado em seu pai demais para um só dia, ou talvez porque o Dragão tinha presas que o lembraram do macaco, do gosto amargo na boca, do Sr. Killingbeck.

Qualquer que tenha sido a razão, o resultado foi extremo e agudo.

Odiou aquele ornamento.

George odiou-o demais.

Seu punho se fechou e se movimentou antes que ele tivesse tido tempo de pensar no que estava fazendo. Quando pensou, soube que ia doer. Sabia que sangraria, que arrebentaria a pele dos dedos, que talvez até quebrasse algum osso. Sabia que não se importava. Sabia naquele espaço que estava mais próximo do querer do que do saber que tudo isso era possível, mas que não se importava com nada.

Seu punho tinha o mesmo tamanho da cabeça do Dragão. Seu punho não era feito de pedra granular. No microssegundo antes do impacto ele percebeu que não sabia realmente o que sentiria ao fazer aquilo. Percebeu que ia fraturar seu primeiro osso. Sentiu mais frio nas gengivas porque estava mostrando mais dentes em desdém.

Não sentiu o impacto. Apenas ouviu. Ouviu o ruído feio do baque e o mundo se sacudiu um pouquinho.

Alguma coisa bateu no seu pé.

George fechou os olhos e agarrou sua mão por instinto, esperando a onda de dor. Ia ser muito ruim. Só pelo ruído já sabia que fora dano sério. Agora que tinha feito, se arrependia. Não queria olhar para a mão, caso alguma coisa esticasse para fora. Como um osso, por exemplo. Confirmou com a outra mão, cuidadosamente. Não havia nenhum osso, mas tinha definitivamente alguma coisa úmida.

Alguma coisa sibilou para ele.

George abriu os olhos. Deve ter sido sua imaginação. Virou-se para checar suas costas e seu pé chutou alguma coisa. Olhou para o chão.

Era a cabeça de pedra do Dragão.

A cabeça que ele havia quebrado com seu murro.

Olhou para o pórtico. Lá estava o pescoço, cortado perfeitamente como por um bisturi.

George então resolveu olhar para sua mão. Nenhum osso aparente. Nem mesmo sangue. Só molhado da chuva. Estava tudo bem. Apanhou a cabeça do Dragão. Não dava para acreditar. Olhou para ela. Alguma coisa tinha mudado. Os olhos não o fitavam mais. Não olhava para nada. A não ser que ele estivesse enlouquecendo, o Dragão tinha olhado direto para ele. Agora seus olhos estavam fechados. Decidiu que devia ter sido um truque da luz.

Ouviu mais um silvo atrás de si. E também um arranhado no molhado e um chiado seco.

Ele sabia, sem ter olhado, que o barulho devia ser de um dos vigias do museu, ou talvez do Sr. Killingbeck voltando para lhe dar uma bronca daquelas por ele ter saído do saguão. Não tinha idéia de qual seria a reação do Sr. Killingbeck ao descobrir que seu aluno menos favorito tinha acabado de quebrar um ornamento da parede do museu.

Enquanto se virava, botou a cabeça do Dragão dentro do bolso do casaco, esperando poder esconder o que fez, mas sabendo que não ia se safar assim tão fácil.

Não era o Sr. Killingbeck. Era algo muito pior, algo tão terrível que, se lhe fosse dado tempo para pensar, ele teria desejado por tudo que fosse mesmo o Sr. Killingbeck.

Não era humano.

Não era possível.

No entanto, era algo que estava se soltando da fachada de pedra do museu e olhando para George com um olhar fixo de puro ódio. E não apenas ódio — fome também.

Era um pterodáctilo.

Seus olhos eram largos e não piscavam, como em permanente surpresa de descobrir que havia, sim, lugar para eles em um crânio que não era bem uma cabeça, mas o alongamento de um bico pesado que se afunilava em um pescoço curvado com o esforço de carregar todos aqueles dentes. Seu corpo era pequeno e em formato de um pombo, embora compensasse com asas enormes como as de morcegos e pernas delgadas que terminavam em nós e garras afiadas.

O Pterodáctilo abriu e fechou o bico no esforço de se desprender, e algo semelhante a uma respiração sibilou das profundezas de sua garganta de pedra.

Os pulmões de George se esqueceram totalmente de respirar.

A coisa se descolou do friso com um último esforço. Tentou abrir as asas, mas só conseguiu desdobrar uma delas antes de desaparecer da vista, caindo abaixo do nível do parapeito.

George ouviu um barulho como o baque de um saco cheio de malas molhadas caindo na grama. Sem poder resistir, olhou para baixo do parapeito. O monstro continuava se desdobrando e ajeitando suas asas e garras. Ele dava as costas para George e esticava-se como um ancião se livrando de um nó no pescoço.

Foi então que se virou.

Fixou os olhos em George, olhos mortos de pedra. E enquanto o resto do corpo se contorcia para seguir a cabeça e se emparelhar com ela, George sabia o que aqueles olhos faziam.

Eles estavam se fixando em um alvo.

E o alvo era ele.

Como para confirmar isso, o Pterodáctilo ergueu seu bico para o céu de chumbo e rangeu os dentes com o barulho semelhante a alguém tamborilando sobre o esqueleto de um homem morto.

Baixou a cabeça, apontou seu bico afiado, e começou a se impulsionar para a frente, arrastando os nós de suas asas, sacudindo o corpo e as garras entre as asas, como um demônio de muletas.

George correu.

CORRER, CORRER

ELE ALCANÇOU A ESQUINA da rua Exhibition, escorregou na curva e começou a correr, mais rápido, desviando da multidão que entrava no Museu de Ciências. Quando notaram e começaram a reclamar, ele já era apenas a lembrança dos pés meio vagos, a cinqüenta metros dali.

Um guarda de trânsito tentou segurá-lo, o que seria a ação de reflexo de todo homem de uniforme ao ver uma criança correndo muito rápido em sua direção.

— Ei, você...

George se desvencilhou do guarda e continuou correndo. Uma olhadela para trás lhe ofereceu a instantânea imagem de horror do Pterodáctilo avançando na calçada atrás dele, com passadas terríveis e cambaleantes. O monstro parecia correr com suas pernas enquanto simultaneamente se jogava para a frente com a ajuda dos nós de suas asas.

Ninguém parecia perceber nada.

George gritou e dobrou a velocidade, virando a esquina para outra rua e logo entrando em outra. Gritou “Socorro!”, mas Londres é uma cidade movimentada. No momento em que as pessoas ouviam, ele já havia desaparecido.

Sentiu uma pontada.

Continuou correndo, voando pelas pequenas ruas paralelas, tomando a direção do parque.

Você pode continuar correndo quando sente uma pontada, e a dor acaba passando, mas essa devia ser de um tipo diferente. Continuou doendo e outra pontada se juntou à primeira. Esta doía ainda mais.

Ele não parou e continuou correndo do mesmo jeito.

Fugir de pesadelos é como eles começam. Nossos corpos têm lembranças antigas dos quais nossas mentes não têm conhecimento nenhum. E essas lembranças fizeram George correr ainda mais rápido. Ele dobrou uma esquina e se deparou com a rua paralela aos fundos dos Jardins de Kensington.

Não conseguia ver uma entrada para o parque, então virou à direita e acelerou ainda mais.

Atrás dele, o Pterodáctilo surgiu na esquina e fungou o ar. George corria. Olhando para trás, ele o viu diminuir. Parecia que tinha parado para admirar o verde do parque. George correu e correu até que um caminhão atravessou seu ângulo de visão e ele não conseguiu ver mais.

Quando não pôde mais ver o monstro, George teve tempo para sentir as pontadas nos lados. E então tropeçou numa pedra da calçada e caiu.

Levantou-se rápido e olhou para trás. Nada.

Não se deu conta do mendigo até ele o agarrar e o parar na esquina do cruzamento.

George virou-se.

— O quê..?

Um caminhão atravessou veloz o cruzamento, bem no lugar onde George tinha estado.

O mendigo o largou. George olhou por cima dos ombros. Não via nada. Desistiu então e se dobrou,

gemendo com a dor e a exaustão, pensando que ia vomitar.

— Não precisa agradecer... — disse o mendigo. George apontou para a rua vazia. O mendigo olhou na direção que ele mostrava. O Pterodáctilo apareceu de trás de uma árvore e olhou para eles. Mas logo se escondeu atrás de outra árvore.

— Você viu?! — George gritou com dificuldade, tentando aspirar a quantidade exata de oxigênio para seu corpo, enquanto se agarrava com força aos fios restantes de seu mundo normal.

O mendigo deu de ombros e negou com a cabeça.

— Só porque você é paranóico não quer dizer que eles realmente não estejam atrás de você — disse ele, e deu uma série de risadas que davam a impressão de que estava se engasgando.

George chupou o ar. Tudo doía. Seus pés, seus músculos, seus pulmões. Mas a cabeça era o que doía mais.

Não se via qualquer movimento por trás da árvore distante.

Próximo dele havia movimento. Alguma coisa acima do mendigo, na lateral do prédio.

Uma calha bastante ornamentada, três salamandras fantásticas salientes, os rabos entrançados, as cabeças inclinadas para baixo, cada uma com mais ou menos dois metros de comprimento. Não foi isso, porém, que chamou a atenção de George.

O que chamou sua atenção foi o fato de que se *moviam*.

George escancarou a boca.

Acima da cabeça do mendigo, três detalhes arquitetônicos começaram a se mexer. Ele ouviu os chiados e o barulho de suas escamas de pedra deslizando quando os rabos se destrancavam. Viu os olhos das salamandras se virarem para ele, as narinas fungando.

Um arrepio frio de terror atravessou sua nuca. Ele apontou. O mendigo seguiu seu dedo com os olhos. A expressão indagadora.

— O quê?

Uma das salamandras se livrou das outras duas e se encolheu, chiando para George. Ele olhou para o mendigo mais uma vez.

— Você não vê?

George ouviu um baque distante. Tirou os olhos dos novos horrores na parede do prédio e voltou-se para o Pterodáctilo, que vinha desconjuntado na sua direção, agora a apenas trinta metros dele.

George começou a correr. Passou por pessoas fazendo *jogging*. Passou por pessoas caminhando com seus cachorros. Passou por pessoas em bicicletas.

Ninguém parou. Ninguém olhou. Ninguém ajudou.

Ele, porém, não diminuiu o ritmo. Quando teve a oportunidade de se virar por um instante para olhar, viu as salamandras se arrastando pela calha ao lado da criatura, com um movimento para os lados como o que ele tinha visto em um programa de televisão sobre cascavéis. Era um movimento terrível em si, cheio de ameaça, poder, crueldade.

George correu pela calçada que ficava paralela ao Hyde Park, passando por um prédio moderno de tijolos vermelhos com uma torre, um soldado e um cavalo na frente.

O soldado nem olhou para ele.

Ele sentia cada passada nas solas dos sapatos, como se a calçada estivesse batendo nele e não o contrário. Ouvia sua própria respiração como se alguém estivesse correndo ao seu lado. Seu peito ardia como se estivesse pegando fogo por dentro.

Arriscou uma olhadela para trás.

— Ei!

Atingiu em cheio a lixeira do gari, arrancando o último sopro de ar de seus pulmões e caindo numa bagunça de vassouras e sacos de lixo pela calçada.

— Ei!!

George conseguiu respirar de novo, e mais uma vez, e mais outra, e cada vez doía mais que a última. Esfregou as lágrimas dos olhos.

— Você tá maluco? — queria saber o gari. George sacudiu a cabeça. Não conseguia falar.

— Vai limpando tudo, garoto! — disse o gari, aproximando-se. — Pode começar a limpar agora mesmo!

George começou a chorar.

O gari se surpreendeu, deu um passo para trás, chocado.

— Ei, espera aí.

O catarro descia do nariz de George enquanto ele soluçava. O gari olhou ao redor. Coçou-se e ficou constrangido, tanto quanto era possível para um homem com um buldogue tatuado no pescoço.

— Espera aí, amigo. Não foi...

Olhou ao redor de novo. As pessoas no ônibus olhavam, como se eles estivessem num programa de tevê. Desconectados. Entediados. Passando o tempo. As pessoas nos carros os ignoravam e se concentravam nos carros a sua frente. Um *motoboy* passou acelerado.

O gari pegou uma vassoura partida no meio.

— Você quebrou minha vassoura, seu...

George congelou. Atrás do ombro do gari, do outro lado da rua, enquanto um ônibus vermelho ia devagarinho para frente, ele viu de relance uma escama. Uma faísca de um bico. E uma centelha de um olho nefasto, escuro.

O Pterodáctilo andava para lá e para cá no lado oposto da rua, paralelo ao parque, usando o tráfego como cobertura.

Os arbustos ao seu lado se mexeram de novo e desta vez George se virou num instante e conseguiu ver as caudas das três salamandras desaparecendo na folhagem.

— O quê...? — perguntou o gari.

Mas falou sozinho. George não estava mais lá.

O ARTILHEIRO

GEORGE CORREU PARA O HYDE PARK CORNER, o entroncamento mais movimentado de Londres, um mar de trânsito roendo o asfalto ao redor da rotatória repleta de monumentos em meio à grama rala.

Como uma bola de *pinball*, George corria entre os carros, tocando em capôs e porta-malas. Os motoristas abusavam das buzinas, um rapaz numa bicicleta teve de frear abruptamente e apitou estridente no ouvido de George, mas ele não deu bola e continuou empurrado pelo pânico que deixava seus pensamentos dormentes, o pânico que se segue ao puro terror frio. Um caminhão freou ruidoso quando ele se jogou na frente e bateu no gradeado e no cimento do outro lado. George olhou para trás.

O Pterodáctilo o seguia numa linha reta implacável, deliberadamente, sem pressa, como um predador que sabe ter encurralado sua presa.

E pior do que esta coisa horrível e lenta que arrastava de forma barulhenta suas asas encouraçadas e rangia os dentes se aproximando era o fato de que George agora sabia que ninguém mais a via.

A coisa se arrastava na sua direção pulando sobre os capôs aos olhos de motoristas que simplesmente continuavam olhando através dela.

Ela arranhava o teto de taxis e os motoristas não paravam de falar nem por um instante. Ninguém nos ônibus olhava ao redor, ninguém registrava na mente aquele pesadelo pré-histórico de ossos e dentes que perseguia uma criança pela avenida mais movimentada de Londres.

A coisa pulou na garupa de uma motocicleta e fixou seu olhar diretamente nele por um longo momento. O motorista da moto não percebeu, mesmo quando ela levantou a cabeça e abriu seu bico para o céu, numa imitação de um chiado vitorioso.

Dizem que nunca se está mais sozinho do que no meio de uma multidão, mas estar sozinho no meio de uma multidão, enquanto se é perseguido por uma coisa monstruosa sem que ninguém perceba, é *muito* pior.

George se arrastou por cima das grades sem se dar conta do que estava fazendo.

Ele se afastou até ser bloqueado por setenta toneladas de pedra branca de Portland. Fora encurralado pelas paredes do Memorial da Artilharia Real de Guerra.

Olhou ao redor e por um momento pensou que a coisa estava pendurada impossivelmente acima de sua cabeça, pronta para abocanhá-lo e acabar com o pesadelo de uma maneira terrível e dolorida.

Porém, o último pedacinho de sua mente que ainda conseguia pensar direito percebeu que o que ele estava olhando era uma estátua escura, um soldado, um artilheiro trajando um uniforme da Primeira Guerra Mundial, um chapéu de metal cobrindo seus olhos, os braços abertos contra a pedra, em descanso. Os ombros cobertos por uma capa impermeável que por um instante fora confundida com asas.

Ouviu um ruído na sua frente. Voltou-se e, com um frio na barriga, viu o Pterodáctilo subindo lentamente a grade a apenas dois metros dele.

Seu corpo, pensando sozinho, começou a se mover colado à base do Memorial. O monstro, por incrível que pareça, olhou para longe. Agora George se movia com mais vontade, alcançando uma das extremidades.

O rabo de seu olho deve ter captado o movimento, porque ele não o antecipou. Parou sem saber por quê. Ali, arrastando-se à sua frente, uma das salamandras de pedra. George começou a retornar para onde estava antes até chegar a outra ponta.

De novo seus pés pararam firmemente sem ele saber por quê. As outras duas salamandras apareceram lentamente ao redor do outro canto, as bocas abertas num chiado silencioso.

George não tinha mais opções.

O Pterodáctilo virou-se para olhar para ele, devagar, fácil, odiosamente. E o ódio nos seus olhos era um ódio antigo, um ódio que George não compreendia, mas que sentia no seu âmago. E no meio do ódio havia crueldade e triunfo. O monstro *sabia* que o acuara.

Ele pareceu crescer à sua frente quando levantou suas asas de réptil em júbilo, bloqueando os últimos raios do sol. Seu bico começou a se abrir e de dentro veio um odor antigo, repugnante, mais repugnante do que qualquer coisa que George já tinha sentido, um cheiro que não tinha nada de humano ou natural, um odor que era antigo e simplesmente aterrorizante.

George não tinha para onde correr.

Sentiu apenas medo e a parede nas suas costas. Sua boca se abriu, sem emitir um som. Viu suas lágrimas baterem no chão à sua frente.

Uma frase se formou por si só e se derramou de sua boca, caindo para a terra, tão silenciosa que ninguém a não ser ele ouviu, enquanto a coisa descia do gradeado e se aproximava dele.

— Por favor.

O monstro abriu o bico e se retraiu para preparar o golpe que George sabia que seria fatal. Se seu bico longo e afiado não formasse já uma grande risada, seria possível dizer que ele ria ainda mais quando chiou e flexionou suas garras.

— Por favor...

Agora era o fim. A coisa deu o bote.

BLAM.

O monstro parou.

BLAM.

O monstro pareceu surpreso.

CRASH.

Algo pulou na frente de George. Algo com tachas de aço nas botas. Algo com uma arma.

Alguém.

O Pterodáctilo olhou para os dois buracos no seu peito. Sacudiu a cabeça em descrença. Com raiva. Recolheu-se e pulou...

BLAM BLAM BLAM.

A primeira bala o paralisou. A segunda o derrubou. E a terceira o desintegrou. A terceira bala o fez virar cacos de pedra. A terceira bala o transformou em pó.

George olhou para cima. O que viu foi um homem feito todo de bronze opaco, da sola de suas botas militares ao topo de seu capacete de guerra. O Artilheiro do Memorial de Guerra olhou para ele enquanto

abria o revólver, sacudia as cápsulas usadas e carregava a arma de novo, tudo em um simples movimento tão fluido que não havia necessidade de olhar para as mãos enquanto fazia isso.

Seu movimento foi tão rápido que as cápsulas usadas ainda tilintavam aos pés de George e ele já tinha carregado e travado o revólver.

George sentiu que seu pesadelo não tinha terminado ainda. Afastou-se do Artilheiro, mas não o suficiente. O Artilheiro agarrou-o e puxou-o de volta contra a parede, se posicionando à sua frente. Para protegê-lo.

Sobre os ombros da capa de chuva, George viu as três salamandras se arrastando pelo chão e se juntando em cima do pó, das sobras do Pterodáctilo.

Elas se contorciam cegamente como se tentassem achá-lo, farejá-lo. Logo viraram-se e olharam para George e o Artilheiro. George percebeu de novo. O ódio antigo multiplicado em três pares de olhos.

As salamandras chiaram e se entrelaçaram, começando pelo rabo, voltando a ser como eram quando deslizaram da parede do prédio. Ergueram-se como uma única serpente com três cabeças. Armaram o bote... e o Artilheiro atirou.

BLAM BLAM BLAM BLAM BLAM BLAM.

Seis tiros relâmpagos paralisaram, rodopiaram e sacudiram as salamandras. O revólver então clicou vazio, todas as balas usadas. Uma salamandra se retorceu e saiu de baixo do corpo das outras.

O Artilheiro tirou seu capacete e jogou-o nos braços de George. Limpou a testa e deu um passo para a frente, mexendo no seu saco de munição pendurado no cinto.

Enquanto a salamandra tentava se livrar das outras, ele prensou a cabeça dela com sua bota, ao mesmo tempo em que recarregou seu revólver pesado, tão rápido como antes. Dois tiros fizeram o monstro virar pó. Ele deu um passo para trás e acabou com os outros corpos da mesma maneira.

Quando terminou, tudo o que se via era uma vaga nuvem de poeira para mostrar que o pesadelo tinha sido real.

O Artilheiro carregou novamente a arma antes de se virar e olhar para George. George segurava o capacete do mesmo jeito que costumava agarrar seu ursinho de pelúcia.

A estátua escura se agachou à sua frente. George viu que seus olhos eram cinza, como olhos desenhados com grafite no seu rosto negro. Os olhos cinza pareciam penetrá-lo. O Artilheiro então pegou seu capacete e cocou o pescoço. Alongou a nuca como se desfizesse um nó, num gesto que mais tarde George acharia estranhamente familiar.

Agora, porém, ele só olhava.

Não que a sua mente não estivesse conseguindo acompanhar os fatos. Na verdade, ela nem tinha *começado*.

O Artilheiro pousou o capacete sobre a murada do memorial e se agachou ao lado dele, tirando algo do bolso de seu uniforme.

Cigarros.

Ele — aquilo, o que quer que fosse — riscou o fósforo na pedra branca e produziu uma flama âmbar que ele aproximou à ponta do cigarro entre seus lábios. A fumaça cinza subiu. E desapareceu para dentro da estátua. E reapareceu formando elos perfeitos. Os dois ficaram olhando a fumaça reluzir e se misturar ao ar londrino.

George não sabia o que fazer, a não ser murmurar:

— Obrigado.

O Artilheiro virou-se e olhou para ele. Deu uma tragada. Continuou olhando.

George conseguiu dizer mais uma coisa, mas foi apenas:

— Ummm.

Olhou para os pés. Pelo menos eles pareciam familiares. Uma voz desconhecida saiu da garganta do Artilheiro. Uma voz sepulcral. Com sotaque *cockney*⁽¹⁾.

— Me agradeça quando chegar ao fim, amigo.

George procurou ver se os olhos cinza ainda olhavam para ele. Porque eles não piscavam, ele percebia que a parte branca virará agora um tom claro de cinza e as pupilas escureciam ainda mais.

O Artilheiro tragou mais uma vez e assoprou em uma meia risada.

— Caramba, você não tem idéia do que começou, não é?

O CALOR ENJAULADO

No CORAÇÃO DE LONDRES alguma coisa acordou, alguma coisa tão antiga e tão ordinária que as pessoas passaram por ela durante séculos e séculos sem nem ao menos dar uma olhadela.

Era tão lugar-comum e tão indistinta que se alguém viesse procurar aquilo não teria como não ficar decepcionado com o que acharia. Não que alguém tenha vindo à procura dela há muito tempo. Nada sobre ela oferecia qualquer indício de seu propósito ou de seu poder. Parecia mais um pedaço rudimentar de pedra trabalhada por um pedreiro: pedra esbranquiçada, de tamanho e forma similares a um antigo marco miliário. A única coisa que dava uma idéia de que era mais do que o nada que parecia ser era sua condição.

Estava enjaulada.

Ficava ao lado de um prédio, que era pelo menos dois mil anos mais novo do que ela, e espiava para a rua através de uma treliça grossa de barras de ferro.

Dada sua antigüidade, as pessoas que notavam isso geralmente pensavam que as barras de ferro eram para protegê-la dos transeuntes.

Apenas uns poucos — e esses eram uns poucos muito estranhos — sabiam que era exatamente o contrário.

A grelha de ferro havia se tornado uma armadilha para o lixo que o vento trazia dos arredores do prédio, em redemoinhos formados pelo arranha-céu do lado oposto. Um pacote vazio de batatinhas fritas ficou preso no topo da coisa, reluzindo suas cores prata e marrom. Um fragmento no papel lia “torresmo” — para aqueles que espiassem e quisessem saber que sabor tinha seu conteúdo há muito tempo consumido.

Se a pessoa espiando fosse daquelas que acreditam em coincidências, teria com certeza sorrido ao presenciar o que aconteceu, dado que a descrição no papel acabou por se tornar também uma profecia.

Ouviu-se um zumbido de baixa freqüência, daqueles que fazem geladeiras antigas nas altas horas da madrugada quando pensam que ninguém escuta. E de repente a embalagem de fritas lentamente se encolheu, se reduziu e finalmente explodiu em chamas num clarão rápido e instantâneo, antes de sumir por completo.

E pode não ter sido nada, ou quem sabe fossem os dois sulcos sangrentos e estreitos no topo arredondado da coisa. O fato é que, sem nenhum lixo por cima, a pedra de repente pareceu vazia e à espera, como uma pequena mesa mortuária.

A ESCOLHA

AGORA QUE TUDO TINHA PARADO, as pernas de George começaram a tremer de verdade. Mais uma vez ele sentiu que ia chorar, e uma vez mais — quase não conseguindo — decidiu que não ia. Estava exausto, o tipo de exaustão que leva ao sono como uma contracorrente ruim, o tipo de exaustão contra a qual se sabe que é preciso lutar porque o sono que virá com ela não é de jeito nenhum um sono bom.

Ele olhou ao seu redor para ver se o Artilheiro ainda estava agachado ao seu lado. Estava. E seus olhos ainda garimpavam o trânsito à sua frente.

Lá de cima veio um assovio penetrante.

George olhou para o Arco do Triunfo do outro lado da grama. A estátua de uma mulher puxada por uma carruagem com cavalos em riste dominava o topo. O assovio veio de novo, desta vez tão agudo e estridente que perfurou os tímpanos e doeu nos ouvidos.

O Artilheiro apagou a bituca de seu cigarro, enfiou-a no bolso e se levantou num movimento único e decisivo.

— O que é isso?

Os olhos do Artilheiro seguiram seu olhar até os cavalos congelados no céu.

— É a Quadriga.

— Não... — disse George.

O assovio voltou a soar e agora não havia como confundir sua mensagem.

— Isso — ele completou.

— É um aviso — disse o Artilheiro.

— Sobre o quê?

O Artilheiro examinou os telhados dos prédios do outro lado da rua.

— Isso não é hora para perguntas, filho. É hora da escolha.

George abriu a boca. O Artilheiro começou a andar.

— A escolha é ficar ou ir.

Aquela exaustão dominava George de tal maneira que ele queria parar de nadar completamente e afundar. Fechar os olhos parecia uma coisa tão boa que ele deixou que eles tremulassem antes de sacudir a cabeça e tentar pensar.

— Não sei o que está acontecendo — começou ele.

— Sim, você sabe. Você está fazendo uma escolha. Agora. Ir ou ficar? Viver ou morrer?

De súbito, e sem saber por que, George ficou com raiva.

— Isso é ridículo...

O Artilheiro cuspiu.

— Claro que é. Morrer é ridículo. E daí? A vida não é uma piada? Não é por isso que é melhor você dar

risada e se divertir enquanto estiver por aqui? Mas é sua decisão. Para que lado vai pular?

A tremedeira nas pernas de George virou um bate-bate contra a pedra. Quando ele falou, sua voz saiu mais choramingtona do que era sua intenção.

— Realmente não sei o que está acontecendo.

O assovio ganhou um *staccato* mais intenso.

O Artilheiro agarrou seu braço e o levantou até que seus rostos estivessem emparelhados.

— Mas eu sei.

Deu um branco na mente de George. Ele não conseguiu dizer nada. Não conseguiu sequer pensar em qualquer coisa. O Artilheiro deu de ombros.

— Certo. Então vou voltar para o meu pedestal e vou ficar olhando o que a coisa que está a caminho vai fazer com você, porque se você é tão idiota a ponto de não querer se salvar, então não vale a pena eu perder meu tempo.

Ele pôs George de volta no chão e se virou. George segurou seu braço e não soltou.

— Não. Me ajude.

O rosto negro olhou para ele por um bom tempo. Alguma coisa mudou na sua expressão, talvez a forma do queixo, talvez as rugas que surgiram ao redor dos olhos.

— Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmos.

— O que quer dizer?

— Quero dizer: segure a minha mão e corra como um louco.

George deixou sua mão ser encoberta por aquela mão enorme e negra. Teve apenas um momento para perceber que a sensação era de um metal maleável, e não frio como tinha esperado, antes que seu braço fosse quase arrancado pelo ombro quando o Artilheiro correu na direção do túnel.

Deslizaram para o túnel iluminado e suas passadas ecoavam pela rampa baixa, indo para o norte embaixo do trânsito. No meio do caminho, havia um cantor dedilhando sua guitarra, entoando com muito mais vontade uma velha canção de Simon e Garfunkel sobre estar seguro em uma fortaleza profunda e poderosa, mas sem a precisão da versão original.

Seus olhos acompanharam George se aproximando. Não deu sinal de notar o Artilheiro, ou de estar ouvindo as batidas surdas das tachas de metal de sua bota no concreto. Apenas observou George se aproximando, primeiro com tédio, depois com desprezo. Deixou de cantar um momento suficiente para cuspir um “obrigado” sarcástico quando George passou pela maleta vazia da guitarra sem jogar nada para acompanhar a mísera porção de moedas espalhadas no seu interior escarlate.

George ainda olhava para trás quando o Artilheiro o arrastou pelos degraus para dentro do bosque no Hyde Park, escuro e coberto de árvores.

— Ele não viu você!

O Artilheiro continuou correndo, passando entre os pedestres a caminho de casa naquela penumbra acentuada pela iluminação branco-prateada das ruas, se afastando do trânsito, penetrando cada vez mais no bosque.

— Nenhum deles pode ver você!

O Artilheiro puxou seu braço bem no momento em que ele se deu conta de um tronco de árvore que se

destacava bem à sua frente naquela escuridão meio alaranjada.

O que foi uma pena. Porque se ele tivesse continuado olhando para trás teria percebido que estava errado.

Um par de olhos os observava. Um par de olhos que se arregalava com algo mais intenso do que incredulidade. Os olhos que os seguiam pertenciam a uma cabeça coberta com longos cabelos castanhos tão escuros e brilhantes que chegavam a se assemelhar à cor de berinjela. Eram olhos bem espaçados, com cílios curvados que poderiam parecer asiáticos se não pertencessem a um rosto cuja palidez lembrava muito mais o norte.

No andar de cima de um ônibus vermelho que passava à esquerda da pista dedicada aos coletivos, uma menina da idade de George se levantou de seu assento e fez seu caminho cambaleante entre os passageiros de pé, seus olhos fixos em algo que desaparecia para dentro do parque enquanto o ônibus se distanciava e a levava cada vez mais para longe.

Bruscamente, ela deu sinal de parada e desceu aos pulos a escada espiral, alheia às reclamações dos passageiros, ignorando os gritos e as mãos que tocavam seu casaco de pele de ovelha, ao mesmo tempo em que abria caminho até a plataforma traseira do ônibus, os olhos examinando minuciosamente a escuridão à procura de algo que já não podia mais ver.

O motorista a deteve.

— Você, menina, espere.

Ela não olhou para trás.

— Preciso descer!

O ônibus continuou veloz, descendo a Rotten Row.

— Daqui a pouco chega o próximo ponto — disse o motorista, sem soltá-la.

O ônibus diminuiu a velocidade para deixar passar um táxi. A menina torceu a cabeça como uma cobra e mordeu o motorista entre o polegar e o indicador. Ao que ele gritou e soltou seu braço com o susto, ela pulou da traseira do ônibus que se movia lentamente, cambaleou, caiu, levantou-se, driblou um outro ônibus, que teve de frear bruscamente, e correu para o parque. A menina — que se chamava Edie — não parecia se importar com o machucado recente no joelho, nem com as buzinas insistentes e os gritos que deixava para trás.

No entanto, a outra coisa que se destacava naquele rosto pálido sob os cabelos brilhantes cor de berinjela era a sua dureza de expressão, irreduzível além de sua idade, uma firmeza que vinha do fato de ter decidido nunca mais se importar com minúcias.

E sua expressão era a de um rosto firme na perseguição de alguma coisa grande.

ESTACIONAMENTO

O ARTILHEIRO SEGUROU GEORGE no meio do traçado intrincado de sombras que dançavam numa luz prateada, sombras formadas pelos galhos de plátanos. Ele olhou ao redor.

George se concentrou em tomar fôlego. Esperou até poder ser capaz de abrir a boca para perguntar:

— Estamos seguros?

O Artilheiro simplesmente continuou a se movimentar, mas desta vez George notou que não era a correria louca. Era mais como um jogo de esconde-esconde, em que o Artilheiro os mudava rápido de uma porção de sombra para outra, sem tirar um olho do que quer que fosse que os perseguia.

Agora que estavam se movendo um pouco mais devagar, a mente de George tinha espaço para mais do que o terror e a tarefa árdua de continuar respirando apesar das pontadas nas costelas. Os pensamentos circulavam na sua cabeça, um atrás do outro, antes que ele pudesse se fixar neles, como assistir à tevê enquanto outra pessoa segura o controle remoto e continua mudando os canais. Pensou no Sr. Killingbeck. Pensou na sua casa, no apartamento vazio onde sua mãe ainda não teria tido tempo de sentir sua falta. Pensou em quando e se ela sentiria falta dele. Outro pensamento relampejou na sua mente, a imagem aterrorizadora do Pterodáctilo se arrastando até ele pelo trânsito parado. Pensou no seu celular, enfiado na mochila, trancada no compartimento escuro do vestiário do museu. Viu as salamandras de pedra armando o bote para lhe tirar a vida.

Foi aí que vomitou. Enquanto o Artilheiro tentava puxá-lo, ele se apoiou no tronco delgado de um plátano e vomitou. Duas vezes. Seu estômago tentou pela terceira vez, mas não havia mais nada, apenas uma sensação efervescente na nuca e o tremor que parou quando o Artilheiro pôs sua grande mão em seu ombro.

— Melhorou? — perguntou ele. George negou com a cabeça.

— Você até que fez bem. Não sujou os sapatos nem nada. Segure firme.

De repente ele levantou George nos seus braços e pulou o muro baixo na beirada do parque. George abriu a boca, mas a sensação de estar caindo no meio de um espaço profundo o deixou mudo. Sentiu um instante de vertigem até que as botas do Artilheiro tocassem no cimento. George olhou ao redor e viu que haviam pulado uma espécie de murada que escondia um vão de uns cinco metros de altura. O vão terminava numa rampa que levava a um estacionamento subterrâneo embaixo do parque. O Artilheiro o colocou no chão e caminhou com ele sem fazer barulho, descendo a rampa para o espaço subterrâneo.

O estacionamento estava vazio de pessoas, mas repleto de carros. Na distância se ouviu o ruído solitário da freada de um pneu em um outro canto do lugar, mas agora o Artilheiro e George constituíam os únicos movimentos entre os capôs e pára-brisas que se enfileiravam sob luzes fluorescentes. O Artilheiro andou entre dois carros, achou uma sombra atrás de uma pilastra de cimento e se agachou ali. George olhou para ele.

— O que estamos fazendo?

— Esperando.

— Esperando o quê?

— Que a coisa vá embora.

— Que coisa?

— Não sei. Quer ir lá fora e dar uma olhadinha?

George não queria.

— Além disso, você está acabado. É por isso que vomitou tudo. A exaustão tem um limite e você acabou de ultrapassá-lo. É como os cavalos. Agora só precisa descansar um pouquinho... Eu sabia lidar com cavalos.

George notou que o Artilheiro carregava rédeas de metal enfiadas no cinto, sob sua capa de chuva. O Artilheiro percebeu que ele olhava.

— Artilharia a cavalo. Puxávamos as armas através da lama, tentando não matar os cavalos mais velhos enquanto fazíamos isso. Se perdêssemos um cavalo, perdíamos a arma. Perder a arma era perder a batalha. E se perdêssemos muitas batalhas, então...

Ele pareceu voltar a si. Para George, era como se o Artilheiro estivesse voltando para o aqui-e-agora de um lugar muito distante.

— Bom. O agora não tem nada a ver com isso. Recupere o fôlego.

O Artilheiro tirou sua bituca do bolso e a acendeu.

George olhou para ele e depois para os alarmes de fumaça no teto. Os olhos do Artilheiro se *fixaram* em George enquanto os elos de fumaça flutuavam, subindo.

— O quê?

— Eu acho que...

— Acha o quê?

— Eu acho que você não pode fumar aqui.

Os olhos do Artilheiro continuaram impassíveis, mas algo tremeu sob sua pele escura de bronze escuro, no canto da boca. Apesar de tudo, George sentiu uma vontade subindo até seu rosto. A última coisa que ele queria naquela hora era rir, mas o rosto do Artilheiro se abriu e ele sentiu vontade de acompanhá-lo. E, exatamente como as pequenas rachaduras dão o sinal de que o dique vai romper, quando o Artilheiro começou a rir, George o seguiu.

— Não posso fumar? *Não posso fumar!*

O Artilheiro riu como um sino ressoando. A risada de George vinha depois, mais aguda, mais leve, com ecos de histeria. De alguma maneira todo aquele pavor e incompreensão encontrou uma expressão na risada dele. Não sabia por que as coisas eram tão engraçadas, apenas sabia que rir era o correto. Teve uma lembrança instantânea de seu pai arrotando na mesa do jantar e respondendo à desaprovação de sua mãe com um prazeroso “Melhor fora do que dentro”. Era isso que George sentia agora, essa risada era a gota final do terror. Não tinha idéia do que estava dizendo com aquela risada, mas sabia que era melhor fora do que dentro. Engarrafá-lo teria rompido algo dentro de si. Rir não fazia sentido nenhum, mas parecia certo. O Artilheiro enxugou os olhos.

— Não posso fumar? Eu posso descer de um monumento no coração da cidade, atirar em quatro estigmas, arrastar você pelo parque na maior rapidez sem ninguém, nem um mendigo me ver, sem ninguém piscar um olho... e você vem me dizer que eu não posso dar um trago? Ora bolas!

Ele parou de rir. George continuou um pouco mais e logo cessou a risada, tão abrupta e inexplicavelmente como tinha começado, quando sentiu que o Artilheiro esperava algo dele.

— Você precisa prestar atenção, meu filho. Porque as regras das coisas quando você acordou hoje, bom, o que estava em cima ainda está em cima e o que estava embaixo ainda está embaixo, mas e no meio? As apostas são outras. E é aí que a porca torce o rabo.

Seus olhos ficaram fixos em George, enquanto soprava uma longa cadeia de elos de fumaça bem em cima do alarme.

— O que quer dizer?

— Quero dizer: você quer sobreviver a isto, então vai precisar pensar primeiro e fazer as perguntas certas. E “O que quer dizer?” não é a pergunta certa.

George começou a tremer. Abriu a boca. Pensou um pouco mais. Fechou a boca.

O Artilheiro deu um grunhido de aprovação.

— Isso é muito bom. Engatar o cérebro antes de acelerar com a boca. Não ligue para a tremedeira. É o choque. Vai passar, ou você vai ficar meio doidinho por um tempo.

— Não quero ficar meio doidinho.

— Pode não ser a pior coisa que vai acontecer.

George baixou os olhos para o cimento molhado sob seus pés.

— Acho que já fiquei doidinho há pouco tempo. Acho que tudo isso é doideira. Acho que alguém botou alguma droga na minha comida ou algo assim. Acho que tudo isso não está acontecendo.

O Artilheiro ficou olhando para ele. George imaginou que ele talvez tivesse virado estátua de novo.

— Olhe — disse ele depois de uma pausa —, me diga, por favor, o que está acontecendo. Me diga quem é você. Me diga o que são aquelas coisas. Por favor.

O Artilheiro bateu no peito.

— Eu sou uma estátua. Eles são estátuas, ornamentos, o que for. Mas isso é tudo o que temos em comum. Eu sou um cuspido, eles são estigmas. Estigmas odeiam os cuspidos, cuspidos não são muito chegados aos estigmas por causa disso. Pode-se dizer que existe uma certa animosidade entre nós desde que o primeiro homem pensou em esculpir alguma coisa e botar um pouco dele naquilo que formou. Somos ambos “feitos”, compreende? Ambos criados por artesãos ou até mesmo artistas, não importa, nós os chamamos de “fazedores”. No entanto, somos tão diferentes como a água e o vinho.

— Os estigmas são maus?

— Se são maus, isso não sei. Só sei que são ruins. Quero dizer, não tem nada de humano neles. Foram feitos para assustar, para serem feios, para olharem para você de soslaio do teto de uma igreja e lhe dar arrepios.

— Gárgulas.

— É. Algo assim. Quero dizer, todas as gárgulas são estigmas, mas nem todos os estigmas são gárgulas, se é que você me entende. São coisas como as gárgulas, coisas que foram feitas para nos lembrar do inferno, com a função de afastar o demônio. Não há nada de humano neles. Vazios. E como todas as coisas vazias, eles têm fome. Não de coisas de comer. Fome daquilo que faz com que você seja o que você é, e eu seja o que eu sou.

George pensou no olhar e no bico afiado e cheio de dentes do Pterodáctilo, e compreendeu exatamente o que o Artilheiro queria dizer.

— Com a diferença, porém, de que eu sou menos eu do que você é você, pois eu sou um cuspidor.

— O que quer dizer? — perguntou George, embora no mesmo instante em que fez a pergunta, algo no seu íntimo lhe dissesse que já sabia, que já lhe haviam dito isso antes. Pensou que se parasse e tentasse pensar, lembraria da resposta. Mas antes que lembrasse, o Artilheiro falou.

— Um cuspidor é uma estátua que o “fazedor” (escultor, artífice, o que for) fez para representar uma pessoa humana. E por causa disso, enquanto o fazedor trabalha, uma parte daquilo se transfere para nós e preenche aquele vão que nos estigmas os consome por dentro. Quero dizer, a estátua do Lord Kitchener não é o Lord Kitchener, mas ela é... bom, ela é o que o escultor pensava e sabia sobre o Lord Kitchener. É como se ela tivesse uma centelha do espírito de Lord Kitchener dentro dela. Ela é o espírito e a imagem de Lord Kitchener. O cuspidor e escarrado, por assim dizer. Isso faz sentido para você?

George precisou pensar antes de responder. Ele sabia sobre escultores. Lembrou das conversas que mencionavam “pôr algo de si mesmo” em certas coisas, e de conversas sobre as coisas “se transformando em coisa viva nas suas mãos”. Ele apertou a massa de cera no bolso e confirmou com a cabeça.

— Então quem você representa?

— Sou o Artilheiro. Ninguém especial. Apenas um soldado. Da Primeira Guerra Mundial. O único outro nome que tenho é o daquele homem que me fez. Do mesmo jeito que você leva o nome daquele que fez você. Qualquer que seja o seu nome...

— Chapman. Sou George Chapman.

— Sou Jagger. Meu fazedor foi Charles Sargeant Jagger. Assim, eu sou um Jagger. Você tem uma família grande?

— Não.

— Eu tenho. Tem Jagers espalhados por Londres inteira. Jagger se deu bem com a guerra. As pessoas gostavam do que ele fazia, do jeito que ele nos fazia parecer heróis, sem exagero. Ele nos fez primeiro como homens que sabiam o que era lama e o que era morrer, e só depois nos fez parecer heróis. Para aqueles que perderam filhos e maridos, parecíamos com os homens como queriam se lembrar deles, os homens que poderiam ter se tornado antes que os filhos-da-mãe dos generais os mandassem para serem abatidos pelos alemães.

— Então posso chamar você de Jagger?

O Artilheiro ficou quieto e olhou para cima.

— O qu...

O Artilheiro olhou para ele e botou o dedo sobre os lábios.

— Quietinho.

Devagar e sem fazer ruído, tirou o revólver do coldre.

— O Gato está no telhado.

O GATO NO TELHADO

O ESTACIONAMENTO TINHA UM TETO de quase um metro de espessura, feito de cimento reforçado com barras de metal. Sobre o cimento havia mais dois metros de terra, pesada e pegajosa, como a argila de modelar. A terra era reforçada pela sua própria teia de raízes das árvores, cruzando umas sobre as outras, pois cada árvore se estendia com suas raízes mais finas através da argila numa explosão lenta e microscópica em busca de água e alimento. Este entremeado por si só também possuía túneis feitos por minhocas, que se enfiavam cegamente sob o chão do parque, no seu labutar normal. E no topo de tudo isso havia a grama — raízes brancas na argila, brotos verdes acima alcançando o ar, tentando respirar algum oxigênio no meio da poluição da maré de trânsito infinito e constante que atravessava a Park Lane. Nos dez centímetros de grama que cobriam a terra, ficava um mundinho de insetos labutando sem trégua da mesma forma que os habitantes humanos da cidade ao seu redor. Havia formigas, havia joaninhas — e por um momento havia um besouro.

Eddie viu claramente, suas costas negras e reluzentes refletindo a luz laranja prateada dos postes nas ruas enquanto ele se movia lentamente de um maço de cigarros vazio para um monte de vômito. Eddie sabia que a pequena pirâmide na grama era vômito porque sentia o cheiro. Sentiu o cheiro de maneira muito mais forte do que teria preferido porque seu nariz estava rente ao chão, como o resto de seu corpo, esparramado embaixo de um arbusto, quase sem respirar. Sabia que o besouro *era* um besouro — e agora não era mais — porque a gárgula pulou um metro à sua frente e viu a sua pata de pedra — olhando de perto era mais uma garra do que uma pata — pisar com um esguicho sobre a argila.

Eddie se esgueirou ainda mais para as sombras do arbusto, tentando se mover tão sorrateira e cautelosamente como as raízes sob o chão embaixo dela. Sua mão esquerda segurava um pequeno disco de vidro que reluzia azulado entre os seus dedos. Também estava quente. Ela enfiou o disco no bolso sem tirar os olhos da garra de pedra a um metro de seu nariz. Agora não precisava mais do disco de aviso. A coisa estava ali. Estava perto demais para seu conforto.

Era uma gárgula de pedra calcária com o rosto de um gato rosando e os chifres de um pequeno diabo. Tinha asas, mas não braços, possuía pernas longas e poderosas que terminavam nas patas com garras que haviam acabado de esmagar o besouro. Os olhos eram de pedra como o resto do corpo, o par de sobrancelhas tinha um ar de ferocidade e rancor. Um século e meio de exposição ao tempo havia deixado listras escuras e cinzentas na pedra, e num inverno duro a geada expandira a água até um vão na sua asa direita, desintegrando uma parte e dando uma aparência assimétrica de uma lesão adquirida numa batalha.

Eddie sabia que era boa — muito mais do que o natural — em se fazer invisível quando sua intenção era permanecer incógnita. Desejou, porém, ser ainda melhor ao observar o gato-gárgula se inclinar para o chão e farejar. Quando ele respirou, ela ouviu um assovio baixo, como alguém soprando no gargalo de uma garrafa. Ele moveu a cabeça de um lado para o outro no chão, tentando farejar uma pista. Eddie decidiu parar de se mover para trás e tentou se fazer invisível.

O gato-gárgula se afastou dela e foi até o parapeito sobre o qual George e o Artilheiro haviam desaparecido. Ao se virar para longe, enquanto se preparava para farejar e assoviar ao seguir sua pista ao longo do topo do muro, Eddie se permitiu respirar fundo. Também era uma ótima oportunidade para

notar a crista espinhosa de vértebras nas costas dele, como uma fileira de espinhos gigantes tentando arrebentar através da pele rija de pedra. Ela via os músculos felinos densos contraindo e relaxando quando ele se movia para frente e para trás, como se dançasse em um transe lento guiado pelas narinas.

Foi quando Edie percebeu a mulher puxando um carrinho de bebê e uma *cocker spaniel*, andando rápido na escuridão alaranjada, claramente atrasada para alguma coisa e muito irritada com isso. A cachorra corria à frente da mulher, sacudindo as orelhas de felicidade. De repente ela parou, as orelhas se enrijeceram e ela rosnou.

O primeiro pensamento de Edie era de que ela tinha visto o gato-gárgula a dois metros de distância. O gato-gárgula virou-se e olhou para a cachorra.

A mulher estalou os dedos para a cachorra no momento em que passava naquele ponto do caminho.

— Brande. Venha cá. Brande.

Brande se congelara em um rigor trêmulo na frente do gato-gárgula. Os *spaniels* não costumam ter muitas idéias, por isso quando uma idéia vem à cabeça eles se apegam a ela como cola. E com um frio terrível na barriga, Edie percebeu que a idéia a que Brande estava se apegando *não* era a de estar vendo o gato-gárgula. Era a idéia de estar vendo Edie sob o arbusto.

— Brande! Venha! — gritou a mulher, deixando o carrinho e se aproximando da cachorra e da gárgula. O gato-gárgula deu um passo para trás e se agachou, abrindo as asas, paralelas ao chão, pronto para destroçar o que estivesse à frente. Edie viu que a ponta de cada asa tinha ganchos afiados. Ela uma vez assistira a uma tourada na tevê e o toureiro havia feito o mesmo gesto, dando um passo para trás, abrindo a capa nas suas costas, escondendo a espada, mostrando-se inocente, mas pronto para atacar quando o touro chegasse perto.

A mulher passou rente ao gato-gárgula. Edie imaginou que ela devia ter chegado a tocá-lo com seu casaco, mas era óbvio que não o via, da mesma maneira que sua cachorra. A mulher pegou a *cocker spaniel* e prendeu a correia na coleira.

— Vamos, sua levada, não há nada aqui! — disse ela enquanto puxava a cachorra para longe. A cachorra começou a latir para trás, os latidos aumentando de volume conforme sua dona a arrastava para longe. Os latidos terminaram em um gemido quando a cadelinha levou um tapa no focinho e foi presa ao carrinho, cujo ocupante agora choramingava. O vento começou a soprar mais forte entre os galhos das árvores e a mulher franziu o rosto exasperada. Ela tirou a sombrinha da bolsa pendurada no carrinho e a abriu com apenas uma mão.

— Venha. Vai chover. Precisamos chegar em casa. Seja boazinha, Brande.

O tapa tirou Edie da cabeça da *spaniel* e ela seguiu a dona até que as duas sumiram em meio à escuridão, após a mãe pôr uma capa de plástico sobre o carrinho.

Edie se preparou para respirar de alívio quando percebeu algo muito pior. O gato-gárgula continuou na sua posição de ataque; no entanto, sua cabeça se virará lentamente e estava olhando sobre os ombros diretamente para onde a cachorra tinha direcionado seus latidos.

Para Edie.

De repente, de forma tão rápida que seus olhos mal acompanharam, ele trocou a posição do corpo, virando para o arbusto. Mantendo as asas de garras afiadas abertas, como uma imagem terrível da sombrinha que Edie acabara de ver a mulher abrir, ele se agachou ainda mais e farejou voltado para ela.

Lentamente, a ponta de uma asa afastou o arbusto, e então Edie não tinha para onde correr. Os olhos de

pedra olhavam para ela. Edie teve tempo de registrar que aquela respiração sibilante vinha do cano de cobre corroído que se projetava reto da boca do monstro, como o cano de uma arma.

Edie enfiou a mão no bolso e tirou o disco de vidro. O que antes reluzia azul, agora incandescia como um archote, como um archote verde-azulado. Ela posicionou o vidro com o braço esticado, segurando-o com apenas um indício de tremor. Foi na voz, porém, que ela mostrou seu medo.

— Vá embora.

Ela limpou a garganta. Disfarçou o tremor da voz e tentou de novo.

— Vá embora! Você tem de ir embora!

Um olho de pedra se arqueou como se questionasse. O rosnado feroz aumentou ainda mais e os chifres se abaixaram como as orelhas de um cão. Ele não foi embora. Deu um passo à frente, abrindo ainda mais o arbusto, revelando-a para o mundo e para o que quer que ele pretendia fazer com ela.

Então veio a chuva, primeiro uma gota, depois um plim plim de gotas, e logo sem parar um mar de água começou a cair do céu. Edie fez cara de brava e encarou destemida os olhos de pedra através da cortina de água.

— Você. Não. Me. Assusta. — mentiu Edie. — Nada me assusta. Não mais. Você não pode me machucar. Vai ter de ir embora!

O gato-gárgula estremeceu e olhou nos seus olhos.

— Você não me assusta... — mentiu de novo. E o gato-gárgula pulou.

Para trás. Para o céu. Para o meio da chuva. Para longe dela.

Edie ficou olhando fixo para o lugar onde ele não estava mais, até seus olhos convencerem seu cérebro de que não havia nada ali, a não ser a chuva, a grama e aquela luminosidade alaranjada e lúgubre.

Ela olhou para o disco de vidro na sua mão. Enquanto olhava, a luz no disco morreu e ele se transformou exatamente no que era de fato, um caco antigo de vidro, o fundo de uma garrafa lavado nas ondas e na maré, arredondado por seixos e areia. Algo que qualquer um poderia encontrar num passeio pela costa. Edie enfiou o vidro no bolso de seu casaco de pele de ovelha. Respirou fundo várias vezes e caminhou pela grama até a rampa do estacionamento.

ESTACIONADO

GEORGE E O ARTILHEIRO olharam para o teto de cimento. O Artilheiro sorriu.

— Foi embora.

George encostou-se contra a parede e ficou olhando a grelha do radiador de uma Mercedes na sua frente.

— O que era?

— Um estigma.

— Um estigma?

O Artilheiro deu de ombros e se coçou com um prazer humano inesperado para uma estátua.

— Provavelmente uma gárgula. Voava. A maioria dos estigmas voadores são gárgulas.

George arquivou isso sob “Nova Informação” e sentiu que havia uma sobrecarga naquele departamento.

— Espere aí. A coisa que me perseguiu do Museu de História Natural. As três salamandras que desceram da parede do prédio. As coisas em que você atirou. Eram todos estigmas?

— Agora sim. Você pega as coisas rápido, não é? Se continuar assim, quem sabe até sobreviva esta noite.

George ia abrir a boca para fazer uma pergunta para a qual realmente não queria ouvir a resposta, quando ouviu passadas de alguém se aproximando. O Artilheiro o fez ficar quieto tocando de leve no seu joelho. As passadas pararam na frente deles. Eles ouviram o barulho de uma chave virando numa fechadura, o sólido clique-claque da porta de uma Mercedes se abrindo e fechando e o zumbido do motor acordando atrás da grelha do radiador bem na cara dos dois.

— E... — disse George.

Os faróis foram ligados. George e o Artilheiro foram iluminados como duas figuras em um desenho animado, pegos de surpresa na luz dos holofotes contra o cinza da parede.

— Socorro! — gritou George, esperançoso, para o rosto atrás do volante. O rosto olhou através dele e depois para longe, ao virar-se para dar ré e sair da vaga do estacionamento.

— Ele não pode ver você — disse o Artilheiro.

Os faróis os cortaram quando a Mercedes desengatou a ré e continuou para a frente, cantando os pneus e atravessando as fileiras de carros estacionados à procura da saída.

— Por que ele não pode me ver? — perguntou, sentindo-se como se não devesse ter gritado “Socorro”, como se de alguma maneira, dada a sua situação, devesse ser rude.

— Bem, não é que ele não possa. Os olhos dele funcionam, mas é na cabeça dele que ele não o vê. Seu cérebro não deixa.

— Por quê?

— Porque ele é um cara normal, racional, a não ser por estar dirigindo um carro alemão, e uma pessoa normal e racional não acredita que alguém possa andar por Londres com estátuas. E com razão. É impossível. Assim, sua mente não acredita nos seus olhos. É uma coisa de proteção. Se ele pudesse nos

ver, então saberia que estava, sabe como é...

— Doidinho.

— Isso aí.

— Então, por que eu vejo você?

O Artilheiro se cocou um pouquinho mais, daí se levantou de repente, esticando o pescoço.

— Porque alguma coisa você fez. Não sei o quê, mas deve ter sido ruim para deixar todos esses estigmas furiosos assim. Imagino que precisamos descobrir o que foi, mas vou lhe contar uma coisa: foi algo tão ruim que fez você sair da sua Londres e entrar na minha Londres. E isso não é nada bom. Pra você.

— O que quer dizer com “sua” Londres?

— Quero dizer a Londres em que os estigmas odeiam os cuspidos, e as coisas que são imóveis na sua Londres, na minha Londres se movem e até brigam. Pensa que a sua Londres é a única que existe? A cidade de Londres é muito mais do que apenas uma cidade antiga. Ela é como a rocha e a argila de sua fundação. Tem camadas. Você apenas caiu de uma para outra. Agora vamos embora, precisamos perguntar às esfinges como poderemos resolver...

Ele parou. Os ouvidos aguçados. George deu um passo para mais perto dele, sem se dar conta.

— Ouviu alguma coisa?

— Nada. Quer dizer, ouvi alguma coisa parar, mas foi uma coisa tão silenciosa que não percebi até a hora em que parou.

Os passos começaram de novo, desta vez mais audíveis, se aproximando. O Artilheiro relaxou.

— Tudo bem. É só uma pessoa. Relaxe. Nada com que se preocupar.

— Nada com que se preocupar?

O Artilheiro sacudiu a cabeça decepcionado.

— Se você não vai me ouvir, não há por que eu ficar gastando minha saliva, não é? Eu já lhe disse. Uma pessoa normal não pode nos ver, porque para ela nós, eu, eu sou impossível, compreendeu? — e apontou.

— Assim ela não pode nos ver. Olhe.

Uma menina de doze anos com cabelos cor de berinjela e um casaco de pele de ovelha se aproximava da vaga onde os dois estavam parados. O Artilheiro acenou para ela e depois olhou para George.

— Viu? Nada. Agora tente você. Faça uma careta. Imita um peido. Ela não tem como lhe ver, prometo.

Ele cutucou George, que também acenou. O rosto da menina não registrou mudança. George mostrou a língua e fez uma careta.

— Viu? — disse o Artilheiro. — Ela não pode nos ver, porque seu cérebro não deixa.

— Posso vê-los perfeitamente — disse Edie. — Estou só esperando vocês pararem de fazer caretas ridículas e dizerem algo sensato.

O Artilheiro olhou para ela. George olhou para o Artilheiro. O Artilheiro olhou para George.

— Ah — disse ele. — Interessante. Não era para isso acontecer. A não ser...

Sua voz flutuou como a fumaça de seu cigarro. E os três ficaram parados, em silêncio, por um bom tempo, sem dizer nada, só olhando um para o outro. George olhou para Edie, Edie olhou para o Artilheiro e o Artilheiro olhou de volta para Edie. George se sentiu um pouquinho fora daquela disputa de olhares. Por

isso quebrou o silêncio.

— Quem é você?

Eddie não respondeu.

— Ок. Por que está aqui?

Eddie desviou o olhar do Artilheiro apenas o suficiente para dar a George uma olhada de fúria e desprezo, em proporções iguais.

— Segui vocês. É óbvio.

— Por quê?

— Porque já vi estátuas se moverem. Muitas e muitas vezes. Mas nunca vi nenhuma outra pessoa ver. Foi isso.

Ela então desistiu de ganhar a competição de quem olharia para o outro por mais tempo e voltou os olhos para George. Ele percebeu que seus olhos tinham a mesma cor de marrom profundo que seus cabelos, aquele marrom que quase chega a ser preto. Tão escuro que não se podia distinguir onde o olho terminava e a íris começava. Era um pouco desorientador. Porque pelo que ele via, as íris poderiam bem ser alfinetes de ódio.

— E daí? — desafiou ele.

— Daí que achei que talvez você fosse como eu.

— Pois ele não é — disse o Artilheiro, ainda olhando duro para ela. — Ele não é nada como você.

Eddie ergueu o queixo. Talvez para poder ver o rosto do Artilheiro. Talvez por simples provocação. George imaginou que seriam as duas coisas, mas o pensamento acima de tudo isso na sua cabeça era o de que a única coisa ainda mais estranha do que se achar conversando com uma estátua que respondia de volta e atirava em coisas era ver outra pessoa fazer o mesmo. De certa forma, ficar de lado observando algo impossível acontecendo lhe nauseava ainda mais do que ele mesmo estar fazendo o impossível. Sentiu que sua mão tinha escavado a massa de cera no seu bolso e nervosamente a amassava.

— Por que não? — perguntou Eddie.

— Porque não — respondeu o Artilheiro, como se isso encerrasse o argumento, e passou por ela indo para a saída. George e Eddie se olharam.

— Eêê — disse ele. Mas isso não soou muito impressionante. Por isso ele tentou “Humm”, que soou tão inútil quanto o outro som. Os olhos negros piscaram para ele uma vez. Depois viraram-se e seguiram o Artilheiro.

— Ei! — gritou ela. — “Porque não” não é resposta. Por que ele não é como eu?

O Artilheiro parou na rampa, olhando para a chuva que caía.

— Estou falando com você.

O Artilheiro se virou como um raio e agarrou o pulso dela. Ela se preparou para mordê-lo, da mesma maneira rápida como fizera com o motorista do ônibus, mas parou antes que seus dentes tocassem a mão de bronze. Em vez disso, grunhiu de raiva e deu um chute nele. A dor foi toda no seu pé. Ele pegou na gola de seu casaco e a levantou até que estivessem cara a cara.

— Eu ouvi.

— Então por que ele não é como eu? Ele pode ver você. Ele é como eu. Ele é...

O Artilheiro a interrompeu.

— Ele não é como você. Não tem nada a ver com você. Ninguém é como você...

Ela tentou se soltar, mas era tão eficaz como chutá-lo.

— Ninguém é como você. Ninguém tem sido como você há anos. Não vejo ou ouço falar de alguém como você há muitos e muitos anos. Há décadas. Ninguém viu. Alguns de nós até pensaram que seu tipo estava...

A chuva formava uma poça no fim da rampa no lugar onde ele tinha parado, tentando achar a palavra certa. Assim que achou, enrolou-a na boca como um doce favorito antes de deixá-la sair.

— Extinto.

— Não sei do que você está falando. Eu não sou extinta. Estou aqui. Sou uma...

— Você é uma fagulha.

— O quê?

— Uma fagulha. Você é uma fagulha.

Ela olhou para George. Ele encolheu os ombros.

— O que é uma fagulha?

— Uma fagulha é o que você é se está vendo tudo isso. Você é uma fagulha, uma vidente, uma centelha; uma pessoa tão aguda e brilhante que acaba se cortando, tão afiada que pode cortar entre as camadas diferentes de “o que é” e de “o que poderia ser” e acaba cortando também até “o que foi”.

Um lampejo que quase chegava ao pânico passou pelos olhos de Edie, mas ela o afastou e ergueu o queixo para o Artilheiro.

— Não sei nada disso. Não sei o que você quer dizer. Eu sou apenas eu...

— Fagulha é perigo. Fagulha é aborrecimento. Fagulha é tanto problema que acaba atraindo ainda mais problemas. Uma fagulha é a última coisa de que precisamos se queremos chegar aonde estamos indo. Assim, você fica aqui, e nós vamos.

— Não me diga o que fazer — disse Edie, com fúria. — Me ponha no chão.

— Se não o quê? — perguntou o Artilheiro com um sorriso perigoso e faceiro.

Edie se contorceu para alcançar o bolso com a mão, tirando e brandindo o disco de vidro na cara do Artilheiro.

— Se não eu uso isso — disse ela.

Ele olhou para o vidro opaco e redondo com interesse. Levantou a mão para tocá-lo. Deu um toque com um dedo. O disco tiniu.

— Vai usar o seu pedaço de vidro, é isso?

Edie se concentrou firmemente e confirmou.

— E o que ele faz?

— Ele reluz quando as gárgulas estão perto e elas voam quando o vêem. É poderoso.

Ele tocou no vidro de novo. De repente ela começou a se sentir como uma boba segurando o vidro assim. Ele a pôs no chão.

— Você assustou um monte de gárgulas com isto?

— Sim. Não. Uma. Agora mesmo. Aquela que estava farejando vocês. Ela veio atrás de mim, eu segurei o vidro para ela e ela voou.

O Artilheiro olhou para a chuva caindo no retângulo escuro onde estavam de pé.

— E por que você o mostrou? Sabia que ele era poderoso?

— Ele esquenta quando elas estão por perto. Se ilumina. Ele sente as...

— Então é uma arma?

— Deve ser. A gárgula voou.

— Foi por isso que você o tirou do bolso?

— Não. Eu tirei porque não conseguia pensar em mais nada para fazer.

O sorriso dele estava começando a irritá-la.

— Bom. O porquê não importa. O fato é que funcionou.

— Estava chovendo?

— O quê?

— Quando você pensou que tinha derrotado a poderosa gárgula, estava chovendo? Tinha começado a chover?

Edie pensou. E confirmou.

— Não foi o seu vidro. Seu vidro é apenas uma pedra de aviso. Não é uma arma.

— Mas ela voou!

— Voou porque é uma gárgula. É isso que gárgulas são. Apenas uma bica um pouco mais ornamentada. Uma bica feia pra burro e muito mal-humorada. Esta é sua função, seu propósito. Quando não chove, elas podem ir para onde quiserem, mas assim que a primeira gota cai no telhado do prédio em que ficam, então é para lá que devem voltar. Vingança e cuspidos não fazem a menor diferença. Elas têm de cumprir seu propósito, do mesmo jeito que todo mundo tem. Não podem negar seu Destino Maior. Têm de fazer o que o fazedor pretendeu.

George tossiu.

— O fazedor? Quer dizer Deus?

O Artilheiro riu e negou com a cabeça, espalhando um arco de pingos ao seu redor.

— De deuses eu não sei nada. Um fazedor é aquele que nos faz. O meu certamente não tinha nada de deus, não o Jagger. Ele foi um soldado também, lutou na Primeira Guerra, voltou com a cabeça cheia do que viu e com mãos que ajudavam as pessoas a ver um pouco também.

O fazedor da gárgula foi algum artesão medieval com a boca suja e a barriga cheia de cerveja azeda, é quase certo. “Fazedores fazem o que é feito e aquele que é feito deve fazer o que pretendeu seu fazedor.” É assim que é. É assim que sempre foi.

Ele virou-se para Edie.

— Seu vidro não a salvou, por isso não tente de novo. A chuva parou tudo, ou você teria virado picadinho. Não é uma arma. É apenas um meio de aviso, nem mais, nem menos. Agora nós vamos. Adeus.

Ele estalou os dedos para George.

— Venha. Podemos nos mover mais rápido e com mais segurança durante a chuva. E temos uma boa parte da cidade para atravessar antes de alcançarmos o rio.

— Por que estamos indo para o rio?

— Tá fazendo pergunta errada de novo. Venha e pronto.

George olhou de relance para Edie. Ela tinha ficado parada na chuva, olhando para o vidro na sua mão. Dois passos a teriam levado para debaixo do abrigo da aba do telhado na rampa, mas ela não parecia se incomodar. Parecia mais uma marionete, triste e molhada, com alguns de seus cordões cortados.

— Por que ela não pode vir?

— Já disse. Ela é uma fagulha.

Edie levantou os olhos. Um relâmpago clareou o céu e ela se retraiu. Por um instante, mas um instante muito curto, George a viu muito mais jovem e bem menos confiante. Ela enfiou o vidro no bolso e se abraçou, como se de repente percebesse que estava com frio.

— Mas eu ainda não sei o que é uma fagulha! — disse ela, a frustração aparente na voz.

— As fagulhas são imprevisíveis. E o que a gente vai fazer precisará de toda a cautela que eu posso ter. Fagulhas dão má sorte. Desculpe, mas esta é a verdade. Agora temos de ir.

— OK. Podem ir, tudo bem. Mas eu vou seguir.

— Não faça isso — disse o Artilheiro, e começou a subir a rampa.

Ela mandou George acompanhar o Artilheiro.

— Pode ir. Vá. Você tem de ir. Senão não vou poder começar a seguir, não é?

George sentiu um nó no estômago. Queria ficar perto do Artilheiro, mas alguma coisa o fez se sentir mal por deixar a menina para trás. Talvez estivesse sentindo pena dela, ele pensou. Talvez fosse pena de si mesmo. Ou talvez quisesse companhia nesse seu pesadelo.

— Olhe — começou ele. — Sinto muito...

PLAFT. Ela lhe deu um tapa. O ardor no seu rosto o deixou tão chocado quanto tudo o que ele tinha vivido até aquele momento.

— O que... Por que você...?

Edie agarrou sua gola enquanto falava, baixo e com fúria.

— Não sinta pena de mim. Não me trate como se eu fosse mole. E não goste de mim.

Ele sentiu o sangue subir na parte do rosto em que a mão dela o atingiu.

— Eu não gosto de você. E não tente isso de novo.

— Ótimo. Então vamos nos dar muito bem. É melhor você se apressar.

George olhou para o topo da rampa. O Artilheiro tinha sumido. Ele não esperou para pensar. Apenas correu pela subida molhada, gritando:

— Espere!

EM TERRENO ELEVADO

EXISTE UMA SÉRIE de telhados íngremes no lado norte da rua Euston em Londres, telhados perfurados com torres de relógios, torreões, agulhas e chaminés. Esses telhados formam o cume de um prédio de fachada tão ornamentada que ninguém que observe aquela sua exuberância gótica nota que também está sendo observado. Mas acima dos sessenta milhões de tijolos que formam a estação de Saint Pancras — e o hotel que se liga a ela — fica uma das maiores coleções de gárgulas de Londres.

No lado norte do prédio, acima dos trilhos molhados que saem de Londres, espiam os olhos de pedra de um gato-gárgula, pendurado entre o vão de ar e o galpão de vidro de trens abaixo, enquanto a água jorra do cano de cobre que se projeta entre seus dentes em um eterno rosnado silencioso. O mesmo acontecia com todas as outras gárgulas no telhado, com exceção de uma coisa. Daquela subia um vapor, como em um cavalo depois de uma longa corrida.

A gárgula não sabia muito, mas sabia uma coisa: havia falhado. As outras gárgulas do prédio da Saint Pancras também sabiam disso. Da próxima vez, talvez mais de uma delas precisasse sair para caçar em bando. E da próxima vez não poderiam falhar.

CORRENDO SOBRE SEIXOS ROLADOS

TALVEZ PORQUE AINDA CHOVIA, o Artilheiro não corria tanto. Ao contrário, andava rápido e com convicção pela Park Lane, mantendo a fileira de edifícios bem iluminados da parte oeste de Mayfair à sua esquerda e o vão negro repleto de árvores do parque à sua direita. Mesmo não correndo, George ainda seguia em trote para acompanhá-lo. Ele ficou calado enquanto caminhavam, passando por baixo de dois viadutos e entrando no Green Park. Sua mente reverberava com dúvidas, mas talvez por se sentir culpado por deixar a menina para trás, não disse nada. Sabia que, se fizesse qualquer outra pergunta agora, ia acabar por incluir a menina no assunto. Assim, deixou para lá. O que fez foi espiar para trás quando achou que o Artilheiro não estava olhando e viu que ela os seguia a uns quinze metros de distância.

Eddie observava o menino enquanto o seguia. Ela percebeu que, de vez em quando, ele espiava rápido para trás e virava para frente para não ser pego olhando. Ele era só um pouquinho mais alto que ela, se bem que ela era alta para sua idade. Sua postura era meio curvada, como se se desculpasse por alguma coisa. Os cabelos eram longos para um menino da sua idade, mas não tinham gel, nem eram esticados ou nada assim. Seu casaco esvoaçava com seus passos, muito grande para ele — comprado para servir enquanto ele crescia — e, como se para compensar, os tornozelos apareciam abaixo das calças que obviamente falharam em se ajustar ao seu crescimento acelerado. Ela lembrou da expressão de seu rosto quando ele pediu desculpas. Era um rosto honesto e ele a olhara direto nos olhos quando falou. Havia gentileza sob a tristeza e o medo. Foi por isso que lhe deu um tapa.

Ela os seguiu até a passagem subterrânea — até que se deparou com uma bifurcação no túnel — e então não tinha idéia de qual caminho eles haviam tomado. Escolheu o da esquerda, correndo, decidindo que se eles tivessem tomado o da direita, ela teria tempo para dar uma corrida de volta e ainda conseguir acompanhá-los.

No túnel do lado direito, o Artilheiro começou a correr. George não conseguiu se aproximar dele até que estivessem fora.

— Por que estamos correndo?

O Artilheiro virou-se.

— Estamos nos livrando do excesso de bagagem. Vamos.

Ele puxou George através de uma cerca viva e continuou correndo.

Abaixo deles, Eddie percebeu que tinha tomado o caminho errado. Deu meia-volta e pegou o outro túnel, mas quando saiu para o ar noturno, nem sinal deles.

Ela chutou raivosamente o cascalho. E chutou de novo. Depois começou a correr, formando um arco largo através das árvores, indo na direção do parque de Saint James e do rio mais além. O Artilheiro disse que estavam indo para o rio. Talvez pudesse alcançá-los quando chegasse lá. Ao sentir o cascalho sob seus pés ligeiros, pensou na praia. E por que corria.

Eddie sabia que o Artilheiro tinha razão sobre uma coisa. Ela dava má sorte. O pensamento veio como uma onda, sugando-a para o fundo, para uma escuridão na qual ela achava cada vez mais difícil respirar.

Quanto mais ela tentava fazer sua mente correr para longe daquele pensamento, mais aumentava aquela sensação. Sabia o que era isso: pânico. E se entregar ao pânico era perigoso, sabia disso também, porque ela deixaria de pensar com clareza. E pensar claramente era a sobrevivência dela. Tentar escapar do pânico não era nada fácil. Era como correr sobre seixos, como tentar subir uma ladeira numa praia de seixos, quando cada passo para cima resultava em um deslizamento de pedras que a deixava um passo para trás. E quanto mais rápido tentasse, mais cansada ficava.

Edie uma vez tinha se cansado demais, correndo numa praia de seixos. Alguém a perseguia. Ela precisou correr para longe da água, da areia, para cima de um muro de pedras, escutando os passos dele atrás. Os seixos começaram pequenos, perto do mar, e foram ficando maiores à medida que o terreno se elevava, aproximando-se dos trilhos no topo. Seus pés faziam um barulho crocante enquanto ela corria nas pedras menores, virando um raspado e depois um estalo quando as pedras maiores se chocavam contra as outras, deslocadas pelos seus pés descalços que escalavam tentando chegar ao topo.

Ela não ouviu nenhum ruído atrás de si, portanto arriscou uma olhada. Por um momento não viu nada, apenas os seixos e a areia cinza mais à frente, e ao longe o vento formando a espuma branca das ondas que rolavam do Canal da Mancha. Mas então viu um reflexo de vermelho quando ele se tornou visível entre as cercas da praia, e aí ela correu ainda mais rápido. Em pânico.

E não viu o pneu meio enterrado que a fez tropeçar e deslizar até o pé da ladeira. Caiu com um baque surdo, batendo o rosto em uma pederneira alisada pelo mar, mas isso foi sua salvação. Caiu de cara numa trincheira profunda, talvez de uns seis metros. Do seu lado da trincheira, as pedras formavam um muro íngreme até encontrarem um muro de madeira que se elevava ainda mais alto do que do lado em que estava. Era feito de madeira nova, toras maciças três vezes mais grossas do que os dormentes dos trilhos e parafusadas para fazer uma defesa da terra contra o mar. À distância, ela viu as máquinas amarelas de terraplanagem e um galpão portátil, mas estava muito longe e do lado errado do vento para que alguém escutasse mesmo se ela gritasse, e além disso parecia não ter ninguém por lá.

Era sábado de tarde, afinal de contas, e ninguém trabalha em um sábado de tarde se puder evitar. Estava sozinha e atrás dela podia ouvir as passadas barulhentas, crocantes, que logo se transformavam em raspados e estalidos de pedras contra pedras. Ela se levantou, deu um passo para frente — e caiu de novo. Machucou o tornozelo. Ouviu o ruído distante de um trem se aproximando. Olhou para trás. Ele resfolegava alcançando a parte mais alta da ladeira, o rosto tão vermelho quanto seu casaco, quase tão vermelho como o sangue que manchava o lenço que ele segurava sobre a face. Seus olhos eram quentes e furiosos, mas ele sorria. Não era um sorriso como o de um vilão em um filme; seu sorriso não estava dizendo “Peguei”. Era mais aterrorizante que isso, dado o que dissera antes, o que tentara fazer e o que ela teve que fazer para detê-lo. Era um sorriso que dizia “Sou seu amigo, somos amigos”.

Ela conhecia muito bem aquele sorriso. Dele saíam mentiras e promessas e ameaças e o odor do pub e o cheiro azedo e repugnante de tabaco. Daquele sorriso vinham os sons e cheiros de dor, traição e medo.

Ele parou, resfolegou e sugou o ar. Olhou para o sangue no seu lenço. Olhou em volta da praia vazia por um momento e para a ferrovia além da trincheira funda e da muralha de madeira.

— Acabo tendo um infarto se você continuar assim.

Sorriu para ela.

— Venha. Deixe de tolice. Está tudo bem.

Edie teria mais razão para acreditar nele se ele ainda não segurasse numa mão o canivete aberto.

— Venha. É só você e eu. Não seja boba.

Eddie ouviu o trem se aproximar. Estava vindo muito rápido. Passaria tão veloz e ela ainda estaria ali, sozinha com ele e o canivete, com nada mais do que o vento e o mar e a pedra pesada sob a palma de sua mão.

Ele cuspiu e pôs o lenço no bolso.

— Só nós.

O trem fez a curva e surgiu de repente ali. A tela de arame entre as estacas da cerca tremeu em protesto. Eddie se levantou e acenou para o trem — seus gritos de socorro abafados pelo barulho. O trem estava vazio. O único par de olhos era o do maquinista na frente — ele entendeu mal, sorriu e acenou de volta, ao que achou que eram uma menina alegre e seu pai numa praia. E se foi. Eddie ficou olhando as janelas vazias passando rapidamente, como dentes ociosos de uma roda, sem um semblante humano que quebrasse aquela uniformidade retangular.

Com mais um baque de ar vazio se fechando atrás dele, o trem se foi, e ela voltou a ver o pântano além dos trilhos e o reflexo amarelo de adeus quando o último vagão passou a caminho da cidadezinha onde ninguém a esperava para o jantar.

Nesse momento ela sentiu três coisas distintas, tudo de uma vez. Sentiu a mão dele agarrando seus cabelos. Sentiu pânico. E sentiu a lisura pesada e redonda da pedra na sua mão.

Ela sabia que trazia má sorte. Sabia sobre o pânico. Era por isso que sempre fazia tudo o que pudesse para se prevenir dele. Agora sempre enfrentava seus terrores de frente em vez de se virar e correr sem pensar, como havia feito antes.

Parou de correr. Tinha deixado de pensar. Estava lembrando. Estava olhando para trás. Precisava olhar para a frente. Parou na escuridão e tentou acalmar a mente o bastante para pensar. Sua mão direita inconscientemente procurou o disco de vidro no bolso. A mão segurou firme o objeto enquanto ela acalmava a mente, os olhos fechados, concentrando-se em manter a respiração constante e a mente limpa. Quando abriu os olhos, estava tudo claro: antes que eles soubessem que ela podia vê-los, enquanto ela se aproximava sorradeira no estacionamento subterrâneo, ela ouviu a conversa deles.

Ouviu o Artilheiro dizer que precisavam falar com as esfinges. Ela não caminhara por todas as ruas da cidade, mas conhecia muitas. E só conhecia um lugar onde havia esfinges.

E ficava às margens do rio.

O ENIGMA DAS ESFINGES

A CHUVA DIMINUÍA quando eles saíam da Strand e desciam para o Embankment às margens do rio. Quando diminuíram o ritmo, George pôde fazer a pergunta que o incomodava.

— O que acontece com uma estátua quando você atira nela, como você fez? Elas viram pó e se espalham no ar?

O Artilheiro deu uma olhadela e um meio sorriso para George e continuou andando.

— Você não mata todas as estátuas assim. Não cuspidos, pelo menos. Mas um estigma você mata, eles se desintegram e o vento ou algo assim os leva embora. Quero dizer, eles desaparecem do mundo que se move. Eles se reconstituem no seu lugar de origem na virada do dia, porém jamais caminharão de novo. Viram apenas um naco de pedra ou metal.

— Os cuspidos são diferentes?

— Como água e vinho, meu amigo. Não nos desintegramos como os estigmas. É como se tivéssemos mais a nos ligar por dentro, a parte do espírito. Pelo menos é assim que eu vejo. É como se o sentido do que nós somos agisse como uma cola para nos impedir de virar pó e desintegrar como um estigma. Podemos ser machucados sim, e se nos machucarmos muito longe de casa, a mesma coisa acontece conosco. No entanto, se voltarmos para nosso plinto, ou para nosso lugar de origem, antes da virada do dia, meia-noite para vocês, então melhoramos.

— Melhoram como?

— É como se acordássemos no outro dia prontos e curados. Recarregados, como uma... como uma...

— Como uma escova de dentes elétrica — disse George, entendendo.

— Como o quê? — disse o Artilheiro, quase ofendido.

— Como uma escova de dentes elétrica — repetiu George.

— Escova de dentes elétrica, que idéia! — exclamou com desprezo o Artilheiro. — De jeito nenhum. Alguém tem de estar pirado para pôr eletricidade na boca. Você deve estar muito estressado, amigo.

— Não... — George começou a dizer.

— Rua Adam — disse o Artilheiro, apontando para uma placa de rua. — Este é um bom presságio, se você acredita nessas coisas.

George não sabia o que dizer.

— Não sei bem no que acreditar depois de hoje.

O Artilheiro pulou o gradeado para os jardins do Victoria Embankment e depois levantou George.

— Então acredite em boa sorte. Deve ser sinal de boa sorte a gente estar passando pela rua Adam para chegar às esfinges.

Adão^[2] tendo sido o primeiro homem e tudo. Quero dizer, você agora está resolvendo coisa de homem, meu jovem, assim um bom presságio não nos faz mal nenhum. Pronto.

Ele se agachou atrás do gradeado e apontou com o queixo. George se acorou ao lado dele e olhou

através do trânsito para as margens do Tâmis. Um alto obelisco de pedra rasgava o céu noturno e, de cada lado, virados para direções opostas, para cima e para baixo do rio, ficavam dois enormes corpos de leões com rostos lisos e cabeças ornamentadas com adornos da realeza egípcia.

— É a Agulha de Cleópatra — murmurou George.

— É claro que é — disse o Artilheiro. — Eu disse que precisávamos falar com as esfinges. Porém, na frente delas, não as chame de “coisa da Cleópatra” se isso for mencionado na conversa. Elas são muito sensíveis.

— Por que são sensíveis?

— Porque elas são esfinges e estão no meio de Londres, que é muito mais frio do que o Egito... sei lá eu! O fato é que não gostam da chuva, uma delas realmente não gosta de gente e as duas realmente ficam muito furiosas se você chamá-las de Agulha de Cleópatra.

George lembrou de ter passeado ali com seu pai e sua mãe quando a vida era legal e ele ainda era pequeno.

— Então. Não é a Agulha de Cleópatra. É um obelisco para Tutmés ou Tutmósis ou um...

O Artilheiro baixou a cabeça e ficou olhando as últimas gotas de chuva caindo de sua cabeça e pingando nas suas botas.

— Provavelmente você não deveria ter falado isso. Quero dizer, você tem razão, mas... provavelmente você não deveria ter falado.

— Por quê? — perguntou George.

O Artilheiro se levantou e botou a capa de chuva sobre os ombros, olhando para a rua. A voz de Edie soou atrás deles.

— Porque elas escutaram. E agora estão olhando para você.

Os olhos do Artilheiro se viraram e fitaram Edie, depois a ignoraram.

— As duas. E queríamos apenas falar com a mais legal. Já é um problema conseguir uma resposta clara dela sem complicar as coisas. Venha...

Ele pulou o gradeado e levantou George de novo. Edie ficou em pé com as mãos na cintura.

— E eu?

O Artilheiro deu de ombros.

— Não é meu problema. Você entrou aqui, vai saber sair também. Mas agora vou falar sério. Vá embora. Não vou machucar você. Sou um cuspidor. Agora essas esfinges, meio gente, meio animal?... Bom, elas ficam no meio do caminho: meio estigmas, meio cuspidos. Se você chegar pelo lado errado, podem pender para uma coisa ou para a outra.

Atravessou a rua com George nos braços, ignorando os carros e ônibus que passavam velozes, evitando-os como se por mágica, ou sorte cega. E falou baixinho no ouvido de George:

— É porque as duas são metade cuspidos e metade estigmas que vamos falar com elas. Se você mexeu com os estigmas, elas já sabem o que deve ser feito, se é que há algo para ser feito.

Ao se aproximar, George percebeu que as esfinges eram do tamanho de pequenos elefantes, e as duas estavam com a cabeça virada para ele. Os rostos eram de mulher, como gêmeas idênticas, mas ao mesmo tempo não eram a mesma. A esfinge da direita tinha um sorriso bonzinho, divertido, nos lábios. A esfinge

da esquerda tinha o mesmo sorriso, mas alguma coisa não batia. Não era bonzinho. Era forçado. George se aproximou da esfinge mais gentil. Ouviu o Artilheiro sussurrar.

— Boa escolha.

E então a esfinge falou.

— Tutmósis Segundo, para ser exata.

— Não que exatidão seja nosso forte — interveio a outra esfinge. — Preferimos ser enigmáticas. Você sabe o que quer dizer “enigmático”, menininho inteligente?

O Artilheiro cutucou George.

— Quer dizer misterioso — disse George, roucamente. Era muito difícil para ele manter um diálogo com uma criatura mitológica do tamanho de uma kombi. Não sabia para onde olhar.

— Quer dizer muito mais do que misterioso. Quer dizer obscuro, quer dizer questionável, quer dizer inconstante.

George ficou pensando que elas provavelmente não eram as melhores coisas para dar conselhos, mas sabia instintivamente que seria uma má idéia mencionar isso.

— Vocês provavelmente não são as melhores coisas para dar conselhos — disse uma vozinha seca atrás dele.

— Quem é ela? — perguntou a que George classificou de Esfinge Boa.

— Sou Edie Laemmel — disse Edie antes que o Artilheiro pudesse responder por ela.

— Ela é uma fagulha — chiou a outra esfinge.

Ao ouvir isso, até mesmo a Esfinge Boa não parecia mais tão boazinha assim. As duas ficaram tesas e se retraíram, como gatos ao ver um cão se aproximar.

— Por que vocês trouxeram uma fagulha?. — perguntou ela ao Artilheiro, usando a palavra como se fosse um palavrão. — Achávamos que não existiam mais fagulhas. Achávamos que o dom tinha ficado extinto.

— Ela não está conosco. Está apenas nos seguindo. Não nos deixa em paz.

— Claro que não deixa. Ela é uma fagulha. Elas só trazem problemas para todo mundo. Não deveriam tê-la trazido.

O Artilheiro se virou e apontou para Edie.

— Vá embora. Rápido. Para o outro lado da rua. Agora mesmo.

Edie ficou onde estava. Seu queixo se salientou e um fio de cabelo caiu na frente de seus olhos quando ela baixou a cabeça, sem nunca tirar os olhos do Artilheiro. George viu suas narinas se alargarem e seus lábios embranquecerem com a pressão que um fazia contra o outro.

— Olhe aqui...

O Artilheiro acenou para ela ir embora.

— Vá embora.

— Escute aqui...

Sem aviso, o Artilheiro deu um passo em sua direção.

— Vá embora... por favor.

— Eu nem sei o que é uma fagulha.

O Artilheiro parou. Sua cabeça deu um toque para trás, como se ele ainda não tivesse pensado naquela possibilidade, como se precisasse de um momento para considerá-la. Edie enfiou as mãos nos bolsos e olhou para George.

— Eu vou, se me disserem o que é uma fagulha.

Foi George agora que deu de ombros sem poder ajudar. As esfinges chiaram por trás do Artilheiro. Era um chiado como o de um gato, mas por vir de um corpo daquele tamanho tinha um efeito de uma válvula de vapor que se abria. O Artilheiro sacudiu a cabeça.

— Não. Você vai embora. Vamos fazer nossa pergunta para essas damas. E depois eu lhe digo.

Os lábios de Edie se afinaram ainda mais, e então ela ofereceu uma única palavra entre os dentes cerrados.

— Certo.

George ficou observando quando ela caminhou pelo calçamento e se encostou em um muro, olhando para o rio como se de repente houvesse perdido o interesse por eles. O Artilheiro pôs a mão sobre o seu ombro e o virou de frente para as esfinges. Elas pareciam mais tranqüilas — embora ele notasse que quando uma falava a outra estava sempre olhando por cima do ombro dele, mantendo um olho na pequena figura da menina contra o Tâmis. O Artilheiro o empurrou para mais perto das estátuas, tão perto que ele precisou dobrar a cabeça para trás para vê-las.

— Temos uma pergunta.

A Esfinge Não Tão Boa cuspiu uma resposta sem tirar o olho de Edie.

— Todo mundo tem uma pergunta. É por isso que nos procuram.

— O menino, ele fez alguma coisa que deixou os estigmas aborrecidos e agora eles o perseguem.

A outra esfinge, que não estava parecendo mais tão boazinha assim, olhou para ele.

— E daí?

— E daí que a pergunta é: como impedi-los de...

— Matá-lo? — terminou a esfinge.

— É isso, para começar — disse o Artilheiro.

— É esta a sua pergunta?

O Artilheiro olhou para George. George assentiu.

A esfinge que vigiava Edie de repente voltou seus olhos enormes para George. Seu movimento foi tão rápido que o adorno na cabeça pareceu por um instante como uma naja com o pescoço dilatado, tanto que George não conseguiu afastar da lembrança as três salamandras preparando o bote antes que o Artilheiro descesse do monumento para salvá-lo. Agora era claro para ele que pelo menos uma metade dela era estigma. A impressão foi reforçada com o chiado que ela fez quando perguntou.

— Tem certeza? Tem certeza de que é esta a pergunta para a qual quer a resposta?

Como George não conseguia pensar em nada mais importante do que não ser morto, ele confirmou novamente.

— Então pergunte.

Ele limpou a garganta.

— Como posso impedir que essas coisas me matem?

Elas olharam para ele expectantes.

— Por favor.

As esfinges se apoiaram uma na outra com uma familiaridade sinuosa e felina.

— Qualquer um pode nos trazer uma questão e devemos respondê-la, mas somente se aquele que pergunta primeiro responder a um enigma ou a uma questão que perguntamos a ele. Assim deve ser com a esfinge.

George olhou para o Artilheiro. O Artilheiro confirmou com a cabeça.

— Com elas é desse jeito.

— Mas eu não tenho jeito para enigmas.

A Esfinge Não Tão Boa sorriu. Pelo menos George pensou que era a Esfinge Não Tão Boa. Desde a chegada de Edie, estava ficando cada vez mais difícil saber quem era qual.

— Então não vai ter sua resposta. Pode ir embora e levar a sua fagulha consigo.

— Ela não é minha fagulha.

— Pode levá-la embora de qualquer maneira.

George viu alguma coisa no seu olhar, um lampejo de malícia, uma centelha do mesmo tédio desagradável que vira nos olhos do Sr. Killingbeck. Isso o enraiveceu. A raiva acordou no seu íntimo, como uma chama em um fogão a lenha com as brasas do forno queimando a noite inteira sem chamas, esperando apenas alguém abrir a porta e deixar o oxigênio entrar o suficiente para reacender as flamas. Não era um fogaréu, era apenas uma faísca, mas foi a primeira vez que George sentiu algo além de medo e confusão desde que o Pterodáctilo tinha se desprendido da fachada, por isso ele alimentou aquele sentimento. Era uma coisa bem conhecida e confortante. Ele encarou a esfinge.

— Pergunte o seu enigma.

A esfinge desceu a cabeça para a calçada. George viu que seus ombros se inclinaram para trás. Sabia que era como se ele fosse o rato a olhar para o gato enorme. E sabia que gatos gostam de brincar com ratos.

Antes de estraçalhá-los.

A cabeça da Esfinge começou a se mover em ziguezague enquanto falava. George imaginou se era uma tentativa de hipnotizá-lo.

*Nas copas sou o símbolo, mas também posso ser de ouro.
No entanto se me partes, é porque me tens de pedra.
Posso ser dado a alguém, porém sem mim não podes viver.
Aquele que me tem se revela corajoso,
Mas aquele que vê a cara, é porque não me vê.
Sou como o caroco, sou o âmagô,
Mas se me revelas, é porque és sincero.*

A outra Esfinge ofereceu a questão sobre o ombro da outra.

— Quem sou eu?

George ficou parado. O trânsito continuou passando pela rua às suas costas. Ouvia o chiado dos pneus no asfalto molhado. Sabia que o mundo real estava bem ali, um mundo em que meninos como ele não tinham que responder questões impossíveis feitas por criaturas ainda mais impossíveis, como gatos gigantes de bronze. Sabia também que responder a esta questão era a única maneira de voltar ao mundo seguro. Não sabia como sabia, mas sabia. E porque sabia disso, e porque não conseguia nem começar a pensar qual era a resposta para o enigma, ele deixou a flama da raiva crescer. A frustração acendeu sua raiva como puro oxigênio atingindo uma chama, e a flama se tornou uma fogueira e começou a invadir e bloquear tudo. Ele cerrou o pulso e se virou para o Artilheiro.

— Não é justo! Eu não sei a resposta! É tolice!

George sentiu a chuva no seu rosto, escorrendo pelo seu nariz, mas logo se deu conta de que não estava chovendo. A chuva no seu nariz eram lágrimas, e isso o deixou ainda mais furioso. Esfregou a mão sobre o rosto, enxugando.

— Não é justo, é apenas...

O Artilheiro se agachou. Agarrou seus ombros. Olhou nos seus olhos. Sacudiu-o. Uma vez. Duas vezes. Com força.

— Você está furioso. Às vezes, a fúria funciona e ajuda. Mas esta não é uma dessas vezes. Está me ouvindo? A fúria o impede de pensar. E agora é o momento em que você precisa fazer justamente isso.

George aspirou pelo nariz, expirou pela boca. Fez isso mais uma vez, tentando diminuir o ritmo. Foi uma das coisas que seu pai o ensinou a fazer. Às vezes funcionava. Olhou para a esfinge.

— Dá pra repetir?

— Não temos a obrigação.

George sentiu a chama aumentar por dentro. Tentou soltar o oxigênio, controlado sua respiração mais uma vez.

— Está com medo que eu acerte, então.

O olho de bronze não se desviou.

— Será que é isso?

George tentou não piscar. A esfinge se sacudiu e se estirou.

*Nas copas sou o símbolo, mas também posso ser de ouro.
No entanto se me partes, é porque me tens de pedra.
Posso ser dado a alguém, porém sem mim não podes viver.
Aquele que me tem se revela corajoso,
Mas aquele que vê a cara, é porque não me vê.
Sou como o caroço, sou o âmagô,
Mas se me revelas, é porque és sincero.*

No momento em que a esfinge começou a recitar, George cerrou os olhos. Concentrou-se apenas no que

estava ouvindo. Pensou em copas de cozinhas, mas não sabia de copas feitas de ouro — nada fez sentido. Nenhum sentido. Tudo contraditório. Era como os jogos de palavras cruzadas que seu pai costumava completar, dicas dentro de dicas, crípticas como um código que só os adultos compreendiam. Seu pai às vezes dava as dicas, mas ele quase nunca compreendia as respostas, mesmo depois de terem sido explicadas. Havia palavras que tinham significados secretos, outras cujas letras precisavam ser separadas para formar novas palavras e um monte de pequenas dicas de encorajamento que os fazedores de enigmas davam para aqueles que jogavam com regularidade.

Ele lembrou de seu pai rindo com uma dica muito inteligente quando finalmente conseguia resolvê-la. Podia ouvi-lo dizendo que era fácil se a gente se lembrasse que as palavras podem significar mais de uma coisa, dizendo que a gente tem de ler as dicas de novo porque elas podem não significar o que se pensou em primeiro lugar, dizendo que às vezes elas são colocadas ali para indicar o caminho errado.

George abriu os olhos. O sorriso da esfinge era irritante demais. Fechou os olhos de novo. O que pode ser de ouro ou de pedra? E foi aí que lhe veio como um lampejo, e ele começou a falar antes que seu pensamento fosse completado.

— Coração. Coração! Você é um coração.

Seus olhos se abriram no momento exato para ver o tremor de surpresa entre as duas esfinges. O Artilheiro olhou boquiaberto para ele.

— Coração?

George sabia que estava certo. Tudo se encaixou direitinho quando ele falou, como se, ao falar, sentisse uma corrente de ar limpo soprando pela sua mente.

— Nas copas sou um símbolo — o símbolo quer dizer o desenho do coração nas cartas de um baralho. Também posso ser de ouro — como o naipe do baralho, mas alguém pode ter o coração de ouro. No entanto se me partes, é porque me tens de pedra. Você tem um coração cruel, sem sentimento, como pedra, se partir o coração de alguém. Posso ser dado a alguém, porém sem mim não podes viver. Podemos dar o coração a alguém, dar amor, mas sem um coração não podemos viver. Aquele que me tem se revela corajoso. Essa parte é difícil, mas quem tem o coração para a luta, é porque é corajoso. Mas aquele que vê a cara, é porque não me vê. Essa é fácil. Quem vê cara não vê coração.

George sentia o Artilheiro olhando para ele admirado. Mais do que isso, sentia o alívio o empurrando para frente, sua mente se tornando cada vez mais clara e rápida, quando o resto do enigma quase se resolveu sozinho, enquanto as palavras se formavam na sua boca.

— Sou como o caroço, sou o âmago, mas se me revelas, é porque és sincero. O coração é como um caroço, como numa fruta, numa maçã por exemplo. E âmago, embora eu não saiba bem o significado da palavra, deve ser isso mesmo, o centro das coisas. E quando se abre o coração, ou quando se abre uma fruta, aí não há mais segredo. Por isso se é sincero. É isso. Coração. A resposta então é coração. Agora vocês têm de responder à minha pergunta!

Ele percebeu então que estava pondo o dedo na cara das esfinges, como se estivesse mandando. Não parecia ser sensato ou educado, mas que era bom, isso era.

— Então quer saber como impedir os estigmas de matarem você?

— Sim. Respondi ao seu enigma. Vocês têm de me dizer!

A esfinge sentou-se sobre as coxas e olhou para a irmã. A irmã falou.

— Seu remédio jaz no Coração de Pedra, e a Pedra do Coração vai ser o seu alívio. Para pôr um fim ao

que começou, você deve primeiro encontrar o Coração de Pedra e depois deve fazer o sacrifício e as reparações para consertar o que foi quebrado ao colocar na Pedra do Coração de Londres aquilo que é necessário para o seu reparo.

George olhou para o Artilheiro. O Artilheiro olhou para George.

— O que é o Coração de Pedra?

O Artilheiro deu de ombros. Os dois olharam para as esfinges, que pareciam enigmáticas.

— O que é o Coração de Pedra?

Se um gato pode dar de ombros, foi exatamente isso que fez a esfinge mais próxima de George.

— Já respondemos a sua pergunta. Se você não compreende a resposta, devia ter feito uma pergunta melhor.

Todo aquele sentimento bom que tinha tomado conta de George pareceu azedar de repente.

— Não é justo!

— Não somos justas. Somos esfinges. Agora vá embora.

A segunda esfinge pareceu um pouco envergonhada quando se virou e se encaminhou para seu plinto. Era a mais boazinha das duas.

— Vocês me enganaram!

— Respondemos à sua pergunta.

— Mas...

— Mas vocês não responderam à minha.

Era aquela vozinha grave de novo. As esfinges se viraram. George se virou. Como também o Artilheiro. Edie estava em pé bem atrás dele.

— Ele tem razão. Vocês o enganaram. Agora respondam à minha pergunta.

As esfinges voltaram a parecer um gato misturado com um cãozinho terrier.

— Não temos obrigação.

— Têm sim. Vocês são esfinges. Responder perguntas é o que fazem. Só que são muito chatas. Vocês duas.

— Nós duas?

Quem falou foi a Esfinge Não Tão Boa. Edie ficou firme.

— Somos iguais, então é isso? Tem certeza disso?

— Sim. Não. Espere aí, isso é um truque, não é?

— Será? — sorriu a esfinge.

Edie afirmou com a cabeça. E se aproximou dela. George não tinha certeza do que estava acontecendo, mas teve a nítida impressão de que a esfinge tentava controlar a vontade urgente de se distanciar da menina que se aproximava.

— Você perguntou se vocês duas são iguais. Acho que você quer fazer com que esta seja sua pergunta, assim eu respondo errado sem nem mesmo saber que isso é um de seus enigmas e com isso você não precisa responder minha pergunta. Acho que isso é uma sujeira esfingética que vocês estão fazendo com a

gente.

— Você tem uma mente cheia de desconfiança, menina.

— Obrigada.

Eddie caminhou para um lado da esfinge, depois para o outro. Depois foi até a outra esfinge e fez a mesma coisa. Depois sorriu.

— Vocês parecem iguais. No entanto são diferentes. Você — e apontou para a mais boazinha das duas —, você é perfeita. Lisa. Enquanto você — e caminhou até o lado da outra e apontou para suas costas —, você tem buracos. Alguma coisa fez buracos em você.

George apertou os olhos. Ela tinha razão. Havia buracos irregulares nas costas e na perna da frente do corpo de bronze. A esfinge olhou para si mesma.

— Muito sabida. Muito perspicaz. Mas infelizmente esta não era a minha pergunta.

Eddie sacudiu a cabeça.

— Nós duas sabemos que era. Mas se você quer ser desonesta, então me faça outra.

Antes que a Esfinge Não Tão Boa respondesse, a Boa falou.

— Como nos tornamos diferentes?

A outra esfinge se virou nas patas e chiou em uma fúria que mais parecia alarme.

— Não! Ela é uma fagulha. Ela é uma fagulha! Ela vai...

As duas esfinges de repente se encararam, os rabos em riste, em sinal de irritação uma com a outra.

— Eu sei. Mas a menina tem razão. Você estava trapaceando. Isso não é ser um enigma. Isso é mentir. Deixe ela responder. Você está virando mais estigma ultimamente, minha irmã...

— Você ainda fica surpresa que eu tenha me virado contra os humanos depois de terem me feito como me fizeram, só para me danificar depois, como fizeram quando...?

— Não, minha irmã. Chega. Deixe a menina nos dizer, se ela conseguir...

A esfinge danificada se retraiu quando Eddie se aproximou dela.

— O que está acontecendo? — perguntou George.

O Artilheiro estava olhando Eddie passar a mão ao longo do flanco enorme da esfinge de bronze. Sua mão parou em cima de um buraco. Ele se virou e reflexivamente subiu a gola, como um homem à espera do borribo de uma onda repentina.

— Cuidado com os sapatos.

George não tirava os olhos de Eddie. Sua mão havia desaparecido para dentro da esfinge.

— Tem um buraco.

A esfinge olhou para ela sem se convencer.

— Um buraco não é o como. Um buraco é o quê. Você já nos disse que tenho buracos.

Eddie fechou os olhos. Um leve tremor tomou conta dela.

— O qu... — começou George. E foi então que aconteceu.

Eddie se enrijeceu. Era como se ela tivesse se transformado no epicentro de uma detonação silenciosa. A onda de explosão do que fosse que estava acontecendo com ela arrepiou seus cabelos em forma de um

leque e, antes que houvesse tempo para que eles se abaixassem de novo, todas as folhas nas árvores foram arrancadas e o lixo nas ruas foi soprado para longe dela em um arco que se expandia por 360 graus. George abriu a boca.

Edie gritou. Suas costas se arquearam, seus olhos se apertaram ainda fechados, sua boca se escancarou também, os tendões na sua nuca ficaram tesos como as cordas de um violino e um som que não era apenas um som atravessou o cérebro de George. Ele levou as mãos aos ouvidos para se proteger. Não fez nenhuma diferença. O grito ficou preso na sua cabeça e parecia ficar ainda mais alto como se ecoasse ao seu redor sem chance de escapar dele.

Edie sentiu o passado atingi-la através de suas mãos como um enorme choque elétrico, como se o metal na estátua houvesse armazenado a memória da dor e do horror nas profundezas de sua matéria, esperando que ela o tocasse para receber seu poder absoluto em um único choque concentrado.

Seus olhos se abriram. Depois fecharam. Abriram de novo. E de novo, e mais uma vez. E enquanto abriam e fechavam, ela via o passado em cortes velozes e penetrantes, por vezes em cenas imóveis como fotografias, outras em fragmentos de luz e som em câmera lenta. Cada vez que ela fechava os olhos para escapar da dor insuportável que o passado causava dentro dela, sentia uma pressão intolerável que crescia na sua cabeça e sabia que precisava abrir os olhos de novo e deixar o passado continuar sua viagem, senão ela explodiria.

O que Edie viu em flashes chocantes de sua visão foi isso:

O Embankment era diferente. A avenida era mais estreita. As árvores mais baixas, e algumas em lugares diferentes. Os prédios comerciais modernos haviam desaparecido. As pontes não eram como agora. As pessoas fitavam o céu, imóveis. Era um dia claro. A cidade não rugia com o barulho de milhares de automóveis invisíveis atravessando suas veias. As pessoas vestiam saias longas e casacos formais, próprios do início do século XX. Uma babá de uniforme sorria enquanto tentava atar o chapeuzinho de um bebê feliz. Um gazeteiro gritava alguma coisa sobre a “Força Expedicionária Britânica” e “Flandres”, porém parou de gritar e disse um palavrão quando viu a coisa que todo mundo estava olhando se aproximar acima dos telhados dos prédios.

Uma coisa longa em forma de foguete pairava no céu, lentamente se movendo com as hélices ruminando, entre Edie e o sol. Tinha o efeito de um sonho na sua imensidão lenta.

As pessoas pararam de gritar e apenas ficaram olhando. Na calma súbita, Edie pôde ouvir o trote de um cavalo se aproximando quando uma carruagem chegava na rua Adam — o cocheiro abaixou o chicote e abriu a boca surpreso com o que via no céu. Ela ouviu quando ele murmurou: “Caramba. Um zepelim!”

Logo começaram a cair pequenos pontos negros da barriga do zepelim e o tempo se estilhaçou em fragmentos de novo. Mas assim como os cacos de vidro, os fragmentos pareciam cortar fundo na mente de Edie, aumentando dez vezes mais sua dor.

Viu os pontos escuros aumentando de tamanho. Descendo. Tomando a forma de bombas. Viu uma mulher gritar. Um homem se jogou no chão, cobrindo o corpo dela com o dele.

Viu o gazeteiro pular da margem do Embankment e se jogar no Tâmis.

Viu a primeira bomba estourar na rua. Viu as faíscas.

Sentiu o impacto rasgar os lábios na sua boca gritante. Sentiu o calor da explosão penetrando seus pulmões. Gritou mais forte.

Viu cada buraco sendo feito nas costas da esfinge.

Viu o chapeuzinho de um bebê voar e se prender no gradeado do jardim de Adam.

Viu um homem e uma mulher atirados para o topo de uma árvore.

Viu um cavalo partido em dois, lentamente girando sete metros no ar como um peão, pedaços úmidos de seu ser que jamais deveriam ficar à mostra se espiralando em uma serpentina vermelha fazendo um arco pavoroso.

E então tudo parou.

E o presente voltou.

George e o Artilheiro estavam dobrados, protegendo-se. O grito de repente parou de cortar a cabeça de George. Ele estremeceu quando sentiu uma onda de náusea tomando conta de si e vomitou pela segunda vez naquela noite, uma cuspidinha fina de bÍlis por cima de seus pés.

O Artilheiro tentou desmanchar a expressão de dor que se congelara no seu rosto.

— Eu disse para você tomar cuidado com os sapatos.

George sentou-se na calçada. Cada junta doía e a náusea tinha se transformado em um temor antigo ou em uma tristeza profunda, ou a memória de ambos. Edie olhava fixamente para sua mão. Sentou-se de súbito, uma decisão que seu corpo tomara sem consultar sua mente.

— Aquilo foi... ruim — George conseguiu balbuciar. O Artilheiro concordou. Ele parecia tão abalado quanto se pode esperar de um homem feito de bronze sólido.

— Ela é uma fagulha. Eu avisei.

Edie olhava para eles do outro lado da calçada. Atrás dela, as esfinges se arrastavam para seus plintos. Ainda se pareciam com gatos enormes, mas agora pareciam gatos doentes. O Artilheiro esfregou o rosto.

— Fagulhas são pessoas que atraem coisas ruins. As fagulhas podem fazer até as pedras chorarem.

Edie olhou para o Artilheiro. Depois para as esfinges.

— Por quê?

A esfinge mais próxima parou e olhou para ela.

— Como você pode não saber o que você é? Todo mundo sabe o que é.

Edie se levantou.

— Achei que vocês fornecessem respostas, e não fizessem perguntas. Uma bomba foi o que fez os buracos em você que está danificada, certo? Agora responda a minha pergunta.

— Você quer saber por que as fagulhas podem fazer até as pedras chorarem?

O Artilheiro deu um passo à frente, entre a menina e o gato enorme acocorado.

— Não.

Edie o empurrou para um lado. George ficou chocado de ver uma menina tão pequena tirar uma estátua tão grande do seu caminho. De fato, ele até imaginou ter visto o Artilheiro meio que se proteger das mãos que empurravam os seus joelhos.

— A pergunta é minha. Conquistei o direito de fazê-la — disse ela, com firmeza.

— Mas... — tentou o Artilheiro.

— Chega de “mas”. E chega de “espere” e de “vá embora”!

Ela apontou o dedo na cara da esfinge.

— Agora responda à minha pergunta!

COMO CHORA UMA PEDRA

A ESFINGE SE ACOMODOU NO SEU PLINTO. A que estava atrás dela rosnou como o ruído de um trovão distante. Sua cauda moveu-se lentamente e depois parou. Edie voltou a cerrar o punho e enfiou ambas as mãos nos bolsos.

A esfinge que ainda olhava para ela, a mais “boazinha”, parecia ter retornado ao seu estado imóvel natural. Edie deu um chute na base.

— Ei, ainda estou aqui!

— Não por muito tempo! — suspirou a esfinge.

— O que quer di... — começou Edie.

— Se continuar interrompendo, não vai entender a resposta, não é? — murmurou a esfinge, levantando uma sobrancelha. Edie calou-se. Precisou fechar a boca duas vezes, mas por fim ela permaneceu fechada.

— Você está aqui. Posso muito bem ver. Mas para saber o que é uma fagulha, para compreender verdadeiramente, você deve ver as coisas numa escala mais duradoura. E numa escala mais duradoura, você, ele, todo mundo nem sequer está aqui. Comparado com a vida de uma pedra ou de um metal, você é tão importante quanto um pingo que cai de uma chuva de verão, que logo seca e desaparece. O que as pessoas fazem passa, mas as pedras permanecem. Não para sempre. Apenas muito mais tempo do que as pessoas. E as pedras têm memória.

— Isso não faz sentido. As pedras não têm memória. As pedras não podem pensar...

— Você quer uma discussão ou uma resposta?

— Quero uma discussão que faça sentido.

— As fagulhas acendem a centelha daquilo que aconteceu com uma pedra.

George imediatamente compreendeu.

— Você vê o passado!

Os olhos de Edie, quando se viraram para ele, comunicavam que George de alguma maneira a havia traído.

— Eu não! Quero dizer, não é isso, é que...

— É mais do que isso — disse a esfinge baixinho. George sentiu sua mente rodando violentamente, mas rodopiava mantendo um centro, e este centro era a convicção de que ele estava correto sobre Edie e de que ele conhecia seu dom.

— Mas você realmente vê o passado. Quando está acontecendo, quando você fez aquilo, quando tudo ficou, sabe, uma náusea, como se alguém esmurrasse seu estômago, quando seus cabelos se espetaram...

Edie sacudiu a cabeça furiosa.

— Não sei que “coisa” é essa que faço. Não acho que seja eu que faço. É alguma coisa que faz para mim.

— Mas você estava lá e os seus cabelos FICARAM de pé, esticados e...

— Olhe aqui! Eu não estava “lá”, eu estava, eu estava...

Surpreendentemente foi a esfinge que a salvou.

— Ela estava no “então”. Coisas ruins, quando acontecem, deixam uma marca nos seus arredores. As coisas boas também. Mas as pessoas respondem mais forte às ruins. E as fagulhas, quando tocam nas pedras que têm uma marca, canalizam aquilo. O passado então acontece de novo, através delas.

George, no meio de tudo, se achou atraído pela idéia.

— Isso é tão... impressionante! Como é que você se sente quando você está...

Eddie o interrompeu seca.

— Terrível.

O Artilheiro olhou por cima deles.

— É uma pena.

Eddie olhou para ele.

— O que é uma pena?

— Usar sua pergunta para perguntar sobre isso. Eu poderia ter lhe dito isso. Qualquer cuspidor poderia. Mas você tinha sua pergunta preciosa e a usou e pronto.

A esfinge olhou para eles com aquele olhar de gato que se lambuzou no creme. George começou a detestá-la.

— Então a gente pode responder mais um dos seus enigmas para ganhar mais uma pergunta.

A Esfinge Não Tão Boa açoitou a cauda e virou-se para eles.

— Não funciona assim. Você tem direito a uma pergunta por dia.

Eddie olhou em silêncio enquanto George ponderava.

— E você não tem um dia. Não um dia para esperar. E provavelmente não para viver.

George sentiu o pânico fazendo um nó na sua barriga de novo. A voz da esfinge tinha um tom de triunfo e desprezo de que ele não gostou de jeito nenhum, ainda mais porque ela parecia tão segura de si. Virou-se para o Artilheiro.

— O que ela quer dizer?

Ouviu a voz da outra esfinge por trás de si.

— Pergunte ao fradalhão.

George deu meia-volta.

— A quem?

Alguma coisa acontecia com a esfinge. Ele percebeu que ela estava se retraindo de volta para a imobilidade do bronze. Ele perguntou com mais urgência.

— A quem? Por favor, que fradalhão? Que fradalhão?

Os olhos da esfinge perderam a vida e o brilho, e sua voz se distanciava também, como se estivesse vindo cada vez mais de longe.

— O Fradalhão Negro. O que é preciso saber, ele saberá...

E como o eco de um murmúrio, antes que o barulho do trânsito contínuo na avenida do Embankment afogasse tudo, George teve certeza que ouviu, numa ponta de voz, o sussurro de desprezo da outra esfinge.

— E muito daquilo que não é preciso saber, não você, coisa feita de carne, pingo de chuva, tão curta a sua existência, hoje aqui, amanhã já não mais...

George olhou para Edie. Edie olhou para o Artilheiro. O Artilheiro deu de ombros. Edie não parecia satisfeita.

— Você não sabe o que é um fradalhão?

O Artilheiro sacudiu a cabeça.

— E você?

Edie sacudiu a dela. Os dois olharam para George.

— Alguém que usa fraldas?

— Essa é boa — disse Edie. — Alguém que usa fraldas. Tem pelo menos uns dois milhões na cidade. E como vai perguntar a eles?

O Artilheiro riu dela e fez o seu costumeiro gesto de esticar o pescoço.

— Não azucrine o menino. Você é quem deveria ter perguntado sobre o Coração de Pedra.

— Por quê? — desafiou Edie, olhando para ele com uma intensidade que o fez parar de se esticar, deixando-o inesperadamente desconfortável.

— Porque nós precisamos saber o que é, não é mesmo, mocinha? Porque nós estamos em apuros e...

De novo ela o interrompeu sem cerimônia.

— O que quer dizer com “nós”? Tem um “nós” aqui do qual eu não tomei conhecimento? Porque tudo o que você fez desde o momento em que o encontrei foi tentar se desfazer de mim e me dizer para ficar longe. Isso não é ser “nós”. Isso é ser “vocês”. E eu não acho que devo nada a vocês .

— Mas...

— E não me chame de mocinha.

O Artilheiro engoliu em seco. George não sabia se era frustração ou algo que se aproximava do medo. E então ele se achou imaginando por que — o que quer que fosse — Edie provocava uma reação assim em um soldado tão grande.

— Mas você ia perguntar, não ia? Você começou a perguntar e...

George aproveitou.

— Você ia. Ia perguntar, ele tem razão, você começou...

Edie virou os olhos para ele sem virar a cabeça, e George, pego naquela opacidade de expressão, sabia exatamente o que deixava o Artilheiro tão perturbado com ela. Seus olhos, quando tinham esta expressão, não eram bem humanos, ou, se eram humanos, pareciam de uma idade tão antiga que nenhum humano poderia ter vivido o suficiente para possuí-los. Eram olhos que visitaram lugares e presenciaram coisas horríveis, retornando muito diferentes. Ele sabia agora que aquela expressão nos seus olhos não era opacidade. Era como olhos surrados ou alvejados pela exposição ao sol e à chuva.

— Comecei sim a perguntar, mas aí mudei de idéia.

— E por quê? — perguntou George. O Artilheiro suspirou frustrado.

— Nunca confie numa fagulha.

Edie não vacilou.

— Vai sair por aí perguntando a todos aqueles que usam fraldas na esperança de encontrar a pessoa certa, aquela que poderá lhe contar sobre essa tal coisa preciosa que é o Coração de Pedra?

— Não — respondeu George, pondo um freio na conversa. — Vou achar um dicionário e procurar o significado de “fradalhão”.

— Isso mesmo — disse o Artilheiro, para surpresa dele.

— Você acha que um dicionário é uma boa idéia? — quis saber Edie, incrédula.

— Não sei — disse o Artilheiro alegremente. — Mas o que é bom é que ele está tendo idéias e não apenas entrando em pânico, se mijando ou reclamando. Porque a não ser que vocês tenham deixado de ouvir o que a esfinge disse, seja lá o que ele tenha de fazer, pelo jeito tem de ser rápido, e o relógio não pára. Vamos.

George começou a correr para acompanhar o Artilheiro, que atravessava o trânsito e se distanciava do rio.

— Você sabe onde podemos encontrar um dicionário? Talvez em uma livraria ou...

— Não sei onde encontrar um dicionário, meu filho, mas tenho uma idéia muito melhor.

— Melhor do que um dicionário?

— Isso aí. Sei onde podemos encontrar um homem que escreveu um. Venha. Cuidado com o táxi.

George pulou para a calçada enquanto um táxi passou raspando, não o atropelando por pouco. Ele olhou para trás. Não viu Edie.

O CAMINHANTE

A MULHER FECHOU AINDA MAIS seu casaco vermelho, cobrindo o pescoço com a gola, e caminhou apressada através da chuva fina em direção à estação do metrô da rua Cannon. Ao seu redor, as pessoas passavam desviando umas das outras na calçada. O trânsito andava devagar, dando chance para que alguns pedestres até caminhassem na beirada da rua. Todos eles tinham apenas um pensamento fixo: ir para casa.

Era gente que morava nos subúrbios da cidade, a infantaria de Londres, cada um fazendo seu percurso determinado na direção de casa, do mesmo jeito que fizeram ontem, do mesmo jeito que farão amanhã. Quase todos caminhavam no piloto automático. Aqueles que precisavam pegar um trem caminhavam mais depressa do que aqueles que precisavam apenas do metrô. As pessoas que precisavam de um ônibus andavam irritadas entre um ponto e outro, analisando a velocidade do trânsito, ao mesmo tempo que, com uma olhadela para trás, procuravam aquele ônibus vermelho que pudesse de repente se materializar onde antes não havia nenhum.

Os únicos a demonstrar algo parecido com consciência eram aqueles em busca de um táxi. Eram também os únicos a perscrutar os outros pedestres, caso um deles se antecipasse e roubasse o primeiro táxi que aparecesse à frente.

A mulher de casaco vermelho não tinha um táxi em mente. O que esperava era ficar vinte e cinco minutos na Northern Line, quem sabe sentada, com o seu livro que agora sacolejava no bolso do casaco.

De repente, como um veado na floresta quando se dá conta de um cheiro ou de um som inesperado, ela ergueu a cabeça. Pressentiu algo atrás de si. Virou-se, sem saber por que, e não viu ninguém. Ou melhor, viu muita gente, mas ninguém em particular, ninguém que olhasse de volta.

Havia, porém, alguém que a observava. Na cidade, tem quase sempre alguém o observando, mesmo quando se pensa que está sozinho. E quando se pensa que se está totalmente sozinho, como num beco escuro, no meio da noite, quando todo mundo que é honesto e sóbrio já está na cama, e você sente aquele arrepio no meio das costas que lhe diz que alguém o observa, e você se vira de repente — do mesmo jeito que fez agora a mulher de casaco vermelho —, não vê ninguém e você suspira aliviado, não se iluda: tem sempre alguém ali. Tem aquele que caminha, que é você, e aquele que caminha atrás. Só porque você não o vê, não quer dizer que ele não esteja ali.

O Caminhante atrás da mulher de casaco vermelho teve muito tempo para aperfeiçoar sua arte de se fazer invisível. Teve também muito tempo para aperfeiçoar sua caminhada, e, se você por acaso tivesse o dom de vê-lo, de notá-lo, mesmo que ele estivesse fazendo de tudo para não ser visto, chegaria a notar que ele de fato nunca ficava parado. Porque nunca parava de andar. Até mesmo quando dava a impressão de estar parado, ele mudava de um pé para o outro, andando sem sair do lugar. As vezes ele caminhava no mesmo lugar tão lenta e deliberadamente que parecia um animal preparando o terreno momentos antes de atacar sua presa. Se você o mantivesse registrado no olhar e, o que talvez seja o mais importante, se fosse capaz de manter a idéia dele registrada na sua mente quando seus olhos o vissem, então teria a oportunidade de ver que este caminhar perpétuo era como uma maldição para ele.

E se foi por aí que pensou, então está mais perto da verdade do que imagina.

Ele caminhava altivo, a bainha de um casaco que há tempos fora verde batendo nos seus calcanhares. Seu rosto era difícil de ver, porque ele usava um capuz verde antigo virado para cima. Mechas longas de cabelos grisalhos e pretos escapavam dele com a brisa da noite. O casaco ocultava parcialmente a forma amarela de um cervo em pulo no meio de um pulôver encardido, abaixo do logo da John Deere. O ar ligeiramente hippie era acentuado pelo que ele usava pendurado no pescoço — uma pedra áspera numa corrente de prata, usada bem apertada na garganta, tão apertada que a pedra acompanhava o movimento de seu pomo-de-adão.

O Caminhante sentiu o puxão que o tirava de seus meandros normais pela cidade e o atraía insistentemente para perto de um prédio ordinário do outro lado da rua, como um ímã negro no nível da rua. Sua língua fez uma aparição rara e molhou seus lábios secos. Foi aquela atração sinistra que o arrastava com intensidade renovada que o fez vacilar e não impedir a mulher de vê-lo. Ela olhou para trás uma segunda vez e engoliu em seco ao se deparar com aquele homem alto e sinistro atrás de si.

Os lábios secos se separaram em algo que se poderia dizer que era a leve lembrança de um sorriso. Sua mão se ergueu e a tocou de leve no ombro.

— Não está tudo bem — disse ele, baixinho, como se a confortasse. Os olhos dela se arregalaram. Sua voz era como o farfalhar seco de folhas que voam por cima de um túmulo.

— Não está tudo bem. Nada está bem. E nunca estará.

E porque ela o ouvira e porque ele permitira que ela o visse, ela começou a gritar. Derrubou a bolsa e gritou, não por causa dele, porque ser imediatamente esquecido era outra de suas habilidades, mas por causa de todo o resto.

Enquanto ele atravessava a rua a caminho daquele prédio de escritórios comum, a mulher de casaco vermelho gritou, seu grito perfurando o ruído interminável do trânsito. As pessoas abriram espaço ao redor dela e se distanciaram, evitando o confronto com mais uma pessoa louca e solitária gritando na cidade que escurecia.

O Caminhante se agachou na frente do gradeado baixo de ferro que ficava na lateral do prédio. Esticou a mão pela grade enquanto se balançava levemente, seus pés se movendo sob suas pernas curvadas, como se estivesse querendo empurrar o prédio. Ficou olhando intensamente, ouvindo. Confirmou com a cabeça.

— Entendo.

Ficou ouvindo mais.

— Se os estigmas falharem de novo, eu mesmo cuidarei de trazê-lo. Nós cuidaremos de trazê-lo.

Sua mão foi retirada de supetão de dentro da grade — era difícil dizer se ela foi cuspidada para fora ou se foi reflexo causado pelo alívio de tê-la livre de novo — e ele se ergueu movimentando os pés e ao mesmo tempo começando a caminhar para o norte. Cutucou o bojo no topo de seu capuz. Dele saiu um grande pássaro preto que, sacudindo as asas, se acomodou firme no ombro coberto com o casaco verde de tweed.

— Vá descobrir o que aconteceu e aqueles que falharam.

O pássaro bateu o bico, alçou vôo para o céu, fazendo uma curva entre dois prédios altos, e quase imediatamente sumiu de vista.

De volta à rua, o Caminhante esperou incógnito no meio dos pedestres desinteressados que esperavam o semáforo abrir, antes que ele mesmo fizesse seu caminho para o norte da cidade. Enquanto esperavam, um carro de polícia com a sirene ligada passou e parou mais à frente na rua, no lugar onde a mulher de

casaco vermelho ainda gritava e era auxiliada por outras mulheres, que não conseguiam acalmá-la ou descobrir o que a havia deixado em um estado de terror tão profundo.

O semáforo abriu e o Caminhante esperou até encontrar alguém indo na mesma direção para seguir. E logo se foram, os dois, desaparecendo em meio ao redemoinho da multidão.

UM HOMEM CHAMADO DICIONÁRIO

O ARTILHEIRO CAMINHAVA RÁPIDO e George corria para acompanhá-lo. O Artilheiro tinha algo em mente. Limpou a garganta, como se fosse falar de um assunto difícil com uma delicadeza que não fazia parte de seu comportamento normal.

— Ele é cheio de cacoetes. Não ligue, porque ele não liga. A não ser que ele perceba que você notou.

— Ele tem cacoetes? — disse George, que estava se acostumando a não entender o que os outros diziam.

— É. Ele às vezes baba. Tem espasmos. Isso não quer dizer nada. Ele não tem como parar, mas vou falar uma coisa, a cabeça dele está cheia de idéias. Sabe tudo sobre palavras, sobre dados históricos, sobre Londres... E tudo o mais que você possa imaginar, eu creio.

O Artilheiro deu mais alguns passos.

— No entanto, ele é meio melindroso com seus cacoetes. E também faz uns barulhos engraçados de repente, como se fosse latir uma palavra estranha, talvez como se ele fosse um pouco, sabe como é...

E bateu com o dedo no seu capacete de metal.

— Doido? — George sugeriu.

— Não. Doido não. Não assim. O Dicionário não. Mas você pode achar que ele tem umas telhas a menos no telhado, por assim dizer. Mas não tem não. Seu latido é pior do que sua mordida, e seu cérebro... bom, pelo que ouvi dizer, ele escreveu um dicionário inteiro sozinho em metade do tempo que levou um punhado de franceses presunçosos. Assim, sua mente é da melhor qualidade. É claro que ele não morre de amores pelos franceses, mas era assim mesmo na época em que ele viveu...

George freou tão rápido que os sapatos fizeram um barulho interessante, fricção de borracha contra a calçada molhada.

— Peraí, na época em que ele viveu? Então ele está morto?

— Morto não, seu bobo. Ele é uma estátua, não é?

Edie caminhava bem atrás dele. George não sabia há quanto tempo e deu um pulo de susto ao ouvir sua voz tão perto de seu ouvido.

— É — respondeu o Artilheiro de má vontade. — Ele é o cuspidor de um homem que viveu há uns trezentos e tantos anos, numa época em que meninas tinham respeito e ficavam caladas, assim veja bem como se comporta quando falarmos com ele, está bem?

A expressão no rosto de Edie dizia que não estava tudo bem, mas ela não disse uma palavra quando atravessaram a rua pequena e chegaram na Strand, seguindo para o leste, acompanhando o fluxo de pedestres que faziam seu caminho apressado para a estação de Charing Cross.

Estranhamente, embora ninguém notasse o Artilheiro, todos abriam caminho, assim George e Edie andaram depressa ao segui-lo bem de perto, mesmo que para isso tivessem que correr um pouco, já que os passos do Artilheiro eram muito maiores do que o de ambos.

— Estranho que ninguém o veja, não é? — disse George, ofegante.

Edie não disse nada. Depois de caminhar um tempo sem receber uma resposta, George decidiu que não ia falar mais com ela. Quando percebeu pela primeira vez que ela também podia ver o Artilheiro, naquele estacionamento subterrâneo, sentiu uma pontinha de alívio pelo fato de pelo menos uma pessoa a mais partilhar o seu pesadelo, fazendo-o um pouco menos horrível. Agora sabia que tinha sido o medo falando mais alto.

Edie podia ter a mesma idade de George, podia ter a capacidade de ver as coisas impossíveis que ele via, mas não havia um centímetro de flexibilidade nela. Ele tentou conversar com ela e sua resposta foi um tapa na cara — e, a partir daí, as coisas foram de mal a pior. Muito pior. Ele ainda sentia o gosto da bÍlis na boca, fruto do episódio de ela trazer o passado ao presente com as esfinges. Nada de bom saÍra dela e ele seria um tolo de esperar qualquer coisa. Quanto mais conversa.

— É horrível — disse ela.

Apesar do que acabara de resolver, George não se conteve e se virou para ela. Ela deu de ombros, os olhos voltados para o chão.

— A primeira vez que vi as estÁtuas se moverem, pensei que tinha ficado maluca. Primeiro achei que era algum truque para os turistas, algum cara fantasiado, coberto de tinta preta ou algo parecido. Achei que o truque era bom demais. Mas logo notei que ninguém mais parecia prestar atenção. Então eu fiquei com me... fiquei como vocÊ. Desnorteada. Depois que eu vi vocÊ correndo no meio do parque com ele, eu...

— VocÊ correu atrás da gente.

— Pensei que faria tudo ficar menos horrível.

— Chegamos, venham, cuidado com o ônibus... — disse o Artilheiro

O Artilheiro se meteu no meio do trânsito, indo ao encontro de uma pequena igreja de pedras claras ilhada na junção entre a Strand e a Aldwych, um pouco antes de se tornarem a rua Fleet. Sua torre ascendia ao céu em degraus elegantes, desafiando os prédios mais altos e mais impressionantes ao seu redor, ladeada por plÁtanos que cresciam numa solidariedade mesquinha.

Na frente da igreja havia três estÁtuas. George olhou para cada uma delas, cheio de expectativas. Mais próximos, ficavam dois homens em uniformes da Segunda Guerra Mundial, com chapéus triangulares. Mais para frente, as costas de um homem com um robe longo, em cima de um plinto elaborado, que olhava na direção da Strand como se esperasse que alguma coisa desagradável fosse aparecer a qualquer momento. George olhou para o Artilheiro.

— Ele é o Dicionário?

— Por que vocÊ acha que é ele?

— Porque ele tem cara de professor. E um robe. Parece alguém eminente.

O Artilheiro negou com a cabeça.

— Não é eminente. É apenas um político. Vamos.

George olhou para as duas estÁtuas de chapéu triangular quando se aproximaram.

— É...

O Artilheiro apontou além das estÁtuas.

— Eles não. Ele fica do outro lado.

George se sentiu estranho ao passar pelas estÁtuas, como se fossem se mover a qualquer momento.

Apesar dos uniformes, os dois pareciam um pouco severos, como diretores de escola. Edie olhou para os dois demoradamente. E acenou para George.

— Sei o que quer dizer.

— Mas eu não disse nada.

— Eles parecem iguais. Mas são diferentes. Dá pra sentir.

— Não sinto nada. Estava só pensando que é muito esquisito não saber quando ou se eles vão sair por aí andando e falando.

— Oh, pensei que você tinha pressentido.

Ele olhou para ela. Ela parecia decepcionada.

— Pressentido o quê?

— Não sei — ela apontou com a cabeça para os homens de uniforme. — Mas ali tem muita morte.

George percebeu uma coisa sobre Edie. Nada do que ela dizia fazia as pessoas se sentirem melhor. Ele se arrepiou e seguiu o Artilheiro, que tinha virado a esquina da igreja.

— Existe muita morte em todo lugar — resmungou o Artilheiro. — Isso aqui é Londres. Muita vida, muita morte, muito de tudo. Aqui está ele.

— Ele quem? — perguntou uma nova voz.

George olhou para cima. A estátua de um homem vestido com roupas do século XVIII olhou para ele. Tinha um pássaro pousado no topo de sua peruca, que na vida real teria sido tratada com talco, mas que agora estava coberta de cocô de pombos. Entre as mechas encaracoladas estava um rosto assimétrico e carnudo, uma boca que se movia silenciosa, como se ele mastigasse sua própria língua.

O Artilheiro ajustou o capacete na cabeça e cumprimentou a estátua.

— Dicionário, se você puder nos dar um momento de seu tempo, queremos uma palavrinha.

O Dicionário limpou a garganta ruidosamente e falou. Sua voz era profunda e grossa, com as vogais monótonas e as consoantes abruptas da região de Midlands. George não pôde deixar de notar que ele tinha um sotaque mais próximo do de um camponês do que de um homem que conhecia tudo sobre palavras e Londres.

— O tempo que possuo não é meu propriamente dito, é um empréstimo da Providência desconhecida, portanto não o possuo para dar. No entanto — o Dicionário olhou para um livro grosso que segurava com a mão esquerda, enquanto a mão direita manuseava a sobrecasaca e os calções como se ela tivesse vida própria —, as palavras que tenho para dar estão neste livro, colocadas nele com meu próprio suor, por isso com elas posso fazer o que bem entender. E elas estão, como sempre, ao seu dispor.

George espiou pelo canto do olho para ver a reação do Artilheiro.

— Ele disse sim.

Edie falou baixinho:

— Bom, ele usa é muito palavreado para dizer um simples sim.

O Artilheiro a fulminou com o olhar. O Dicionário se sacudiu por um momento, como um homem tentando sorrateiramente tirar um cubo de gelo que alguém pôs nas costas de sua camisa.

— Bem, não é sempre que vemos crianças que nos vêem como somos, Artilheiro. Presumo então que aqui

tenha um caso, estou correto?

O Dicionário puxou a meia e se agachou em um joelho para olhar para eles.

— Você está no caminho certo, Dicionário. O menino aqui está com um probleminha...

— Ah, o “menino” deve ter um nome, sem dúvida?

O Artilheiro pôs George na frente dele. George olhou para a assimetria do rosto do Dicionário e decidiu que aquele era um semblante severo até se olhado mais de perto, quando se via um quê de bondade. Era um rosto que não estava acostumado a sorrir, embora quisesse muito.

— Ele se chama George. George, este é o Dicionário Johnson. Dicionário, George.

O Dicionário teve um espasmo inesperado, como se estivesse tentando retirar a sobrecasaca em um único e rápido movimento. Seu pescoço se contorceu duas vezes num reflexo de gaguejo e ele latiu alguma coisa que poderia ter sido uma palavra, ou apenas um ruído.

— Rá, prazer em conhecê-lo, meu senhor.

O Artilheiro cutucou George nas costelas.

— Oh. Prazer em conhecê-lo.

O Dicionário olhou para George, o que o fez sentir-se desconfortável.

— Observo que o senhor está incomodado, incomodado por forte emoção.

— Sim — disse George. — Estou confuso.

— Confuso... ou assustado, talvez?

— Talvez — murmurou George, escondendo os olhos de Edie.

— Quando eu era jovem e medroso, uma mulher sábia me deu um conselho que sempre guardei e que agora passo para você: do mesmo jeito que a esperança aumenta a felicidade, o medo agrava a calamidade.

— Ah — disse George, ainda tentando desembaraçar as palavras para que elas fizessem sentido.

— Você faz as coisas piorarem ao se preocupar com elas — explicou Edie.

Ele se virou para ela.

— Elas não podem ser piores do que coisas tentando me matar, não é?

— Claro que sim. Elas podem piorar muito mais.

Antes que ele pudesse indagar o que ela queria dizer, ou mesmo se questionar se realmente queria perguntar caso ela lhe dissesse mesmo, o Dicionário limpou a garganta.

— Será que vocês poderiam me dar o prazer de esclarecer os eventos que os fizeram chegar até o meu singelo plinto? Sinto uma falta enorme de conversa, vocês entendem, o que é uma coisa exasperante, preso como estou aqui nesta rocha solitária, enquanto a vida da bela cidade se passa ao meu redor. Não há graça, nenhuma variação para me desviar do espetáculo deprimente que é acompanhar os homens de jurisprudência entrando e saindo daqueles teatros hipócritas que ficam daquele lado.

E apontou com o livro para a carreira de pináculos e arcos em pedras brancas que formavam o edifício.

— Este é o Tribunal de Justiça — disse George.

— Decerto — concordou o Dicionário. — E toda esta fineza de arquitetura para abrigar tão banal

propósito que é o de distinguir o certo do errado. É minha conclusão que o lado defora, com toda a exuberância leve das agulhas e torreões que apontam para o céu, serve somente para distrair a atenção do fato de que lá dentro, nas câmaras escuras da lei, tudo aponta para baixo, para dentro dos bolsos dos advogados. É como a maquiagem no rosto de uma sirigaita, apenas distração. Porque...

O Artilheiro interrompeu.

— O menino tem um problema, Dicionário. Perdoe-me por interromper assim, mas o problema é sério. Acabamos de consultar as esfinges...

— As esfinges? Rá, então vocês devem ter ficados menos sábios e muito mais confusos, sem dúvida. Somente um néscio poderia procurar uma esfinge para obter respostas...

— Néscio? — George olhou para Edie, que deu de ombros.

Os dedos de Dicionário folhearam as páginas de seu livro.

— Um inepto.

— Um burro — explicou Edie, para ajudar.

O Artilheiro cutucou George de novo. George pigarreou.

— A esfinge nos deu uma resposta pela metade e nos disse para procurar o “Fradalhão Negro”. Só que eu não sei o que é um fradalhão.

Os dedos de Dicionário folhearam as páginas de seu livro, demorando-se quando se aproximaram do verbete que procurava. Pousou o dedo em cima dele satisfeito.

— Fradalhão: um monge.

— Então procuro um monge negro?

— Um monge ou um abade, um frade...

— Um frade negro.

O ar ficou denso entre eles. As crianças olharam para as duas estátuas, que trocavam olhares com aquele jeito que as pessoas normalmente fazem quando estão ocupadas em não dizer nada.

— Um frade negro que conhece tudo sobre Londres.

O Dicionário se endireitou. Olhou para o leste, para a rua Fleet.

— Um frade preto, então.

O Artilheiro concordou devagar com a cabeça, sorrindo.

— O Frade Preto. Eu devia ter imaginado.

— O que tem de errado com esse Frade Preto? — perguntou George, tentando olhar para as duas estátuas ao mesmo tempo.

— Nada — responderam os dois de forma até rápida demais, enquanto evitaram olhar um para o outro.

— Mesmo assim — pigarreou o Dicionário. — Ele não é alguém para se perturbar sem motivo. Talvez eu possa ajudar. Pode ser pura vaidade, mas eu me orgulho de ter um conhecimento vasto e profundo desta metrópole.

— O menino aborreceu os estigmas. Não sabe por que, mas o fato é que agora o perseguem. Foi por isso que fomos procurar as esfinges, sendo elas metade cuspidos e metade estigmas.

— E que iluminação crepuscular elas foram capazes de dar para o dilema?

— O que quer dizer crepuscular? — cortou Edie.

— Vaga — disse o Dicionário, com um tremor de irritação nos ombros. George notou que ele não gostava de ser interrompido enquanto falava.

— Então por que não dizer vaga? Todas essas palavras grandes são como falar em código.

Antes que o Dicionário pudesse responder, George se antecipou. Ele queria respostas. O que não queria era que Edie comesse mais uma discussão.

— As esfinges disseram que eu preciso encontrar o Coração de Pedra. Acho que disseram que o Monge Preto...

— Frade — corrigiu o Artilheiro.

— O Frade Preto poderia me dizer o que é isso.

— É claro que nos pouparia muito tempo e... sabe como é, Dicionário, se você fosse capaz de nos dizer o que é o Coração de Pedra — disse o Artilheiro, esperançoso —, então não teríamos que incomodar o Frade de jeito nenhum. E isso seria...

Parecia que faltavam-lhe as palavras.

— Mais conveniente? — sugeriu a outra estátua.

— Isso mesmo.

— Então precisamos desvendar o significado do Coração de Pedra — disse o Dicionário com um súbito rodopio, sentando-se, tanto que suas pernas com meias ficaram se balançando na beira do plinto. Ele folheou o livro, mas não conseguiu achar nada. Apertou-o no peito e se balançou para frente e para trás com os olhos cerrados, pensativo.

— Coração de Pedra? Uma pedra em forma de coração, talvez. Ou o coração de uma pedra. Mas isso poderia ser qualquer pedra, e procurar uma pedra qualquer nesta cidade vasta é como tentar achar um grão de trigo em um trigal. Não. O Coração de Pedra talvez... a estátua de um coração, um coração talhado numa pedra?

Abriu um olho. Ninguém reagiu. Voltou a cerrá-lo e a se balançar.

— Ou Pedra no Coração, talvez como em uma doença que afeta tal órgão, ou que precisa ser retirado, como em pedra na vesícula ou pedra no rim?

George tocou no Artilheiro e disse baixinho:

— Não sei do que ele está falando.

O Artilheiro tocou de leve com um dedo nos lábios e olhou para cima, para a figura que se balançava. A voz de Edie quebrou o silêncio.

— Nem ele mesmo sabe. Ele não sabe o que é.

O balançar parou abruptamente. O Dicionário abriu o outro olho e olhou para ela.

— Como, como, por consideração, o que eu tinha entendido como companheira e paraninfa, não é mais que um — seus dedos folhearam as páginas do livro com uma rapidez impressionante — um gravetinho sem educação.

— Gravetinho? Ele me chamou de gravetinho! — resmungou Edie.

— Eu sei — disse o Artilheiro, irritado. — Foi o que ele achou na letra G. Se tivesse olhado na letra C, teria encontrado chata. No P, teria achado pestinha...

Eddie ergueu o queixo com ar de suspeita para a estátua e tocou no seu sapato de presilhas.

— Um gravetinho é como uma fagulha?

O Dicionário estremeceu e afastou seu pé do alcance dela.

— Uma fagulha? Não, de jeito nenhum. Fagulha não consta no meu dicionário, por ser uma palavra ímpia, uma mera superstição. Um gravetinho é uma palavra comum, usada amplamente, que qualquer criança conhece, até mesmo aquelas de inclinação feminina, e quer dizer qualquer pedaço de lenha miúda, coisa curta que não se curva.

George olhou para ela. Seu lábio, apesar de seus esforços, tremeu.

— O quê? — perguntou ela, desafiante.

— Você deve ser um pouco como um gravetinho.

— Você vai acabar levando na cara se começar a me dar apelidos também.

Eddie empurrou George com força. Ele precisou agarrar o casaco dela para não cair para trás. Ouviu um rasgão e o baque de alguma coisa caindo na calçada de pedra. Ela se virou para ele, dando um soco firme no seu ombro que o fez soltá-la. O Dicionário ficou escandalizado.

— Agora, crianças, não há necessidade de se foiçar às portas da mansão de Deus.

— Se foiçar? — perguntou George, atrapalhando-se novamente.

— Lutar. Brigar. Partir para briga — disse o Artilheiro, frustrado.

— Com foices, para ser exato, com foices — pigarreou o Dicionário.

— Não foi briga. Ela me empurrou. Olhe, me desculpe, mas...

Ele parou de falar. Eddie estava agachada procurando o que tinha caído de seu bolso rasgado e rolado na calçada. Era o disco de vidro. Seus olhos estavam fixos nele.

— Eles estão aqui.

O vidro que servia de aviso reluzia com uma luz azul esverdeada, com um brilho como ela jamais vira.

— Estigmas. Aqui. Agora.

Eles olharam para o céu. Anoitecia e ele ainda estava manchado de laranja, com a luminosidade natural misturada à claridade da cidade. Eddie, porém, não olhou. Pegou o vidro, enfiou no outro bolso do casaco e fechou o zíper.

Por um horrível momento, George sentiu a barriga se contorcendo de novo, quando uma coisa alada apareceu no céu e ficou batendo as asas acima deles. Porém, ele relaxou quando percebeu que era apenas um pássaro preto grande, e não uma gárgula.

— É apenas um pássaro — disse ele, aliviado.

O pássaro sobrevoou, como se voasse em câmera lenta. O Dicionário usou o livro para tentar afastá-lo.

— Um agouro — disse ele, meio distraído, como se falasse consigo mesmo. — Um agouro, sem dúvida nenhuma.

— Agouro? — indagou o Artilheiro, sem tirar os olhos do pássaro estranhamente lento.

O Dicionário sacudiu o livro para o Artilheiro, como se tentando extrair o significado da palavra para que ele visse.

— Agouro: predição baseada no vôo de aves. E ele parece mesmo um pássaro de mau agouro.

Ele tremeu e se contorceu, e George acabou tremendo também, como se aquele movimento fosse contagioso.

— O que vamos fazer agora?

Edie o puxou pelo braço.

— Correr.

Ela praticamente o arrastou para o trânsito. Depois de dois passos meio incertos, ele começou a correr mais rápido do que ela.

O Artilheiro parou de olhar o pássaro e se virou para ver os dois correndo. Um instante de horror se mostrou em seu rosto, e ele começou a correr enquanto gritava:

— Não! Por aí não!

George e Edie tiveram que parar abruptamente porque um ônibus virou a esquina bem na frente deles, bloqueando o caminho para a rua Fleet. George ouviu o Artilheiro gritar e se virou. Viu por um instante a imagem daquele homem enorme correndo, apontando e gritando alguma coisa, mas então um outro ônibus virou a rua atrás de George e por um momento ele e Edie ficaram no meio do cânion estreito entre os dois ônibus que se cruzavam na rua.

Era como estar no olho de um furacão, um pouco de calma entre as duas muralhas vermelhas que passavam velozes em direções opostas.

O ônibus à frente deles passou numa nuvem de fumaça preta de diesel e Edie o empurrou de leve para a frente, três passos pelo menos, até que se depararam com a coisa sobre a qual o Artilheiro estava avisando, enquanto ainda dava a volta por trás do outro ônibus. A coisa com olhos de fúria, com escamas e asas que soavam como trovão. A coisa que os observava do topo de seu poleiro alto de pedra, plantado bem no meio da rua.

Edie freou e George parou, ainda olhando para trás a fim de entender o que o Artilheiro tentava dizer, não percebendo que era exatamente aquilo que acabavam de encontrar.

— O que foi?

— Acho que é um dragão.

E ele se virou, devagar.

E era. Exatamente isso. Um dragão. Eles não tinham pra onde correr.

O DRAGÃO DO TEMPLE BAR

DRAGÕES EXISTEM DE TODAS AS FORMAS e tamanhos, dos monstruosos como um pesadelo, com asas que se abrem com o ruído de um trovão e tapam o céu, aos pequeninos de pelúcia que são pendurados inocentemente em pára-brisas de carros num balanço irritante. A primeira coisa que George e Edie perceberam foi que o Dragão que vigia a rua Fleet não é daqueles de pelúcia que a gente quer acariciar. Tinha um corpo que era o cruzamento de um leão com um cão musculoso coberto com escamas como lorigas numa armadura antiga.

A cauda fina e espinhosa estalou como um chicote e as asas se abriram estrondosas enquanto o Dragão se ergueu em suas pernas traseiras. A garra fronteira — eram garras daquelas que poderiam rasgá-lo em pedacinhos com unhas curvadas e afiadas como punhais — pegou o escudo largo em que se apoiava e bateu com ele duas vezes nas escamas do peito, fazendo um ruído de aviso que fez vibrar o chão sob os pés de George.

Era a cabeça, porém, que assustava mais. Ela se esticava de um pescoço longo e reptiliano que se estendia do corpo leonino com uma crista de espigões eriçados. As orelhas se assemelhavam às de um cavalo e a boca ameaçadora mostrava caninos curvados. Os olhos que se fixaram em George e Edie se projetavam embaixo de sobrelhas monstruosas, e emanavam um calor e uma intensidade que paralisaram George no canto em que estava. Eles eram como o coração de uma fogueira. Eram da cor de brasa ardente, um vermelho profundo. Enquanto George observava fascinado, o vermelho se transformou em um branco de calor intenso, e fios de fumaça negra escaparam dos olhos, encaracolando-se sobre as sobrelhas pontudas, esvanecendo no céu noturno.

Edie o puxou de leve.

— Não consigo me mover.

— Nem eu.

A cabeça do Dragão encolheu, fazendo seu corpo formar um “S”. A crista estreita se expandiu e as escamas no seu pescoço se eriçaram com o que quer que estivesse se inchando dentro dele. George uma vez vira um filme com um lagarto encrespado esticando seu pescoço em fúria. Este aqui parecia a versão mais adulta e típica do fim do mundo.

De repente o Artilheiro surgiu na frente, se posicionando entre eles e o Dragão.

— Não olhem nos olhos dele! Ele enfeitiça! Não olhem nos...

VUUMF.

O Dragão adiantou a cabeça, a boca aberta, a língua com ponta de flecha se esticando para fora como uma espada e expelindo o fogo. Não havia absolutamente nenhuma possibilidade de que George, Edie, ou qualquer um, não olhassem.

A chama atingiu a rua em uma espiral giratória de fogo, com cordões de labaredas vermelhas, laranjas, roxas e amarelas se entrelaçando antes de açoiar o chão com a mesma pressão da água que jorra de uma mangueira de bombeiro. As chamas se espalharam pela rua, fazendo seu caminho até eles como uma onda que se avoluma.

Ainda presos ao chão, George e Edie não conseguiam fazer nada além de proteger o rosto do muro de calor que se adiantava à onda de fogo.

O Artilheiro rodopiou e se ajoelhou na frente deles, abrindo a capa de chuva, tentando protegê-los da incineração iminente pelas labaredas que se aproximavam. Não havia capa suficiente para bloquear completamente a vista, e além do mais George não conseguia tirar os olhos da conflagração inevitável.

— Abaixem-se! — gritou o Artilheiro.

George não podia se mover. Nem mesmo fechar os olhos. Sabia que estava a um passo da incineração, mas não piscou. Sentiu o calor chegando às retinas e secando-as em um instante. Piscou num reflexo para umedecer os olhos e, quando abriu-os de novo, viu que as chamas pararam abruptamente, como se tivessem se deparado com uma parede invisível a dez metros na frente deles.

O Artilheiro olhou para o rosto, e para a reação dele, depois virou-se e olhou para trás. As chamas se chocavam contra a barreira invisível como água batendo numa parede de vidro.

— Caramba!

O fogo cresceu atrás da muralha, subindo cada vez mais alto, moldando-se, como se preenchesse uma forma. E no meio de tudo isso, eles perceberam que Londres continuava vivendo seu dia-a-dia. Os carros passavam pela muralha de chamas sem reação. Um ciclista deu a volta por um táxi, seu apito soando raivoso, safando-se do táxi por um triz, mas pedalou exatamente pelo meio daquele portão infernal de chamas sem um toque de hesitação.

O que quer que estivesse acontecendo, estava acontecendo apenas para George, Edie e o Artilheiro, e não para o resto de Londres, não para a Londres normal de todo dia. Na Londres normal de todo dia, seus habitantes simplesmente continuaram indo para casa ou indo passear, sem fazer contato visual com ninguém, caso alguma coisa estranha pudesse acontecer.

E uma coisa muito mais estranha do que a coisa mais estranha que pudesse acontecer no dia-a-dia de Londres estava acontecendo exatamente naquele momento. As chamas formavam um portão que ia de ponta a ponta da rua Fleet. Ou melhor, elas se transformavam numa escultura de chamas, uma réplica de portões com torres. Havia o portão principal no meio, largo, com dois arcos de cada lado, do tamanho de um homem. Acima do portão principal se erguia um arco clássico com blocos de pedra delineados por labaredas de cores diferentes. No topo do arco ficavam as salas de vigia, com janelas elegantes, ladeadas por alcovas, e, em cima delas, um raso telhado arqueado. Mesmo aterrorizado e obviamente achando que enlouquecera, George não deixou de notar que era belo.

Um ônibus sanfonado atravessou o lado da torre de entrada, o motorista mastigando um chiclete com uma expressão azeda na cara, os olhos omissos fixos na traseira do carro à frente.

— O que é isso? — perguntou Edie, os olhos encantados pela muralha.

— O Temple Bar — murmurou o Artilheiro.

— O que é o Temple Bar?

— Um dos portões antigos do centro de Londres. Foi demolido há cem, não, mais de cem anos. Puseram aquele Dragão em seu lugar. Com o mesmo propósito, estou vendo agora...

Ouviram um estrondo atrás da muralha com portões. As labaredas se misturaram e pularam, depois se formaram de novo. Dava até para ver os tachões nos painéis dos portões maciços.

— Que propósito? — perguntou George com a voz seca.

— Vigiar as entradas do centro de Londres. Não deixar os indesejáveis entrarem.

Os portões largos embaixo do arco central se sacudiram. Alguma coisa se agarrou ao topo pontiagudo dos portões e os puxou furiosamente.

Eram as garras do Dragão.

— Vamos! — gritou o Artilheiro, a mão procurando o seu coldre.

E então toda a beleza e a mágica do edifício de chamas se evaporou e o terror voltou quando os portões se abriram e o Dragão atravessou o arco.

O fogo que crescia dentro da fera a transformara de um monstro de metal fosco em um dragão de intenso brilho abrasador.

Sua cabeça virava de um lado para o outro hipnoticamente procurando alguém e, quando se deparou com George, parou. A garganta se inflava com a pressão do fogo que eriçava as escamas, formando um babado terrível que enfeitava os olhos ardentes e fatais.

O corpo inteiro de George queria fugir, mas sua mente havia parado de enviar os sinais corretos. O Artilheiro o agarrou e puxou, mas nada mudou. George parecia ter se transformado em pedra, imóvel, mesmo contra os músculos enormes de bronze do Artilheiro.

— Caramba! — exclamou o Artilheiro novamente, desta vez ainda mais perplexo.

O Dragão emproou a cabeça. A boca foi abrindo. Os dentes faiscavam como diamantes azuis.

— Ah, não vai, não — grunhiu o Artilheiro preparando o pesado revólver em um único e determinado movimento.

O Dragão nem olhou para ele.

BLAM.

O revólver deu uma marrada.

SHUUU.

A bala atingiu o Dragão ardente no lugar em que deveria ser seu coração e derreteu no impacto, formando uma mancha escura sobre a pele da criatura.

— Ah — disse o Artilheiro.

BLAM. BLAM. BLAM. SHUUU. SHUUU. SHUUU.

Mais três balas se espatifaram no peito do Dragão com o mesmo efeito de uma bola de tinta em um tanque de água. O Dragão olhou para o chumbo derretido chiando no seu peito, aparentemente se dando conta pela primeira vez da presença do Artilheiro, e cuspiu fogo.

O Artilheiro rodopiou e tentou pegar George e Edie antes que a lança de fogo os atingisse. Seus dedos tocaram em George mas conseguiram levantar Edie no mesmo instante em que a labareda o atingiu no ombro e o lançou rolando pela rua, ele formando uma bola de proteção com Edie no meio.

George não conseguia calcular o poder de um jato de chamas que mandava um homem de bronze rodopiando pela rua como um copinho amassado de papel levado para o esgoto por um jato d'água.

E ele também não queria calcular como seria isso, porque naquela hora o Dragão se inflou e cuspiu de novo, desta vez um fogo de uma cor diferente — um tom violáceo brilhante como o da ametista —, e ele teve tempo de refletir sobre a nuance precisa da cor porque a flama não avançou, ficou parada como um muro de chama que dividia a rua, de um lado ele e, do outro, Edie e o Artilheiro.

Um caminhão ultrapassou uma ciclista e passou pelo meio da barreira de chamas, que se fechou novamente depois de deixá-lo passar. O motorista virou a cabeça e sorriu na direção de George.

— Ei, ei! — gritou ele e mostrou a língua, fazendo um gesto rude.

— Idiota! — gritou uma garota do outro lado de George, fazendo com que ele tirasse os olhos do Dragão por um instante, o suficiente para ver uma garota loira bonita abaixando a saia do vestido que se levantou com o vento, enquanto lutava para continuar equilibrada na bicicleta no meio do trânsito que, horrível e inexplicavelmente, continuava seu ritmo, ignorando por completo o Dragão no meio de tudo.

Mas o Dragão não estava ignorando George. Olhava direto para ele, intensamente. George ainda não conseguia mover as pernas. Tinha que proteger os olhos para olhar para o Dragão, mas, quando fazia isso, tinha certeza que ele parecia diferente. Ainda raivoso, porque é assim que são os dragões, mas era outra coisa também. O brilho ardente que emanava da criatura dificultava a confirmação, mas era como se ele estivesse levantando uma sobrancelha. Não sabia que sentido tinha isso. Quem sabe estava calculando de que maneira o fritaria, decidiu George amargamente — e então ele sentiu de novo aquela parte indesejável de si mesmo, o gosto amargo de bÍlis na sua boca, o tremor atrás dos olhos, um fio escuro que se enroscava no seu íntimo, a coisa que ele não queria pensar, a coisa que ele geralmente esquecia que tinha por dentro, a coisa que ele não queria entender. A coisa que o inundava de pura raiva.

— O quê? — gritou ele.

A sobrancelha do Dragão estava realmente arqueada.

— O que está esperando? Instruções de como assar? Mal passado ou bem passado? Então que seja bem passado para acabar logo de uma vez.

E o Dragão empinou a crista, olhou para ele e cuspiu fogo. Cuspiu nas suas próprias patas dianteiras, e o fogo rolou e virou uma bola. Durante todo o tempo, o Dragão não tirava os olhos de George.

Ele respirou novamente. Talvez a fera não fosse assá-lo. Talvez, por mais inacreditável que fosse, talvez tudo ainda ia acabar bem.

O Dragão branco levantou a garra e atirou a bola de fogo diretamente para George.

O tempo parecia ter ficado lento, talvez porque George sabia que a hora tinha chegado para ele e por isso apreciava mais cada microssegundo, parecendo assim que tudo era mais lento. Viu o raio de chamas girando na sua direção, formando um longo arco, e sabia então pela sensação de imobilidade de seus pés no chão que jamais poderia se safar daquilo. Por uma razão que não tinha nada a ver com sensatez ou racionalidade, e tudo a ver com uma vida inteira sendo escolhido por último no jogo de futebol e acabando sempre como goleiro, ele cerrou as mãos e, empurrando seus ombros para a frente, atacou a bola com toda a sua força. Tocou-a de lado, sentindo o chiado de queimadura ao fazer contato, um momento de calor intenso, e a bola foi girando para longe por trás dele.

O Dragão rugiu e levantou uma garra para a bola, que girou mais veloz e continuou numa curva, mais estreita desta vez, dando uma volta ao redor de George, saindo do outro lado dele numa órbita que desafiava a lei da gravidade.

Começou então a circular em torno dele, cada vez mais rápido, labaredas derramando-se do ponto em que George a tocou. Onde derramava, a chama ficava no ar, e assim George se achou no meio de um cone invertido e crescente de labaredas.

Logo ele não conseguiu ver nada do resto de Londres além das chamas, e se sentiu sozinho, preso no meio de um tornado abrasador que açoitava suas roupas e crestava seus cabelos, soando como um trem

expresso cheio de gente gritando e circulando sem cessar ao seu redor. Ele tapou os ouvidos com as mãos, fechou os olhos e acrescentou seu próprio grito ao crescendo alucinante.

De cabeça para baixo do outro lado da rua, além da muralha de chamas violentas, Edie abriu os olhos. Estava apertada no meio do corpo curvado do Artilheiro, como uma vítima de acidente de carro. O capacete do Artilheiro tinha caído e balançava de ponta-cabeça na calçada à frente dela, como uma tigela preta. Ela se mexeu um pouco e viu o rosto dele contorcido no cimento. Lutou para se livrar. Ele virou a cabeça, olhou para ela e Edie parou de lutar.

— Viu o que ele fez? O menino?

O encanto na sua voz se misturava à dor que era aparente no seu rosto. Ela sacudiu a cabeça.

— Parecia que era o fim dele. A fera jogou a bola de fogo com o nome dele escrito nela e ele — aqui ele fez careta —, ele fez alguma coisa. Não sei o quê, mas conseguiu se safar.

— Você está bem?

— Sim.

Ele não soava convincente. E sua aparência era ainda menos convincente quando ele dolorosamente levantou a cabeça do chão e se contorceu para libertá-la.

No momento em que ela rolou livre na calçada, viu o que havia mudado.

A torre de chamas que eram os portões do Temple Bar estava desaparecendo em pedaços, como uma vela se apagando. Todo o fogo se concentrava no vórtice que girava ao redor de uma pequena pessoa que ela sabia ser George. E parado em frente ao cone de flamas, as garras erguidas para o céu, estava o Dragão branco controlando e moldando o fogo, com seu escudo pendurado no ombro, com uma cruz da cor de sangue ofuscante piscando como aviso para eles.

Ela se virou para o Artilheiro, que se esforçava para ficar de joelhos. Uma fila de hare krishnas passava entre os dois, cantando e tocando pandeiros, impassíveis ao cone de fogo, ao Artilheiro ou a Edie. Ela apontou para George.

— Você pode salvá-lo?

— Posso.

Ele ainda não soava muito convincente. O ombro pendia para um lado e não se movia, ainda soltando fumaça no lugar onde o Dragão o atingira. Ele se contraiu enquanto tentava levantar a capa de chuva sobre um ombro e tirar a rédea de corrente que estava pendurada no outro lado.

— Você está machucado! — disse ela, com um tom de quem foi traída, como se não quisesse acreditar que fosse possível.

— Sim — resmungou ele, dessa vez soando muito convincente. — Me ajude a tirar essas correntes do meu ombro...

Ela notou que ele só tinha uma mão que funcionava bem. Sem pensar, ela subiu no seu joelho e enfiou a mão por baixo da capa de chuva, surpresa de sentir a textura maleável do metal. Ela puxou a corrente.

— O que vai...?

— Não fale. Você fala demais. Ouça.

Ela se preparou para replicar, quando viu seu rosto. Estava machucado, mas ele não estava olhando para ela com raiva. Por um momento ele parecia até bondoso.

— Ele precisa chegar até o Frade Preto. O Frade Preto fica em um pub no fim da ponte Blackfriars.

Ela continuou olhando para o cone de flamas do outro lado da rua.

— Você vai levá-lo...

— Não. Não vou. Não sei se isso vai funcionar, e mesmo que funcione, não vou ter condições de fazê-lo e você terá. Os dragões serão um problema.

— Tem mais de um?

— Tem um vigiando cada rua que leva ao centro de Londres. E o problema, ou melhor, um dos problemas com o Frade Preto é que ele fica no centro. Assim vocês não podem ir pelas ruas...

— Podemos pegar o metrô...

Ele agarrou o braço dela.

— Não. Eu não sei o que ou quem ele é, mas se for o que e quem eu acho que é, então o único lugar mais perigoso para ele do que acima da terra é embaixo dela. Nunca, nunca vá para o subterrâneo, está me entendendo? Eu fiz isso uma vez naquele estacionamento e escapamos por pura sorte e ignorância cega, mas não faça isso de novo!

Eddie concordou.

— Então se não podemos ir pelas ruas...

Ele pegou a corrente das mãos dela e enrolou-a no pulso bom, os olhos fixos no fogo e no Dragão enquanto falava.

— Antes de haver ruas, havia uma outra estrada. Uma estrada de água. É esta que vocês vão pegar. Não há muito que se possa fazer uma vez que um estigma lhe marca, mas aquele que é ruim e maldoso sempre odeia duas coisas: ferro frio e água corrente. Assim seu caminho não será por terra. E mais uma coisa...

Eddie apontou. Do outro lado da rua, o Dragão tinha abaixado os braços. Ele estendeu uma garra e cortou suavemente uma abertura no cone de chamas. Os dois chegaram a ver de relance a figura de George parado no meio do fogo, mas logo o Dragão entrou no vórtice e fechou a abertura atrás dele.

George sentiu um sopro de ar frio dentro do cone e abriu os olhos. E é claro que, na hora em que abriu, desejou que não o tivesse feito, porque o Dragão estava ali, bem em cima dele. Ele teria gritado, mas não tinha mais voz, por isso fechou a boca e cerrou os dentes, fazendo com que a gritaria acabasse naquele momento em que ele se viu sozinho naquela espiral de chamas com o Dragão.

George olhou para cima e viu a cabeça branca no meio do disco escuro da noite no topo do cone. E atrás da cabeça, notou um ponto de luz piscando, um jato atravessando os céus de Londres, cheio de gente dentro, ouvindo pacientemente os avisos de apertar o cinto, recebendo a bandeja de comida de avião. Esse pensamento fez George sacudir a cabeça.

O Dragão imitou o gesto com a própria cabeça.

George sacudiu a cabeça de novo para ver se era isso que estava acontecendo. O Dragão o copiou. George percebeu que estava rindo, pelo menos metade riso, metade choro. E enquanto soluçava e fungava, o Dragão fazia o mesmo, imitando sem ruído seus movimentos.

George olhou para cima, para o avião que piscava alegre no céu, que em segundos desapareceria do círculo visível de normalidade acima dele, e tentou de tudo para acordar daquele pesadelo. Não conseguindo, sentiu a raiva se apossar dele.

— Você não é real! — gritou ele para o Dragão, que o observava atentamente. E apontou para o céu.

— Aquilo lá é real, é um avião e é real e ciência é real, motores a jato, comida de avião, papel e sal em sachês, cintos de segurança, filmes ruins com as partes boas bloqueadas e balas de menta na aterrissagem e os ouvidos surdos, tudo isso é real e você NÃO É!

Os olhos do Dragão mudaram quando ele rugiu alguma coisa que poderia ser um guincho sem palavras, mas que soava um pouco como uma garganta de metal tentando gritar.

— RRREAL...

O ruído reverberou em torno de George e o fez se retrair quando olhou dentro da boca da criatura, no meio da garganta, atrás da língua com a flecha na ponta, e viu uma flama, pequenina como uma chama-piloto, pronta para acender e propagar o incêndio selvagem que borbulhava no bojo de fogo do Dragão.

— NÃO É REAL! — gritou George, e cuspiu. Cuspir era a única coisa que ele podia fazer em desafio ao inevitável. O cuspe chiou e num instante se evaporou no peito do Dragão. Ele então pôs a mão na frente do rosto para se proteger do calor.

O Dragão de repente esticou uma garra como a lâmina de um canivete e cortou em ziguezague a palma de sua mão, tão rápido que ele não pôde evitar.

George jamais sentira uma dor assim. Embora já as tivesse imaginado. Era uma dor de osso se quebrando, mão se desintegrando, aquela dor que ele esperou sentir, mas milagrosamente não sentiu, quando esmurrou o pequeno Dragão no Museu de História Natural, e que agora sentia, tão de repente, só que mil vezes mais intensa do que imaginara. Seu corpo se contorceu de dor, totalmente fora de controle, e se curvou sobre a mão machucada.

Sua boca se escancarou e os tendões no seu pescoço se esticaram, porém não soltou nenhum som. Era uma dor que desafiava o grito. Era uma dor tão grande que ela se distanciou dele, como se estivesse acontecendo com outra pessoa, e quando a escuridão começou a se formar num canto de seu olho, recebeu-a como a um amigo, embora soubesse que não deveria. E agora no lugar de sentir raiva e medo, sentiu uma tristeza tão grande como nunca havia sentido na vida, e seu coração quase parou com o peso insuportável de toda aquela tristeza.

George sentiu o Dragão pulando por cima dele, e a última coisa que viu antes que seu cérebro começasse a se concentrar na autopreservação, iniciando por eliminar sua visão, foi uma escuridão que atravessou a muralha de fogo que ele percebeu do canto periférico do centro de sua visão; e o último pedacinho de George que era George mesmo, e não apenas a dor e a tristeza, pensou que tinha reconhecido a forma daquela escuridão e desejou poder se lembrar por que aquilo usava um capacete de metal.

O Artilheiro atravessou o muro de chamas e se viu de frente para as costas do Dragão. Antes que ele pudesse se virar e o jogar para longe, ele usou os espinhos como degraus, suas botas de tachas fazendo faíscas enquanto ele subia no Dragão que tinha o dobro de sua altura.

O monstro se sacudiu e rugiu.

O menino na frente dele tinha se prostrado inconsciente no chão. O Artilheiro levantou a mão que segurava a rédea de metal e a circulou no focinho do Dragão, no momento em que o bicho se inflava para obliterar o Artilheiro numa torrente de labaredas.

— Ah, mas não vai não!

Cerrando os dentes com a dor, ele agarrou a corrente com força e puxou firme, imobilizando o focinho do Dragão. Quando percebeu o que estava se passando, o Dragão tentou pegar a corrente com uma garra

para rasgá-la, mas o Artilheiro a apertou com mais força, prendendo também a garra embaixo do queixo dele, fechando sua boca enquanto pressionava ainda mais a corrente.

O Dragão se inclinou batendo as asas com o soldado nas suas costas, na sua vez de lutar para se livrar. Suas asas se debatiam tentando alcançar o Artilheiro, que o montava como um caubói tentando domar um cavalo selvagem.

Ele segurou seus ombros com os joelhos, pressionando-os com força para baixo, enquanto puxava a rédea de corrente. As escamas afiadas sob suas pernas começaram a se eriçar com a pressão do bojo de fogo que crescia, como uma caldeira pronta a explodir. O corpo inteiro do Dragão começou a se eriçar como um porco-espinho, as escamas se levantando por toda a pele, e ele se sacudia com cada vez mais violência. O Artilheiro se inclinou para trás, as mãos firmes na corrente, puxando o Dragão, como um homem puxando o arame de um arco.

E esse foi o seu erro. Ele se inclinou muito para trás, dando oportunidade para que a cauda do Dragão se enrolasse em seu pescoço e o puxasse, chicoteando-o por todo lado, tentando destruí-lo.

Ele viu uma pequena figura passar entre as pernas do Dragão e se debruçar sobre George.

Contudo, logo o Dragão recuou e ele não conseguiu mais ver. A estratégia do Dragão de puxar o Artilheiro para trás acabou por ser uma má decisão, porque enquanto tentava puxar o Artilheiro, colocava sua própria força na mordada do focinho, e o Dragão desesperadamente precisava aliviar a pressão de seu bojo inchado de fogo.

Os dois rolaram para o chão se debatendo. O Artilheiro perdeu um pouco a firmeza no laço. Faíscas pularam entre os dentes cerrados do Dragão. Um dos elos da corrente derreteu de um lado. Onde antes era um “O” agora formava um “C”, e o vão se alargava conforme o Dragão se debatia convulsivamente numa tentativa de abrir suas mandíbulas enquanto mirava as crianças.

O Artilheiro viu uma tampa de bueiro no chão. Enfiou dois dedos no orifício do meio da tampa e arrancou-a do asfalto.

— Seu esperto, isso você não vai fazer, não!

Com um puxão, ele afastou a cabeça do Dragão das crianças e a forçou para dentro do bueiro aberto, metal arranhando metal enquanto os dois se pegavam. De repente ouviu-se um pim distinto no momento em que o elo se partiu, transformando-se de um “C” para um “I”, e todo o fogo acumulado explodiu descontrolado de dentro do Dragão, formando um jato de magma puro, direto para dentro do esgoto sob a rua.

O Artilheiro sentiu a força de retrocesso da explosão no bueiro, ressecando seu rosto.

Embaixo da rua, o jato de flamas preencheu o esgoto e se espalhou ao longo do túnel principal, derramando-se para os lados, para cima e para baixo nos canos e nos escoadouros. Viajou como uma onda de pressão na frente de uma explosão, inflando-se e encontrando novas maneiras de estourar, expandindo-se para novos espaços e vãos.

Na superfície, ainda lutando para manter a cabeça do Dragão dentro do bueiro, o Artilheiro acompanhava do nível da rua o progresso do incêndio. As chamas pululavam dos escoadouros dos dois lados da rua, e, a uns cem metros de onde se encontravam, um outro bueiro explodiu fazendo subir a tampa para o céu num gêiser de labaredas incontroláveis.

As rodas dianteiras de um caminhão passaram pelo buraco aberto do bueiro, fazendo o motorista derrubar da embalagem as batatinhas que comia. Depois ouviu-se um forte barulho quando a tampa do

bueiro aterrissou na traseira de seu caminhão.

O Artilheiro olhou para trás à procura de George e Edie.

Eles não estavam mais ali.

POR SI SÓ

GEORGE JÁ ESTAVA ANDANDO quando começou a recuperar a consciência. Edie o arrastava, seu ombro por baixo do braço dele, descendo com dificuldade um beco que os levava para longe de toda a claridade. George sabia que ela falava com ele, mas o eco dos gritos ainda preenchia seus ouvidos, acompanhado pelo batuque surdo que ele reconhecia como as batidas de seu coração. Sentiu sua mão machucada latejando, acompanhando o movimento de seu sangue, pulsando com uma dor que chegava aos ossos, apenas uma dor surda que fervia e congelava ao mesmo tempo, muito intensa para ter pontadas. Tentou olhar para sua mão, ligada ao braço que Edie segurava.

Ela sacudiu a cabeça e disse alguma coisa que George não conseguiu ouvir. O pânico se tornou palpável de novo e atingiu sua barriga com força bruta.

Talvez sua mão estivesse muito ruim para ser curada.

Talvez?

Certamente.

O Dragão a tinha lacerado com sua garra-punhal ardente. Sua mão só podia ter sido decepada, era por isso que Edie tentava impedi-lo de olhar.

George puxou o braço, virando a cabeça, tentou ver, tentou parar, mas ela continuou andando e os dois caíram num emaranhado de joelhos, pernas e cotovelos no asfalto molhado. Ao sentir a dor do impacto subindo por sua perna, o eco dos gritos parou de repente, o barulho da cidade voltou e ele pôde ouvir de novo.

— ...disse que você era um idiota... Ai! — gritou Edie, quando caiu. — Por quê?

George sentiu o chão lodoso e sabia que era, tinha de ser, seu próprio sangue. Não se tem a mão decepada sem derramar sangue, ele pensou. Tinha jogado muitos jogos no computador e sabia bem disso.

A náusea subiu pelo seu estômago quando olhou para sua mão boa.

Não era sangue. Era apenas o lodo da cidade, da rua escura, encardida, escorregadia da chuva. Ele liberou seu braço machucado de baixo de Edie e, ao fazer isso, pensou que sua esperança era falsa — porque essa ausência de sangue obviamente indicava que a garra do Dragão estava em chamas e, ao decepar sua mão, selara na hora a ferida.

Arrastou-se para se encostar numa parede e se forçou a olhar na direção da dor intensa na ponta de seu braço.

O choque o atingiu e ele começou a tremer. Cerrou as mãos para acalmar a tremedeira. As mãos, sim, porque era o que ele tinha — duas mãos ilesas.

Sua mão ainda estava ali.

Ele abriu e fechou a mão, sem acreditar.

Quanto mais movia, mais a mão doía. Mas ele não parava de movê-la, porque podia; porque contra todas as expectativas, a mão ainda estava ligada ao seu braço e não havia sangue, nem pele solta. Por um breve momento, ele não se importou com o que o futuro trouxesse, porque o que quer que fosse, ele, George,

poderia segurá-lo com as duas mãos. Quase riu, e acabou rindo sim, e logo não conseguiu parar de rir, e o riso começou a doer também.

— Qual é a graça? Temos que continuar.

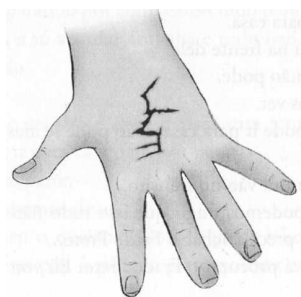
Eddie se levantou do outro lado do beco, limpando o lodo de seus joelhos.

George mostrou as mãos para ela, como se fosse o fim de uma piada muito engraçada.

E parou de rir.

Eddie olhou para a mão e atravessou a rua como se estivesse hipnotizada pelo que via. E ele olhou também, mais perto, porque na euforia de ter descoberto suas duas mãos ilesas — abrindo e fechando, olhando para as palmas —, tinha esquecido da parte da mão cortada pela garra afiada do Dragão.

Nas costas de sua mão havia uma marca roxa e vermelha, uma cicatriz latejante, marcada a fogo na sua pele, cortada e selada em ziguezague:



Eddie sacudiu a cabeça.

— Isso não é nada bom.

Ele escondeu a mão no bolso. Parecia a coisa certa a fazer. A mão tocou no pedaço de massa e começou a trabalhá-la com o polegar e o indicador.

— O Dragão me cortou.

O rosto de Eddie não mostrou emoção. Ficou impávida, como se dragões cortando pessoas fossem a coisa mais normal do mundo. Assim que disse essas palavras, George começou a rir de novo. Repetiu a frase, só para ouvir o quanto aquilo era loucura.

— O Dragão me cortou!

Ela observou quando ele levantou, enxugou as lágrimas dos olhos e saiu andando em direção ao rio.

— Aonde você vai?

George parou na beira da calçada, olhando para a placa azul e vermelha do metrô que reluzia contra o negro resplandecente e vasto do rio Tâmis, além do trânsito do Embankment.

— Vou para casa.

Ela parou na frente dele.

— Você não pode.

— Vamos ver.

— Não pode ir para casa. Não pode se afastar disso.

— Posso.

Procurou um vão no trânsito.

— Não podemos fingir que isso tudo não está acontecendo, você precisa achar o Frade Preto...

— Você vá procurar o Frade Preto. Eu vou para casa.

Eddie bateu os pés no chão, frustrada. George não imaginava que as pessoas realmente faziam isso, mas ela fez. E fez de novo. Pela expressão na cara dela, não estava funcionando. Ela parecia que ia explodir.

— Olhe aqui, seu idiota, nós...

— Espere aí, foi você quem disse que não havia “nós”! Estou concordando, você tem razão, certo? Eu não quero mais saber disso...

Ele acenou para um táxi que saía da frente da estação de Temple do outro lado da rua. O motorista o viu, acenou, fez o gesto de uma curva e esperou um espaço no trânsito. Alguma coisa bateu asas entre George e a luz do poste. Ele se retraiu, mas quando olhou, viu apenas um pássaro preto e grande, não um Dragão ou nada feito de metal ou pedra, então relaxou.

Eddie parecia desesperada. Ele sentiu culpa, não sabia por que, e, se soubesse, não queria admitir. Sentiu o cérebro pronto a derreter, e a dor na mão piorava.

— Estou parando por aqui. Estou indo para casa. E vou cair na cama e só acordar amanhã e tudo isso... tudo isso terá... acabado.

— E eu?

— Eu não sei. Você deve ir para casa também. Todo mundo deve ir para casa para isso parar.

— Não vai parar.

— Não sabemos disso.

Eddie ergueu o queixo. A luz do poste reluzia em seus olhos. Aos seus pés, o pássaro preto pousou e começou a bicar um hambúrguer embrulhado em papel alumínio. Ela respirou fundo.

— Eu sei. E nunca pára.

— Você não sabe. Não pode saber com certeza. Você é apenas... apenas uma criança.

O táxi deu meia-volta e parou ao lado deles. Ela pôs uma das mãos no seu ombro.

— E você também é. Não pode ir para casa, George. Sinto muito, mas não pode mesmo. O Artilheiro disse...

O pássaro se aproximou. George passou por ela e se inclinou para a janela do motorista. O pássaro abandonou o hambúrguer. George tirou a mão dela de seu ombro e falou para o taxista.

— Praça Saint George, número 37, por favor.

— Certo. Entre.

Eddie esticou o braço para alcançá-lo, mas o pássaro preto escolheu este momento para voar no ar entre os dois numa revoada de penas pretas. Eddie deu um passo para trás e nesse instante George entrou no táxi. Ela esticou a mão implorando no meio do ar entre eles.

— Olhe. Não faça isso. É perigoso...

— Sinto muito.

Ele fechou a porta. A janela ficou aberta. E a boca de Edie também. Ela não acreditava no que estava acontecendo. Tentou achar alguma coisa para dizer que ajudasse a tirar a sensação ruim que sentia com o que ele estava para fazer.

— Boa sorte.

— *Boa sorte?*

Ela ficou parada como se tivesse sido atingida. George olhou para ela e tentou dizer alguma coisa melhor, mas o táxi foi embora, e ele não achou as palavras, assim apenas deu de ombros e levantou a mão num meio aceno, com seus olhos fixos um no outro até que o táxi virou para o Embankment e George a perdeu de vista.

Ele deu um suspiro de alívio. Depois outro. Depois se curvou sobre a mão dolorida, a mão que estava enfiada no fundo de seu bolso. Afundou no assento com os olhos cerrados.

Lógico que, se ele tivesse olhado, teria visto o pássaro preto voando lentamente atrás do táxi até que a forma maciça da ponte de Waterloo surgiu e ele deu meia-volta para o norte, voando sobre os pilares clássicos da ponta do prédio longo ao lado da ponte, na direção da estação de Saint Pancras.

Edie enxugou os olhos. Pôs a mão no bolso. O vidro ainda estava lá, e apenas refletia as luzes da cidade. Nenhuma flama de aviso. Ela procurou e achou um montinho de moedas que tilintavam no fundo do bolso. Contou as moedas mais pesadas numa mão, pondo as outras de volta e tirando um sapato. Dentro, achou uma nota. Tirou-a cuidadosamente. Sua mão se fechou ao redor do papel e das moedas, enquanto o pé se encaixava de volta no sapato. Voltou-se e fez o caminho para a estação de Temple.

O CAMINHANTE NO CÍRCULO

Ao LADO DO TELHADO ÍNGREME e gótico da estação de Saint Pancras e de seus tijolos ostensivamente decorativos, havia outro prédio também de tijolos vermelhos. A cor dos tijolos e seu tamanho é tudo o que têm em comum. Enquanto Saint Pancras extasia os olhos com a curvatura de sua fachada, levando-os encantados à extensão exuberante de seus picos e torreões, o outro prédio espanta os olhos com suas curvas sem janelas de tijolos que se inclinam para formar uma corcunda defensora, como se esperasse alguma coisa horrorosa da rua em frente.

Entre ele e o movimento da avenida Euston fica uma praça de pedra e tijolo, que parece menos com um espaço para o lazer do que um campo de batalha sem feições, parte da enorme fortaleza de tijolos acorçada em cada lado. Só que ela não está completamente destituída de feições. No meio fica a estátua maciça de um homem de testa larga agachado entre um par de divisórias, como se estivesse medindo o mundo — ou pelo menos os poucos metros na frente de seus pés. Na verdade, não é uma fortaleza. É uma biblioteca. A Biblioteca Britânica. Dá para saber porque há um portão alto e uma placa de metal em que o nome do prédio repete-se em uma cascata congelada de letras grossas.

E há um círculo rebaixado.

O círculo rebaixado possui bancos de pedra em volta de sua circunferência. No anel de cima existem pedras arredondadas. Olhando atentamente, percebe-se que nela foram talhadas figuras grosseiras de seres humanos que parecem querer emergir delas.

O pássaro preto desceu e não deu sequer uma piscada para as figuras ou para as pedras. No entanto, voou por dentro do portão, porque, é claro, este não era qualquer pássaro preto. Era, para ser exato, um corvo, e escolheu voar por dentro do arco porque tinha, entre outras coisas que um simples corvo não possui, um senso de estilo.

Ele pendeu para a direita e sobrevoou o anel rebaixado. O Caminhante andava para frente e para trás no banco curvado, um cigarro fino ardendo num canto da boca, um olho semicerrado para se proteger da fumaça.

O Corvo fez uma curva e pousou no seu ombro. O Caminhante não pareceu surpreso que um pássaro preto enorme estivesse pousando perto de seu ouvido.

O Corvo se aproximou mais. Seu bico se movia. O Caminhante ouviu.

— A praça Saint George, é isso? Na margem do rio.

Levantou-se decidido. O Corvo decolou e pairou no ar à frente de seu rosto, batendo asas numa lentidão normalmente inconcebível para um pássaro, desafiando todas as leis de gravidade, sem contar as regras comuns da natureza.

O Caminhante apontou para o viveiro de gárgulas no prédio da Saint Pancras.

— Diga para ele não falhar desta vez, chova ou não chova. Ou pela primeira pedra e pelo cinzel que a quebrou, será comigo que ele terá de se ver.

Lá em cima, o gato-gárgula com a asa descascada e o cano enferrujado ficou olhando o Corvo se aproximar, e tremeu com antecipação. Abriu as asas e, quando olhou ao redor, notou que as outras gárgulas evitavam a todo custo olhar para ele.

Lá embaixo, na frente do prédio sem janelas, o único vestígio do Caminhante era a ponta amassada de um cigarro que ainda queimava no chão de tijolos do círculo de pedra.

Do outro lado da avenida Euston, um homem caminhando para a rua Judd com fones de ouvido teve a sensação súbita e desagradável de que era melhor tirá-los para conferir se não havia alguém caminhando atrás dele. Mas quando virou-se rápido, não viu ninguém.

INDO PARA CASA

George pagou o táxi. Recebeu muito pouco de troco da nota de dez libras que entregou ao motorista e percebeu que não sobrou muito para o lanche do resto da semana. Também percebeu que não se importava nem um pouco com isso. Estava em casa. Estremeceu quando levantou a mão machucada para pegar o troco.

— Você está bem, moço? — perguntou o taxista.

— É apenas isso — disse George, mostrando a mão.

O taxista deu de ombros. George percebeu com horror que o homem não podia ver a marca na sua mão.

— Parece em ordem. Foi uma luxação?

George confirmou. Claro que o homem não podia ver a cicatriz. Não havia cicatriz, não no mundo real. Ela existia de alguma maneira que ele não conseguia explicar, só na sua imaginação. Ele apenas desejava que a dor não estivesse toda naquela mão.

— Foi isso. Uma luxação.

— Passe a pomada Tiger Balm — aconselhou o taxista. — Diga a sua mãe para passar a Tiger Balm. Funciona sempre. Boa noite.

George deu um passo para trás, o táxi foi embora e ele olhou para o moderno prédio de apartamentos enfiado no meio de uma fileira de prédios antigos, como uma ovelha negra no meio das brancas. Digitou uma série de números na tela da porta, passou pelo grande hall cinza e entrou no elevador. Apertou o último botão. Quando a porta se fechou, sentiu alguma coisa dentro dele relaxar, e era uma sensação estranha. Essa estranheza era porque ele se sentia seguro.

Procurou no bolso da calça e achou sua chave. No chaveiro tinha um avião de bronze, um Spitfire, feito por seu pai para ele. Os dois adoravam fazer os modelos de plástico, mas George vivia quebrando os aviões quando brincava com eles. Seu pai então fez este “inquebrável” no seu aniversário de dez anos. Decidiu parar de pensar no pai e tirou os olhos do avião. Segurou-o por um lado e impacientemente bateu com a ponta de sua asa elegante na parede de metal do elevador.

O elevador anunciou o último andar dizendo “Cobertura”, em um tom que para George sempre parecia ser um pouco afetado. A porta se abriu e George caminhou pelo corredor estreito e destrancou a porta de seu apartamento.

— Mãe, cheguei — disse ele quando entrou.

Todas as luzes estavam apagadas, a não ser a luz no quarto de sua mãe. Ele se aproximou e espiou para dentro. Uma cama branca, em cima de um tapete branco. Persianas brancas que bloqueavam a noite. Um armário branco entre paredes brancas estava meio aberto. A não ser por isso, não havia mais nada que perturbasse a calma ausência de cor, com exceção de uma foto de sua mãe na mesa de cabeceira branca — uma foto dela elegante em preto e, é claro, branco.

George foi até o armário e olhou para dentro. Viu o vazio em que geralmente ficava uma mala de

rodinhas. Então sua mãe não estava em casa. Apagou a lâmpada e foi até a cozinha, sabendo exatamente o que acharia colado ao microondas, tanto que nem se preocupou em acender a luz. Pegou o bilhete e abriu a geladeira. Na luz azulada, ele leu as palavras já tão conhecidas:

DESCULPE G, APARECEU UM TESTE PARA UM PAPEL! KAY VAI FICAR DE OLHO. LIGUE SEU CELULAR E EU EXPLICO TUDO! TE AMO, M.

Testes apareciam o tempo todo para sua mãe. Kay era uma amiga que morava no apartamento de baixo, uma atriz também. De fato, Kay foi a razão por que sua mãe se mudara para aquele apartamento depois que se separara de seu pai. Kay era uma amiga antiga, e supostamente boa em “ficar de olho”, que era como sua mãe chamava ser babá. Kay não estava tão a fim de ficar de olho, mas sua mãe tinha o dom de enxergar apenas o que desejava, e não o que os outros realmente faziam, e assim Kay se achava na obrigação de “ficar de olho” em George muito mais do que qualquer um dos dois realmente gostaria. A vantagem era que ela deixava George sozinho e ele não a incomodava muito. Na verdade, ele ficava no apartamento de sua mãe e, humilhantemente, ligavam um monitor de bebê entre este e o apartamento de Kay embaixo.

“Estamos tão perto que é como se você estivesse no andar de cima da minha casa”, Kay sempre dizia. George sabia que era mais fácil e que ele também não precisava ficar no quarto de hóspedes que ela usava para fazer ioga, e não para receber hóspedes. Pelo menos ela acordava antes dele e subia para ter certeza de que ele tomaria o café da manhã antes de ir para a escola, isso ele tinha que admitir. Ele não era o que sua mãe chamava de uma criança de porteira aberta. Porém, como em outras vezes, isso só o fazia querer de volta os tempos em que ele tinha outras coisas. Como um pai, um jardim, um coelho e nenhuma necessidade de ter uma babá toda vez que a carreira de sua mãe batesse à porta.

Ele pegou o telefone. Depois do choque desse dia, entrar na rotina do que era familiar parecia bom. Mais do que bom. Acalmava. Ele ligaria para Kay, diria que estava em casa, que estava tudo bem; ela perguntaria se ele queria descer para jantar; ele diria não, obrigado. E então poderia ficar sozinho até o dia seguinte, quando o sol nasceria e um novo dia começaria e a vida voltaria ao que sempre foi.

— Oi, Kay.

— Oi, G. Ouvi quando você chegou. Tudo bem?

Ele sentiu uma vontade urgente de lhe contar tudo; contar sobre a dor na sua mão, sobre o pesadelo que acabara de viver...

— Tudo bem.

Saiu sem querer. Não tinha problema, ela perguntaria se ele gostaria de descer e ele contaria tudo...

— Que bom, meu bem. Olhe, bata no piso se precisar de alguma coisa. Tenho convidados para o jantar, mas vamos tentar não lhe incomodar com nossa festa chata, está bem?

— Está — mentiu ele.

— Fiz uma torta de frutas. Vou guardar um pedaço para você comer no café da manhã. Sua mãe deixou comida para você?

— Deixou.

— Durma bem, não assista tevê demais, desça se tiver com medo, OK? Você sempre pode dormir no quarto de ioga, é bem confortável.

Não era. Mas tudo isso era parte do ritual.

— Está tudo bem, obrigado.

— Boa noite, super-herói.

— Boa noite.

Ele notou a secretária piscando com mensagens quando desligou. Apertou o botão para ouvir, caso fosse sua mãe. Era o Sr. Killingbeck, explicando que George tinha desaparecido de uma excursão da escola e que sua mãe deveria ligar para ele nesta noite, caso ele não estivesse em casa. Ou amanhã, caso estivesse, para discutir a seriedade da...

George apagou a mensagem.

Voltou à geladeira e olhou para dentro por um tempinho. Tirou de lá o creme de amendoim e geléia e pegou uma fatia de pão de uma cesta branca que estava sobre uma bancada branca, fazendo um sanduíche com o pão de centeio. Pegou leite e misturou com cacau. Pegou o sanduíche e o chocolate e caminhou pelo tapete branco, passando pelo rosto de bronze de sua mãe, colocado como peça central no *LIVING*, pela janela escura e pela sacada, entrando no seu quarto.

George acendeu a luz e parou na porta. Seu quarto era uma confusão de cores. Uma confusão de tudo. Parecia que um assaltante tinha acabado de revistar o quarto às pressas. Não tinha, é claro, mas era assim que ele deixava o quarto, quase o tempo todo. As paredes tinham prateleiras com seus brinquedos e modelos — os feitos por ele, aqueles feitos por seu pai e os que os dois fizeram juntos: eram soldadinhos, duendes, monstros do Senhor dos Anéis, cavaleiros, heróis espaciais, exércitos de esqueletos, aviões Spitfire, Tiger Moths, Totoros —, e nas prateleiras de cima estavam as coisas de adulto que seu pai tinha feito, as coisas de seu estúdio, peças fundidas, moldes de argila e os animais imaginários que ele costumava fazer para George quando ele era bem pequeno. Havia até pequenas imagens da cabeça de George em idades diferentes, feitas às pressas, “esboços de barro”, como seu pai os chamava. Estavam todos ali, onde deveriam estar, no seu quarto, nas prateleiras de cima, onde estariam sãos e salvos, agora que o estúdio de seu pai não existia mais.

Voltou para o quarto de sua mãe, mastigando o sanduíche. Pegou o telefone sem fio da mesa-de-cabeceira e se enfiou dentro do armário, sentando-se no vão em que ficava a mala. Ele fazia isso há muito tempo. Deve ter percebido que era do mesmo tamanho do espaço onde cabia a mala numa das ausências iniciais de sua mãe. Gostava de sentir o cheiro das roupas dela acima dele, porque o fazia se lembrar dela. Agora ele só sentia o cheiro de tintureiro. Ele ainda gostava da segurança que sentia naquele cantinho protegido, embora soubesse que ficaria *REALMENTE* constrangido se sua mãe o pegasse fazendo um piquenique no chão de seu guarda-roupa. Uma vez ela disse: “Creme de amendoim e Prada não combinam.” Ficou olhando para o quarto branco enquanto comia o sanduíche. Sentiu-se mais calmo, mas a mão ainda doía. Decidiu tomar uma das aspirinas de sua mãe quando acabasse de comer.

Discou o número dela. O telefone tocou e tocou e, quando achou que ia ter de deixar uma mensagem, ouviu a voz de sua mãe.

— MIGUEL?! — gritou sua mãe no celular.

Dava para ele ouvir o barulho de uma festa ou um bar, os copos tinindo, risadas, música alta.

Não tinha idéia de quem era esse Miguel. As vozes no fundo não falavam a sua língua.

— Mãe, sou eu.

Ouviu as marchas engatando na cabeça dela.

— G! Meu amor. Pensei que você fosse o Miguel. Estou em Madri. É um suspense. Exatamente como você gosta!

Ele supôs que ela estava falando do teste para o filme, e não de Madri. Para falar a verdade, ele nem gostava de filmes de suspense tanto assim.

— G? Você está bem? Tentei ligar. Você ouviu minhas mensagens, meu amor?

O celular foi abafado, mas não o suficiente para que ele não pudesse escutá-la. “Pare. É meu filho.” E sua risadinha rouca. Ela desabafou o aparelho e continuou:

— Então está tudo bem com você, com Kay e tudo mais? E como foi o seu dia?

Ele sentiu tudo se inchando por dentro, toda a loucura e o terror, queria contar tudo a ela, queria pedir para ela lhe dizer o que fazer agora, queria que ela ouvisse e lhe dissesse que foi tudo um pesadelo. Queria tudo isso com uma dor de tristeza tão doce que lhe engasgava numa onda abrupta.

— Está tudo bem, meu bem?

— Não — disse ele rápido.

— Não ouvi, meu amor. Estou com algumas pessoas. Você está bem?

George morria de vontade de lhe contar tudo e fazer com que ela lhe explicasse para que fizesse sentido, para que tudo melhorasse, para que parasse de doer. Morria de vontade que ela pudesse ouvi-lo.

— Tudo bem.

— Ótimo. Te amo.

— Também.

Desligou e deu uma mordida no seu sanduíche. Não importava o que ele queria. Ela não poderia fazer nenhuma dessas coisas. Esta era uma das muitas razões por que ele decidiu ser sozinho, em vez de contar com as pessoas e no fim se decepcionar com elas. Pensar nisso o deixou desanimado, mas sabia mais uma vez que fazia a coisa certa.

Fechou os olhos. O sanduíche rolou para o chão. Depois de um momento o copo também caiu e fez um pequeno mapa marrom de Madagascar no carpete. George não percebeu nada disso. Sua mente se desligou para que seu cérebro começasse a ligar coisa com coisa.

UM LOBO NA NOITE

O CAMINHANTE, ESTRANHAMENTE, não caminhava. Estava parado na plataforma aberta de um ônibus vermelho londrino, segurando a barra de ferro. Seus cabelos esvoaçavam para fora do capuz, açoiados pelo vento. O Corvo batia as asas constantemente atrás dele, na altura da cabeça, a alguns metros, para que não chamasse a atenção para si.

O cobrador pediu o seu bilhete e depois agradeceu, embora não tivesse visto bilhete algum.

O cobrador começou a subir os degraus para o andar de cima do ônibus, a testa franzida como se tivesse esquecido de dizer alguma coisa. Virou-se.

— Senhor, por favor, entre. É perigoso.

O Caminhante não olhou para ele.

— Não vou machucar você.

O cobrador respondeu com a cabeça, como se aquilo fizesse todo o sentido do mundo.

— Tudo bem.

E então desapareceu para cima da escada, incerto da razão por que se sentia tão estranho, tão aliviado. É claro que seus pensamentos já estavam longe do Caminhante.

É que o Caminhante era capaz de ser esquecido tão facilmente como era capaz de se fazer invisível. Era por isso que caminhava por tanto tempo sem que as pessoas notassem que ele estava sempre ali, sempre caminhando, sempre igual, desde quando ainda eram crianças e o viam. Ou quando os avós de seus avós eram crianças e o tinham visto também.

O Corvo se cansou de bater asas e pousou no seu ombro, enfiando a cabeça para dentro do peito para se proteger do vento. Afinal de contas, ele supôs, não havia necessidade de se cansar tentando se manter indistinguível quando o Caminhante poderia fazer isso pelos dois. O Caminhante ficou olhando o nome da rua quando o ônibus dobrou uma esquina.

— Rua Lúpus. Do latim LÚPUS: um lobo, sem dúvida. Estamos quase chegando.

Já que o Corvo não reagiu, era difícil de ver se ele estava interessado. O fato é que não estava. Ainda mais velho do que o Caminhante, pela perspectiva dele o latim era apenas mais uma dessas línguas intrometidas, hoje aqui, amanhã não mais, daquelas que viram moda, mas logo caem em desuso.

O INTRUSO

A CAMPAINHA ACORDOU GEORGE, primeiro porque soou bem alto, segundo porque não parava. Ele levantou, pisou no mapa marrom de Madagascar e apertou o botão do interfone.

Sendo daqueles apartamentos com interfone e circuito fechado, a imagem mal definida em preto e branco apareceu na tela ao lado do painel de controle.

O rosto de Edie preencheu a tela, os olhos fixos na câmera, a boca num esboço determinado.

— Ei, pare de tocar!

Ela tirou o dedo do botão.

— Como você me...

— Fique quieto — ela chiou. Seus olhos viraram da esquerda para a direita, saindo e entrando na tela. Seu rosto se aproximou de novo e ela sussurrou.

— Você tem uma entrada de fundos?

George sentiu um mal-estar. Sua mão doía. A cabeça também não ia demorar muito para começar a doer.

— Espere aí, como você me achou?

— Você deu o endereço para o taxista, eu ouvi. Agora...

Ele ainda tentava encontrar uma maneira de explicar que ela não poderia saber exatamente onde ele se encontrava, para poder assim acreditar que ela não estava ali e para poder voltar a dormir.

— Mas como você sabia qual era o meu apartamento?

Ela olhou ao redor, frustrada. Enfiou a mão no bolso do casaco e remexeu procurando algo.

— Fácil. Tinha de ser o apartamento de cobertura. O que tem uma gárgula na varanda.

George riu com desdém.

— Não temos nenhuma gárgula.

Ela botou o disco de vidro do mar em frente da câmera. Estava tão brilhante que deixava linhas de reflexo na tela enquanto ela o movimentava de um lado para o outro.

— Está vendo? Agora você tem. E está andando para cima e para baixo, farejando.

George ouviu um ruído do lado de fora da cozinha. Um ruído que vinha da varanda. Era mais como um arranhado, mas também ouviu fungados e assovios. E lá vinha o frio na barriga de novo.

— Espere aí.

Ele se esgueirou para a porta e espiou para a sala. Além do busto de bronze de sua mãe, além da porta de correr da varanda, alguma coisa se moveu. E quando se moveu, a luz automática da varanda acendeu, e não era por causa de um gato ou um assaltante. Era a gárgula com cara de gato, com a asa quebrada e o cano enferrujado que assoviava. Seus olhos de pedra negra espivavam para dentro da sala, suas garras arranhando o vidro, em busca de alguma coisa.

Estavam se aproximando da maçaneta. George correu para o interfone.

— Eu vi.

Eddie olhou e aprovou. Enfiou o vidro no bolso.

— Então já que ele está na frente do prédio, eu queria saber se há uma porta de fundos. Oh!

Ele viu que ela estava olhando para o vidro.

— Que foi?

— O vidro mudou de cor — ela olhou para a rua, para ambos os lados. — Acho que está vindo mais um.

O Corvo virou a esquina da praça Saint George e, instantes depois, surgiu o Caminhante. O pássaro voou mais alto, até chegar quase à altura da laje do prédio. Pousou no gradeado da varanda do apartamento de George. A gárgula ainda estava ocupada com a maçaneta, tentando abrir a porta. Ela sentiu a presença do pássaro e se virou. O pássaro olhou para ela sem piscar um olho negro, deu um passo para trás do gradeado e sumiu no vácuo da noite.

O Caminhante chegou na entrada do prédio de George e subiu os degraus no exato momento em que o Corvo pousou no seu ombro. Este era um dos toques de estilo do qual o Corvo tanto se orgulhava. O Caminhante o ignorou, se inclinou para o painel e pareceu espiar curioso.

Eddie não estava mais lá.

Um casal de jovens se aproximou e ficou um degrau atrás dele. O homem carregava uma garrafa de vinho embrulhada. A mulher apertou o botão e disse:

— Kay? Desculpe nosso atraso!

A porta abriu com um zunido e os três caminharam para dentro, embora se se perguntasse ao casal, eles teriam jurado de pé junto que só foram os dois.

Entraram no elevador e apertaram o botão do penúltimo andar. O único indício de que em algum lugar nas profundezas de suas subconsciências eles pudessem estar cientes de partilharem daquele cubículo com um homem alto e encapuzado, vestindo uma capa verde com um pássaro pousado no seu ombro, era que os dois de repente pararam de conversar. Pareciam menos animados do que alguns momentos antes.

O elevador anunciou o andar e eles saíram. O Caminhante os observou. Quando a porta estava se fechando, ele murmurou:

— Você esqueceu o vinho.

O jovem fez uma careta para a garota.

— Esqueci o vinho!

Ela olhou para suas mãos vazias.

— Seu idiota.

No elevador, subindo, o Caminhante olhou para o embrulho da garrafa de vinho na sua mão e enfiou no bolso do casaco, no momento em que o elevador anunciou a cobertura.

A porta se abriu e ele saiu para o corredor. A porta do apartamento de George estava escancarada. O Caminhante parou. Deu de ombros. O Corvo voou para dentro.

A maioria dos pássaros entra em pânico quando voa em um lugar fechado. O Corvo não. Ele voava pelo apartamento com um bater de asas lento, desafiando a gravidade, observando tudo: a

brancura das paredes, a bagunça no quarto de George e a ausência de qualquer coisa que se assemelhasse ao verdadeiro George em qualquer dos cômodos.

Ele pairou sobre a cabeça de bronze da mãe do menino, que ele fez questão de manchar com camadas finas de cocô, e espiou para a varanda em que estava a gárgula. Sacudiu a cabeça.

A gárgula assoviou através de seu cano enferrujado e foi embora, as asas se abrindo com um estalo, subindo no céu escuro. O Corvo voou para onde o Caminhante estava andando pelo corredor.

— Foi embora?

O Corvo simplesmente pousou no seu ombro. O Caminhante entrou no apartamento de George e fechou a porta.

George saiu do estacionamento subterrâneo para os fundos do seu prédio, e lá encontrou Edie, que mostrou o disco de vidro que reluzia.

— Vamos correr.

— Tá bom.

Como isso era tudo o que precisavam dizer, foi exatamente isso que fizeram. Correram pela rua estreita, atravessaram a avenida e pegaram uma rua menos larga e vazia, que acabava abruptamente numa avenida movimentada de quatro pistas ao longo do rio. Então continuaram correndo pela calçada larga.

Edie fez careta.

— Estou com câimbra.

— Eu também.

Porém nenhum dos dois parou de correr. Nenhum dos dois prestava atenção aos prédios ou às pessoas por quem passavam. Tudo o que os consumia agora era pôr distância entre eles e aquilo que deixaram para trás. Edie sabia muito bem o que era correr assim. Tudo o que importava era que não parassem, era que houvesse sempre um espaço à frente para onde correr, era que não dessem em um beco sem saída, que não fossem apanhados.

Correram até a praça do Parlamento e atravessaram a avenida para escapar das barreiras que corriam ao nível da rua, sob a parede gótica ornamentada à direita. No meio da praça, George parou e se dobrou ao meio, tentando recuperar o fôlego. Edie o puxou.

— Vamos!

Ele sacudiu a cabeça, sem fôlego para falar.

— Não é seguro aqui. Olhe!

Ela agarrou seus cabelos e puxou sua cabeça para cima, apontando para a praça. Havia estátuas por todo canto. Em cima, o círculo branco do Big Ben pairava no céu como uma segunda lua.

— Muitas coisas ao redor.

— Estigmas — disse ele, resfolegando.

— Muito de tudo. Vamos. Precisamos nos manter perto do rio.

Ele a seguiu pela rua, cada músculo de suas pernas implorando para que ele parasse. Uma massa de trânsito passava por eles, espremendo-se por causa das barreiras, impedindo o caminho deles

para o Embankment além das Casas do Parlamento.

Edie começou a subir a barreira. Desta vez foi George quem a puxou. Ele apontou para a passagem subterrânea iluminada à esquerda deles.

— Por aqui!

Ela sacudiu a cabeça e pulou a barreira.

— Não. Nunca por baixo da terra.

— O quê?

— Nunca por baixo da terra. O Artilheiro avisou. É muito mais perigoso.

— Ah, peraí — ele começou.

— Peraí, você — interrompeu ela.

Ele a seguiu para o outro lado da barreira e esperou por um vão no trânsito.

— Pra onde estamos indo?

Ela não o ouviu, ou se ouviu decidiu não responder.

— Edie, pra onde vamos?

Ela olhou para ele rapidamente, depois voltou sua atenção para os carros.

— Agora é “nós”, então?

Ele se lembrou do momento em que foi embora de táxi, deixando-a para trás. Na hora não foi bom, e agora parecia ainda pior.

— Acho que sim.

— Assim de repente, sem mais nem menos? — ela cuspiu as palavras.

— Porque você veio e me achou de novo.

— Achei você?

Ele deu de ombros. Abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, ela viu um espaço entre os carros e correu para o outro lado da rua. Ele a seguiu pelo ziguezague que ela fazia entre faróis e buzinas. Um Porsche piscou os faróis para ele e buzinou um aviso, recusando-se a diminuir a velocidade para que os dois alcançassem a segurança do Embankment. Edie passou bem na frente do carro e George precisou esbarrar. Notou pelo canto do olho as listras de risca de giz do terno e ouviu os impropérios do motorista, mas logo ele passou e George pôde atravessar a pista.

Ele não via Edie, apenas os bancos, a muralha do Embankment e as luzes da outra margem refletidas no rio.

— Achei você? — Ela estava atrás dele. Ele respirou aliviado.

— Me salvou.

— Salvei?

Seus olhos não piscaram. Ele os encarou também, sem piscar.

— É. Salvou.

Ela esperou. Depois encolheu os ombros.

— Então imagino que isso seja um muito obrigado, não é?

Ele não fazia idéia do que o irritava tanto nela, mas sentia isso cada vez que olhava em seus olhos e quase toda vez que ela falava. A verdade, porém, é que ela o avisou que a gárgula o havia encontrado, sem motivos, pelo menos que ele soubesse, para ter feito isso. Talvez era isso que ele achava tão irritante. Deu de ombros também.

— Acho que sim.

Ela tirou os olhos dele.

— Temos de continuar.

Ele não se moveu.

— Para onde?

Ela deu um muxoxo.

— O Frade Preto. Ou você já esqueceu?

Ele sacudiu a cabeça. A dor em sua mão estava voltando.

— Como vamos chegar até ele? Ele, a coisa ou o que quer que seja?

— Vamos.

Ele correu ombro a ombro com ela. Agora eles iam mais devagar, mas não muito, apenas o suficiente para poderem falar enquanto corriam. Ela apontou com o queixo.

— O Frade Preto fica num extremo da ponte Blackfriars. Precisamos apenas seguir pela margem do rio até alcançar a ponte.

— Isso... — ele não conseguia pensar na palavra certa para a situação. Escolheu então uma que denotasse esperança. — Isso é bom.

— Não é não. O Frade Preto fica no centro de Londres, e todas as ruas que levam ao centro são vigiadas por dragões como aquele com que nos deparamos.

Seu estômago se contraiu quando a lembrança horrível dos olhos do Dragão fixos nele passou pela sua mente e sua mão deu uma pontada, revivendo a dor da garra ziguezagueando o corte.

— Então isso é ruim.

— Seria se o Artilheiro não tivesse me dito como podemos enganá-los.

Ele fez a pergunta que pairava no ar como um ponto de interrogação entre eles.

— Onde está o Artilheiro?

— Agora é que você pergunta — disse ela, amargamente.

— Edie. Onde está ele? Qual é o seu problema?

Ela parou de repente, tão de súbito que ele esbarrou nas suas costas. Ela se virou e seus olhos, ele ficou chocado de ver, estavam molhados.

— Ele salvou você. Pulou em cima do Dragão, mesmo machucado, e o salvou. Talvez tenha salvado nós dois. E ele me disse o que fazer e como chegar até o Frade Preto, e você sabe por quê? Porque tinha certeza que o Dragão o mataria. Mas pulou em cima dele assim mesmo para salvar você. E você simplesmente virou as costas e fugiu. E só agora se lembra de perguntar sobre ele. Quer algo mais egoísta que isso?

Ele não acreditou nela. Sentiu um soco no estômago. O Artilheiro não podia estar morto.

— Ele não pode estar morto.

— Como sabe disso? Você estava muito ocupado procurando um táxi para saber.

— Não — disse ele, mais rápido agora, lembrando-se. — Se ele voltar ao seu plinto antes da meia-noite, ele... ele vai recarregar. Ele vai melhorar. Vai ficar tudo bem. É assim que funciona. Se ele estiver no plinto na virada do dia...

— George — sua voz matou a tênue centelha de esperança como um balde de água gelada —, ele estava tendo grande dificuldade em andar mesmo antes de pular em cima do Dragão. E não achava que ia ficar tudo bem. Acho que ele sabia o que estava fazendo. Mais do que você, certo? Estava se sacrificando para nos salvar.

— Mas eu não...

— Não. Não quero ouvir o seu “mas eu não”. Conserve sua energia e tente descobrir o que é que VOCÊ vai ter de sacrificar para quando, se é que vamos, achar o tal Coração de Pedra.

— O quê?

Ele ainda estava tentando não se sentir tão mal por causa do Artilheiro.

— O que a esfinge disse: “Seu remédio jaz no Coração de Pedra, e a Pedra do Coração vai ser o seu alívio. Você tem de achar o Coração de Pedra e então sacrificar e reparar aquilo que foi quebrado ao colocar na Pedra do Coração de Londres aquilo que for necessário para o seu reparo.” — ela recitou. — Ou você esqueceu?

— Não.

— Bom. Porque seria uma pena você chegar até a tal pedra e ele ter se sacrificado para ajudá-lo e sem que você tenha idéia nenhuma do que deve fazer, não é mesmo?

— Espere aí — interrompeu ele. — Se eu sou tão ingrato assim, por que você voltou?

— Porque ele me disse para tomar conta de você. Na verdade ele disse que precisamos tomar conta um do outro, mas você ajuda tanto quanto um golfinho numa bicicleta...

Ela se virou e continuou correndo, e ele ficou muito ocupado tentando acompanhá-la para pensar numa resposta. Além do mais, a energia que ainda lhe restava para pensar estava sendo usada para pensar no Artilheiro.

A pior parte de ficar pensando no Artilheiro e no que ele tinha feito era, é claro, perceber que ele não tinha feito a única coisa que George sabia que as pessoas faziam com as outras. Ele não decepcionou George. Ao contrário, era George quem o tinha decepcionado. A tristeza e a culpa eram uma combinação horrível, e quanto mais ele absorvia as duas, tanto mais ele ficava tristonho e vulnerável, ali sozinho numa rua escura com a água negra o puxando para o lado enquanto ele tentava se manter perto de Edie.

O ARTILHEIRO SOZINHO

O ARTILHEIRO SENTOU COM AS COSTAS contra a parede da igreja. Estava exausto. A rédea de corrente jazia na calçada ao seu lado, ainda soltando fumaça. Ele estava olhando para a rua Fleet. O Dragão, não mais branco de calor, estava subindo para o seu plinto. Era óbvio que estava muito exausto para voar. Enquanto subia, apesar do corpo leonino, parecia ainda mais com um lagarto.

— Bom, isso foi uma coisa fora do cotidiano, isso posso garantir a você, Artilheiro — falou o Dicionário sem olhar para ele. Como o Artilheiro, ele também nunca ia tirar os olhos do Dragão subindo para o seu plinto.

— O que disse? — tossiu o Artilheiro.

— Isso eu não vejo todo dia — repetiu o Dicionário, depois de uma breve pausa.

— Você acha que ele está acabado, o Dragão?

— Certamente que não. Não é de sua natureza estar acabado. Sua natureza é vigiar. E como todo vigia, ele não se demora longe de seu posto, para não deixar a passagem livre para outro invasor, ao perseguir o primeiro.

— É mesmo?

— Foi assim que ele foi feito.

— O que o fazedor quis, aquele que foi feito deve obedecer.

— É o que eu ouvi também. É o que sinto em cada osso.

— Você tem ossos agora, é?

O Dicionário fez uma pausa. Virou a cabeça abruptamente e latiu algo sem sentido.

— Tchá. Eu SINTO que tenho ossos. Ossos doloridos.

— Sei bem o que quer dizer.

O Artilheiro se pôs de pé com dificuldade. Enfiou as rédeas de corrente no cinto.

A cabeça do Dragão se ergueu ao ouvir o som de metal tinindo contra metal, e uma sombra escarlate passou nos seus olhos quando espiou para o centro da rua onde os dois estavam.

— Ele ouviu — o Dicionário observou baixinho.

— Então vai saber quem vem da próxima vez — resmungou o Artilheiro.

— Aonde leva o seu caminho?

— O longo caminho? Não tenho o que dizer sobre isso. Esta noite? — Ele se esticou. Deu dois passos cambaleantes. — Esta noite, como o lagarto ali, preciso chegar à minha pedra antes da virada do dia, senão...

O Dicionário olhou para o relógio que protuberava da fachada do tribunal.

— Menos de três horas até a meia-noite.

O Artilheiro tirou os olhos do Dragão. Olhou para a figura de peruca que dava constantes

tremidos.

— É melhor me pôr a caminho, então. São apenas uns três quilômetros, mas sinto que vai ser uma longa estrada depois da surra que ele me deu.

— E as crianças?

O Artilheiro voltou a sentar de súbito, exausto. Ocupou-se em atar a corrente ao cinto, como se fosse para isso que se sentara. Na verdade, ele mal conseguia ficar de pé. O fato é que não queria falar sobre isso. O Dicionário olhou para ele, sem um movimento, para variar, sem um tremor sequer. Um pássaro cinza pousou na sua cabeça e esguichou uma massa branca nas costas de seu casaco. Quando ele falou de novo, sua voz soou insípida e dura como o som de uma porta de igreja se fechando.

— E as CRIANÇAS, Artilheiro?

— O que deve ser, será. E eu tenho que recuperar minha energia, estar no meu plinto na virada do dia.

O Artilheiro finalmente olhou nos olhos dele.

— As crianças estão sozinhas.

— Não se você enviar um pombo.

A cabeça do Artilheiro se ergueu. Ele a sacudiu para clareá-la. Não estava pensando coisa com coisa. Deveria ter pensado nisso.

— Então? — perguntou o Dicionário. — Não é esse o seu meio? Não é esse o método que a irmandade militar de cuspidos usa para se comunicar entre si?

— Funcionou nas trincheiras. Funciona em Londres. — murmurou o Artilheiro. — Você tem razão. Mas eu preciso de uma...

O Dicionário ergueu a mão. O pássaro cinza desceu de sua peruca e pousou na mão dele. Ele desceu do plinto e foi até o Artilheiro. O Artilheiro balançou a cabeça e tirou um toco de lápis de um bolso e um rolinho de papel do outro. O esforço o deixou exausto.

— Quer que eu faça? — ofereceu o Dicionário, e trocou o pássaro por lápis e papel.

O Artilheiro se encostou na pedra fria, os olhos cerrados, segurando com cuidado o pássaro enquanto o Dicionário escrevia. Pegou o minúsculo rolo e o prendeu na perna do animal. Depois, soprou no seu ouvido.

— Todos os Jagers. Todos os soldados. Fique de olho nas gárgulas. Você é um mensageiro, e não petisco para estigmas.

Ele cuidadosamente levantou as mãos e as asas cinza bateram, e o pássaro voou suavemente para o céu.

O Artilheiro ficou observando até que ele desapareceu na escuridão da noite.

— Obrigado, Dicionário.

O Dicionário simplesmente devolveu o lápis e o papel e pigarreou. O Artilheiro ficou de pé.

— Agora me vou.

O Dicionário ficou olhando ele mancar pela rua. O Artilheiro se virou.

— Se eu não...

O Dicionário deu um aceno de cabeça.

— Não serão apenas Jagers e soldados cuspidos que vão ficar de olho nas crianças, Artilheiro. Palavra de honra.

Os dois se olharam por um momento, depois o Artilheiro acenou com a cabeça.

— Uma palavra sua. Isso sim é uma coisa que vale a pena ter.

O Dicionário inclinou a cabeça num gesto de cortesia.

— Muita gentileza sua. Adeus, meu amigo.

PENTEANDO O LAMARÃO E O CARNAVAL NO GELO^{f3}

NÃO HAVIA MUITA GENTE NO Embankment no trecho em que Edie e George se encontravam. Edie diminuiu o passo para uma caminhada rápida, em vez de correr. À frente dela, George viu a silhueta de algo familiar contra as luzes à beira do rio.

— Que droga! Agora estamos dando voltas no mesmo lugar.

— Somente porque você fugiu.

Ele não tinha uma resposta boa para isso. Os dois estavam se aproximando da Agulha de Cleópatra, ambos observando as esfinges. Nada aconteceu.

George limpou a garganta.

— Você acha que devemos...

— O quê? Parar e dizer um alô? Você não tem tempo para isso. E lembre-se: o Artilheiro disse que elas são metade estigmas. Isso para mim já é demais.

No entanto, George notou que ela passou a mão de leve pelo flanco das esfinges ao passar por elas.

— Por que fez aquilo? — perguntou ele, quando deixaram as esfinges para trás.

— Para mostrar a elas que não tenho medo — respondeu ela, como se isso fizesse todo o sentido do mundo. De repente, ela virou à direita e se sentou em um dos bancos de ferro ornamentados que davam para o rio. Os pés do banco foram talhados para se assemelhar às pernas de um camelo, provavelmente para continuar o tema egípcio ao longo do rio, onde ficava a Agulha de Cleópatra.

— O que está fazendo agora? — perguntou George, olhando ela tirar as botas.

— Um merengue de banana — disse ela, irritada. — O que lhe parece?

— Parece que você está tirando as botas.

— Bingo. E o menino ganhou um troféu de gênio!

— Não sei por que está fazendo isso.

— Eu sei. Agora o Mestre mandou: tire seus sapatos.

— Por quê?

— Porque é assim que funciona. Se eu digo “o Mestre mandou”, você faz exatamente o que o Mestre diz, e assim a gente não discute e você não perde um tempo que não possui para perder.

Ele abriu a boca.

— O Mestre mandou: se apresse. Antes que o Dragão nos descubra.

George se virou na direção que ela apontava com o queixo. A uma grande distância, no Embankment — embora não tão distante para fazê-lo relaxar —, havia outro dragão segurando um escudo com um desenho de uma cruz vermelha. Este dragão era prateado e mais troncado do que aquele que vigia o Temple Bar, mas era um troncado daqueles de músculos compactos, e o rosnado congelado na sua cara mostrava dentes que George não queria ver mais de perto.

Ele sentou no banco. Tirou os sapatos. Edie tirava suas meias longas também.

— O Mestre mandou: as calças também.

— O quê?

Ele ouviu um chiado e um estalo na altura de seus joelhos, e o banco se envergou quando o camelo tentou mordê-lo. George se levantou e se afastou da criatura sibilante. Edie continuou sentada, segurando-se firme no banco.

— O banco tentou me morder!

Ele se encostou no poste à beira da muralha do rio. Alguma coisa se contorceu, mexendo-se embaixo de sua mão. Tirou a mão do poste bem na hora em que um peixe de ferro que formava a base do poste se preparava para mordê-lo. Pulou então para o território neutro entre o banco e a muralha do rio.

— O que está acontecendo?

— São estigmas pequenos, não são? Vamos embora daqui antes que eles chamem a atenção de um dos maiores.

Precisamos passar despercebidos por aquele dragão para chegarmos até o Frade Preto, e precisamos chegar lá antes da virada do dia. Que quer dizer meia-noite, imagino. Foi o que o Artilheiro falou.

Ele olhou para o Dragão de novo e lhe pareceu que o bicho estava bem mais perto do que quando olhou antes, embora ele não tivesse se movido.

— Como vamos passar por ele?

— O Mestre mandou: me siga.

Ela foi até um portão na muralha do rio e pulou. Em dois passos ela tinha desaparecido de vista. George apanhou os sapatos e a seguiu o mais ligeiro que pôde.

Edie tinha chegado ao último degrau de uma escada, relutantemente pondo um pé na escuridão viscosa.

— Você está brincando!

— Não — disse ela sem parar, já com os joelhos na água. — Estou molhada e com muito frio. Quero acabar com isso o mais rápido possível.

— Vamos nadar?

Ela deu um nó com os dois cadarços de suas botas e as pendurou no pescoço.

— Você nade, se quiser, mas eu vou só caminhar na água. A maré está vazando, eu acho. — Ela continuou ao longo do muro nojento do rio, usando uma mão para se equilibrar. — Espero que não haja vidro quebrado.

George entrou na água. Os pés afundaram na lama. Estava gelada e pegajosa, com pedras e tocos em meio ao lodo. Ele levantou os olhos e viu que não havia nada além de água entre ele e o sul de Londres. Sentiu a presença de algo selvagem e perigoso ali nas profundezas, embaixo das ondulações no meio do rio. Era, e ele não sabia explicar o motivo, como caminhar até a ponta de um despenhadeiro, só que em vez do ar que o impelia para o vácuo, havia uma contracorrente que puxava seus pés. Sua mão, como Edie fazia, grudava-se no muro, e não era apenas para manter o equilíbrio.

Um pensamento lhe ocorreu.

— Como você sabe que está vazando?

— Vazando o quê?

— A maré. Como você sabe que não está subindo?

— Não sei.

— Ah.

Continuaram, passando por baixo de uma prancha de embarque que levava a um velho navio a vapor atracado permanentemente às margens do rio. Enquanto passavam pelo cânion formado entre o casco enferrujado do barco e a muralha do rio, ouviram música e risos no convés acima. A ponta de um cigarro aceso fez um arco na escuridão, caiu entre os dois e se apagou com um leve chiado.

— O Mestre mandou: seja otimista.

— O Mestre sabe quanto falta para a gente sair daqui?

— Mais uma ponte.

Continuaram. Ele lembrou de uma tarde de verão, quando caminhou ao longo do passeio do rio com seus pais. Lembrou de ter olhado para baixo e ter visto as pessoas passeando nos bancos de lama expostos pela maré baixa, gente com pás e baldes. Gente procurando coisas na lama.

— Tem gente que vem aqui quando a maré está baixa e fica procurando coisas — disse ele.

Edie resmungou.

— É como procurar por conchas na praia, só que não tem areia. Só lama. Chama-se pentear o lamarão.

Ela nem se deu ao trabalho de resmungar dessa vez. Apenas continuou andando na água. Ele se irritou e ficou imaginando se ela estava tão gelada e tão incomodada quanto ele.

Neste momento, ela caiu e sumiu.

George não teve tempo para pensar. Apenas pulou para frente e mergulhou no lugar em que ela tinha afundado. Suas mãos não acharam nada além de água.

Suas mãos desesperadamente procuravam na água por algo que não estava mais ali. Edie tinha sido arrancada da face da terra tão abruptamente como alguém ligando e desligando um interruptor.

— Edie!

As mãos de George tocaram em algo e ele puxou para fora da água, mas era apenas um saco de lixo, cheio de cascas de frutas e embrulhos. Ele jogou na água de novo e continuou procurando.

A contracorrente que era mais forte na parte do meio do rio o puxava cada vez mais para dentro.

— Me dê ela de volta! — gritou ele, enquanto seus braços mergulhavam na água gélida, que se movimentava em redemoinhos cada vez mais rápidos. Ele não tinha idéia, mais tarde quando pensou no acontecido, por que gritava isso, somente sabia com absoluta certeza que tinha alguma coisa ali dentro, algo além da profundidade onde ele estava. Sua mão batia na água com força, como se para acordá-la de seu sono súbito.

— EDIE!

Seus pés tocaram em alguma coisa e ele pôs a mão para alcançá-la. Era Edie. Ele a puxou para cima e os dois se arrastaram para perto da muralha do rio, tossindo por um tempo. Ela parecia

menor. Os cabelos colados ao rosto, cobertos com o lodo do rio.

— Você está bem?

Ela cuspiu a água de volta para o rio e confirmou, ainda tossindo muito para poder falar.

— Um buraco — foi tudo o que ela pôde dizer, enquanto limpava a gosma de seus olhos.

— Você está bem — George sorriu para ela, encorajando-a.

Eddie olhou para o lugar onde havia caído.

— Fui sugada.

Ele parou de sorrir.

— Não foi.

— George, fui sugada sim. Alguma coisa me sugou.

George pensou. E tirou o cinto.

— Agora já é tarde, George. Eu disse para você tirar as calças. Agora está ensopado...

— O Mestre mandou: cale a boca e segure aqui...

Ele pegou o cinto, passou-o por uma das alças no cós da calça e levantou a outra ponta para ela. Com a voz autoritária, disse:

— Dessa maneira, se você afundar de novo, eu posso lhe encontrar mais rápido.

Depois de uma pausa longa, ela pegou a ponta do cinto e passou ao redor de seu pulso.

— Ou vamos os dois ser sugados juntos.

— Eu pensei que o Mestre tinha ordenado: seja otimista — disse George, passando à frente dela.

— Vou na frente. Vou primeiro.

— O Mestre diz: dizer “o Mestre mandou” foi uma idéia boba — disse ela, quase como se estivesse pedindo desculpas. — Não como o cinto. O cinto é uma idéia boa.

Sem precisar dizer mais nada, os dois continuaram acompanhando a muralha ao longo das margens do rio.

Passaram por baixo de uma plataforma flutuante em ziguezague, com um píer que dava estalos quando a água batia do lado do rio. Na avenida acima, um carro de polícia passou com a sirene apitando, a luz azul piscante refletindo na água e iluminando de relance os galhos das árvores acima deles.

Eddie tropeçou, mas logo se recuperou. Ele começou a perguntar se estava tudo bem, mas ela interrompeu sua pergunta com sua própria pergunta, para mudar de assunto.

— Então você é rico?

Ele levou um momento para registrar o que ela quis dizer.

— O quê?

— Você é rico. Vi a rua em que mora. O prédio. Tudo moderno, como nas revistas.

— Não somos ricos. Minha mãe aluga.

— Tem de ser rico para alugar.

— Não somos ricos. Ela é atriz.

— Atrizes são ricas.

George pensou na sua mãe e no seu pai e nas discussões ferozes, nas brigas por causa de papéis que chegavam pelo correio em envelopes marrons ou, às vezes, envelopes brancos duros que precisavam ser assinados para serem recebidos.

— Não o tempo todo.

Eddie continuou andando. Não parecia impressionada.

— Quantos quartos vocês têm?

— Dois. E um terceiro que é como um estúdio.

— Você e seus pais moram juntos? Quantos irmãs ou irmãos você tem?

— Só eu e minha mãe.

— Só vocês dois e quase três quartos? Você é rico, sim. E aposto que seu pai também tem uma casa, certo?

— Meu pai morreu.

Eddie parou.

— Oh.

Continuaram. A água estava baixando de novo, como se houvesse um banco de lama subindo para a superfície sob seus pés. Ambos começaram a tremer de frio. George fechou a boca para controlar o tiritar dos dentes.

— E você? — perguntou George através dos dentes cerrados, ansioso para mudar de assunto e não falar mais sobre si mesmo.

— Eu também.

— Você é rica?

— Não. Também tenho um pai que morreu.

— Oh.

Continuaram a andar na água. Era muito solitário para os dois caminharem ao longo da muralha do Embankment, abaixo do burburinho da cidade, afundando no lodo gelado.

— Então você mora com sua mãe?

— Não — respondeu ela depois de uma pausa. — Ela não está por aqui.

— Então onde você...

— Durmo em albergues. Para quem foge e não tem onde morar. E não tem nada de legal nisso, está bem?

— Tudo bem.

— E fujo deles também — disse ela, desafiante. — Estou gelada.

Continuaram calados por um tempo.

— Quando tenho fome, penso em comida — disse ela. — Penso em quando comi tanto que quase explodi, quando não consegui comer um bocadinho mais.

— Acho que isso deixa você com mais fome ainda — disse George, tremendo de frio.

— Não. Funciona mesmo. Tente.

— Mas não estou com fome — disse George.

— Com fome, não, seu bobo. Quando foi que se sentiu o mais quentinho?

— Ah — disse George.

Uma flotilha de peixes e embalagens vazias de batatas fritas, boiando na correnteza, se emaranharam nas pernas dele.

— Eu estava num celeiro. Em cima de um monte de feno. Com meu pai.

— Seu pai tem um sítio? Tinha, quero dizer, desculpe.

— Não — disse George, se lembrando. — Ele estava fazendo um touro.

— Fazendo o quê com um touro? — perguntou ela, incrédula.

— Ele era artista plástico. Alguém queria um touro. Então ele foi até um sítio onde tinha um touro. Ele pôs o touro no estábulo e fomos para lá desenhá-lo.

Por um instante, ele até sentiu na lembrança o cheiro do feno quente e do cigarro de seu pai. Mas logo a lembrança se esvaneceu.

— Não era para eu ter ido, mas minha mãe ia fazer um teste para um papel. Ela está sempre fazendo testes. Por isso ele teve de me levar com ele. Foi incrível. Eu era pequeno, era inverno e dava para ver o vapor subindo das narinas do touro quando ele respirava. Até tinha um anel entre as narinas. Quero dizer, ele era um touro de verdade.

— Não me parece muito quente — murmurou Edie.

— Mas era sim. Foi muito legal. Meu pai me embrulhou num cobertor que ele tinha no carro e fez uma cama de feno para mim, com um buraco no meio do feno, e eu fiquei lá ao seu lado. Tínhamos uma garrafa térmica com chá e outra com sopa de tomate, de cor laranja viva, que acaba manchando os lábios. Ele desenhava o tempo todo, e eu também. Só que eu fiquei tão quentinho naquela cama de feno que caí no sono. Quero dizer, estava quentinho como torrada e aquele cheirinho tão bom. E quando acordei, já estava escurecendo. Ele tinha terminado e estava deitado ao meu lado...

George se lembrou de tudo. O brilho da lâmpada no telhado, fazendo o feno ficar dourado. O touro preto enorme, do tamanho de um carro pequeno, mastigando calmamente. E o ruído de seu pai fumando. Ele sempre fumava quando trabalhava, mas somente se fosse do lado de fora. Quando George tinha idade suficiente para saber que fumar era uma coisa muito ruim, se a gente gostasse dos pulmões e de viver, ele fez uma promessa. Pararia pela metade de fumar. Nunca dentro de casa. Sempre enquanto trabalhasse. E nunca em um PUB. E é assim que George se lembra dele: o som de seu pai se concentrando, um olho apertado contra a fumaça subindo pelo seu rosto, as mãos firmes, sempre desenhando ou moldando alguma coisa. E o ruído habitual, um estalinho e um sugado, que ele fazia com o cigarro colado num canto dos lábios: o som de um homem fumando sem usar as mãos. Mesmo fumar sendo uma coisa tão ruim, George ainda achava a lembrança do ruído uma coisa que acalmava.

E também nem foi o cigarro que acabou por matá-lo.

— Esta é a lembrança mais quente que tenho — disse ele, para expulsar a próxima lembrança, que começava a bater as asas da escuridão, querendo sair para fora do lugar para onde ele a bania com freqüência.

— Uma vez eu fui a um sítio — disse Edie. — Numa excursão da escola. Um bode mijou em mim.

Ele sorriu. De repente sentiu algo cortante embaixo do pé e pulou para o lado para evitar um

corte. Perdeu o equilíbrio e puxou ambos para longe do muro. A lama ficou mais rala e ele caiu com um joelho na água.

— Desculpe — disse ele.

Edie tropeçou atrás dele, caindo de quatro, soltando o cinto num esforço para ficar de pé, o queixo acima da água.

— Não estou...

E sua mão segurou algo sólido na lama, alguma coisa que tinha a textura de madeira velha escorregadia, como um toco antigo, ou uma coluna de apoio de uma ponte. Sentiu uma onda de energia colando sua mão à madeira, não conseguiu tirá-la e então...

— Oh, não — exclamou George, vendo seus olhos se arregalarem e seu queixo quase se afundar na água.

A água ao redor dela se espalhou para longe, enquanto a onda de choque do passado a florava, com ela no epicentro, seus cabelos molhados se abrindo em um leque, fios tesos pingando e os olhos em convulsão, enquanto o espaço de dois séculos entre onde estavam agora e o que ela via a atingiu como um trem em alta velocidade.

Estava escuro, mas era mais claro. Havia poucas luzes do outro lado do rio, mas havia muito mais no meio dele, e eram luzes mais suaves. Não havia reflexos de lâmpadas nas ondas pequenas do Tâmisia porque não havia eletricidade e, mais importante, porque não eram bem ondas pequenas, apenas ondulações brancas de gelo — e não se moviam.

O rio estava congelado.

E coberto de neve.

As luzes eram de lanternas, archotes e braseiros, e, refletidas nesta luminosidade na neve e no gelo, havia pessoas.

Homens com cartolas e cachecóis enrolados no pescoço. Mulheres com toucas e vestidos longos e largos que se arrastavam no gelo enquanto elas caminhavam com cuidado, as mãos escondidas em regalos com abas de pele. Todos os olhos estavam voltados para os archotes e as fogueiras. Permeava uma atmosfera de alegria entre eles. Todo mundo parecia feliz e tudo o que se ouvia eram as crianças rindo, correndo e deslizando, os longos cachecóis esvoaçando na brisa da noite.

Uma criança se lançou em um escorrega, seu chapéu se arrancando de sua cabeça, segurado por fitas ao redor de seu pescoço, as bochechas rosadas e o nariz vermelho emoldurando a boca ainda mais vermelha, aberta em um “Oh” de excitação. Ela parou segurando-se em uma coluna de madeira enfiada de pé no gelo e ficou parada, rindo, esperando que seus amiguinhos se aproximassem.

No topo da coluna havia uma bandeira, com letras mal feitas em azul e verde: “carnaval no gelo” e, embaixo, em letras menores, um convite: “venha um, venham todos!”

A imagem era como a de um sonho, e a qualidade irreal se acentuava ainda mais com a névoa que parecia subir do gelo e envolver tudo, suavizando os contornos das pessoas e coisas, criando halos ao redor da fileira de archotes no meio do rio, iluminando a rua que se formava do centro do rio até o fim da ponte.

Era uma rua de barracas e lonas sobre estacas de todas as formas e tamanhos. Pelos fundos, as estruturas davam a aparência de um navio naufragado, mas pela frente havia fachos, placas

pintadas, lanternas coloridas e uma abundância de atividades festivas. Sob as bandeirolas e faixas de tecido de todas as cores, os comerciantes e donos de bares e tavernas haviam se transportado para o rio congelado, e onde quer que Edie olhasse, havia alguém vendendo, gritando ofertas ou servindo bebidas quentes que formavam fios serpenteados de vapor e realçavam ainda mais aquela névoa sobrenatural.

Ouviam-se risadas, gritos alegres e o som de diferentes tipos de música que brigavam entre si para ver qual se destacaria. Edie ouvia o lamento distante de uma gaita-de-foles, o batuque de tambores de corda e, mais perto, os rabequistas e o som de um realejo.

Ela ouviu um PLOP à esquerda e, quando olhou, viu três homens com picaretas quebrando o gelo de um canal cavado entre o rio e a encosta. Os homens eram fortes e barbudos, de rostos queimados e botas à altura dos joelhos, com abas viradas. Os três usavam plaquetas de bronze penduradas no pescoço, que se balançavam com o movimento das picaretas no gelo. Mais à frente, um grupo de homens semelhantes a estes havia colocado uma prancha atravessando o canal e estava ocupado em cobrar das pessoas bem vestidas pela travessia, para se juntarem ao prazer do alegre carnaval no gelo.

Edie viu um homem papudo questionar a cobrança, como se achasse que pagar para atravessar um metro de água era um insulto dos mais reles e impertinentes. Os homens então mostraram suas plaquetas e sorriram com seus dentes encardidos à mostra. Ela ouvia apenas fragmentos do que diziam, mas o que diziam soava cheio de orgulho.

— Somos os vigias da água, se o senhor nos permite, um costume antigo e uma tradição do rio. A passagem segura e eficiente sobre a correnteza perigosa, meu senhor.

O homem papudo ia continuar seu protesto quando uma menina com um manto verde começou a pular ao seu lado, apontando para o gelo à frente.

Edie seguiu a linha de seu dedo e viu que todo mundo estava se movendo naquela direção, atraído pelo ímã do espetáculo que passava pelo centro da avenida temporária de tendas no gelo.

Primeiro veio o tambor. Depois homens carregando archotes que esfumaçavam. Depois vieram as gaitas-de-foles, com seus foleiros vestidos em roupas típicas da Escócia, as bochechas se inchando enquanto tocavam, os longos SPORRANS^[4] de crina de cavalo erguendo-se no ritmo lento de seus passos, marchando à frente de um outro par de homens com archotes. E lá estava ele, seus pés enormes marchando no mesmo ritmo lento dos SPORRANS à frente dele.

Um elefante.

Um elefante branco.

Edie estava acostumada com o horror e a dor nas suas cenas de tempos passados, mas em raras ocasiões o passado não trazia consigo pontadas doloridas que atravessavam seu ser. Às vezes — muito raramente, mas acontecia — até chegava a ser alguma coisa que ela gostava de ver, sem a deixar totalmente aterrorizada.

Mas até agora jamais fora como desta vez.

Ela exalou. Um nó lá dentro do peito se soltou e ela respirou o ar que parecia mais limpo e quase refrescante, apesar, ou talvez, por causa do aroma adocicado e enfumaçado de castanhas assadas que vinha com a imagem.

— É lindo.

Ela ouviu as palavras antes de reconhecer que a voz era dela mesma.

O elefante no gelo era realmente lindo. E caminhava com passos deliberados, balançando-se em frente à multidão boquiaberta e às fitas decorativas com uma dignidade de outro mundo. Nas suas costas carregava um HOUDAH, que era um assento como uma espécie de castelo de lona que sacudia de um lado para o outro enquanto ele se movia. Quatro tochas foram afixadas aos quatro cantos do pequeno pavilhão, e dentro sentava-se uma linda mulher com um manto de pele branco e um turbante cobertos de pedras preciosas. Ela acenava para todos.

Um menino pequeno de rosto negro vestido com um casaco de pele sentava-se entre as orelhas do elefante, acenando para a multidão e mostrando seus dentes branquinhos.

O elefante não era todo branco. Tinha desenhos. À luz dos fochos, Edie viu que alguém havia pintado guirlandas de flores nos seus flancos, no seu focinho e até mesmo listras coloridas na sua tromba. Enquanto ele passava pela multidão, cada olho estava fixo nele e a névoa baixa e gélida apenas ressaltava a beleza de quimera do espetáculo.

Edie ficou encantada.

Mas então ela pensou, e mais tarde quase teve certeza, que ouviu alguém chamar seu nome. Olhou para cima e viu alguém, alguém mais baixo do que um homem, correndo na sua direção, para longe da multidão, o único rosto em meio a uma profusão de costas.

Ele parecia estar gritando alguma coisa, as mãos curvadas sobre a boca, formando um pequeno megafone; ela não conseguia ouvir, mas logo pôde, e era apenas um pedido urgente: “Não olhe para o elefante!”

Então, o belo espetáculo foi abruptamente cortado e a visão do passado parou de ser um sonho fantástico e a atingiu com cenas cortantes e nocivas.

A pessoa correndo tropeçou e caiu antes que pudesse revelar seu rosto escondido na névoa.

Edie ouviu um grito à sua direita.

Virou a cabeça num movimento brusco.

Era uma outra pessoa, agora uma menina de gorro correndo na sua direção, acenando com os braços, gritando e sacudindo alguma coisa brilhante nas mãos. E atrás da luminosidade na mão dela, Edie viu de relance algo grande e truncado, com a forma de um homem que saía da névoa.

A fatia do tempo foi cortada de novo.

Agora mais perto, o homem enorme lutava com alguém que esperneava como um gato selvagem.

Finalmente conseguindo se desvencilhar, era a menina de novo correndo como louca direto para Edie.

O homem se inclinou, retirando algo de seu manto de duas capas.

Uma longa faca lustrosa.

As chamas do archote reluziam na lâmina enquanto ele corria atrás da menina.

O tempo cortou de novo e a menina correu até Edie, tropeçando cegamente, agora bem mais perto. O gorro virará para frente durante a luta e agora cobria seu rosto.

Edie a viu.

Viu o canal de um metro de água gélida na frente dela.

Viu que a menina não podia ver com o gorro-venda lhe atrapalhando a visão.

Edie tentou gritar um aviso, mas sua boca estava escancarada com os gritos da dor inexplicável do passado cortando o seu ser.

Então o tempo pulou de novo e a menina estava na água e embaixo dela. Seu rosto coberto de fios de cabelos semelhantes a algas cortou a superfície, e o único olho que podia ver quase parecia ver Edie. Ela gritava algo e tudo o que Edie conseguiu decifrar foi: “Ele não é o que parece ser! Diga...”

Uma mão salvadora apareceu e agarrou seus cabelos. Só que não era uma mão salvadora, pois a estava empurrando para dentro da água e tudo o que se via eram bolhas e água espirrando, água escura, e num instante a menina voltou à superfície e abriu a boca para tomar ar, e Edie ouviu seu grito como se ela estivesse gritando diretamente dentro do coração de Edie, sem passar por seus ouvidos. As palavras tinham uma urgência e um pânico de quem pronunciava algo pela última vez: “...portões nos espelhos.”

A mão do homem apareceu de novo agarrando o gorro e afundando o rosto na água por uma última vez, os cabelos se espalhando, e Edie viu o rosto distorcido de repente ficar branco e limpo dentro da água, os olhos abertos em terror, a boca ainda aberta gritando, agora respirando água. Ela não sabia por que, mas sentiu que conhecia aquele rosto. Então a boca parou de se mover e os olhos ficaram estáticos. Algo escuro passou entre Edie e “o outro tempo”, e ela estava tentando respirar no “agora”, enquanto o carnaval no gelo, o elefante e a menina afogada tinham desaparecido. E na frente dela estava o rio líquido e as luzes elétricas que deixavam os contornos severos em tudo, até mesmo na escuridão.

George estava ao seu lado, perturbado e aflito.

— O que aconteceu?

E tudo o que ela conseguiu dizer, com o coração repleto de uma nova e inexplicável tristeza foi:

— Eu o perdi.

— O quê? Perdeu o quê?

Ela se levantou da água e ficou parada um momento, olhando para o meio do rio como se pudesse conjurar o passado de volta mais uma vez. Depois sacudiu a cabeça e limpou o rosto.

— Eu não sei.

E começou a caminhar na direção da ponte que se inclinava por cima da água à frente deles.

— Eu estava olhando para o elefante.

CONTORNOS ÁSPEROS

O CAMINHANTE ANDOU PELO apartamento de George, olhando para todos os brinquedos e modelos de animais de barro. Tirou o capuz enquanto se movimentava e fez uma careta como se o que estivesse vendo de alguma forma o ofendesse.

Sua boca era daquelas que têm uma expressão carrancuda permanente, os lados esticados expondo os dentes e a gengiva, como se o próprio ar que respirava tivesse um gosto ruim. Seus olhos tinham a cor violeta-escuro e eram afundados na cara. Tinha uma barba curta ao redor da boca, embora suas faces fossem lisas. A barba se ligava a um tufo de bode na ponta de seu queixo. Havia uma pérola solitária pendurada numa argola de ouro enfiada numa orelha, e ele usava um chapéu preto sem abas no topo da cabeça.

Ele parecia um mágico que virou um pirata. Não era, porém, um mágico bondoso ou um pirata bonzinho.

De repente ele levantou a mão, pegou um pequeno molde de barro de George quando bebê e enfiou no bolso. Tirou então uma adaga com um cabo adornado de pedras preciosas da bainha pendurada nas costas de seu cinto embaixo da capa e abriu uma gaveta.

Pegou uma camiseta, cheirou e jogou para um lado.

Atravessou o quarto e achou uma cesta de roupa. Tirou uma camiseta suja.

Cheirou-a e sorriu.

Com a adaga, rasgou um retalho e deste retalho cortou novamente três retalhos.

Enfiou os retalhos no bolso e saiu do quarto.

Quando chegou na sala, parou em frente ao busto da mãe de George. A cabeça estava jogada para trás, rindo, os cabelos fixos num eterno esvoaçado de prazer. As mãos dele acariciaram os ombros nus e a curva exposta do pescoço dela e desceram até a margem da escultura, onde as curvas sensuais e lisas de repente terminavam em cantos afiados e ásperos, como se alguém tivesse usado uma serra e raivosamente removido alguma coisa da escultura que — quando se olhava com mais atenção — pendia um pouco para o lado. Seus dedos se deliciaram com os contornos ásperos mais uma vez, e, abruptamente, ele se virou e saiu, deixando a sala vazia para a noite.

GEORGE NO COMANDO

UMA ESCADA DE FERRO TINHA SIDO afixada à muralha de proteção do rio. Ela levava a degraus de pedras oleosas que por fim terminavam na rua iluminada acima. George subiu o tanto que pôde, até chegar a uma folha de metal com cadeado, colocada nos dois últimos metros da escada para proibir que as pessoas descessem para o rio. Ele aproximou seus pés do corpo e usou a curva do metal e seus dois braços para se segurar, enquanto negociava os últimos degraus da escada, seus pés firmes no lugar por conta da fricção e da sua força de vontade.

Ele respirou fundo e enfiou a cabeça por cima do parapeito. Seus braços ardiem com o esforço de agüentar seu próprio peso, mas ele só pisaria em terra seca se tivesse certeza de que haviam andado o suficiente para estarem seguros. Olhou à esquerda e, com alívio, não viu sinal do Dragão. Estavam bem longe dele. Olhou à direita e não viu nada ameaçador, além da passagem que desaparecia embaixo da ponte, quase que em cima dele.

Virou-se e levantou o polegar em sinal de ok. Edie não estava olhando para ele. Estava ocupada olhando para o rio.

— Ei!

Ela olhou para cima, os olhos pareciam levar um tempo enorme para voltar de um lugar muito distante para o presente. Ele fez o sinal de novo.

— Tudo bem. Estamos no centro de Londres. Nenhum dragão à vista.

George subiu no parapeito e pulou para o passeio do rio. Embaixo dele, Edie começou a subir.

— O fato de não haver dragões não quer dizer que seja seguro.

Sua voz séria soava ainda mais severa do que o normal. Ele se perguntou se não seria o frio. E ao pensar nisso, lembrou-se do que estivera ignorando este tempo todo: estava ensopado, enlameado e com muito, muito frio. Agora que chegara a um lugar relativamente seco, seu corpo o deixou sentir a força bruta da exposição aos elementos. O corpo funciona em piloto automático quando se está correndo de medo e fornece adrenalina para o sistema para ajudá-lo a lutar e — no caso de George e Edie — a fugir. Infelizmente, só há uma certa quantidade de adrenalina ao sistema, e chega um momento em que ela acaba. George sentiu que a sua estava escorrendo pelas solas de seus pés, o fazendo agora sentir cada detalhe de seu desconforto, tudo de uma só vez. Até a pedra embaixo de seus pés parecia congelada como uma placa de gelo.

Porém, uma coisa era boa. Uma coisa tinha mudado. Talvez fosse o choque que Edie lhe dera quando disse que o Artilheiro já era, ou talvez fosse por ele a ter arrancado da água quando ela afundou, e ele achou que tinha ficado sozinho de novo: mas no momento em que decidiu tomar a liderança, sentia-se um pouco menos fora de controle. Não esperava que Edie aceitasse sua liderança para alguma coisa, mas por enquanto ele liderava e se sentia muito bem com isso. Sentia menos pânico, porque tinha mais alguém com quem se preocupar além dele. Era estranho.

Ele tirou os sapatos do bolso e tentou enfiar os pés neles. Molhados, os pés resistiam ao forro de couro e pareciam ter crescido de tamanho, e assim ele acabou desistindo — bem na hora em que Edie deslizou pelo parapeito e se juntou a ele, pingando na calçada. Os dois tremiam incontrolavelmente, agora que a adrenalina havia esgotado seus sistemas.

Edie tinha uma aparência terrível, como se a água e a lama tivessem consumido sua resistência usual. Ela tremia como uma chama se apagando. Seus lábios estavam cerrados e azulados.

George sabia que ela sentia muito mais frio do que ele, como sabia também que precisava continuar liderando.

— Vamos. Vamos correr.

Ela ergueu os olhos, a luminosidade comum neles embaçada com a tristeza e o frio. Para variar, ela não disse uma palavra, não discutiu, nem reclamou. Ele apontou o dedo para a ponte.

— Esta é a ponte Blackfriars?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então vamos correr até ela e achar o tal do Frade Preto.

— Não quero correr.

Ela se acocorou e se abraçou, tentando conjurar a última chama de calor de seu íntimo. Sua mão pegou o disco de vidro e ela olhou para ele, certificando-se. Estava apagado e seguro, molhado pela água do rio. Ao vê-lo molhado, ela se lembrou do mar, da praia em que encontrou o vidro e o guardou. Sabia que mesmo aquele momento fora um agouro: tinha notado o vidro entre os seixos molhados e agachara para apanhá-lo sem pensar muito, mas quando sentiu o peso do vidro na mão, percebeu que havia algo especial nele e não quis que o pai o visse, o tocasse ou o tomasse dela.

Ele não tinha percebido quando Edie se agachou para apanhá-lo porque estava agindo estranho, olhando para o mar, tentando acender um cigarro naquele momento. Estava agindo estranho porque a tinha levado para a praia para contar que sua mãe não voltaria mais e que seriam apenas os dois por enquanto, “até as coisas se ajustarem”.

No trem que levou Edie para Londres, ela se sentou ao lado de duas famílias felizes retornando de um dia na praia, e uma das mães com sotaque muito refinado disse para a outra que o que ela sempre gostava na praia era da ausência de crianças infelizes. A outra mãe riu e disse que era verdade, a não ser que fosse hora de voltarem para casa. Edie quis gritar. As piores coisas que aconteceram para ela se passaram à beira do mar ou — se não aconteceram — então ficou sabendo delas numa praia, em frente a um mar muito insensível cujas ondas se quebravam em um ritmo infinito com sua superfície esverdeada, agitada pelo vento, duras e imperdoáveis como pedra líquida.

Foi por isso que ela pegou o trem para Londres quando precisou fugir. Todos os outros trens iam para lugares que ela sabia que ficavam à beira do mar. Não tinha vindo a Londres pelo brilho das luzes ou porque era a capital.

Tinha vindo porque Londres ficava longe do litoral.

George sacudiu o ombro dela, arrancando-a de suas recordações.

— Edie, vamos. Temos de continuar andando.

— Me dê um minuto — disse ela, tremendo. — Estou gelada.

George ficou pulando sem sair do lugar. Seu pai o havia levado uma vez para acampar e fazer trilhas no norte do país, num Natal coberto de neve. E ensinou para ele como se movimentar para ficar aquecido, como ver se o frio estava causando ferimentos nas pontas dos dedos, como se abraçar dentro de uma barraca para se manter aquecido durante a noite. Ele se sentiu no meio de uma aventura de verdade, dormindo numa barraca no meio da neve sem barulho nenhum, a não

ser o do vento que açoitava a lona e o do ronco de seu pai ao seu lado. Lembrava-se da viagem como uma aventura, mas também como uma coisa segura. A lembrança do calor do abraço de urso gigante de seu pai adormecido fez seus olhos arderem, fez ele perceber o quanto estava com frio e sozinho e sem segurança nenhuma naquele momento. George deu um tapinha em Edie.

— Edie. Estou falando sério. Precisamos nos mover. Vamos acabar com pneumonia desse jeito.

Ela se fechou ainda mais para dentro de si mesma. George precisava fazê-la se mover e, olhando para sua mão fechada, viu exatamente como faria isso.

— Edie. Você pode ficar aqui. Agora se quiser isso aqui de volta, vai ter de correr.

Dizendo isso, arrancou o vidro do mar da mão dela e saiu em disparada.

A mão dela se fechou no nada e ela ergueu a cabeça. De repente estava de pé, correndo, mesmo antes de perceber que havia tomado a decisão de se mover.

— Espere!

George voltou os olhos para ver se ela o estava seguindo e continuou correndo. A calçada da margem do rio continuou por baixo da ponte. As colunas ornamentadas que decoravam os pilares de pedra da ponte eram iluminadas. Ele estava com tanto frio que até sentiu o calor que emanava das luzes em um lado de seu rosto enquanto corria por baixo do arco de metal pintado de vermelho.

Edie notou que ele corria para a entrada de alguma coisa.

— George!

Ele já se sentia um pouquinho melhor porque estava correndo e se aquecendo. Era bom que ela o seguisse. Ele levantou o vidro sobre a cabeça para ela não desistir.

— Venha! Venha pegar!

Ela olhava enquanto ele corria para dentro da garganta, embaixo das costelas de metal da ponte. Primeiro Edie pensou que era um reflexo, mas logo viu com horror o que realmente era: o vidro do mar brilhou, depois resplandeceu. Sua luz cortava intermitente as barras de ferro verticais que se enfileiravam no caminho do lado contrário ao rio, enviando listras luminosas e sombrias para dentro do espaço enjaulado à frente.

Mas não foi isso que a fez gritar para avisá-lo.

Não apenas isso.

À frente de George, duas silhuetas se aproximavam velozmente, mas as pernas não pareciam se mover. Eram como estátuas que deslizavam estranhamente na sua direção, carregando nas mãos armas — lanças talvez, ou foices.

Um deles trazia sua arma à altura do tornozelo e o outro a carregava sobre o ombro, informalmente, mas pronto a atacar. Pareciam cobertos com armaduras e a luz refletia nas grevas em suas canelas.

Edie gritou por George no momento em que um deles se pôs em movimento, deslizando de um lado para o outro, fazendo-se ainda mais veloz enquanto se colocava em um caminho de colisão com o menino.

George ouviu o aviso de Edie quase no momento em que o primeiro deles começou a passar sua arma pelas barras de ferro, fazendo um barulho alto e intermitente de madeira batendo enquanto deslizava em direção a George.

Não era um monstro, nem estigma, nem estátua. Nem estava interessado em outra coisa a não ser fazer barulho com seu taco de hóquei para chamar a atenção de seu amigo, que tirou seu taco do ombro e começou a fazer a mesma coisa com seus patins, emitindo o mesmo barulho nas barras de ferro quando passou por George.

Quando eles saíram de baixo da ponte, rindo e patinando, Edie viu o que eles realmente eram: jogadores de hóquei sobre patins indo para casa.

Ela respirou aliviada por um momento e em seguida correu o dobro para alcançar George.

— Ei!

Ele acenou com o vidro, ainda sem olhar para Edie, e virou para a esquerda, na direção da boca do túnel. O vidro ainda brilhava o seu aviso despercebido.

— Não! embaixo da terra não! — gritou Edie. Mas George não ouviu.

À sua frente, o túnel descia para debaixo da terra, fazendo uma curva através da antiga encosta do rio e da camada de terra usada no aterro para construir a rotatória no fim da ponte.

Quando entrou no túnel, ele sentiu o calor subir e ficou contente que o túnel tivesse capturado o calor do dia dentro dele.

NO SUBTERRÂNEO

ERA UM TÚNEL LONGO, anônimo, quadrado, como qualquer passagem subterrânea em uma cidade comum. As paredes eram cobertas de painéis com nervuras verticais e o chão era quadriculado com piso amarelo e preto. Era um espaço que levava daqui para ali, um espaço que não se nota porque não é feito para ser notado. Você passa e esquece uma dúzia de espaços como este no seu dia-a-dia. Na sua mente, você está sempre em ALGUM LUGAR, mas nunca em um limbo como este lugar. E se houver qualquer tipo de contato humano neste espaço, geralmente é não mais do que o olhar deprimido de um músico ambulante, ou o cheiro da mijada de um oportunista contra a parede, no desespero de não achar outro lugar e por ninguém estar olhando. Ou ainda a idéia de que as passadas atrás de você possam ser as de um assaltante, porque um espaço raramente ocupado e totalmente despercebido, fora da vista e sob a pele da cidade, é o lugar ideal para um assalto.

George não pensava em assalto quando olhou para trás. Estava apenas se certificando de que Edie ainda o seguia.

E por estar olhando para trás, não viu a mão que o agarrou, embora tenha ouvido um estalo e o barulho de algo rachando um instante antes de ser agarrado.

Enquanto a mão o agarrava firme pelo braço, George instantaneamente pensou em um assaltante. No seu subconsciente, como no de qualquer um, George já sabia que um dia estaria sozinho em um lugar como este e que um assaltante apareceria. Porém, na hora em que se virou, ponderou por um instante em que canto o assaltante estaria se escondendo, porque o túnel estava completamente vazio um momento antes.

A mão que contorcia e apertava o seu braço não era de nenhum assaltante.

Ela vinha da parede.

Ou melhor, ela se protuberava de uma rachadura que ela mesma fez na parede depois de um estalido e de um craque. E com o craque veio um sopro quente que aumentou o calor na passagem subterrânea, como se alguém tivesse aberto um forno.

Ele teve um instante de calma e clareza antes do pânico o dominar, e, naquele momento estático, viu a mão, o braço e seus detalhes com um desprendimento quase científico.

Aquele não era um braço humano porque a mão tinha muito mais dedos e nenhuma articulação. Os dedos se enrolavam ao redor de seu braço como um grupo de serpentes competindo, pulsando e se contraindo, crescendo e se engrossando na frente de seus olhos.

Não era um braço humano porque não estava coberto de pele. Não tinha nada por cima e o que não estava coberto não era nem carne, nem osso. Era a própria terra da cidade, a terra viva e a lama que sempre fica a apenas alguns centímetros sob a camada da superfície de pedra e asfalto. Enquanto ele olhava num estado de choque e fascinação, os fragmentos de pedrinhas, alguns maiores que os outros, se expeliam do barro, desciam ao longo do antebraço como trilhas minúsculas e se juntavam formando tendões.

Por último, aquele não era um braço humano porque já tinha um metro e meio de comprimento.

O pânico finalmente chegou e George derrubou o disco de vidro do mar, contorcendo-se e

empurrando, tentando se libertar. O calor se intensificou e parecia engrossar o ar ao seu redor, dificultando sua respiração.

— Edie! — berrou ele, tentando olhar para trás e chutar o braço ao mesmo tempo.

Um barulho ritmado e crescente como um CHUNCA-CHUNCA o fez virar a cabeça de volta e o deixou estático pela segunda vez. Alguma coisa se aproximava dele por baixo do piso, algo como um tubarão, formando uma onda ameaçadora sob o piso amarelo e preto.

Embora ainda estivesse preso pelo braço, ele conseguiu dar um pulo e botar as pernas para um lado da passagem, desesperado para manter seus pés livres do perigo. O suor escorria de seu corpo e ele viu que suas roupas ensopadas começavam a soltar vapor naquele calor sufocante que parecia enjaulá-lo.

— Edie!

Ele estava fincado horizontalmente no meio do túnel, com os pés lutando para se firmar na parede.

O atacante subterrâneo simplesmente mudou de tática. A onda de pedra mudou de curso e virou-se para a beira da parede, começando a subir e fazendo com que a parede em si começasse a inchar, continuando a própria onda. De repente, quebrou a superfície com um ruído de rasgão e um único dedo apontado surgiu e começou a se transformar em um nó de galhos de trepadeiras, semelhante à gigante réplica de barro de um ouriço, na ponta de outro braço se movimentando para agarrar os tornozelos de George. Numa última explosão de energia que brotou do pânico, ele se contorceu horrorizado, tentando correr mais para o alto da parede para chegar ao teto. Mas os galhos chegaram antes e seguraram sua perna direita com uma chicotada, com uma força que doía ainda mais do que o braço-monstro agarrando seu braço.

Edie chegou à entrada do túnel e parou assustada com o que via à sua frente. Ou melhor, não é que visse bem, era mais como uma impressão. Havia dois Georges, pelo menos era o que parecia: um parado no meio do túnel, imóvel; e outro sendo segurado no ar, perpendicular ao George parado — ou um George-de-mentirinha, porque era uma imagem translúcida, quase invisível, como um vapor com uma imagem projetada nele. Ela não via exatamente quem ou o quê estava segurando o quase-George, mas pelo jeito que ele se movia, este George estava lutando, e lutando muito, para se libertar.

Então ela viu o teto rachar, como se o teto-fantasma estivesse se movendo, e aí o teto-fantasma se partiu e ela achou que ouviu muito, mas muito distante mesmo, alguém sussurrando o seu nome.

— Edie!

George viu a massa sólida marrom do teto se partir na sua frente e gritou como nunca havia gritado na sua curta vida — uma vida que parecia que não ia durar muito além dos próximos segundos.

Uma coluna de argila se despreendeu da rachadura no teto e ficou pendurada na frente dele. Enquanto ele observava aterrorizado, ela começou a rodopiar lentamente, como se estivesse sendo moldada por um exército de mãos invisíveis. O pé da coluna se expandiu, enquanto o topo se afinou, transformando-se em um cabo da grossura de um poste telegráfico. Quando a coluna chegou a um formato de cone, o cabo se flexionou, se curvou e inclinou a base do cone na direção de George.

George parou de gritar. Parou de fazer qualquer coisa. O único movimento que fez foi uma

piscada de reflexo enquanto seu cérebro lidava com o suor ardente que pingava nos seus olhos. E ficou apenas olhando.

A base do cone era uma boca, e nela havia dentes: dentes que se moviam, trituravam e batiam-se uns nos outros; não eram dentes de verdade, eram pedaços afiados de pedra e vidro quebrado, latas de refrigerante enferrujadas e afiadas e cacos de porcelana. Eles se mexiam num movimento constante, girando no queixo de terra do cone, tirando lascas e friccionando-se entre si.

George estava olhando direto no coração de um redemoinho lento de lama, e o que via era um moedor de carne.

A mão e os tentáculos que seguravam seu braço e sua perna o puxavam e o torciam, e a dor passava pelo seu corpo enquanto ele se esticava. Ele estava sendo torcido como um pano de prato, e então percebeu com clareza que estava sendo segurado na frente da boca para ser degustado como uma espiga de milho. A perna era o que mais doía, e conforme ela era torcida, ele sentiu que ia ser arrancada de seu quadril. A dor se tornava insuportável e ele sabia que perderia os sentidos a qualquer momento. No mesmo instante, se deu conta de que se perdesse os sentidos viraria carne moída no moedor. Por isso procurou, e encontrou, no fundo de seu íntimo, uma negrura pegajosa para onde ele baniu a dor, a fim de enfrentá-la numa outra ocasião. Então ele usou todo o resto de força que ainda possuía para atacar o braço ligado aos tentáculos que seguravam sua perna.

Novamente pensando duas coisas ao mesmo tempo, ele sabia que era um gesto fútil, mas sabia também que às vezes tudo o que resta é a esperança fútil. Quando sua mão acertou o braço, ele sentiu atravessar a terra molhada e pegajosa, as pedrinhas afiadas e as raízes mortas, livrando o ar puro e os seus pés, colocando a gravidade de volta em seu curso e permitindo que ele descesse da horizontal para a posição vertical.

George sentiu o sopro do ar quando a boca deu o bote exatamente no lugar onde ele tinha estado e ouviu o triturar dos dentes. Sentiu então a dor em dose dupla no seu braço, que agora arcava com todo o seu peso e que continuava preso à outra mão de terra. Seus pés dançavam a dez centímetros do chão, procurando desesperadamente algo em que se firmar, e, quando o cone de dentes se afastou, como uma serpente se retraindo para dar o bote, George atacou.

Sentiu novamente a mesma textura de barro, de pedras e de lixo, e depois sentiu o ar. Desta vez viu o que sua mão realmente fez: o cone simplesmente parou de existir e se desintegrou para o chão num vômito de terra e pedrinhas, tão ameaçador quanto uma pá de terra esparramada no chão ladrilhado aos seus pés.

George agarrou os dedos que apertavam como uma jibóia o seu braço e descobriu que eles também se dissolveram em um monte de terra quando ele os tocou com sua mão. Era tão simples como abanar uma sujeirinha na manga da camisa.

Ele pisou no chão e procurou se equilibrar.

Edie viu o quase-George que flutuava na horizontal brigar, se debater e depois cair desequilibrado. Então os dois Georges se transformaram em um, e a cena ficou nítida. Um menino sem imagens fantasmas. E Edie correu até ele.

— George. Saia daqui, depressa!

Ela não tinha idéia do que acabara de presenciar, mas sabia que não era coisa boa, e sabia que tinha a ver com ele estar no subsolo. Ela precisava tirá-los dali o quanto antes.

Edie agarrou o braço molhado de George e o puxou. Ele deu um passo para frente, depois parou.

— E-espere aí.

George se agachou e pegou alguma coisa no chão, e os dois começaram a correr, subindo os degraus para o ar livre da noite lá fora. Ele então respirou como um homem bebendo água depois de um dia duro de trabalho numa fornalha.

Obviamente o ar frio e o choque o fizeram tremer de novo, e seus dentes tiritavam. Ele olhou para Edie.

— O que foi? — perguntou ela.

Ele entregou a coisa que tinha derrubado na passagem. Ela pegou e olhou para o vidro. Se havia luminosidade nele, era muito leve, tão leve que poderia até ser sua imaginação, ela pensou.

— Desculpe por ter tomado o vidro. Só queria que você corresse atrás de mim. Não sabia o que mais poderia fazer para que você se movesse...

Ela pôs o vidro do mar no bolso e fechou o zíper com um ar de “assunto encerrado”.

— Bom, não faça isso de novo. Nunca mais.

— Não vou fazer.

Edie tremeu e esfregou seus braços molhados. Seus dentes começaram a tiritar de novo.

— E se é para roubá-lo, pelo menos olhe para ele, seu idiota. É para isso que serve. Você correu direto para os braços daquilo que você enfrentou.

Ele sentiu a dor no braço e no tornozelo e se lembrou da terra se rasgando com os tendões de pedregulhos e a boca cheia de lixo afiado. Decidiu deixar para pensar naquilo mais tarde. Agora ele queria continuar andando.

— Tá bom.

— Poderia ter lhe poupado esse tumulto todo.

Ele fez que sim com a cabeça, contente de estar fora do túnel, acima da terra e respirando normalmente. Limpou a garganta. Talvez pudesse conversar com ela sobre aquilo, se é que ela viu, e é claro que ela DEVE ter visto. Talvez ela pudesse achar uma explicação para aquilo tudo.

— Você sabe o que foi aquilo?

— Além de ser uma coisa terrível e assustadora?

— É.

Ela negou com a cabeça.

— Não tenho a mínima idéia. Apenas mais um pesadelo.

— Mas você viu, não viu?

Era importante para George, de repente, saber que ela tinha visto tudo.

— Eu vi ALGUMA COISA. Como camadas ou... não sei bem. Pedacos de coisas. Você estava parado, mas então havia um outro você flutuando e lutando e depois... ah, é complicado.

Ele concordou com a cabeça.

— Talvez o Frade Preto possa explicar.

Ela negou com a cabeça.

— Pergunte a ele apenas sobre o negócio com a Pedra de Londres, como o Artilheiro pediu. Simplifique as coisas.

— Por quê?

Ela deu de ombros e começou a andar na calçada, indo para longe do rio, esfregando-se para se aquecer, tentando fazer seus dentes pararem de bater.

— Não sei. Toda vez que falamos com um desses cuspidos, eles já nos confundem o suficiente sem precisarmos dar razões para serem ainda mais vagos. A Pedra de Londres é a chave, então é melhor não dar a ele a oportunidade de complicar a resposta que nos dará.

O FRADALHÃO NEGRO

GEORGE SEGUIU EDIE até um PUB de quatro andares, um prédio estreito e triangular, com seu ângulo mais agudo esticando-se para o rio, como a proa de um barco em terra seca. No primeiro andar, acima do mosaico verde e dourado formando os números 174, uma estátua negra de um monge gordo estava posicionada como uma figura de proa, sua mão descansando na parte de cima de uma barriga protuberante, apoiada por um cinto longo com borlas nas pontas.

As duas crianças pararam embaixo dele. O PUB estava fechado. Olhando para o Frade, tudo o que viam de seu rosto eram as duas bochechas largas, as dobras do queixo e um nariz pontiagudo. Ele parecia ter uma aparência alegre, mas era apenas impressão, já que não conseguiam ver seus olhos. Acima de sua cabeça havia um relógio amarelo que tomava a forma de um halo. George olhou incrédulo para o relógio.

— Não podem ser cinco para as sete! Deve ser muito mais tarde que isso.

— Aqui são sempre cinco para as sete, meu filho. Cinco para as sete é a hora sociável, promissora; o fim do dia de labuta, a noite oferecendo como em um banquete o prazer de diversões variadas; é a hora para se aquecer, para fazer amizades, para conversar.

A voz soava das alturas, uma voz melodiosa, rica e doce, em que se ouvia um riso controlado e a alegria tinindo como um toque de sino.

— É para conversar que estamos aqui — disse Edie, dando um passo atrás para ver melhor.

O Frade Preto abaixou a cabeça para olhar para ela, seu rosto rechonchudo oscilando entre surpresa e riso.

— Você me ouviu?

— E para dizer a verdade, a parte sobre se aquecer também é uma boa idéia — acrescentou George, correndo sem sair do lugar e se esfregando para tentar se aquecer.

— Vocês DOIS me ouviram? — perguntou o Frade, olhando de um para o outro.

— E nós dois estamos com frio — disse Edie.

— E molhados — acrescentou George. — Com frio e molhados.

— Quem diria! — disse o Frade. — Cuidado aí embaixo.

Ele deu um passo para frente e pulou para o chão, sua batina formando um pára-quedas negro ao seu redor. Atingiu a calçada com um baque que condizia com seu peso considerável. Estirou as pernas, ajustou a roupa e avaliou os dois. De perto, eles podiam ver que seus olhos certamente possuíam rugas profundas de riso, o que lhe dava o ar de um monge alegre e amigo, um alívio, já que seu tamanho tinha tudo para ser ameaçador em outras circunstâncias.

— Você disse conversar? Conversar sobre o quê? E por que razão? E para qual objetivo, sem dúvida, também?

George e Edie olharam um para o outro com um ar que se traduzia como “O quê?!” em qualquer língua.

— Desculpe?

— Desculpa aceita. Não pense mais nisso. Já está esquecido — disse o Frade, sorrindo para eles.

George começou a se perguntar se o monge não era um pouco tanta. Edie só achou que ele era irritante.

— O Artilheiro nos disse que você poderia nos ajudar. E estamos precisando de sua ajuda.

— O Artilheiro, você disse?

— Por favor — disse George.

— Eu conheço muitos Artilheiros.

— Nós conhecemos apenas um. Ele é um cuspidor, como o senhor.

Houve uma longa pausa, enquanto o Frade os examinava. Por fim, ele deu uma risadinha e mostrou a porta do PUB.

— Por gentileza. Qualquer amigo do Artilheiro, qualquer que seja ele, é amigo meu também. Vocês não chegaram numa hora adequada; o bar foi fechado para a reforma dos sanitários no subsolo, que devo admitir que já estavam um pouco nocivos devido aos anos de uso constante. Por gentileza, vão entrando. Hospitalidade é o nosso lema, não importa a que horas.

George tentou abrir a porta, mas ela não se moveu. Edie tomou a dianteira e tentou abrir, também em vão. Ela se virou com um olhar acusativo para o Frade.

— Está trancada.

— Bem, bem, o amor vive rindo de chaveiros — ele disse, entre risos.

— O quê?

Ele passou à frente.

— Para aqueles de coração puro, nenhuma porta jamais se fecha.

O Frade remexeu na maçaneta por um momento e a porta se abriu.

— Como podem constatar.

— Você usou uma chave — observou Edie baixinho. Ele deu um suspiro melodramático, os ombros se abaixando com bom humor, como um feiticeiro decepcionado.

— Abençoados sejam seus pequenos olhos aguçados, vamos ter de ficar de olho em você, pode ter certeza.

Ele ficou parado de lado e os dois entraram no PUB. Era um espaço estreito, com ângulos inconvenientes. No escuro podiam-se deduzir contornos estranhos e reflexos que surgiam e desapareciam com o passar dos faróis dos carros lá fora. As garrafas atrás do bar e os utensílios de cobre reluziam com os reflexos fragmentados das luzes dos postes na rua.

Havia escadas e outros objetos de construção espalhados pelo chão, e um pano protetor cobria a superfície do bar, como uma mortalha descartada.

A porta fechou-se atrás deles. O Frade Preto passou para a frente com uma agilidade inesperada para um homem tão grande e pesado.

— Venham, venham, cuidado com a bagunça dos operários; venham para esta sala aqui, a alcova, e teremos calor e iluminação. E então vamos ver em que posso ajudar vocês, porque para mim está claro que, a não ser que tomemos providências, vocês acabarão ficando com coriza.

Ele os empurrou através do lado esquerdo de três arcos baixos e os fez sentar em um banco no

fundo do espaço abobadado, os deixando ali e rapidamente descendo os degraus de uma escada atrás do bar. Edie olhou para George.

— Coriza!

— Pois é. — George deu de ombros.

Ele estava morrendo de frio de novo. Suas roupas grudavam na pele como ataduras molhadas.

— Será que podemos confiar mesmo em algo que diz coriza?

Ele ouvia os dentes dela tiritando no escuro. Antes que pudesse dizer alguma coisa, ouviu um barulho e o Frade reapareceu, carregando alguma coisa pesada que retinia cada vez que ele subia um degrau.

O Frade obscureceu as luzes da rua quando passou pelo arco. Agachou-se para pôr no chão à frente deles um bujão pequeno de gás e um aquecedor na forma de um torpedo.

— Os operários estão tentando secar o porão. Tenho certeza de que eles considerariam uma falta de caridade cristã privar vocês deste calor em sua hora de necessidade.

Levantou o braço e uma trouxa de roupa caiu no chão.

— Roupas secas. Toalhas. As pessoas esquecem coisas — disse ele. — O perigo da indulgência extrema em uma taverna como esta é que você chega em casa com uma dor de cabeça a mais e um casaco a menos, não acham?

Ele riu de seu próprio humor.

— A tragédia diária do homem gregário, sem dúvida! Peguem o que precisarem, por favor. Vou lhes dar privacidade enquanto se trocam. Talvez algum alimento seja...

— Sim — disse Edie, tão rápido que George pensou que ela talvez não tivesse comido nada há um bom tempo.

Ela se ajoelhou sobre as roupas e pegou um punhado de toalhas.

— Essas toalhas são de bar. São minúsculas.

— Ainda bem que temos uma porção delas — disse George. Ele se ajoelhou em frente ao aquecedor e olhou. Virou o botão no topo do bujão de gás. Ouviu o farfalhar de roupas atrás de si e começou a se virar.

— Ei, estou me trocando — disse Edie, ainda com a voz trêmula de frio.

— Tudo bem. Não estou olhando — disse ele tentando ajustar o aquecedor na luz fraca da rua.

— Estou tentando ligar o aparelho para nos esquentar.

— Sabe como ele funciona?

Ele viu o fio. Havia uma tomada na parede perto de seu joelho. Ele enfiou o plugue na tomada. O ventilador começou a girar dentro do torpedo.

— Meu pai tinha um desses no estúdio. Só usava no inverno. Espere aí.

Ele girou o botão que parecia uma torneira. Nada aconteceu. Edie deu um muxoxo de desprezo.

— Você disse que sabia como ligar.

Ele contou até dez e pressionou o botão. Escutou o clique e um barulho como uma faísca se acendendo, e então um imenso vruumm fez o aquecedor começar a trabalhar. Um círculo de chamas dentro da caixa de metal foi empurrado pelo ar do ventilador e as barras de ferro começaram a ficar da cor de brasa. George pôs a mão na frente do aparelho e sentiu o calor

subindo rápido. As chamas foram de azuis para vermelhas e depois quase brancas, e logo o calor era muito intenso para que ele pudesse ficar com a mão na frente.

— Que bom — disse Edie, quase impressionada. — Muito bem.

As chamas do aquecedor também iluminavam a alcova. Era um espaço abobadado como um barril, de uns dois metros de largura por cinco de comprimento, e cada centímetro estava coberto de mármore marrom com veias negras. Havia colunas e pilastras, espelhos e encaixes de alabastro para lâmpadas e pequenas estátuas em todo canto. Acima deles, a curva da abóbada refletia a luz em milhares de peças de mosaico dourado, contornadas com linhas finas enxadrezadas em preto e branco. No centro do teto, havia uma rosa-dos-ventos, e, ao redor da parede, uma cornija com letras elaboradas, formando várias frases que não tinham conexões umas com as outras. George olhava para uma que dizia “a pressa é devagar”. Virou-se e leu uma outra que sugeria: “requite é bobagem”.

— Ei — disse Edie, vestindo um longo pulôver masculino, muito maior que seu tamanho.

— Desculpe — disse ele, olhando para longe. — Esse lugar é muito esquisito, não é?

— Esquisito é a palavra certa.

— É como estar dentro de uma igreja ou coisa assim.

Ela passou por ele e colocou a saia e as meias numa cadeira na frente do aquecedor.

— Você não quer tirar a roupa molhada?

Ele deu um passo para trás. Ela ficou na frente do aquecedor, olhando para a decoração ao redor deles, esfregando os cabelos com uma toalhinha de botequim. Ele percebeu que ela ainda segurava firme o vidro de mar.

George tirou o casaco e a camisa e esfregou o peito com as toalhas de bar. Sentiu-se bem e a dor em seu braço, na mão e no tornozelo era quase suportável agora. Começou a ficar aquecido. Remexeu na pilha de roupas, encontrou um cardigã de lã e se enfiou nele, sem nada por baixo. Estava contente de estar seco e não se importou com a aspereza. Era real e confortável. Ele desabotoou o cinto.

“Não faça propaganda — faça fofoca”, dizia o trecho que Edie leu na cornija mais afastada. “Não sei o que quer dizer. Não faz sentido. Mas vou dizer uma coisa, este aquecedor é sensacional.”

UM TOQUE DE PULSO

NO MEMORIAL DE ARTILHARIA Real há outras estátuas. O Bombardeiro fica parado ao lado do canhão, dois coldres pendurados em cada lado de suas pernas. Na extremidade do canhão está o Oficial, as pernas afastadas, um casaco nos braços dobrados na altura do peito.

Uma motocicleta com escapamento barulhento dobra a curva quase vazia do Hyde Park Corner, aproveitando a ausência de trânsito para desenvolver uma velocidade geralmente não utilizada na cidade. O motoqueiro passou muito veloz para observar o leve movimento, mesmo se fosse um movimento que ele pudesse detectar em circunstâncias normais.

O Oficial virou o pulso e abriu a tampa de um relógio. Olhou as horas, fechou a tampa novamente e resumiu sua posição, olhando para os fundos do Jardim do Palácio de Buckingham, onde a rainha provavelmente mantém sua estufa. Embora ele estivesse em posição de descanso, seu rosto tinha a mesma expressão que teria se ele estivesse no meio de um treinamento de tropas. Era um rosto feito para a resistência.

O único indício que acusava os seus pensamentos era um leve tique, como se chupasse os dentes, fazendo um barulho irritante.

A MARCA DO FAZEDOR

GEORGE SECOU AS PERNAS com a toalha e se enfiou em um par de calças de pedreiro sujas de cimento. Eram para alguém pelo menos dez anos mais velho que ele, mas mesmo assim enfiou o cinto pelo cós e prendeu a fivela.

— Sinto-me quase humano — sorriu ele, enquanto enrolava as pernas da calça.

— Sei o que quer dizer, meu caro jovem.

A voz sonora ecoou na alcova antes de o Frade se abaixar sob o arco, carregando sacos de batatinha frita, pães e uma garrafa com um líquido verde. Pôs tudo em cima de uma mesa na frente deles.

— Aqueçam-se e comam. Quando pararem de tremer como varas verdes, vamos conversar. Mas primeiro, bebam isto.

Ele tirou a rolha da garrafa e pôs duas doses do líquido denso amarelo esverdeado em dois copos.

— O que é? — perguntou Edie com a voz cheia de suspeitas.

— Foi feito por monges — sorriu o Frade. — Ervas, flores e uma pitada de energético forte para levantar os ânimos. Vai esquentá-los por dentro. Pela goela, vamos!

George pegou o copo e tomou o líquido gosmento de um gole só. Fogo, mais do que calor, foi queimando sua garganta, e ele se engasgou com a intensidade. Era um fogo doce e pungente, com gosto de mel, um xarope de ervas que ele desconhecia. Quando parou de tossir, sentiu o fogo se abrandando dentro dele e alguma coisa começou a degelar no seu íntimo.

— Não é ruim — disse ele para Edie, que estava olhando para ver se ele ia ter um ataque e cair envenenado.

— Está bom — disse ela, engolindo o seu também, de uma vez. Edie não se engasgou ou cuspiu, mas seu rosto fez uma careta tão grande que deu para ele ver os seus dentes de trás.

— Eca! — disse ela, e se sacudiu. — É muito ruim. E você está achando muito engraçado, não é?

— Eu não achei tão ruim assim — disse ele.

— Tem gosto de água suja. Eca!

Ela pegou um pão, abriu no meio e rasgou uma embalagem de batatas fritas com sabor de camarão. Enfiou as batatinhas fritas no meio do pão e mordeu. Com a boca cheia, ela fez cara de sorriso.

— É para tirar o goshto gosmento — disse ela entre uma e outra mordida no sanduíche de batatinhas fritas. — Eshperimente.

Agora era George que fazia careta.

— Não, muito obrigado.

Ela deu de ombros, comeu o pão com duas mordidas e começou a preparar outro sanduíche.

O Frade se ajeitou em um banco com almofadas que corria em um lado da parede na alcova e chamou as crianças com um sorriso.

— Agora venham aqui e me contem o que é o quê, meus pequenos amigos. Contem o que andaram aprontando para se encontrarem nessa embrulhada.

— Não é embrulhada — retorquiu Edie. O monge riu com indulgência.

— E certamente não é nada engraçado — continuou ela, antes de enfiar os dentes na sua nova criação com uma mordida desafiadora.

— Ela tem razão — disse George.

— Tudo é engraçado de algum ângulo, eu lhes asseguro. Depende de que lado você está.

George compreendeu de onde vinha a frustração de Edie. Ele acabara de passar por um pesadelo e tudo que este cuspidor fazia era rir deles.

— Do lado em que estamos, a coisa é muito séria.

O Frade olhou para ele sério. Depois passou a mão sobre o rosto, da testa ao queixo, e, ao descobri-lo, suas feições mudaram, as linhas de riso desapareceram e foram substituídas por uma expressão sombria e séria.

— Pois bem, pois bem.

O monge se inclinou e olhou ao redor da sala. Olhou para os querubins-diabinhos no teto, pendurados em cada canto, mas George não notou qualquer movimento. O monge deu uma esticada em um ombro.

— E por que eu devo ajudar vocês?

— Porque você está do lado do bem.

— Estou? Não sabia disso. Pois não é que Judas também estava e agora é queimado na fogueira todo Sábado de Aleluia por um único deslize de caráter? Se é para falar em deslize de caráter, então isso eu não sei, porque minha vida inteira foi dedicada a evitar que eu chegue a um fim incendiado, por assim dizer. Agora quanto a essa história de fazer o bem...

O Frade certamente se deleitava na sonoridade de suas próprias palavras, pensou George com um toque de irritação. George tinha a distinta sensação de que as pessoas — ou melhor, as coisas — ficavam falando o tempo todo e ninguém lhe dava uma resposta direta, apenas o empurravam de uma experiência horrível para outra pior ainda. Sua voz soou inesperadamente seca.

— Sabe bem o que quero dizer.

Edie percebeu o tom e olhou para ele surpresa. O Frade empinou a cabeça para equilibrar as sobancelhas levantadas.

— De maneira nenhuma, Santo Deus. Sei apenas o que você está dizendo. Quem lhe disse que eu estou do lado do bem?

— Você é um monge — interrompeu Edie.

— E monges ajudam, é isso?

— É. Monges estão do lado do bem.

— Então deixe eu contar o que sou.

Ele abriu os braços num gesto de quem não tem nada para esconder. As mangas de sua batina se

dobraram, revelando braços fortes e musculosos que não pareciam tão gordos como George havia imaginado.

— Sou o que pareço, não mais, não menos. Sou um monge gordo e um alegre dono de taverna. O cidadão mais honesto que existe e o vigia vigiando a encruzilhada da estrada. Sou também um homem que gosta de conversar com aqueles que gostam de falar. Ofereço alegria e felicidade, aquecimento, animação e a absolvição de pecados passados, presentes e, até mesmo, por um preço, os futuros. Por fim, posso prover as necessidades e aliviar a jornada por este vale de lágrimas. Sou um companheiro para aquele que precisa e um provedor de QUIETUS. Se vocês compreendem aonde quero chegar...

Edie se mexeu com irritação, puxando o pulôver sobre os joelhos.

— O que estou vendo e o que estou ouvindo é que alguns cuspidos têm um hábito muito irritante de usar palavras que nós não compreendemos.

Ela olhou para George. George confirmou.

— O que é QUIETUS?

— Um QUIETUS, meu caro menino, é uma libertação, uma exoneração das preocupações da vida, um pagamento por completo, como em uma promissória ou um débito...

— Olhe — interrompeu Edie. — Escute aqui. Quase morremos para chegar aqui. Agora não é hora para lições de gramática.

O Frade apenas olhou sorrindo para ela e esperou. Quando nada aconteceu, ele ergueu uma sobrancelha e esperou um pouco mais.

— Ela diz a verdade. Ela foi sugada pela lama do Tâmis e eu... eu fui agarrado por alguma coisa na passagem subterrânea lá fora...

A outra sobrancelha se ergueu para acompanhar sua gêmea. O sorriso se alargou. George decidiu que esse negócio de as pessoas ficarem falando mais do que ele queria o deixava enfurecido. E quando chegava a hora de dizer alguma coisa importante, elas simplesmente paravam de falar e começavam a sorrir, como se o sorriso dissesse “vocês estão exagerando”. Isso é que era ainda mais irritante.

— Aconteceu sim! Na passagem subterrânea. As paredes me agarraram.

Os olhos do Frade se arregalaram e seu sorriso virou um “oh” de choque fingido.

— As paredes?

— Isso mesmo. As paredes.

George percebeu que estava erguendo o queixo, como Edie fazia. O monge se inclinou para a frente e ergueu uma sobrancelha de novo.

— Um trabalho do diabo uma parede agarrar alguém, você não concorda?

Ele riu, indulgente, o queixo sacudindo de prazer. A voz de Edie o interrompeu, baixa e seca.

— Não teve graça nenhuma.

Ele riu um pouco mais, mas se controlou depois de grande e visível esforço.

— Não. Imagino que não. As paredes agarrando você, é o que diz. Então imagino que delas tenham brotado mãos e... o quê? Elas beliscaram e agarraram você?

Ele começou a rir de novo, com a mão para cima se desculpando.

George não gostou nada da risada do monge gordo.

— Algo semelhante. Só que foi mais agarrando do que beliscando.

O Frade parou de rir e olhou para ele.

— Brotaram mãos das paredes?

— E tentáculos. E uma coisa que parecia uma boca numa estaca. Como uma cometa gigante com dentes.

A sala ficou totalmente silenciosa de repente, como se outras coisas além do Frade estivessem se esforçando para ouvir o que era dito. O Frade não estava mais sorrindo. O único ruído era o chiado do aquecedor a gás.

— E isso aconteceu? Realmente aconteceu? Com vocês dois?

— Só com ele — respondeu Edie.

— Mas ela viu — acrescentou George rapidamente.

O Frade olhou para cima, na direção das figuras e dos ornamentos talhados no teto do PUB. Nenhum deles mostrou vestígio nenhum de animação, mas George teve a forte impressão de que alguma coisa estava sendo dita que ele não conseguia ouvir ou entender.

O Frade Preto esfregou a cabeça e os olhos com ambas as mãos, como se estivesse tentando acordar. Sacudiu-se e sorriu para George.

— Do que eram feitas essas “mãos”, as mãos que o agarraram, se você me permite perguntar?

O sorriso pareceu ficar grudado na cara do frade, mas um pouco da expressão jovial pareceu sumir de seus olhos.

— Terra?

— Lama. Barro. Cascalho.

— E elas o agarraram? Elas o tocaram?

George afirmou com a cabeça e mostrou o tornozelo e o braço esquerdo. O vermelhão estava virando roxo e amarelo. Até Edie se impressionou.

— Nossa! Alguma coisa realmente o agarrou pelo braço e pelo pé.

— Eu lhe disse. Você disse que viu.

— Disse que vi ALGUMA COISA. Mas era como uma coisa fantasmagórica. Era como uma segunda imagem por cima do que eu estava vendo. Era...

Faltaram palavras para contar sobre o que ela quase tinha visto, por isso se calou. O Frade Preto se inclinou para perto de George e botou sua cara risonha bem na frente dele.

— Se você foi agarrado, e eu posso claramente ver que você foi maltratado por alguém...

— Alguma coisa. Algumas coisas — insistiu George.

— Certo, certo, meu caro, certamente que sim. Bem, vamos dizer, se essa terra o agarrou, como, eu gostaria de saber, você conseguiu escapar de suas garras?

— Eu dei um soco.

A expressão alegre voltou ao seus olhos.

— Você deu um soco e elas pararam assim, SEM MAIS NEM MENOS? Você vai me perdoar, mas parece improvável, se os elementos se elevaram a tal patamar que acharam forma e se

transformaram com tanta agressividade, que um simples, por favor me perdoe de novo, menino poderia com um soco se livrar deles. Não, eu creio que isso é um conto, uma ficção que alguém lhe contou e você...

— Não é ficção! Não é! Elas me agarraram e me esticaram de um lado para o outro e eu dei um soco assim e outro assim e elas se desintegraram assim, virando, sabe como é, lama e terra no chão e... O quê?

O monge estava olhando George demonstrar as suas ações naquela aventura desesperadora, e quando ele abriu a mão para demonstrar os socos que o salvaram, o monge pegou de súbito na mão de George.

Ele puxou-a firme, mas delicadamente, os olhos fixos na marca que o Dragão fizera sobre a pele.

— Onde foi que conseguiu isso?

— Conseguiu o quê?

O monge virou a mão de George gentilmente para que as duas crianças vissem a cicatriz.

— Isto. A marca do fazedor.

Mesmo sentado na frente de uma estátua falante e andante, George sentiu o peso do absurdo de sua resposta quando ouviu sua própria voz.

— Foi um dragão. Um dragão me cortou. No Temple Bar.

O Frade encostou-se no banco, ainda segurando a mão de George, e sacudiu a cabeça.

— Isso não é uma marca de dragão, e se um dragão o tivesse cortado, meu caro rapaz, você teria sido estraçalhado e teria ficado estraçalhado até ser queimado e não ter nem mais um tiquinho de você.

— Mas foi! — George explodiu com a frustração.

— Não foi! — retorquiu o monge, levantando a voz. — Isto é a marca de fazedor. E você, um pimpolho como você, não tem qualquer direito de carregar uma marca assim.

George olhou para a sua mão.

— Eu não sei o que é uma marca de fazedor!

— E eu não sei o que é um pimpolho — disse Edie. E antes que o monge pudesse responder, ela continuou.

— Mas se o que quer dizer é que ele é um mentiroso, então está enganado. Ele foi sim cortado por um dragão, e alguma coisa — seus olhos vacilaram por um instante, depois logo mostraram firmeza quando encontraram os de George —, ALGUMA COISA ruim aconteceu na passagem subterrânea lá fora. Foi isso.

O monge olhou de um para o outro, depois se levantou de repente. De repente sério, de repente com um certo ar aterrorizador em toda aquela demonstração de alegria.

— Fiquem aqui. Não saiam do PUB, não saiam desta sala, não toquem em nada, não conversem com nada. Eu volto logo.

E com um movimento brusco de sua capa e batina, ele se levantou, deixou a alcova e saiu pela porta pesada. A última coisa que os dois ouviram foi a chave na fechadura e sua sombra refletida nos vidros embaçados das janelas pelas luzes amareladas dos postes da rua.

George olhou para a sua mão.

— É apenas uma cicatriz.

Eddie se aproximou e examinou.

— Mas tem uma certa forma, não tem?

— Claro que tem uma forma!

— Não. Quero dizer uma forma que QUER DIZER alguma coisa. Como escrita chinesa, ou um símbolo, ou alguma coisa...

Ele cerrou o pulso e enfiou a mão no bolso.

— Bom, seja o que for, está doendo pra caramba!

Ela olhou para a porta do PUB.

— Você confia nele?

— Por que não?

— Não sei. Nunca confio em gente que vive sorrindo. George olhou ao redor. O lugar parecia cheio de rostos e estátuas, todos olhando para eles. Na verdade o lugar estava ficando quente demais por causa do aquecedor. E era meio claustrofóbico naquela sala abobadada. O mármore marrom e preto parecia estar suando e não dava uma impressão boa.

— Então...? — repetiu ela. — Você confia nele?

Ele fez um gesto com a cabeça mostrando a sala.

— Não acho que seja um bom momento. As paredes têm ouvidos...

— É. E têm olhos e bocas e mãos e patas e garras e, olá...

Ela parou embaixo do encaixe de luz de alabastro que saía da parede. À primeira vista parecia uma série de caracóis decorativos que saíam de uma lamparina estranha feita de metal imitando uma camponesa rechonchuda. A moça, por sua vez, carregava duas lâmpadas em uma canga sobre os ombros.

— Que foi? — perguntou George, tentando descobrir para onde ela estava olhando.

Os dedos dela apalpavam as letras em relevo embaixo do suporte de alabastro. Formavam “meio-dia”. Sua mão parou e ela apontou.

— Está vendo?

Ele olhou com mais cuidado. A pequena escultura não era apenas decoração. Era um fauno: metade homem, metade bode; mas era um fauno com asas e estava de cabeça para baixo, os olhos fechados, os braços cruzados no peito, dormindo como um morcego.

— É um diabo — disse Eddie.

— É um fauno. Meio bode, meio homem. É mitológico — disse George.

— Não tem muito a ver com monges. Faunos, camponesas, aqueles querubins ali nos cantos... o que isso tem a ver com ser um frade?

— Não sei. Mas o Artilheiro não nos teria mandado vir se ele fosse ruim.

— Se ele fosse um estigma.

— Ele não é um estigma.

— Então talvez haja cuspidos ruins também? Eles consideraram esta possibilidade.

— Queria tanto que o Artilheiro estivesse aqui.

MORTO NA ÁGUA

O ARTILHEIRO JAZIA com a cara na lama e não se movia mais. Ele tinha caminhado pela Strand, cada passo doendo mais que o anterior. Quando alcançou a praça Trafalgar e virou à esquerda sob os pilares altos do Arco do Almirantado, ele sabia que estava em apuros muito maiores do que imaginara.

Carregava o ardor do fogo do Dragão do Temple Bar como um veneno que aumentava. Era um ardor que chupava toda a sua energia. Nunca antes havia sentido que era feito de bronze. Ele fora feito à semelhança de um homem de uniforme e, se alguém perguntasse, teria dito que se sentia como qualquer homem. No entanto, ninguém faz esse tipo de pergunta às estátuas, nem mesmo outras estátuas.

Dentro dele, no lugar em que ardia o fogo venenoso, ele se sentia mais solto, mais líquido. Onde antes se sentia sólido, agora era fluido, e sua parte externa, além do alcance do calor, dava-lhe a impressão de estar arrastando consigo uma sucata que se partiria ou estouraria a qualquer momento. Ele odiava aquele sentimento. Era a lembrança e a dor de seu nascimento, do tempo em que alguma coisa que ainda não era ele, mas apenas a possibilidade de ser ele, foi derramada quente e líquida para chegar a sua forma presente. Na lembrança de seu nascimento havia a realização de como ele sentiria a sua morte, e no meio daquela lembrança estava o veneno corrosivo do fogo do Dragão.

A dor que ele lembrava não era uma dor de bronze derretido derramado num molde com as características do Artilheiro numa fundição. Era a dor do esfriamento daquela forma, do ato de tornar-se sólido. Era a dor de todas as possibilidades perdidas do metal, do que poderia vir a ser, da morte de tudo que não poderia ser para se tornar o Artilheiro. E porque o número de coisas que poderiam ser formadas era infinito, assim também era a dor dessas possibilidades desaparecendo.

Ele se arrastou pelo Mall e, quando passou pelo parque de Saint James, viu o pequeno lago, liso e prateado entre as árvores. Pensou que se chegasse até lá, poderia esfriar o ardor na água, recuperando um pouco de energia para poder atravessar o Green Park e alcançar seu plinto antes da meia-noite. Mas, quando teve este pensamento, o veneno-fogo o machucava tanto que ele realmente teria ficado contente de apenas deitar na água escura e refrescante, esperar a meia-noite chegar e enfrentar as conseqüências de não estar no seu plinto na virada do dia.

A dor e o dano eram tão grandes que a idéia de abandono completo, de nunca mais se mover ou ver alguma coisa, não parecia tão ruim assim.

Ele desejou que o menino estivesse bem. Ele tinha certeza que o Frade não era tão escuro como o pintavam. Não que houvesse muita escolha. E a estranha menina, a fagulha. Toda aquela dor dentro dela. Toda aquela dor que ela espalhava para aqueles ao seu redor. Mesmo assim, ela era a única em quem ele podia confiar.

O menino provavelmente merecia coisa melhor.

O Artilheiro entrou no lago, assustando uma família de patos que disparou nadando esbaforida pela água. Caiu de joelho, depois sentou-se para trás e deitou seu corpo na lama fria um pouco abaixo da água rasa.

Não ajudou.

Ele esperou que a água chiasse e soltasse vapor ao contato do seu corpo, por causa de todo o calor que sentia por dentro. Mas a água não ferveu, nem chiou, nem soltou vapores quentes que subiriam pelos galhos dos plátanos.

Não ajudou em nada.

Agora ele tinha usado toda a sua energia para chegar até o lago e não tinha sobrado nada que pudesse levá-lo para casa a tempo. Talvez para sempre.

— Idiota — foi a última coisa que disse.

E com um último esforço monumental ele rolou, ficando de peito na água, e tentou se arrastar para fora da lama, sabendo que não conseguiria, sabendo que tentaria de qualquer maneira. Tinha quase alcançado um metro quando suas pernas e braços desistiram, fazendo com que ele caísse de cara no lodo às margens do lago. Sua cabeça virou para o lado e seu capacete caiu, deixando uma bochecha afundada na lama e na água. Ele deixou de se mover.

A PEQUENA TRAGÉDIA

EDIE SENTOU-SE NA FRENTE do aquecedor e enfiou as meias. George olhou para ela.

— Já estão secas?

Satisfeita, ela apalpou as meias.

— Mais secas e estariam queimadas. Fique de olho para que seu jeans não queime.

Ele pegou o jeans. Estava bem seco. Foi até um canto escuro do PUB e vestiu as calças. Edie desapareceu atrás do bar e, pelo barulho, George sabia que ela estava pegando mais batatinhas.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

— Roubando comida. Você quer?

— Não.

Ela continuou farfalhando as embalagens. Depois começou um clique-clique. Edie levantou a cabeça em direção ao bar e olhou para George através da escuridão.

— Que foi?

— Não falei nada.

— Falou. Eu ouvi você, eu...

Levantou a cabeça, apurando os ouvidos. Agora era a vez de George perguntar.

— Que foi?

Edie sacudiu a cabeça e enfiou uma garrafa de suco no casaco.

— Nada.

— Você ouviu alguma coisa?

— Pensei que tivesse ouvido. Mas é este lugar. Espelhos e cantos escuros. Parece que tem mais gente aqui do que você imagina.

— TEM mais gente aqui do que você imagina — disse uma voz que eles nunca tinham ouvido antes.

Era uma voz com um sotaque londrino pesado, travessa, como uma criança velha, com mais do que um simples toque de arrogância. Os dois olharam para as colunas da alcova e perceberam uma máscara pendurada de cabeça para baixo na arcada, um riso maroto no rosto. E aí uma mão tirou a máscara e eles viram que era um dos querubins-diabinhos que estava sentado no topo de uma cornija. Seu rosto tinha um ar de travessura e seus cabelos caíam para os lados em cachos desalinhados.

— Mesmo — disse George devagar.

Teve a impressão de que o garotinho poderia desaparecer a qualquer momento, um pensamento que se confirmou na maneira com que ele não tirava os olhos da porta, como se vigiando o momento em que o Frade reaparecesse.

— É sim. E há mais “aquis” aqui também, se você souber como vê-los — disse o menino.

Eddie abriu a boca, mas George fez um aceno para ela ficar quieta, e inexplicavelmente ela ficou.

— Como se chama? — perguntou George.

— Eu? Eu me chamo Tragédia. Ou Pequena Tragédia. Ou Seu Diabinho Danado.

George apontou para a máscara com o sorriso maroto que ele trazia.

— Você não deveria ser Comédia?

— Claro que não. É por isso que me deram essa máscara boba, para esconder o meu rosto. A Comédia não precisa de máscara, pode acreditar.

— Por quê? — perguntou Eddie.

— Por que o quê?

— Por que acreditar em você? Gente que usa máscara tem sempre algo a esconder.

Pequena Tragédia fez um ar de ofendido e ferido.

— Eddie — avisou George baixinho.

— Mas agora não estou usando ela, não está vendo? — disse o travesso, balançando a máscara no ar.

— Não está — admitiu Eddie, depois que George olhou sério para ela.

O rosto de Pequena Tragédia se abriu num sorriso.

— Então pronto. Além disso, todo mundo usa uma máscara qualquer, não é mesmo? Ninguém nunca é realmente o que parece.

— Não? — perguntou Eddie.

— Não. Não é. Puxa vida, fique pendurado no teto de um PUB sem sair por cem anos que você acaba vendo coisas. Ouvindo coisas. E depois de um tempo, você começa a ligar coisa com coisa.

— Que coisa com coisa? — perguntou George cuidadosamente. Ele percebeu que o peraltinha queria dizer alguma coisa para eles, mas queria levar seu tempo, saborear a expectativa.

— Bom. É tudo uma piada. Não é?

— É?

— É isso que ele diz. O velho Frade. Ele diz que tudo é uma grande piada e que o truque é você rir por último, rir primeiro e rir entre a primeira e a última risada o mais que puder — seu rosto ficou sério e de repente se mostrou preocupado enquanto ele continuou a falar. — Agora, minha pergunta é: quem são vocês?

— Quem sou eu?

— É. Quem SOU vocês DOIS? Porque, como eu disse, eu já vi muitas coisas, mas nunca vi o velho Frade deixar de sorrir ou deixar de mostrar que está sorrindo, como ele fez quando você contou o que vocês andaram fazendo e como chegaram aqui. Então o que eu ando pensando é: quem são vocês?

George deu de ombros. Seus dedos cocaram e procuraram alguma coisa que não estava ao alcance da mão. Ele pegou o casaco das costas de uma cadeira e o vestiu. Achou o bolinho de massa no bolso e o moldou com seu polegar.

— Sou uma pessoa comum. Quero dizer, hoje, posso ver cuspidos como você. Quero dizer,

espero que você seja um cuspidor...

— O que certamente não sou é um estigma, se me permite dizer, penso que não! — disse o menino com ultraje.

— Desculpe, não quis ofender. Também vejo estigmas e estou nesse pesadelo. Mas na maioria do tempo sou uma pessoa comum.

— Não é o fato de nos ver como somos o que o faz diferente. Já vimos antes pessoas que nos vêem...

— O que acontece com elas? — interrompeu Edie.

— Não sei. Elas não ficam por aqui por muito tempo. Acho que acabam apreendidas.

— “Apreendidas” pelo quê?

— Não sei. Mas alguma coisa as leva, porque não voltam mais.

— Que bom — disse Edie sombriamente. — Obrigada.

— Não estou dizendo que elas são fulminadas, não é bem assim. Não necessariamente. Há muitas outras maneiras de se ir do que apenas bater as botas, há outros LUGARES. Estou apenas dizendo que deve ser para lá que elas vão.

— Para outros lugares? — perguntou George. Pequena Tragédia não estava fazendo sentido para ele, mas ainda tinha a impressão de que o menino com jeito travesso estava explodindo de vontade de dizer alguma coisa. Ou talvez, pensou, ele não estava explodindo de vontade de dizer qualquer coisa para eles, estava apenas inchado com a grande piada de saber alguma coisa que não ia de maneira nenhuma contar. Apesar de seu nariz arrebitado e seus olhos piscantes, havia alguma coisa nele que não era totalmente boa.

— Que outros lugares? — perguntou Edie.

Ele fez uma pausa de efeito e seu sorriso foi da arrogância para mais próximo do escárnio. Ele disse as palavras devagar e deliberadamente.

— Outros “aquis”.

— Que outros “aquis”?

O menino deu um sorriso conspirativo e estendeu o braço na direção dela, chamando com um dedo.

— Eu conto se você me tocar — disse o menino.

— O quê? — disse George.

— Ela é uma fagulha, não é? Então se ela me tocar, vai ficar sabendo.

— Sabendo o quê? — perguntou George.

— Sabendo se alguma coisa ruim aconteceu comigo. E se ela puder me dizer isso, então conto sobre os outros lugares. Posso até mostrar para ela como chegar a eles.

Edie e George se entreolharam. Ela limpou a garganta.

— Acha que alguma coisa aconteceu com você?

Pequena Tragédia pôs a máscara sobre o rosto. Depois tirou. Pôs de novo e tirou de novo.

— Está vendo? São dois de mim.

— Um deles é a máscara.

— Sei que é uma máscara — disse ele, como se explicasse alguma coisa muito óbvia para duas pessoas um pouco burrinhas. — Estou só mostrando como é que eu me sinto. Duas pessoas, dois tipos de gente, e não me sinto direito. É como se eu tivesse sido feito errado. Assim, se você puder me fagulhar, então vai poder ver se fui feito certo. Ou se alguma coisa aconteceu que eu não estou sabendo.

Ele sorriu para Edie, e George viu que era um sorriso de braveza, para que ele não começasse a chorar. Edie caminhou até ele.

— Não gosto de fagulhar — disse ela. — Me machuca.

Pequena Tragédia estirou um braço fino e moveu os dedos.

— Não faça isso — disse George abruptamente. Edie parou no meio da arcada e olhou para ele.

— O quê?

— Todas as outras estátuas, as esfinges, o Artilheiro, todos eles têm medo de você. Ou pelo menos não gostam realmente de ficar muito perto quando você começa com as suas fagulhas.

— E daí? — perguntou ela, os olhos desafiadores de antes mais uma vez reavivados.

— E daí que acho muito estranho ele estar querendo com tanta vontade. Pode ser uma armadilha.

— Uma armadilha? Você está brincando — disse o menino, com desprezo. — Um pouco tarde para se preocupar com isso, não é mesmo?

George olhou para Edie. Edie olhou para a porta. Os dois se lembraram do clique da chave na fechadura quando o Frade Preto saiu.

— Você está dizendo que não devemos confiar no Frade Preto?

— Confiar no velho Frade? Claro que podem confiar nele! Podem confiar nele para quase tudo. Só não confiem que ele seja o que ele parece ser...

Edie tremeu de repente quando lembrou da menina afogada gritando “Ele não é o que parece!”

— George...

CLIQUE. A chave na fechadura. Pequena Tragédia pôs os dedos nos lábios e falou bem rápido.

— Eu nunca disse nada e nunca estive aqui.

EM TERRA DE NINGUÉM

O ROSTO DO ARTILHEIRO estava de lado, um olho na água, outro olhando sem piscar para a noite e para a camada fina de névoa elevando-se da grama do parque. Não havia dúvidas de sua permanente imobilidade, mas ele ainda pensava, só isso e mais nada. E porque ele ainda pensava com suas últimas energias, os pensamentos não eram lembranças de seu tempo como estátua ou de tudo aquilo que, como cuspidor, ele havia visto e vivenciado em Londres. Eram seus primeiros pensamentos, os pensamentos-cuspídos, a idéia do que ele era para ser que o escultor colocava em sua obra enquanto ia trabalhando nela. E porque o escultor não era apenas um criador de estátuas, mas também um soldado, os pensamentos que o Artilheiro estava tendo vinham para ele como lembranças de uma vida vivida, uma vida de guerra.

Ele não pensava mais que estava no parque de Saint James. Ele não ouvia mais o barulho do trânsito à distância. O que ouvia eram estrondos de armas numa seqüência estonteante, muito longe. Mais perto, o clique surdo de fuzis atirando em resposta ao rá-tá-tá mecânico das metralhadoras. Ouvia os homens gritando as ordens, ouvia os homens gritando por suas mães. Ouvia passadas rápidas, ouvia o baque-e-craque de uma granada e poucas pessoas gritando depois disso.

Fez um esforço para focalizar a lama amassada na frente de seus olhos.

Sabia onde estava.

Estou na Terra de Ninguém, pensou ele. E nenhum homem, mas nenhum mesmo, vai vir me buscar aqui. E nenhum homem apareceu.

Silhuetas se movimentaram na névoa acima da lama. Uma figura alta de capa de chuva com a barra batendo nas pernas e um capacete exatamente igual ao seu surgiu da névoa na sua direção. Viu as botas do homem afundarem e moverem a lama na frente de seu nariz. Sentiu o peso de uma mão no seu ombro. Ouvia um barulho de preocupação como se alguém estivesse chupando os dentes em exasperação.

Por fim, sentiu-se ser levantado no ar, bem no alto, levantado para o céu, e sabia que agora sim o fim tinha chegado. O olho que não estava tapado de lama continuou aberto, mas não via mais nada.

O CAMINHO MARCADO

UM INSTANTE DEPOIS que Pequena Tragédia desapareceu, a porta se abriu e o Frade Preto entrou, fechando a porta com um estrondo. Olhou para George e Edie.

— Vocês estão com cara de que... fizeram alguma coisa.

George sentiu o rosto corando. Sempre foi assim. Na escola, sempre que algum crime era denunciado, ele corava, e tinha certeza de que seu rosto mostrava a culpa, mesmo que ele não tivesse nada a ver com o feito. Ele sabia que o Frade podia ver que os dois estavam falando sobre ele.

Edie, por outro lado, mostrava-se tão inocente como podia, emoldurada pelo arco, parada entre dois espelhos na parte de dentro de cada coluna. Quando o Frade Preto olhou de volta para George, ela, de soslaio, tirou o vidro do bolso, espiou para o frade, para o vidro, e viu, com alívio inesperado, que ele NÃO brilhava com um aviso.

Viu, porém, que ele brilhava em outro lugar.

No espelho.

Na sua mão ele estava apagado, mas no reflexo do espelho reluzia azulado. De um canto de olho, viu outro reflexo e virou-se para ver que ele brilhava esverdeado no espelho da coluna do outro lado. Ela olhou para sua mão e ele ainda estava apagado. Deu uma espiada de novo nos dois espelhos e, quando deu um passo para trás, viu que os dois espelhos se refletiam numa infinita sucessão, um túnel de espelhos idênticos; em cada um deles, o fragmento de sua mão segurando o vidro do mar. Logo viu — ou imaginou ver — uma coisa a mais, bem no fim de um dos túneis, alguma coisa que quebrou a sucessão regular e infinita de espelhos.

Era alguma coisa como uma tigela negra; talvez um pouco mais familiar do que isso, mas devia ser mesmo uma tigela, porque havia uma faca ao lado...

Mas antes que ela pudesse se concentrar no que estava vendo, o que poderia ser aquilo, e em que lugar já tinha visto aquele objeto, a voz do Frade quebrou o silêncio.

— Vocês têm algo para confessar?

Edie deu de ombros e embolsou o vidro do mar, e o que fez o bolso farfalhar. George pensou nas embalagens de batatinhas fritas no bolso dela. Como se lesse seus pensamentos, ela tirou um pacote do bolso e o esvaziou dentro de um pão na mesa ao seu lado.

— Peguei umas batatinhas.

— Vocês não estão com cara de culpados por causa de umas batatinhas. Vamos, vamos. Quero ouvir a confissão para que sejam absolvidos.

O sorriso tinha desaparecido de sua voz. Ele se aproximou, esperando. Edie olhou para George. George olhou para a face escura do monge, tentando ver se era uma anedota nova. Os olhos estavam pretos e imóveis como carvão.

— O que é “absolvidos”? — perguntou ele, na esperança de que a pergunta lhe desse tempo suficiente para que seu coração desacelerasse.

— Ser absolvido é obter o perdão ao confessar e fazer a penitência.

George pensou que um carvão não olharia tão duramente nos olhos de outras pessoas, como se tentasse descobrir que segredos estariam escondidos neles. Edie falou com a boca cheia de sanduíche de batatinhas.

— Não viemos aqui para ser absorvidos de nada.

Alguma coisa parecida com bom humor passou pela cara do carvão.

— Absolvidos.

— Que seja. Não viemos aqui para isso. Viemos para pedir ajuda. Para pedir informação.

— Sim — disse o monge. — Dei uma caminhada lá fora. Vocês vieram pelo rio, o que já é estranho, e perturbaram alguma coisa no subterrâneo, embaixo da rua. Apalpei as paredes da passagem subterrânea. Vocês perturbaram a terra de uma maneira que não acontecia há muito, muito tempo, mais tempo do que eu estou ali em pé na frente deste prédio, por exemplo. Você, meu menino, despertou uma fome de coisas não feitas. Agora sentem-se.

Ele puxou um banco e sentou-se, as pernas abertas, as mãos nos joelhos. Apontou para outro banco na sua frente. Seus movimentos demonstravam uma autoridade que as crianças acharam difícil de desafiar. George se sentou e continuou rolando com os dedos a bolinha de massa dentro de seu bolso. Edie relaxou no outro canto do banco e abraçou as pernas enquanto mastigava o pão.

— Para iniciar a confissão, talvez seja melhor vocês me contarem como chegaram até aqui e como exatamente o seu amigo Artilheiro acha que posso ajudá-los.

George formou duas orelhas na bolinha e começou a trabalhar um nariz.

— Não sei nem como começar, para dizer a verdade...

— Acho melhor você começar pelo começo.

— Eu sei. Comece pelo começo. Vá até o fim. E aí pare — disse George. Era isso que o Sr. Killingbeck dizia quando pedia para ele escrever uma redação. — O negócio é que eu não sei bem o que foi o começo...

— E está preocupado com o fim.

— Aterrorizado — admitiu George.

— Aterrorizado é uma reação compreensível. O terror, porém, não é muito útil, meu caro jovem. O terror o faz parar de pensar, e parar de pensar é uma boa maneira de deixar que as coisas ruins peguem você. Não, não. Acho bom você parar de ficar aterrorizado. Você pode ficar aterrorizado mais tarde, se tudo acabar bem. Então pode ficar aterrorizado o tanto que quiser com o conhecimento de que está seguro e de que tudo acabou. Se ficar aterrorizado agora e parar de pensar, então as coisas que o queriam aterrorizado terão ganho. Vocês compreendem o que estou dizendo?

— Não — disse Edie, amuada.

— Sim — disse George.

— Fico feliz que ambos concordem — disse o Frade.

— Nós não concordamos — retrucou Edie.

— Sim, vocês concordam. Você é apenas alguém que tem o costume de dizer só aquilo que as pessoas não querem ouvir. Eu sei que você sabe que o que estou dizendo é verdade. Se você não

fosse de pensar rápido, não teria chegado aqui. E se você não tivesse uma mente forte, e quero dizer uma mente realmente forte, você já teria enlouquecido, não é verdade?

— Não — disse Edie, ainda com teimosia.

— Exatamente — disse o Frade, com cara de quem estava satisfeito. Virou-se para George e sorriu. — Eu começaria contando como foi o primeiro momento em que as coisas que você nunca imaginou que pudessem se mover começaram a se mover. Ou você sempre foi capaz de ver a Londres dos cuspidos e estigmas?

— Até hoje não — disse George. — Puro azar.

— Vamos falar de azar mais tarde — disse o monge. — Então comece com hoje.

George se contorceu no banco para se acomodar melhor. Quando se contorceu, sentiu a ponta da cabeça do Dragão espetar o seu lado, o fragmento que ele tinha arrancado da fachada do Museu de História Natural. Ele começou a contar. Começou contando como estava olhando na barriga da baleia e como foi acusado de fazer uma coisa que não fez, o castigo que o fez ficar no meio do saguão embaixo do dinossauro e como resolveu sair, como se sentiu... e aqui as palavras fluíam, como uma enxurrada que não conseguia estancar.

Ele não conseguiu, e não se importou em conseguir, estancar as lágrimas que rolavam pelas suas faces enquanto contava, afinal eram apenas lágrimas, e ele não estava chorando ou fungando enquanto contava a história do seu dia, do sacrifício do Artilheiro, do Dragão do Temple Bar e de Edie. Depois de um tempo, as lágrimas secaram. George nem percebeu quando Edie lhe passou um monte de guardanapos de papel para ele secar os olhos.

Enquanto ele falava, Edie notou que a voz de George parou de ser medrosa, assustada e aturdida com a situação aterradora em que ele havia se deparado, e se tornou um pouco mais profunda, um pouco mais triste, até mesmo um pouco mais irada.

Ela sentiu como se a voz dele estivesse espelhando as mudanças por que ele havia passado no decorrer de sua jornada até ali.

E por não estar falando, ela pôde observar bem o Frade Preto. Ele estava sentado tão imóvel como a estátua que era, o rosto paralisado num sorriso encorajador. Porque ela era ótima observadora, porque Pequena Tragédia havia dito sobre ele não ser o que parecia, mas especialmente por causa do grito de aviso da menina se afogando, ela viu coisas que outros talvez pudessem não ter percebido.

Ela viu os olhos dele mudarem à medida que George contava sua história. Viu quando ele deu uma olhadela quase imperceptível para ela no momento em que George chegou na parte sobre as esfinges. Viu as mãos dele se apertarem um pouco mais quando George descreveu a batalha no Temple Bar. Seus olhos mudaram de George para Edie quando ele contou sobre a fuga do apartamento de sua mãe. E ela o viu se encostar para trás e relaxar o corpo, mas não o rosto, quando George contou sobre o caminho pelo rio até chegarem ao PUB.

— E foi quando encontramos você — George pôs um fim ao seu relato. — Posso beber alguma coisa? Estou morrendo de sede.

O Frade ficou olhando para ele por um bom tempo, e então se levantou abruptamente, como se tivesse chegado a uma decisão, e se inclinou sobre o bar. Suas mãos voltaram com duas garrafas de Coca-Cola.

— Vocês sabem que isso não é bom para vocês?

Ele usou seus dentes como abridor, uma vez, duas vezes, tão rápido que Edie e George pensaram simultaneamente que era um gesto muito incomum para um monge. Ele passou as garrafas para os dois.

— Não tentem fazer isso — recomendou ele. — Precisam de dentes de metal para fazê-lo.

O Frade sentou-se de novo enquanto os dois bebiam e colocou as duas tampas na mesa em frente. Brincou com as tampas sobre a superfície de madeira escura, depois parou.

— Então você está sozinho — começou ele.

— Somos dois — disse George.

— Decerto — respondeu ele, empurrando as duas tampas para perto uma da outra para que se tocassem. — Vocês dois estão sozinhos. E o Artilheiro mandou vocês virem aqui. Mas ele não veio.

— Ele está machucado. E precisou lutar contra o Dragão para salvar George — explicou Edie.

— O Dragão e George. George e o Dragão — falou para si mesmo o monge. — Parece quase perfeito, certamente que parece.

Ele estava voltando ao seu jeito alegre. Os olhos se retraíam entre as pregas de suas bochechas de riso, que os deixavam mais difíceis de ver.

— Mostre a mão de novo, George, por gentileza.

George mostrou a mão com a cicatriz vermelha em ziguezague se curvando para o centro.

— Dói?

— Agora só lateja. No começo foi pior.

— Fundamental. Fundamental. — O monge soltou a mão. — E foi esta a mão que você usou, a mão que quebrou o ornamento da fachada do museu?

— Foi.

— E o pedaço quebrado do ornamento, o que foi feito dele?

— Quebrou.

— E depois?

— E aí o Pterodáctilo se despreendeu da parede e tudo começou.

— Como já contou, como já contou. Mas e o ornamento? — Sua língua lambia os lábios enquanto se inclinava para frente. — Onde está ele?

George olhou para o rosto expectante, quase esfomeado. Sentiu o ornamento espetando sua pele através do forro fino de seu casaco.

— Por quê?

— Por quê? — repetiu o monge, seu corpo pesado se inclinando para George como uma nuvem de tempestade pronta para desabar. — Por quê? Por que está perguntando por quê?

Edie se endireitou no banco. E aos poucos se aproximou de George.

— Porque não sabemos se devemos confiar em você.

As palavras pairaram no ar, tão imóveis como as tampinhas na mesa entre eles.

— Então é isso — disse a nuvem de tempestade, recostando-se no banco. Expirou como uma caldeira ajustando a pressão. Os olhos giraram para cima e para a esquerda, embora sua cabeça

não se movesse um centímetro. — Imagino que Pequena Tragédia tenha se metido aqui. Ou sua língua. Não é verdade, seu diabinho danado?

Houve uma pausa. Em seguida uma pequena voz flutuou pela alcova.

— Desculpe, você está falando comigo?

— Estou, seu diabinho danado. Você andou conversando com as crianças?

Houve outra pausa e depois o barulho de alguém se mexendo desconfortavelmente na cornija.

— Err. Não?

— Não? — repetiu o monge com a voz alterada.

— Bom, não um “não” assim. Talvez... pode bem ser um não como “talvez”, se o senhor entende como é. Eles me perguntaram coisas, me aborrecendo, quando o senhor saiu...

— Não foi assim — disse Edie. — Está mentindo!

— Ah, não, não estou! — gritou a vizinha. — Não pode confiar nela, ela é uma fagulha, é isso que ela é. Pela mão que me fez, eu juro que não se deve confiar numa fagulha. Elas vivem se metendo, atrapalhando o fluxo natural... o senhor bem sabe como são.

— Está mentindo — disse George.

— Oooh! — veio outro gritinho. — Que besteira! Ele é um... bem, eu não sei direito o que ele é, mas é bem sabidinho, o senhor não acha? Não é o que se vê todo dia, se o senhor me entende. Então eu não...

— Cale-se, seu diabinho! — gritou o monge, e eles ouviram os copos tremerem nas prateleiras atrás do bar como em um terremoto.

— Ele está mentindo — repetiu George.

— Mas é claro que está — disse o monge numa voz que era de súbito calma e doce. — Você já ouviu falar do pai das mentiras? Bom, como era de se esperar, ele deixou uma imensa prole, e aquele diabinho ali, a Tragédia metida a besta, é um de seus descendentes. Ele pode falar a verdade em mais de três frases do mesmo jeito que eu posso derrubar a grande cúpula da catedral de São Paulo e usá-la como uma tigela de sopa.

Um “Oooh” agudo de afronta ecoou na alcova e depois mais nada se ouviu. O Frade sacudiu a cabeça e pediu para os dois chegarem mais perto.

— Em quem confiar é escolha de vocês, meus caros. Não existe coerção ou compulsão no meu estabelecimento. Ele é, como já afirmei, um lugar de hospitalidade. O que lhes disseram as esfinges?

A conversa com as esfinges parecia já ter acontecido há muito tempo para George. Era quase como numa outra vida, numa idade mais calma e gentil.

— Elas disseram que se eu quisesse saber como fazer para que os estigmas não me matem e deixem de me perseguir, eu precisava encontrar o Coração de Pedra e sacrificar alguma coisa.

— “Seu remédio jaz no Coração de Pedra, e a Pedra do Coração vai ser o seu alívio. Para pôr um fim ao que começou, você deve primeiro encontrar o Coração de Pedra e depois deve fazer o sacrifício e as reparações para consertar o que foi quebrado ao colocar na Pedra do Coração de Londres aquilo que é necessário para o seu reparo” — recitou Edie. O Frade olhou para ela impressionado. Ela se mostrou inesperadamente constrangida. — Tenho boa memória para essas coisas. Mas elas não contaram onde fica esse Coração de Pedra.

— Elas poderiam ter dito se você não tivesse usado nossa segunda pergunta para perguntar sobre fagulhas — resmungou George.

— Era a MINHA pergunta — retrucou ela.

— É, mas o Artilheiro poderia ter explicado isso e depois....

Ele não sabia como continuar. O Frade olhou para os dois.

— Chega. Chega. Vocês realmente não têm idéia em quem confiar. Preferem brigar a usar a cabeça...

— Não — disse George. — Realmente quero apenas parar isso tudo e voltar para casa.

— Então pare de discutir e escute. — Ele se inclinou e pareceu que todas as sombras da sala se inclinaram com ele. — Você tem menos tempo do que pensa e está em muito mais perigo do que imagina. Então escute. O caminho é difícil, mas está marcado. Você tem um dia para se queixar e um dia para reparar. Depois disso — ele pegou as tampinhas e as esmagou com a mão. Pôs o que restou das tampinhas de volta na mesa e elas ficaram se balançando ameaçadoramente, e sua voz quebrou o silêncio como um trovão ecoando pela sala —, depois disso, as pedras que você ofendeu se erguerão para moê-lo e esmagá-lo, sua vida e sua alma serão peneiradas pelos quatro ventos do chão debulhador e um fogo devastador virá...

Ele olhou para os rostos horrorizados das crianças e respirou fundo. Quando falou de novo era quase como se se desculpasse.

— Resumindo, não será nada bom.

— O que quer dizer um dia para se queixar e um dia para reparar? São dois dias, então? — perguntou George.

— Não. Quer dizer que você terá um dia tanto para sentir pena pelo que fez como para tentar corrigir o que fez de errado. Estas 24 horas terão começado no momento em que você quebrou a pedra. Creio que você não sabe a que hora foi, ou sabe?

— Mais ou menos às 15h40 da tarde — disse George, lembrando-se de ter olhado no seu relógio e calculado quanto tempo ele teria antes de sua classe terminar a visita ao museu, um pouquinho antes de ele ter dado o soco e quebrado o ornamento que espetava suas costas.

— Então você precisa chegar ao Coração de Pedra dentro de um dia depois de sua ofensa, e agora já são quase as Doze de Baixo. O amanhã está próximo.

— O que são as Doze de Baixo? — perguntou George.

— Meia-noite. A virada do dia. A hora da morte e da ignorância, mas também a hora do renascimento, porque o que poderia renascer se não tiver morrido antes? Você tem até amanhã às 15h40 antes de...

— Ser peneirado e espalhado aos quatro ventos? — interrompeu George tristemente.

— E por aí em diante.

— E eu não devo nem perguntar o que é ser peneirado, não é? — perguntou Edie.

— Não precisa porque saber o que é não vai ajudá-lo em nada — respondeu o monge. — Mas não seja pessimista. Como já lhe disse, há um caminho, um caminho marcado.

— E se eu corrigir, então está acabado? Estarei salvo?

O grande Frade sacudiu a cabeça, seus olhos solenemente fechados, seus dedos entrelaçados no topo da barriga saliente.

— Somente ao fazer o seu sacrifício é que terá a certeza de seu QUIETUS Final. Se for mais tarde, então estará garantido apenas o Caminho Tortuoso.

— E se ele não encontrar o Coração de Pedra? — perguntou Edie.

— Se ele não chegar até o Coração de Pedra, os estigmas vão pegá-lo e fazer com que o Caminho Tortuoso pareça, por comparação, misericordioso. E ele não pode chegar lá de mãos vazias. Deve levar o que foi quebrado.

— O ornamento do Dragão — disse George.

— Se você o possuir — disse o monge. — Se não estiver com ele, então é melhor voltar para buscá-lo. Você está com ele?

O monge se inclinou. George, por alguma razão que não sabia explicar, mas que sentia no seu íntimo, negou com a cabeça.

— Eu peguei sim.

— Isso é bom.

— Mas esqueci no apartamento de minha mãe.

— Mas você é mesmo tonto!

O monge se retraiu.

— Mas então é fácil. Você diga para ele onde fica o Coração de Pedra e nós vamos buscar a coisa que ele quebrou e levamos para lá e pronto, tudo certo, numa boa! — antecipou-se Edie.

— Não é dessa maneira. Existem, numa cidade como esta, muitas coisas que podem ser o Coração de Pedra. É diferente para cada um. E para cada um a jornada até ele é um caminho que jamais será caminhado duas vezes.

— Então O QUE É o Coração de Pedra?

— Pela maneira que as esfinges colocaram, pode ser qualquer coisa, ou até mesmo qualquer lugar. As esfinges formam enigmas mesmo quando dão respostas. E o que poderia ser melhor para elas do que uma resposta com dois sentidos, a não ser uma com três sentidos? O que é o Coração de Pedra? Quem poderá dizer?

Edie estava perdendo a paciência. Era como se as paredes estivessem se estreitando.

— Isso é conversa para boi dormir. Como é que ele chega ao Coração de Pedra?

— Edie — George interrompeu.

O Frade Preto fechou os olhos e virou a cabeça para o teto. Falou como se estivesse recitando da memória.

— O Caminho é sempre marcado e estas são as marcas do seu caminho. Ele precisa subir a Escada em Espiral. A Escada em Espiral o levará à Memória do Fogo. No lugar em que está enjaulada a Memória do Fogo, ele pegará a chama e esta chama lhe mostrará o caminho para o Coração de Pedra.

Ele abriu os olhos e os fitou satisfeito. George e Edie se entreolharam.

— Isso é mais um ENIGMA! — cuspiu Edie, incrédula.

— É um mapa de palavras — disse o monge.

— Por que você não pode nos dizer de uma vez? — perguntou George, sentindo o medo e a frustração ferverem em seu peito de novo.

— Porque eu não sei o final, meu caro jovem. Eu conheço apenas o caminho. E o fato é que o caminho é difícil. No entanto, se você tivesse o fragmento, quem sabe eu poderia ajudar melhor?

Foi uma faísca de ganância nos olhos do monge que fez George não enfiar a mão no bolso do casaco e botar o fragmento em forma de uma cabeça de dragão na mesa entre eles. Não era uma coisa que ele podia discutir ou explicar. Era apenas o que sentia.

— Vamos ter de nos molhar de novo — disse ele para Edie.

— O quê?! — exclamou ela, chocada.

— Vamos ter de voltar.

O HOMEM DE MUITAS PARTES

O FRADE PAROU NA PORTA do PUB enquanto Edie e George passavam por baixo de seu braço em direção à calçada.

— Se você voltar com o fragmento quebrado, eu posso ver se apresso o seu QUIETUS — disse ele alegremente. — Sim, crianças, tragam o fragmento para mim e eu vejo o que posso fazer.

— Obrigado — disse George. — Voltaremos sim.

— E prestem atenção para ficar por cima da terra até chegarem aqui. Porque até lá, vocês estão à mercê da fome deles.

— Que fome? — quis saber George.

— A fome de quem? — quis saber Edie.

— A fome das coisas não-feitas — disse o monge, como se isso explicasse tudo.

Mesmo querendo ir embora, George voltou.

— Isso é o mesmo que você me disse que aconteceu comigo na passagem subterrânea. O que quer dizer?

— Olhe para a marca na sua mão, menino. Se ela estiver certa e você for um fazedor, ou se você vier a se tornar um fazedor, então você quebrou um pacto antigo ao usar suas mãos para destruir.

— Ele viu a expressão de incompreensão no rosto de George e começou de novo. — Você usou suas mãos talentosas, mãos que foram feitas para fazer coisas, para quebrar uma coisa num momento de fúria. Todas as coisas que foram feitas, estátuas, cuspidos e estigmas, sentem o seu poder e a afronta que causou. Mesmo as coisas ainda não feitas vão tentar alcançá-lo, ansiando pela forma que você pode lhes dar.

— O chão estava tentando me alcançar?

— O barro sentiu a sua marca e o dom que você possui. Tudo quer ter forma em um universo destinado a se desintegrar.

— Como saber que sou um fazedor?

— Como saber que você não o é? Você diz que sua mão quebrou o ornamento do Dragão no museu e diz que as mesmas mãos atravessaram a terra e o barro que o atacaram na passagem subterrânea. Talvez você seja mesmo o fazedor que a marca diz que é. Ou talvez você seja outra coisa. O fato é que suas mãos parecem ter um poder, você não concorda?

Antes que George pudesse registrar o pouco que entendeu daquela conversa, o Frade se retraiu e acenou um adeus.

— Boa viagem, meus amiguinhos. E bom retorno.

— Obrigado — disse George, cutucando Edie.

— Ah, é, obrigada pelas batatinhas, pelo aquecedor e por tudo — disse ela.

E com apenas um leve toque de relutância, deixou-se levar pela mão de George a atravessar a rua sob a sombra de um impressionante prédio branco ART DÉCO, em cuja fachada estátuas de

mulheres e animais pareciam observar o movimento.

Quando George olhou de novo e acenou, viu o Frade acenar de volta e entrar no PUB.

— Agora corra! — falou entre dentes para Edie quando viraram a esquina para o Embankment.

— Você vai correr direto para as garras de um outro dragão se nós... — começou ela.

— Não, não vou — disse ele, puxando a mão de Edie com firmeza e virando numa rua estreita que parecia um cânion entre prédios altos e anônimos de cada lado.

— O quê...? — começou ela de novo.

— Depois — murmurou George, e correu mais rápido.

— Está bom — resmungou ela. — Então quer dizer que NÃO vamos nos molhar de novo.

Os dois correram pela rua e viraram a esquina. George percebeu que Edie corria tão rápido quanto ele. Passaram por uma rua escura e, no fim dela, ele viu de relance um campanário em degraus subindo ao céu como um bolo de noiva iluminado. Continuaram correndo, atravessando duas ruas e passando por baixo de um arco. Quando passaram para o espaço do outro lado do arco, George diminuiu as passadas.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou Edie, entre arfadas.

— Não vamos voltar para minha casa — respondeu George, olhando ao redor para deduzir onde estavam, ainda caminhando para frente, ansioso por aumentar a distância entre eles e o Frade Preto.

— Mas você precisa ir buscar o ornam... Oh!

Ele tirou a pequena cabeça de dragão do bolso e mostrou para ela enquanto caminhavam.

— Entendi. Você mentiu para o monge.

Edie soava quase impressionada. George confirmou com a cabeça.

— Você confiou nele? — perguntou. Ela negou.

— Não. Mas isso não quer dizer nada. Eu não confio em ninguém.

— O monge mostrou um entusiasmo exagerado quando perguntou se eu tinha o fragmento comigo. Quero dizer, se este fragmento é a chave para eu me livrar deste pesadelo, não vou entregá-lo a ninguém. Eu mesmo vou levá-lo para o Coração de Pedra.

George olhou ao redor enquanto falava.

Eles estavam num desses oásis calmos e por vezes até mágicos que se escondem por trás das avenidas movimentadas de Londres. Tinha até iluminação a gás. A luz tinha uma textura mais leve e fantasmagórica do que as luzes artificiais a que ele estava acostumado. Se não fosse pela iluminação azulada das telas de computadores solitários nas janelas elegantes dos sombrios prédios de tijolos ao redor deles, seria possível imaginar que, ao atravessarem o arco, os dois haviam passado para um século anterior ao que viviam.

George passou por um portão aberto e se viu numa larga praça com uma caixa de correios do lado oposto. Parou quando um movimento chamou sua atenção.

— Que foi? — perguntou Edie num cochicho, esbarrando nas costas de George com sua parada abrupta.

Um homem imponente com um manto aberto caminhava rapidamente no espaço entre eles e a caixa de correios. Carregava uma pilha de documentos embaixo do braço e uma peruca longa e

cinza cheia de cachos na cabeça. Seu rosto mostrava irritação e determinação, e se mostrou ainda mais furioso quando um punhado de documentos deslizou e se espalhou pelo chão. Ele olhou ao redor, como se procurasse um laçao para apanhá-los, e depois se agachou com o semblante ainda mais severo para apanhar os papéis.

— É um juiz — murmurou Edie.

George decidiu dar meia-volta antes de serem notados. Havia algo amedrontador naquela carranca e na cabeça de peruca.

— O que foi? — disse ele, ao se virar e passar pelo prédio alto à esquerda deles.

— Ele é um juiz. Já estive aqui durante o dia. É aqui que ficam os juízes e advogados. A luz do dia, você vê um punhado deles andando para lá e para cá, empetecados com perucas ridículas, robes e tudo mais.

“Empetecados” era uma coisa que seu pai falava. Edie nunca tinha usado aquele termo antes. Não sabia por que tinha falado assim. Era exatamente como seu pai falava das mulheres quando se vestiam para sair. Não importava o quanto tentasse não pensar nele, pequenas coisas ainda vinham à tona quando ela menos esperava. Era como caminhar na praia com a maré baixa. Todo dia era uma maré diferente e nunca se sabia o que seria desterrado.

George virou à direita, passou por outro arco e decidiu não se preocupar em saber por que um juiz teria aparecido no meio da noite, “empetecado” ou não. Parou ao lado de um relógio de sol e tomou fôlego. Havia uma inscrição que dizia: “Sombras somos e como sombras partimos.” Ele se arrepiou e continuou, passando por um corredor de arcos e saindo para um espaço com plátanos que rodeava uma igreja de aspecto soturno.

Ele parou e se encostou no gradeado que rodeava a igreja, que era redonda e fortalecida, parecendo mais um bastião com torre do que uma casa de Deus.

Edie se sentou em um degrau e ficou olhando as sombras. Então percebeu que George também parecia nervoso.

— Você acha que esse lugar é seguro?

— Não sei. É uma igreja.

— A placa diz que é um templo — disse ela.

— “Temple Church” — disse ele, lendo a placa. — Igreja Templo. É a mesma coisa.

— Para mim parece mais um castelo — disse ela, olhando através dos plátanos para as paredes curvadas, terminadas com ameias. — Não sinto que seja um bom lugar, George.

— Eu sei — disse ele, se arrepiando. — Não acho que seja preciso ser uma fagulha para sentir isso. Parece assombrada.

Edie pensou consigo se era hora de falar com ele sobre fantasmas. De como eles andavam por ali, ao redor deles, e que não era nada com que se preocupar. De como ela levou muito tempo para descobrir que eles simplesmente ficavam ali como ecos que se esqueceram de desaparecer. Eles não podiam e nem fariam mal nenhum a uma pessoa viva. Não eram pessoas. Não pareciam ter mente própria. Pareciam apenas estar repetindo em círculos algo que foram e que não eram mais. Eram insubstanciais, como a lembrança de um cheiro quase imperceptível. Não eram absolutamente nada comparados à realidade do passado que a atropelava toda vez que ela entrava em transe.

Edie quase se acostumara a não notá-los.

Ela não perderia tempo em contar para ele que o juiz que eles viram derrubando os papéis enquanto caminhava entre os postes de lanternas de gás era um deles. Não havia necessidade, como também não havia necessidade em chamar a atenção de George para a embalagem de hambúrguer jogada no chão aos pés dele ou para o pombo irrelevante que pousara na árvore acima deles. Para ela, tudo isso apenas fazia parte da paisagem da rua por onde eles caminhavam.

— Então não vamos ficar aqui parados — disse ela, levantando-se. — Para onde devemos ir?

— Algum lugar em que possamos passar a noite seguros. Algum lugar em que possamos pensar despreocupados sobre o que o Frade Preto quis dizer com a Escada em Espiral.

Edie se sentou de novo.

— Você quer dizer que não sabe para onde devemos ir?

— Eu quis dizer que estamos encurralados dentro do centro de Londres por causa dos dragões. Porém amanhã de manhã podemos procurar uma biblioteca e pesquisar sobre a Escada em Espiral. Ou comprar um guia turístico.

— Eu não tenho dinheiro para comprar um guia. Gastei tudo pagando um táxi para ir à sua casa avisá-lo. — Ela tirou um punhado de moedas de seu bolso. — Só tenho uma libra.

George procurou moedas no bolso também, tirando algumas que estavam grudadas na massa de moldar.

— Oitenta e cinco centavos. — Mostrou as moedas para ela. — Aqui. É tudo o que tenho agora. Mas quando tudo isso acabar...

Não continuou. Sua carteira estava dentro da mochila, junto com o celular, trancada no Museu de História Natural. O mundo de excursões de escola, armários e caixas automáticos parecia muito distante. Sentiu uma pontada de saudade do mundo mais simples que parecia separado por uma fina camada daquele mundo em que se encontrava agora. Foi a mesma pontada de saudade que teve ao ver o avião quando estava preso dentro do cone de fogo com o Dragão. Teria dado qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, para voltar ao mundo corriqueiro do seu dia-a-dia. Mas tudo o que tinha agora eram umas míseras moedas. Estendeu a mão com as moedas para ela.

— Quando isso tudo terminar posso lhe dar muito mais. Tudo o que eu estiver lhe devendo e mais.

— Eu não disse isso porque quero o seu dinheiro! — exclamou Edie, olhando para o punhado de moedas reluzindo à luz do poste da rua. Ela percebeu que não estava com raiva por causa das moedas. Estava com raiva porque George tinha um caminho de fuga. Quando ele dizia “quando tudo isso acabar”, era óbvio para ele que “isso” era um estado temporário de vida, do qual ele teria a oportunidade de sair. E a verdade para Edie era que, ela sabia agora, o “isso” para ela era permanente. E ela ainda estaria “nisso” quando George se livrasse.

Ao se dar conta disso, ela se perguntou por que ainda estava com ele. Sempre estivera sozinha e amedrontada antes de vê-lo atravessar correndo o Hyde Park com o Artilheiro. E sempre sobrevivera. E sobreviveria depois que ele partisse. Mas voltaria a ficar sozinha de novo. Talvez por isso sentia tanta raiva.

Ela se lembrou da onda de esperança que a impelira para fora do ônibus e que a fizera correr atrás deles na expectativa de que George fosse como ela, alguém que daria sentido às coisas. Mas agora sabia que ele era diferente, que o “isso” dele era uma coisa de que ele poderia — se

tivesse sorte — escapar. Era apenas uma camada de um mundo em que ele caíra e do qual, se encontrasse a Escada em Espiral, poderia sair ileso. Seu “isso” era permanente e selado porque seu ser pertencia a ele, inescapável e profundamente. O seu “isso” era o que ela era e como ela via o mundo, e não alguma coisa em que tropeçara. Era como a vida que teve na cidade dilapidada à beira-mar, local que foi sua casa por um tempo: acostumara-se a observar os rostos sorridentes das pessoas que vinham a passeio durante o dia, descarregando seus carros novíssimos para brincar e sentar-se na praia olhando para o mar e dando as costas ao viveiro de casas esqueléticas e lojas degradantes na calçada larga da praia. E sempre levavam consigo a alegria e a excitação quando o sol se punha e eles iam embora. George era isso.

Ele era um turista.

Edie tinha de ficar ali o tempo todo.

Ela se levantou, pegou as moedas e enfiou no bolso, fechando o zíper para não perdê-las.

— Mas não é o suficiente para comprar um livro. Vamos ter de roubá-lo.

George se desencostou do gradeado e começou a andar rápido.

— Vamos. Este lugar me dá arrepios.

Eles refizeram o caminho através do corredor de arcos e viraram à esquerda, atravessando a praça, saindo pelo portão e seguindo para o norte, distanciando-se do rio.

A Temple Church ficou silenciosa e solitária agora que eles tinham ido embora, guardando os seus segredos para si. A única coisa que se moveu foi o pombo irrelevante nas árvores acima do lugar onde George e Edie estiveram.

O pombo irrelevante — que de irrelevante não tinha nada e que muito menos era um pombo — abriu os olhos, esticou as asas e voou acima dos telhados, para o norte também, como eles. Ele sabia, no seu negro coração, que, de todas as direções em que podia voar, o norte era a que lhe dava o maior prazer. Ele não sabia por quê. O fato era que voar devagar para o norte parecia o caminho mais agourento que um corvo podia tomar. Era um pequeno detalhe, mas quando se é tão antigo como ele, acumular pontos pelo estilo era uma das coisas que espantavam o tédio, já que a história tinha a mania de se repetir.

No chão, embaixo das batidas lentas das asas do Corvo, George e Edie perceberam que não havia mais vielas para andar e de repente se achavam uma vez mais na rua Fleet. Os ônibus noturnos passavam velozes, apostando corridas com os táxis e os carros comuns.

George olhou para as luzes, as cores e as vitrines iluminadas e sentiu tontura. Começou a andar para a esquerda, mas Edie o interceptou.

— Está com pressa de começar uma nova batalha com o Dragão?

Ele quase não ouviu bem, mas mesmo assim ficou irritado.

— Estou com pressa para tudo, ou você não ouviu o que o Frade Preto disse? Tenho menos de quinze horas para dar um jeito nisso antes que eu seja “peneirado”.

— Se quer ser peneirado, então continue nesse caminho. O Temple Bar fica logo ali.

George parou. Viu o Tribunal de Justiça e teve a impressão de perceber os contornos afiados do Dragão na sua sombra projetada na parede da igreja. Atravessou a rua e entrou numa outra que continuava para o norte.

— Rua Fetter^[5] — leu Edie na placa.

— Grilhões são correntes. Como algemas, mas para as pernas — disse George.

— Eu sei — retrucou ela. — Esse povo não escolhia nomes alegres, não é? Quero dizer, para nomear as ruas. Uma vez até me deparei com um largo do Coração Sangrando. Tinha uma atmosfera horrível. Não toquei em nada e passei por lá rapidinho.

Acima deles, pousando numa calha, o Corvo esperava que eles se aproximassem, pensando em corações sangrando e percebendo que tinha fome. Esperou que os dois passassem por baixo dele e voou por cima do telhado do prédio numa trajetória noroeste. Estava pensando no Caminhante, mas nesse momento olhou para baixo enquanto cruzava a divisa do centro de Londres e outra idéia lhe ocorreu.

Ele deu a volta e foi caindo como uma pedra, na direção de um prédio moderno com fachada barata de uma pedra rosada e brilhante, e aterrissou na parte norte da rua. Dava para perceber que o arquiteto gostava de fazer ângulos, porque o prédio não tinha nada a acrescentar aos dois prédios adjacentes. E o nada que acrescentava era uma coleção de linhas e pontas sem sentido que nem decorativas chegavam a ser.

Na frente, porém, no térreo, havia um recanto: metade como um abrigo para um vigia, metade como um boxe de banheiro mal iluminado e com superfícies de granito brilhante. O lugar estava ocupado, e foi para lá que o Corvo se dirigiu, parando sobre o ombro de metal de uma estátua que parecia quase humana, em partes. Ou melhor, o ombro de uma estátua que era feita de partes. E quase todas estas partes eram humanas.

O Corvo bateu o bico no ouvido da cabeça que era quase humana em partes.

De volta ao cânion da rua Fetter, George estava tentando explicar seu plano.

— Estou procurando um parque ou algo parecido. Algum lugar em que possamos dormir sem ninguém nos incomodar.

Edie deu um muxoxo.

— Parques são gelados. A realidade não tem nada a ver com os livros em quadrinhos, George. Eles mostram gente se abraçando embaixo das árvores com os pássaros bonzinhos jogando as folhas por cima para mantê-los quentinhos embaixo de um cobertor de adubo. Parques não são lugares bons de dormir.

— O que você sugere então?

— Um respiradouro. Algum lugar num canto de prédio em que haja uma saída de ar quente. Então podemos sentar numa caixa de papelão rasgada, pegar jornais, enfiar embaixo da roupa e pôr uma outra caixa por cima.

Chegaram a um cruzamento com uma outra avenida larga.

— High Holborn — disse ela, olhando para a placa pregada na parede de um prédio. — Não vejo parque nenhum.

— Tudo bem — disse George. De repente ele se sentiu muito cansado. Cansado daquilo. Cansado do pesadelo. Cansado de estar com medo. Cansado de estar confuso. Cansado de Edie fazer muxoxo o tempo todo.

— Tudo bem, encontre um respiradouro quentinho para nós.

Ele só queria mesmo dormir.

— Está bem — disse ela, e começou a andar virando à direita.

— Por que para cá?

— Porque é melhor ficarmos longe da divisa do centro, não é? Para evitar problemas.

Continuaram caminhando. Não disseram mais nada porque os dois já estavam tão cansados que começavam a se sentir desconexos e distantes, até mesmo do medo e da idéia dos estigmas. Apenas a irritação um com o outro parecia mantê-los a caminho. Assim, os dois, de maneiras diferentes, alimentaram suas irritações somente para que não desistissem e parassem.

Passaram por baixo de beirais salientes de um prédio antigo feito em parte de madeira. Era um prédio tão diferente que George parou para olhar. Tinha quatro andares de madeira escura, reboco branco e caixilhos de chumbo. Tinha um telhado íngreme e uma chaminé de tijolos. Parecia um daqueles prédios de cartões de Natal.

E havia também uma passagem em arco que se abria para um pátio no meio do prédio.

— Podemos ir para lá. Olhe! — exclamou ele apontando para o meio da rua. Um Fuzileiro de capacete de lata estava de pé no meio de um monumento de guerra, um pé descansando numa pedra, a mochila nas costas, um fuzil horizontal na mão enquanto olhava atento para o oeste, a direção oposta aos dois.

— Teríamos até mesmo um vigia na porta.

— Ele não é o Artilheiro — disse Edie, de súbito, mas desejando que fosse.

— Sim, mas ele é um cuspidor. Venha. Vamos ver. Vai ser seguro.

E teria sido seguro. Porém, enquanto eles estavam ocupados se afastando da divisa do centro para não encontrar problemas, o problema, graças ao Corvo, estava caminhando para encontrar com eles.

Se George não tivesse recuado para o meio da rua, para admirar a fachada do prédio de madeira, eles até que poderiam ter escapado, porque o Corvo os tinha perdido de vista e não teria como avisar ao Homem Grade. O passo que George deu foi o movimento que os olhos aguçados do Corvo interceptaram. E aí as coisas tomaram seu curso.

O Corvo deu uma revoada e bateu o bico no ouvido do Homem Grade. O Homem Grade atravessou a rua batendo e se arrastando pelo caminho, e este barulho de metal se arrastando pelo chão de cimento foi o segundo ruído que alertou Edie e George para o fato de que algo ruim estava para acontecer.

O primeiro ruído foi o que os assustou. Foi o CLAQ SHUF CLAQ que ele fez. E quando estava chegando mais perto, primeiro Edie, depois George, viraram a cabeça e o viram.

O Homem Grade tinha a estrutura de um homem troncado e musculoso, com uma cabeça de testa saliente e cabelos para trás. No entanto, ele não andava como um homem. Andava como um robô de brinquedo que não tira os pés do chão, deslizando um de cada vez. Era isso que fazia o barulho arrastado. Naquele instante, os dois deixaram de ver o que tinha de humano na criatura e começaram a perceber as partes que não eram. George viu que ele era feito de partes de uma figura humana, como se alguém tivesse cortado a estátua de uma pessoa em pedaços e depois colado de volta, deixando vãos entre os membros, e por isso a estátua parecia usar sua própria pele como uma armadura separada do resto. O rosto tinha um corte no meio, um largo canal atravessando o nariz e a boca, e dois cortes horizontais — um por cima do lábio superior e outro acima das sobrancelhas —, dividindo o rosto em seis partes. Cada parte se movia um pouquinho fora de sincronia em relação às outras partes, e suas expressões pareciam acontecer em fases diferentes. As partes do corpo, algumas mais mecânicas do que humanas, se moviam com esta

mesma qualidade de ritmo desconexo. Canos de metal se esticavam das partes do corpo como se segurassem tudo junto, semelhante a um espeto com pedaços de carne.

O ruído de CLAQ CLAQ vinha das duas grades de metal que ele segurava com as mãos. Tinham o tamanho e a forma de duas raquetes de tênis. O que fazia o CLAQ CLAQ era a bola de metal que ele jogava de uma raquete para outra enquanto caminhava.

Parada mais próxima do prédio, Edie olhou para George. George não olhou para ela. Falou baixinho, tentando não chamar a atenção do Homem Grade para a presença dela nas sombras.

— Corra. Fuja daqui. Eles só querem a mim.

O CLAQ SHUF CLAQ se acelerou.

— OK — cochichou Edie. — É só correr.

E ela desapareceu de novo na sombra do arco, sem correr, para que o ruído de seus pés não chamasse a atenção.

George deu uma olhadela para o Fuzileiro no topo de seu plinto.

— Você não poderia...?

O Fuzileiro não se mexeu. George decidiu que aquele não era o momento de tentar persuadir uma estátua a se mover se ela não estava mostrando qualquer sinal de que fosse capaz. Assim, deu um giro com os calcanhares e explodiu numa corrida para o leste. Começou a pensar que já tinha corrido tanto naquelas calçadas cruéis que seus pés já estavam machucados e doloridos. Depois de dez passos, acabou esquecendo da dor e só correu.

O Homem Grade aumentou a velocidade, mas ele não tinha sido construído para correr. O CLAQ SHUF CLAQ aumentou de ritmo e depois parou abruptamente. George percebeu, mas continuou correndo.

Atrás dele, o Homem Grade jogou a bola no ar e levantou a grade da mão direita como um jogador de tênis se preparando para um saque. Quando a grade-raquete acertou a bola, uma chuva de faíscas de metal batendo em metal se espalhou e o CLANG foi tão alto que desta vez George se virou para ver, e ainda bem que o fez, porque isso provavelmente salvou sua perna.

Ele viu a bola vindo na direção de seu tornozelo e levantou o pé num reflexo. Não levantou o suficiente, porque a bola raspou a sola de seu sapato e, naquela velocidade, a força do arranhão foi suficiente para arrancar parte do solado de borracha de seu sapato e fazê-lo cair. George conseguiu suavizar a queda com a mão no chão, mas ainda assim bateu na calçada de cimento duro com força suficiente para lhe tirar o fôlego por um instante, e sua face direita bateu no chão com tanta força que a dor fez seus dentes trincarem.

O impacto e a pontada de dor eliminaram ao mesmo tempo o medo e o ar de seus pulmões, e no seu lugar veio aquele sentimento negro e pegajoso, tão forte que ele sentiu seu gosto na língua.

Atrás dele, a bola continuou sua trajetória e depois começou a virar numa curva lenta.

George se levantou com dificuldade e olhou para o Homem Grade no fim da rua. Agora ele já tinha se acostumado com o fato de que o trânsito modesto da madrugada não notava absolutamente nada do que se passava na sua Londres.

Limpou a boca e ficou olhando para a estátua a uns sessenta metros na calçada coberta de lixo. O Homem Grade olhou de volta para ele, cada olho piscando em ritmo diferente. Por um momento, pareceu como um duelo de caubóis em um filme de faroeste, daqueles que seu pai tentou inutilmente fazê-lo gostar tanto como ele. George cuspiu no chão, esperando ver sangue. Nada.

Só o gosto amargo.

— Vamos ver se você dá sorte da próxima vez — murmurou, tentando decidir para que lado correr. Ficou aliviado de ver que o Homem Grade não tinha outra bola para atirar nele. Alguma coisa o fez ficar parado, esperando para ver o que o estigma faria.

O que ele não tinha notado é que a bola havia terminado sua curva e voltava como um bumerangue refazendo sua trajetória.

O Homem Grade levantou um braço e sorriu, um sorriso fora de foco que se espalhou pelo seu rosto em partes desconexas. Era como se ele estivesse acenando, ou fazendo uma saudação. Para George, o gesto tinha um tom de zombaria. Ele levantou o braço para imitá-lo e mexeu os dedos em um aceno de adeus.

— É isso aí. Até mais...

Por não ter olhos na nuca, George não tinha como saber que o Homem Grade levantara o braço no ar, como um jogador de beisebol com sua luva, para pegar a bola que voltava em sua direção caso ela não acertasse o alvo, que era a cabeça de George, é claro.

Por não ter olhos na nuca, a última coisa que passaria pela sua mente era que havia dois quilos de metal girando numa bola.

Por não ter olhos na nuca, e porque ELA podia ver o que estava vindo por trás dele, Edie deu um passo para frente, revelando-se de sua relativa segurança na sombra do arco, e gritou como uma louca.

— George! Atrás de você! Abaixе!

Ele se abaixou sem usar seu cérebro, apenas a adrenalina tomando a decisão por ele. Sentiu o zunido no ar quando a bola passou perto de seu ouvido esquerdo e viu o

Homem Grade se sacudir decepcionado quando a bola se chocou em um CLANG na grade que ele tinha levantado no ar, como a luva de um jogador.

George se endireitou e correu em ziguezague, tentando ser um alvo ambulante, procurando um beco para se esconder, suas omoplatas cocando em antecipação da próxima rebatida. Nada aconteceu e ele virou rápido em um vão entre dois prédios, batendo na parede de um deles ao calcular mal sua curva. Sorriu aliviado.

Isso instantes antes de ouvir:

— NÃO!

A voz de Edie.

— GEEOOORGE!

Ele a ouvira gritar antes, mas jamais com tanto pavor na voz, pavor misturado com dor. O grito o deixou paralisado.

O Homem Grade tinha agarrado Edie. No instante em que ela apareceu para avisar George, um segmento da cabeça do Homem Grade girou para o lado, com o olho direito na direção dela, enquanto seu lado esquerdo do rosto continuou olhando para o lado da rua onde estava George.

Ele a viu e depois foi atrás dela. Edie correu para as sombras embaixo do arco e se viu num beco sem saída. Quando se virou, ele estava bloqueando sua passagem. O Homem Grade se arrastou para a frente, batendo levemente as grades uma na outra numa imitação grotesca de um homem batendo palmas.

Edie não tinha para onde fugir, e, quando tentou passar por baixo de seu braço, uma das varas de metal que pareciam atar suas partes se esticou para fora e a pegou pela garganta como uma linha de varal. Ela perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Tudo ficou branco, depois escuro, quando sua cabeça bateu no chão. Ela deve ter desmaiado por apenas um instante, mas quando abriu os olhos de novo já estava de pé e se movendo. Ao tentar usar seus pés, percebeu que eles chutavam o ar, e a razão por que sua cabeça doía tanto era que ele a carregava pela cabeça, segurando-a entre as grades — não com força suficiente para esmagá-la, mas com firmeza para mantê-la no ar. As mãos dela seguraram as grades em um reflexo do seu instinto de sobrevivência, seus pequenos dedos se entrelaçando no metal para aliviar um pouco da pressão do peso de seu corpo na cabeça e no pescoço. Ele a carregava como uma boneca de pano e seu corpo se balançava de um lado para o outro acompanhando o movimento do seu caminhar. Edie chutava com seus calcanhares. Quando ele alcançou a rua, apertou ainda mais e sua cabeça realmente pareceu que era espremida numa prensa. Foi por isso que ela gritou, embora não se desse conta disso.

George ainda estava paralisado no beco estreito. Seu coração batia num ritmo como se fosse pular do seu peito e continuar correndo sozinho. Ele olhou para o beco.

Era sem saída.

Olhou ao redor procurando uma calha em que pudesse subir e continuar correndo. Imediatamente detestou a si mesmo pelo pensamento.

Edie gritou de novo. Mais perto.

Ele se detestou ainda mais por ter pensado em abandoná-la. Por isso voltou para a rua.

O Homem Grade estava caminhando na sua direção. Edie balançava como o badalo de um sino, pendurada entre as grades.

George não tinha idéia do que fazer.

— Ponha ela no chão! — ele gritou.

O Homem Grade continuou andando. Na hora em que o viu, Edie fechou a boca bem apertado. Não ia gritar na frente dele. Apenas as lágrimas traiçoeiras que insistiam em cair de seus olhos a denunciavam agora.

— Olhe aqui — disse George. — Ponha ela no chão. Não é ela que você quer!

As sobrancelhas do Homem Grade se arquearam: primeiro uma, depois a outra. Seu sorriso se partiu em duas metades e em nenhuma das duas era bonito. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro, com um movimento de dança robótica mal ensaiada. Abriu a boca para dizer alguma coisa e os sons de sua voz eram barulhos indecifráveis, vindos de uma boca dividida em porções diferentes. A voz profunda e desconexa não soava como qualquer língua que George já ouvira. O que saía de seus lábios era como os sons de um italiano com muita raiva tentando gritar mais alto do que um escocês bêbado com a boca cheia de dobradiças.

— NONVOGLIOLASSIEWANYOUSTRONZOWEEBASTURT.

— Você está machucando ela. POR FAVOR! — gritou George.

A cabeça do monstro balançou, os dentes se arreganhando, os olhos rolando de prazer. E isso George não agüentou, mas também não podia fugir porque Edie não estava mais gritando por ele ou por qualquer coisa. Estava sim pondo toda a sua energia em se pendurar nas grades e não deixar o Homem Grade torcer seu pescoço por engano. Talvez até pudesse ter corrido se os olhos dela não tivessem se fixado nos seus como os faróis de um trator.

Assim, ele correu e chutou o Homem Grade, e logo que ficou ao alcance dele, o estigma deu uma rebatida que o mandou voando pela calçada.

Edie tentou se desvencilhar para escapar, mas o Homem Grade a agarrou. George se pôs de pé novamente.

— Deixe. Ela. Em paz! Por favor!

O Homem Grade deu uma risada e levantou Edie acima de sua cabeça, e tanto Edie quanto George sabiam que sua intenção era torcer o pescoço dela ou atirá-la contra a calçada. Da mesma forma, sabiam que não havia nada que ele pudesse fazer.

— Corra, George! Corra! — gritou ela, as palavras saindo roucas de sua garganta.

— Não! — gritou George de volta.

E duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Um pássaro preto saiu das sombras e olhou para George, depois para o Homem Grade. Depois pousou no ombro do Homem Grade e bateu o bico, fazendo com que o Homem Grade risse cruelmente e se contorcesse.

Então George ouviu um som que já era conhecido. O baque de botas com solado de tachas no cimento. Era o som de botas do exército pisando no chão.

Por um momento apenas, o coração das duas crianças bateu mais forte ao imaginar que fosse o Artilheiro são e salvo. Ouviram, porém, uma voz desconhecida, fina e ácida com sotaque COCKNEY cortar o ar como uma lâmina afiada.

— Ponha a menina no chão, sua pilha de escória de uma má fundição dirigida por alemães.

O Fuzileiro de metal parou atrás do Homem Grade, o fuzil apontado com a baioneta longa pronta para entrar nas costas dele. Ele era um pouco mais leve do que o Artilheiro, mas o queixo expressava a mesma atitude de teimosia e resistência.

— CHEYIRPROBBIEIGNOTOPILEATOLIERYIRSEL! — cuspiu o Homem Grade de sua boca de peças desconexas. E não se moveu um centímetro, embora o pássaro tivesse voado para um lado e agora observasse de um ponto mais seguro.

— Ou eu vou estripá-lo como a um peixe.

O pássaro bateu o bico. O Homem Grade começou a se mover, mas o Fuzileiro foi mais rápido e mais decisivo. Com um explosivo “AH!”, ele deu um pulo para frente e enfiou a baioneta no vão da coluna do Homem Grade, entre os segmentos de suas costas. Faíscas se acenderam na ponta da baioneta enquanto ele a enfiava até o cabo, como faíscas se soltando de um moedor.

O Homem Grade se contraiu. Soltou Edie. No momento em que ela tocou o chão, George correu e a puxou para a parede, sentindo o braço dela tremendo de choque na sua mão.

Os dois ficaram olhando as duas estátuas ligadas pela baioneta enfiada nas costas do Homem Grade. O Fuzileiro segurava a baioneta firmemente, mas, pela expressão de esforço no seu rosto, e pelo tremor de seu braço, sem contar os tendões retesados no seu pescoço, dava para ver que ele estava lutando contra os esforços do Homem Grade de virar a lâmina.

— Pare. Volte para o seu plinto. Ou acabo com você. Já está quase na hora da virada do dia e mesmo um estigma como você não é tão idiota assim... — resmungou o Fuzileiro.

O Homem Grade rosnou. E depois fez uma coisa horrível consigo mesmo. Com uma série de ruídos cortantes, ele começou a se virar na baioneta, pouco a pouco, como um Cubo Mágico em forma humana. Primeiro uma parte da cabeça girou e fixou um olho no Fuzileiro, depois uma

parte do ombro girou para trás. Daí foi o topo da cabeça, e então as canelas e assim por diante. E com uma contorção final, as duas partes do peito giraram em direções opostas de cada lado da baioneta empalada, e o Homem Grade ficou de frente para o Fuzileiro.

— Caramba! — disse o Fuzileiro, com ar de quem não se impressionou. — Mas tu é feio que dói.

O Homem Grade ergueu as grades grossas em forma de elipse em cada mão e elas começaram a girar, cada vez mais rápido, como um par de moedores em ângulo. Depois aproximou-as do Fuzileiro.

O pássaro bateu seu bico, incentivando.

— Então é assim. A escolha foi sua — disse o Fuzileiro se retraindo um pouco.

BLAM BLAM BLAM. Ele atirou no corpo do Homem Grade. O coice da arma fez a baioneta se soltar e ele deu um passo para trás.

O Homem Grade não se transformou em pó como o Pterodáctilo. Ele caiu para trás e começou a se desintegrar. A cabeça rosnou para o Fuzileiro.

BLAM.

A cabeça parou de se mover e todas as partes caíram numa pilha de latão em espirais, como os restos de metal que saem de um torno mecânico. Elas se contorciam em um nó como minhocas brilhantes. Enrolavam-se e se desenrolavam cada vez mais apertado até não haver mais nada na calçada além do cheiro de metal queimado e a forma de um homem chamuscado na pedra.

O Fuzileiro descansou o cabo da arma na calçada e olhou para o chamusco, respirando ligeiro. Edie e George também olharam. O pássaro também. Por ter muito mais experiência nessas coisas do que os outros, ele pensou rápido e decidiu que era hora de ir embora. Abriu as asas silenciosamente e deu um salto para o ar.

Os olhos do Fuzileiro perceberam o movimento. Sua mão se moveu como um relâmpago.

Um CLIQUE e ele desencaixou a baioneta. Um ZUM, seguido por um TOC e um SQUAQ simultâneos, quando ele atirou a faca do tamanho de uma espada com força e velocidade pelo chão.

O Corvo ficou preso na parede do prédio, com a lâmina atravessada na sua asa. Não sentiu nenhuma dor, apenas irritação.

— Não, não vai mesmo — disse o Fuzileiro, enquanto rapidamente recarregava as balas no pente de seu fuzil através da culatra aberta e trancava o ferrolho com a munição pronta.

— SQUAQ? — disse o Corvo, tentando parecer amigo, bonzinho e fofinho, o que se torna um grande problema se a natureza resolveu lhe dar penas oleosas e pintá-las de um preto básico de vilão da história.

— Pode esquecer — disse o Fuzileiro e... BLAM. Despedaçou o Corvo numa chuva de penas que poderiam ser a matéria-prima de um bom espanador se o seu gosto pendesse para o gótico funesto.

O Fuzileiro pegou a baioneta e jogou o fuzil por cima do ombro. Olhou ao redor, certificando-se de que o caminho estava livre antes de olhar para George e Edie.

— Obrigado — disse George.

— Agradeça ao Artilheiro e ao velho Dicionário — disse o Fuzileiro. Sua voz não soava tão ácida agora que falava mais baixo, e seu tom tinha um leve chiado de severidade.

— O Artilheiro está bem? Você o viu? — perguntou George, animando-se. Mas o Fuzileiro negou com a cabeça com uma convicção que fez sua animação evaporar por inteiro num instante.

— Não. Pelo que ele escreveu, imagino que não há muita possibilidade de qualquer um de nós vê-lo novamente. Não como um cuspidor que anda. Acho que ele já era. Ele mandou um bilhete. Através de um pombo. Para todos nós. Dizendo que ele estava liquidado. E pedindo para que ficássemos de olho em vocês.

— Oh — disse George, com um nó na garganta.

— Foi — confirmou o Fuzileiro, e fez uma pausa. — Ele era um companheiro daqueles, não era?

Antes que George pudesse responder, ou talvez porque ele notara que George ainda estava abalado demais para isso, o Fuzileiro voltou sua atenção para Edie.

— Ela está bem? — perguntou ele.

George viu que Edie ainda tremia. Seu rosto, que sempre fora pálido, agora parecia quase translúcido. Os olhos dela estava escancarados, mas as pupilas escuras haviam se encolhido e estavam do tamanho de um ponto.

— Edie?

Ela ouviu a voz dele como se estivesse bem distante. Era muito difícil virar sua cabeça e quase impossível se concentrar em olhar para ele.

— Você está bem?

Edie apalpou as próprias orelhas. Ficou quase surpresa de que ainda estivessem presentes e grudadas na sua cabeça. Seu pescoço doía demais e ela o massageou.

— Aposto que sua cabeça está doendo por ter sido espremida por aquela tostadeira.

— Estou legal.

Mas ela não estava. E sabia bem disso. Ele também. Mas aquele não era o momento para começar a discutir só para que ela teimasse e piorasse as coisas. George também não tinha energia para uma discussão. E a energia que ela ainda tinha parecia estar sendo toda usada para mantê-la de pé. Ele decidiu ficar de olho nela. Edie poderia desmaiar a qualquer momento.

O Fuzileiro apenas balançou a cabeça.

— Boa menina. Muito bem. Agora vocês precisam sair da rua rapidinho. Têm alguma idéia de um lugar para onde ir?

Os dois negaram com a cabeça. O Fuzileiro olhou para o seu relógio. Franziu a testa.

— Ok. Sigam-me. Bem depressa. Sei de um lugar onde vocês podem achar refúgio. Não sei o que vocês fizeram, só sei que irritar aquele pássaro não foi uma boa idéia. Melhor a gente ir embora daqui.

George olhou para as penas que esvoaçavam no céu noturno.

— Mas você não o mandou para o inferno em migalhas? — perguntou ele.

— O inferno está muito mais perto do que você pensa — resmungou o soldado. — Por isso é melhor começar a andar.

Pôs o fuzil no ombro usando a correia.

— Vocês não vão querer estar por aqui quando ele voltar.

A PORTA IMPOSSÍVEL

A IGREJA DE SAINT DUNSTAN'S-IN-THE-WEST fica ao norte da rua Fleet. Ela é, e era isso que estava fazendo George virar-se e olhar nervosamente para o Temple Bar, a igreja mais ao oeste do centro de Londres, muito próxima da divisa. É uma igreja notável por várias razões, e uma delas é a sua porta, para a qual o Fuzileiro agora apontava. Era uma porta perfeitamente normal, com painéis em estilo georgiano, em um elegante marco de pedra. O que a fazia notável era que ela ficava no meio de uma parede lisa, do lado da igreja embaixo de seu próprio pórtico com frontão triangular, sem probabilidade de ser alcançada.

Era vigiada por dois homens fortes e barbudos, de pé de cada lado, nus da cintura para cima, cobertos apenas com peles de animais enroladas nos quadris. Eles seguravam um bastão numa das mãos, e a outra ficava virada para cima ao lado do quadril. Por nenhuma razão em particular, ou talvez fossem suas barbas, George se lembrou de seu professor de geografia na escola, embora suspeitasse que eles deveriam representar Hércules. No entanto, não sabia por que havia dois deles, nem tinha energia sobrando para especular. Acima da porta havia dois sinos pendurados, e George deduziu que eles batiam nos sinos quando o relógio mandava. O relógio se salientava em ângulos retos sobre a parede lisa embaixo do pórtico.

— Vocês ficarão seguros ali dentro, com aqueles dois vigiando a porta — disse o Fuzileiro.

— Mas não podemos subir até ela — George pronunciou o óbvio. — É impossível.

— Claro que é. É a Porta Impossível. Por isso é segura — disse o Fuzileiro. Juntou as mãos em concha sobre a boca e gritou para os dois Hércules.

— Ei, vocês!

O que segurava o bastão com a mão direita fez um movimento, como se acordasse de um devaneio. Esticou o pescoço e se inclinou para baixo. Uma enxurrada de palavras com um monte de consoantes e muito poucas vogais soou pelo meio da sua barba.

— O que ele está dizendo? — perguntou George. Edie ainda não estava realmente ali, embora sua tremedeira tivesse parado.

— Não faço idéia — disse o Fuzileiro. — É tudo grego para mim...

Ele sorriu para os Hércules. Apontou para George e Edie, levantou o polegar, bateu no seu relógio e virou-se para ir embora.

— Cinco minutos para a virada do dia. Preciso voltar para o meu plinto. Fiquem bonzinhos, mas se não conseguirem, então boa sorte!

E dizendo isso, desapareceu, as botas com tachos ecoando na rua, indo na direção de Holborn.

Edie o acompanhou com os olhos. Sentiu suas forças minguando. Quase não conseguia ficar de pé. Sentiu-se dormente. E agora, mais uma vez, sentiu o abandono ao vê-lo sumir na esquina.

— Edie — disse George. — Edie! Você não vai querer perder isso.

Ela se virou, e através de sua dormência veio o reconhecimento de um rangido. Quando olhou para cima, para a parede lisa, percebeu que as sombras estavam todas no lugar errado. Elas estavam erradas porque da última vez que olhara não havia qualquer sombra na parede lisa,

impossível de subir, à frente deles, e agora havia uma sombra em ziguezague que crescia.

Através da dormência que a envolvia, Edie percebeu que as sombras eram criadas por pedras que se salientavam da parede, formando uma série de degraus.

Os dois olharam simultaneamente para o topo dos degraus quando ouviram um estalo. Um dos Hércules tinha estalado os dedos e os chamava, enquanto o outro vigiava o céu escuro, com o bastão a postos.

— Ele disse que é seguro — disse George, sem soar inteiramente convencido.

Edie fez um último esforço e abriu o zíper de seu casaco, revelando o vidro do mar. Estava ali sem brilho, sem aviso, seguro. Ela passou por George e se adiantou pelos degraus. Ele esperou um instante e a seguiu. Um dos Hércules a ajudou no último degrau na frente da Porta Impossível e deu um empurrão para a porta se abrir, sem pronunciar uma palavra. Sorriu para encorajar a menina. Ela verificou seu bolso e deu um passo para dentro do pórtico, passando pelo batente.

George subiu no último degrau sem ajuda e sorriu para o Hércules que segurava a porta.

— Hum. Obrigado — disse ele.

O Hércules deu um sorriso de constrangimento e arrumou seu saiote de pele de animal. Pareceu que disse alguma coisa, mas George não tinha certeza. Ele retornou um meio sorriso e, hesitante, seguiu Edie.

Uma vez lá dentro, os dois se viraram e olharam para a porta em tempo de ver o Hércules trancando-a devagar, como se não quisesse assustá-los. Ele fez um gesto para que dormissem e pronunciou mais um montão de consoantes, fazendo mímicas de calma com a mão.

— Ele diz que aqui estamos seguros. Eu acho — disse George.

Com um último gesto e um sorriso, a porta foi fechada com um baque final. O ar na sala foi sugado um pouco, como se o ambiente tivesse sido lacrado.

— Espero que você tenha razão — disse Edie.

Os dois olharam ao redor. Havia iluminação vinda de uma lâmpada fraca coberta de teias fixada na parede acima da porta, suficiente apenas para formar sombras que realçavam o que não podia ser visto.

Era uma sala estranha. O mecanismo do relógio, que impulsionava os Hércules do outro lado da porta a bater nos sinos, preenchia o centro do espaço. Havia vigas, contrapesos, pêndulos e dentes de engrenagens. Toda a maquinaria jogava sombras angulosas para os lados da sala, onde havia caixas, cestos e apoios para hinários de espinhas quebradas apodrecendo contra as paredes. A sala de maquinaria obviamente também era usada como depósito.

Edie passou por baixo de uma roda de engrenagem gigante e abriu um cesto. Estava cheio de lamparinas. Abriu o seguinte. Estava cheio de batinas e sobrepelizes de coroinhas. Tirou alguns do cesto e simplesmente se ajeitou dentro dele, cobrindo-se com algumas das batinas, e ali fez sua pequena cama.

— Edie — perguntou George. — O que está fazendo?

— Dormindo — murmurou ela. — Preciso dormir.

Sua mão procurou o vidro do mar no bolso e ela deu uma última olhada.

— Tudo seguro. Pode dormir agora.

George tentou se lembrar o que era que se devia fazer com alguém em choque. Ou seria

concussão? Talvez ela tivesse uma concussão. Arrependeu-se de não ter prestado mais atenção às aulas de primeiros socorros na escola. Porque dormir talvez fosse a pior coisa para ela fazer.

— Edie, não sei se você deveria...

Ela abriu um olho.

— Cale-se.

— Não, não. Eu quero dizer você pode estar em choque e eu...

— George. Cale a boca...

E ele calou. O único som que ouviu foi o tique-taque pesado do mecanismo do relógio no meio da sala. Edie sentou-se.

— ...tem mais alguém aqui.

George sentiu a gota fria do medo descendo por suas vértebras. Olhou ao redor da sala, através das formas esquisitas da maquinaria, para as sombras, e se concentrou nelas. Havia muitas sombras na sala para que ele pudesse se sentir à vontade.

— Como você sabe? — perguntou baixinho.

— Ouvi.

George espiou pela sala de novo. Nenhuma das sombras tinha forma humana, embora a maioria delas fosse de tamanho suficiente para esconder várias pessoas. Decidiu pegar uma lamparina de dentro da cesta.

— Fique aqui.

Segurou a lamparina pela alça, pronto para usá-la como um bastão.

— Tem alguém aqui?

Nenhuma resposta.

— George — disse Edie.

— Tudo bem — mentiu ele, enquanto se preparava para fazer uma revista nos cantos da sala. Caminhou pelos quatro cantos no sentido dos ponteiros do relógio. Depois revistou o teto e o topo da maquinaria. Usou uma trave de metal como apoio e subiu para dar uma olhada. Achou apenas poeira e cocô de pombo.

— Não tem ninguém aqui — disse ele, aliviado. — Edie?

Não ouviu resposta. Pulou para o chão e correu até o cesto.

Edie tinha adormecido. O vidro do mar ainda estava apertado em sua mão fechada, que repousava embaixo de uma face. Ele pensou se não deveria acordá-la, mas decidiu que a deixaria dormir, porque provavelmente não era uma coisa ruim. Além do mais, ele também talvez precisasse de um cochilo.

George se sentou no chão com as costas apoiadas no cesto, abraçando seu casaco e desejando que não estivesse tão frio. Ainda sentia a umidade do Tâmis. Tentou lembrar-se daquele dia quente no celeiro, na sua cama de feno com seu pai desenhando o touro, mas a lembrança não parecia trazer o calor dessa vez, e sim uma frieza ainda mais profunda.

Sua cabeça pendeu para frente duas vezes e depois se inclinou de vez.

Por algum tempo tudo o que se ouvia era o tique-taque do mecanismo do relógio, o trânsito distante lá fora e a respiração compassada de duas crianças dormindo.

Havia, porém, algo mais, uma espécie de contraponto ao ritmo do relógio, quase imperceptível, tão baixinho que praticamente não se percebia.

George abriu os olhos. Não moveu um dedo.

— Edie — murmurou. Tentou cutucar o cesto sem se mover muito. — Edie!

Não houve resposta, nem movimento no cesto atrás dele. Edie continuou dormindo, o vidro do mar ainda perfeitamente protegido na mão fechada sob sua face, sem brilho e seguro.

— Um clique. Estou ouvindo algo.

— *ALGUÉM* — disse uma voz de um canto coberto de sombras ao lado de George. O canto sombreado que ele tinha revistado cuidadosamente e achado vazio. — *ALGUÉM*, ou melhor, *EU*. Por favor, me desculpe. Sem intenção de assustar. Apresentar-me, talvez? Não desejo mal para você.

A sombra se moveu com sacolejos lentos e foi se revelando numa forma humana, um homem. Ele estirou a mão, aberta com a palma para frente, como se estivesse espantando até mesmo um pensamento de que ele *PUDESSE* indicar má intenção. A outra mão ficou estirada ao seu lado e se movimentava constantemente, passando contas em um longo laço de cordão entre os dedos e o polegar, como se ele contasse alguma coisa.

Ele retinha quando se movia e, quando surgiu na luz tênue, George viu que o tinido era porque ele estava coberto de relógios, chaves de dar corda, ferramentas de relojoeiro e pequenas latas com óleo, tudo pendurado por cordões antigos presos a seu casaco. Parecia mais uma árvore de Natal humana. O casaco era na verdade uma casaca à moda antiga, com remendos e tão desbotada que não se podia distinguir se era verde ou preta, ou onde terminavam os remendos e começava a casaca original. A costura dos remendos tinha pontos regulares e aprimorados, claramente o trabalho de um perfeccionista.

Seu rosto, ao ser revelado aos poucos pela luz escassa da única lâmpada, parecia mais desgastado do que velho, e de fato era muito mais jovem do que aparentava ser quando se olhava com mais proximidade e atenção. Era então um antigo rosto jovem, um rosto que mantivera os traços jovens por muitos e muitos anos. Seus cabelos, amarrados em um rabicho preso com uma fita roxa puída, não eram de fato grisalhos como pareciam ser, mas apenas, como suas roupas, cobertos por uma poeira fina. Sua testa era alta e o nariz delgado, ambos protuberando de seu rosto como em desafio.

Descansando no topo de seu nariz pontudo havia um par de óculos de joalheiro, com lentes de aumento presas numa armação pronta a se encaixar sobre as lentes normais, que eram profunda e estranhamente azuis. Isso lhe proporcionava uma aparência perturbadora de um homem cego que poderia ver se assim escolhesse.

Ao redor do pescoço ele usava um cachecol cinza de lã enrolado várias vezes, com as pontas enfiadas dentro da casaca de botões duplos, ligados por três correntes de relógio. Suas calças combinavam com a cor preta ou verde da casaca, mas retinham a sugestão de riscas, além de vestígios de muitos e muitos reparos precisos.

— Tinha um nome. Muito tempo atrás. Não mais conhecido agora. Conhecido agora como o Contador. Prazer em conhecer. Desculpe o transtorno. *ET CETERA*.

Ele então deu um clique, batendo o salto de uma bota contra o outro, inclinou a cabeça em reverência e estirou a mão que não segurava as contas, se apresentando.

— Você não estava aí quando eu revistei o canto um minuto atrás — disse George, desconfiado,

sem tomar a mão oferecida, e espiou rápido para o cesto. Edie ainda dormia e o vidro do mar não avisava sobre perigo algum.

— Foi. Minuto atrás você dormindo. Revistou meu canto horas atrás. Sem erro. Certeza disso. Tempo é meu negócio, como vê.

Ele falava em frases curtas, frases desprovidas de pronomes ou verbos que não eram realmente sentenças completas, apenas recortes de informação. Sua mão esquerda nunca parava de contar as contas do cordão. George se acostumou com o ritmo da contagem das contas como uma espécie de pontuação entre as sentenças. As microfrases eram pronunciadas de forma expressa, para que não se perdesse um segundo.

George tentou banir a sonolência e reavivar a mente. Olhou para o Contador.

— Ok. Horas atrás, então. Você não estava ali.

O Contador tossiu como a pedir desculpas.

— Sim. Estava. Truque espantoso. Escondido. Melhor, fiz você não me ver. De novo, perdões, ET CETERA.

Sua mão livre fazia movimentos que circulavam e se encaracolavam como se tentando traçar uma mola gigante de um relógio, ou talvez conjurar a impressão de um fardo de ET CETERAS do ar na sua frente. Depois a posicionou novamente para ser tomada.

Com sua mente firme no vidro do mar ainda opaco, George, hesitante, tomou a mão oferecida. O aperto de mão foi firme.

— Eu sou George.

— George. Nome bom. Rapaz robusto, sem dúvida. Vi você tomando conta menina. Coisa certa a fazer. Obviamente abalada.

— Ela tomou um susto — disse George, de repente tomando as dores de Edie, ressentindo a sugestão de que ela havia desmaiado de fraqueza. — Ela é forte.

— Claro, com certeza. Uma fagulha, vejo. Nunca houve uma fagulha fraca. Duras como as pedras que lêem. Não quis ofender.

— Err. Tudo bem.

De repente ele se sentou à frente de George, dobrando e cruzando as pernas como uma máquina bem azeitada. Baixou a voz.

— Melhor não acordar menina. Em choque já. Quando me vir? Camarada fora do comum? A gota d'água talvez? ET CETERA. Entende, sim?

— Sim — disse George.

— Bom rapaz. Quer chocolate, certeza? Crianças sempre querem.

Ele sorriu convidativo. George sacudiu a cabeça e disfarçou um calafrio. O vento frio vinha das frestas da porta, que podia ser Impossível, mas não era calafetada.

— Hum, não. Chocolate não.

O Contador mostrou-se decepcionado. Olhou George de perto. Mesmo assim ainda não perto o suficiente, porque acabou baixando as lentes de aumento a fim de esmiuçar a inspeção. Depois encostou-se e começou a desenrolar seu cachecol. Era um cachecol muito longo, e ao ser desenrolado ficou claro que também era um cachecol muito largo. Quando ele tirava a última

volta do pescoço sobre a cabeça, o cachecol enganchou nos óculos e os arrancou do rosto, derrubando-os no chão.

O Contador abaixou a cabeça por reflexo, ao mesmo tempo olhando de soslaio e se esquivando. Apalpou o chão buscando os óculos, um olho cerrado, o outro procurando.

— O que há de errado com seu olho? — perguntou George.

— Nada — respondeu o Contador, fazendo o olho aberto sorrir. E era verdade. Sem os óculos sinistros, George ficou surpreso de ver que o olho tinha uma cor verde-clara simpática com pontinhos castanhos. Era um olho transparente, generoso, embora sua palidez lhe desse um ar de desbotado ou, da mesma maneira que suas feições, surrado pelo tempo. Ao ver o rosto com o olho não escondido pelas lentes escuras, ele decidiu que aquele não era um rosto carrancudo, era sim um rosto que poderia até produzir um riso de vez em quando.

— O outro olho — disse George.

— Ah, o outro assustador. Perturbar você. Melhor escondê-lo atrás disso.

E enfiou a armação atrás das orelhas e escondeu seus olhos sob as lentes azuis novamente. George notou pela maneira como as rugas em seu rosto se relaxaram que ele havia aberto o olho “assustador” atrás das lentes impenetráveis.

— Aqui. Deixe cachorro ver coelho. Meio-coelho, quer dizer — disse sorrindo o Contador, ajeitando as lentes sobre o olho normal. Tirou as lentes azuis de cima das normais. O efeito mudou de um homem sinistro usando óculos escuros à noite para uma pessoa mais normal usando uma venda escura sobre um olho. Seu rosto mudou suas proporções de acordo e ficou quase alegre. Ele piscou para George e lhe passou o cachecol.

— Tome. Por favor. Espantar frio incomum. Como um favor, ET CETERA.

Então enfiou a mão no bolso e remexeu procurando algo.

— Sem problema com o chocolate. Certeza tenho algo aqui...

E tirou metade de uma barra de chocolate meticulosamente reembulhada em seu invólucro dourado. Estirou-a para George com um gesto de incentivo.

— Meu prazer. Bom para você. Reanima talvez. O tanto que quiser.

George deu uma mordida no chocolate e imediatamente sentiu que estava faminto. Tentou fazer com que o gosto durasse, sentindo prazer na sensação agridoce em sua língua, deixando-o derreter um pouquinho antes de mastigá-lo.

— Sem querer ser grosseiro, mas o que você é? Um cuspidor?

— Cuspidor? Não. Nem estigma, fique tranqüilo.

Ficou observando George comer com um olho bondoso. Parecia estar procurando palavras curtas para explicar a coisa complexa que ele era.

— Sou marcado. Um dos Infaustos. Por assim dizer.

Ele sorriu como se soubesse que provavelmente estaria confundindo George ainda mais. O que de fato estava.

— Os Infaustos? — perguntou George, com a boca cheia de chocolate.

— Os malditos. Homens esquecidos. Excomungados.

— Não sei o que “excomungado” quer dizer — disse George, se desculpando.

— Ah, palavra antiga. Desculpe. Excomungados são os que carregam uma maldição. Amaldiçoados a vagar na terra além do tempo natural dos anos. Não faz sentido aos seus ouvidos, sem dúvida. Detritos de crenças antigas. Fragmentos de muitas religiões esquecidas. ET CETERA.

— Você foi amaldiçoado? A vagar pela terra para sempre?

— Sou o Contador. Minha maldição? Ficar de olho no tempo. E vice-versa, como você vê. Não se assuste, peço...

Ele levantou a lente azul do olho assustador. George não teve como não recuar. O olho não era um olho, era um relógio. Tinha dois ponteiros regulares para as horas e os minutos, mas o efeito absurdo e perturbador se dava porque ele pulsava entre o branco e vermelho, acompanhando o ritmo do ponteiro dos segundos.

O Contador escondeu novamente o seu olho-relógio atrás da lente azul.

— Um olho no tempo e um tempo no olho. Minha marca.

Ele sorriu se desculpando. George olhou de relance para Edie. Ela continuava dormindo. Ele limpou a garganta.

— Você poderia me dizer o que está acontecendo comigo?

— Termos gerais? Certamente. Encontrou uma Londres do avesso.

— Londres do avesso?

— Lugar com cuspidos, estigmas, ET CETERA. Invisível aos habitantes da sua Londres. Mas sua Londres apenas uma Londres. Uma de muitas. E o que você vê como Londres? Meramente apenas outro avesso de Londres. Mais coisas no céu e na terra, Horácio. Pois sim. E mais céus e terras. Mais infernos também. Alguns deslizam. Uns caminham. Outros caem. Entre os mundos, é isso.

George lembrou de Pequena Tragédia dizendo que havia mais “aquis” aqui do que eles imaginavam. Sua cabeça começou a rodar.

— Isso é como... magia, ou alguma coisa assim?

O Contador se mostrou levemente chocado com a idéia. Negou com a cabeça e os objetos pendurados nele tilintaram como para enfatizar.

— Magia não. Magia tolice. Tudo feito com espelhos.

— Mas eu posso caminhar entre os mundos? Quero dizer, é isso que está acontecendo comigo?

— Não. Você caiu numa Londres do avesso. Não caminhou. Foi empurrado. Alguma coisa em você. Dá para cheirar. Já cheirou pára-raios depois de relâmpago? Mesmo cheiro. Metal quente e eletricidade estática. Pode ser dom, pode ser maldição. Provavelmente os dois.

— Sou amaldiçoado? Você quer dizer que sou um dos Infaustos?

— Amaldiçoado talvez muito forte. Desculpe. Mas marcado, certamente.

George sentiu uma pontada na mão e a escondeu no bolso.

— Por que eu seria amaldiçoado?

O Contador deu de ombros.

— Fez coisas ruins?

— Não. Não. Não tão ruins para merecer uma maldição, quero dizer.

— Algo ruim? Geralmente pessoas sabem por que amaldiçoadas. Comece pela pior. E siga daí.

— Não tem uma coisa pior — disse George categórico. — Não dessa maneira. Não fiz nada...

Calou-se. Aquela sensação negra subindo pela garganta. O Contador olhou para ele com o seu olho bondoso e balançou a cabeça.

— Melhor falar do que guardar. Ou não. Não desejo intrometer. Um segredo é um segredo... Mas pode ajudar.

— Eu disse algo. Algo ruim.

— Improvável amaldiçoado por palavrão. Embora fosse adequado. Rá.

— Não foi palavrão.

George se sentiu de repente sem poder falar ou respirar. O que o impedia era uma imensa bolha de ar que ficou emperrada no seu peito e que era muito grande para escapar.

— Não me diga. Coisa sua. Impertinente. Somente tempo meu negócio. Falo com outros raramente, esqueço mim mesmo. Imponho muito. Mil perdões. ET CETERA.

Ofereceu a George o último pedaço de chocolate. George queria mas negou. O Contador embrulhou-o de volta e entregou a ele.

— Para menina. Fagulha. Fome quando acordar, sem dúvida.

George pegou o pedaço e pôs no bolso do casaco. De algum modo, depois de tudo que ele passou, aquela cortesia era um pouco difícil de compreender.

O Contador sorriu e olhou para longe, dando a George espaço e quietude. Era um silêncio surpreendentemente amistoso.

O FRIO DO INFERNO

SE VOCÊ CAMINHAR DENTRO DE UM RIACHO pedregoso de montanha, e se achar numa parte em que os seixos foram encurralados por uma certa combinação do fluxo da água corrente e do relevo no leito do riacho, você pode ver às vezes um buraco perfeitamente redondo feito por um dos seixos — um seixo preso no redemoinho da água — para sempre girando no fundo do buraco. O seixo, embora preso em um só lugar, faz um buraco na pedra porque nunca pára de se movimentar.

O Caminhante, um homem condenado ao fluxo de eventos em sua própria vida, também nunca pára de se movimentar e só encontra um certo alívio para a sua maldição em espaços circulares restritos em que arrasta os pés enquanto cochila, naquele estado que é o mais próximo que um homem amaldiçoado a caminhar para sempre alcança em vez de um sono propriamente dito.

Sua predileção era pelo círculo rebaixado de pedra da praça da Biblioteca, ao lado da estação Saint Pancras, e era seu hábito ficar rodando em seu círculo limitado por horas na quietude da noite.

Só que desta vez não havia quietude.

Suas voltas ao redor do espaço eram acompanhadas por um barulho que soava como o rangido de metal contra pedra, conforme passava a lâmina de sua longa faca ao longo do banco curvado que o rodeava. Ele mantinha os olhos fechados, porém a cada volta completada no círculo ele parava, virava-se e retomava seus passos pelo mesmo caminho, fazendo com que a lâmina fosse afiada em ambos os lados igualmente.

Orgulhava-se do fio da faca. Havia desfrutado de um longo tempo para aperfeiçoar este método de amolar. E era um trabalho que ele fazia quase dormindo.

Nesse momento, ele ouviu um CRAMP e um CRI e algo atingiu o chão em ângulo fechado, deslizando até o círculo à sua frente. Por ter se acostumado com o barulho da cidade, ele continuou com os olhos fechados e acabou tropeçando no montinho de gelo que havia surgido. Seu joelho tocou o chão e ele abriu os olhos, aturdido.

O Caminhante fez uma careta de dor e raiva e se ergueu para voltar a caminhar. Deu uma volta ao redor do montinho e o chutou com o bico da bota, levantando uma nuvem de cristais de gelo. O montinho girou em seu próprio eixo e de dentro veio um leve e tremido “CRA?”.

O Caminhante rodeou a coisa mais duas vezes e depois bateu de leve nela, agora com o salto da bota. O casulo de gelo se quebrou e um Corvo com aparência muito tristonha saiu dele, o bico batendo de frio.

O Caminhante enfiou a adaga de volta na bainha.

— Em que inferno você se meteu? — perguntou ele, com um sorriso cortante que não durou nada.

O Corvo sacudiu o resto de neve entre suas penas e voou para o ombro dele, se acomodando perto de seu pescoço, encontrando o ninho perfeito no capuz volumoso de seu pulôver. Não precisou responder à pergunta porque: a) era uma pergunta retórica; e b) era um gracejo que o Caminhante jamais se cansava de usar numa situação como aquela.

Ele tomou sua posição dentro do capuz, fechou os olhos e tentou parar a tremedeira. Não precisava do Caminhante pelo seu senso de humor. Necessitava-o pelo seu calor.

CONTANDO AO TEMPO

GEORGE E O CONTADOR ficaram sentados sob a luz tênue observando Edie dormir. E por fim, talvez por ser aquele um silêncio amistoso, George começou a preenchê-lo com palavras inesperadas.

— Falei uma coisa ruim para o meu pai.

— Ah — disse o Contador. — Maioria dos filhos. Cedo ou tarde.

— Uma coisa REALMENTE ruim. Eu estava furioso e disse coisas que eram ruins e mentirosas só para machucá-lo. E o machuquei. Ele disse que eu não queria dizer aquilo. E eu disse que queria. E cuspi nele. Quer dizer, eu era pequeno, tinha uns dez anos... e ele foi embora no carro. E estas foram...

Ele parou porque de repente pareceu de extrema importância examinar a parede com a tinta descascando à sua direita. O único som que se ouvia era a respiração de Edie, além do clique das contas do Contador marcando os segundos.

— É que ele saiu com lágrimas nos olhos e eu não pedi desculpas ou disse adeus... Não disse nada. Ele limpou o cuspe do rosto e disse que eu não queria dizer aquilo e que estava apenas tentando machucá-lo porque eu estava sofrendo. E eu jurei que era o que eu quis dizer e que sempre seria e ele me olhou de um jeito estranho como eu nunca vi antes. Achei que ele ia... mas em vez disso, ele foi embora.

Ele parou para examinar melhor a parede e limpar o nariz.

— Não sei por que estou lhe contando isso.

O Contador sorriu.

— Porque você pode. Todo mundo pode contar ao tempo.

— Como?

— Brincadeira. Jogo de palavras. Ameniza a atmosfera. Mau hábito. Mil perdões.

— Oh — disse George.

— Pode contar tudo ao tempo. Nada mudará. O tempo continua passando sem cessar.

— Sei — disse George. E aí contou ao Contador como seu pai saiu dirigindo e nunca mais voltou porque alguém também não estava prestando atenção e bateu contra o carro dele no dia seguinte e ele morreu na hora e não havia então mais nada a dizer a não ser um pedido de desculpas que era apenas sem sentido e vazio como um caixão, porque agora não havia ninguém para ouvir. E porque ele conseguiu ultrapassar a pior coisa, o resto das palavras saíram fáceis e fluidas.

E elas vinham tão rápidas que ele suspeitava que estivesse balbuciando coisas sem coerência numa grande ansiedade, porém cada vez que olhava para o olho do Contador para ver sua reação, o olho apenas sorria amigável e compreensivo. George contou tudo sobre o que aconteceu desde o Museu de História Natural, as palavras das esfinges, a necessidade de encontrar o Coração de Pedra e o sacrifício que deveria ser feito. Contou sobre o Frade Preto e

seu mapa de palavras que indicava como encontrar o coração da pedra. Contou sobre a Escada em Espiral que levava à Memória do Fogo, onde a memória estava encarcerada, e como ele deveria pegar o fogo para que ele mostrasse o caminho para o Coração de Pedra.

De repente, George se sentiu totalmente exausto e sem palavras. Fechou então os olhos e desejou estar em casa, na sua cama, onde tudo parecia real.

O toque da mão do Contador no seu ombro o fez acordar com um sobressalto.

Ele não tinha percebido que havia cochilado.

— Quanto tempo dormi?

— Muito tempo e talvez não tempo suficiente. Não faz mal. Tempo para pensar.

— Não estava pensando. Estava dormindo.

George começou a entrar em pânico ao perceber que estava perdendo tempo quando deveria estar matutando sobre a solução.

— Não faz mal. Dormir bom. Pensar se faz por si só. Agora sobre o Frade Preto. Suas dúvidas? Nenhuma razão para desconfiança em si. Nenhuma no meu ver, pelo menos. Agora certo não confiar em ninguém. Sua situação? Cautela essencial. Leve tudo com pouco de desconfiança. Mim mesmo também. Pouco de desconfiança comigo. Mas se interessar, tenho idéias.

George se endireitou.

— Claro que me interessa! Para mim é tudo um absurdo.

— Memória do fogo? Coração de Pedra? Escada em Espiral? Muitas coisas em Londres. Agulhas em palheiro.

— Eu sei.

— Muitas coisas. Mas somente um Fogo. Somente um Grande Fogo.

O olho fitou George, incentivando-o. George lembrou de Londres e de incêndios; depois pensou na Blitz, foi mais longe e lembrou das lições de história, e descobriu.

— O Incêndio de Londres?

— Sem dúvida. Evidência corroborativa? Memória do Fogo? Memorial ao Fogo?

George forçou sua própria memória, atijando as brasas mornas de lições passadas. A classe havia preparado um mapa sobre o Grande Incêndio. Homens de peruca derrubando casas de madeira queimadas e a peste bubônica que havia acontecido antes do Incêndio. Depois, ele se lembrou de ter recortado uma silhueta em papelão de uma coluna...

— O Monumento! — disse ele.

— Exatamente. Monumento Memorial do Incêndio. E dentro do Monumento? Escada, circular. Espiralada, pode-se dizer. Leva ao topo. E no topo? Urna. Urna do Fogo.

— Isso é simplesmente brilhante — disse George, com um sorriso.

Começou a se levantar. O Contador gentilmente o puxou de volta ao seu lugar.

— Isso — disse ele — não fica aberto ao público no meio da noite. Durma. Hora ruim para estar nas ruas. Altas horas da noite. Vagam os Servos da Pedra.

— Servos da Pedra?

— Excomungados do destino, como mim mesmo aqui. Excomungado pelo pacto feito com a pedra

sangrenta. Mim mesmo livre de servidão para ninguém além de meu próprio destino. Guardar o tempo como castigo. Não escravo como os Servos da Pedra. Cuidado com eles. Estão de olho em você. Agora durma. De manhã pode sair pela outra porta. Pela igreja. Vai estar aberta. Usada pelos russos ortodoxos. Acordam cedo. Melhor que despertador.

Ele bateu nas contas com um sorriso e inclinou a cabeça sobre elas. O jeito como ele inclinava a cabeça lembrou George do Artilheiro. E a lembrança do Artilheiro levou a outra pergunta na sua mente.

— Desculpe, tenho mais uma questão. Quando tudo começou, quando o Artilheiro me salvou, ele disse uma coisa.

— Sem dúvida. Fato impressionante. Digno de comentário.

— Ele disse que eu não fazia idéia daquilo a que havia dado início.

— Homem de perspicácia.

— Não — disse George. — Quero dizer, sim, mas ele não sabia nada sobre isso, sobre a Pedra do Coração, o Coração de Pedra ou o que quer que seja. Estava falando sobre outra coisa, eu acho. Alguma coisa sobre os cuspidos e os estigmas...

O Contador balançou a cabeça preocupado.

— Cuspidos, estigmas. Hostilidade. Paz frágil sempre. Equilíbrio da desconfiança. Artilheiro mata quatro estigmas. Equilíbrio acaba. Coisas fora do equilíbrio. Desafio lançado.

— O que quer dizer?

— Não sei. Não totalmente. Mas já aconteceu antes. Guerra entre cuspidos e estigmas sempre uma possibilidade. Sempre nas sombras. Por isso algumas estátuas caminham e outras não. As que não caminham são...

— Estátuas mortas?

— Exatamente. Vítimas de guerras passadas. Estigmas, veja bem, vazios, destituídos de espírito. Sentem falta, precisam preencher o vácuo. Apetites, inveja, monstros interiores ET CETERA. Odeiam estátuas com espíritos. Odeiam significado. Querem isso também, sempre odiando não poder possuir. Mas não se preocupe. Se guerra de cuspidos começar, não há como deter.

— Mas você está dizendo que eu posso estar começando uma guerra?

— Apenas um “posso”. Nunca deve dormir se preocupando com um “posso”. Especialmente se estiver fora do seu alcance. Concentrar no que pode fazer. Compreende? Agora durma. Fico de olho.

Não havia qualquer possibilidade de George dormir agora, com sua mente inundada com toda essa nova informação. Ele virou de um lado, virou de outro, e, enquanto tentava entender, os círculos nos seus pensamentos ficavam se repetindo e voltavam aos seus receios e lembranças com tanta freqüência, e de forma tão inescapável, que acabou se tornando regular e tranqüilo... e isso foi o que o levou a adormecer.

A ESTÁTUA MORTA

O HOMEM GRADE OLHAVA FIXAMENTE para o outro lado da rua. Uma mão longa e ossuda acenou na frente de seus olhos. Ele não se moveu. A mão se espalmou no vão que era o seu peito e pressionou contra o bronze opaco, como se à procura de uma batida de coração ou algo que indicasse uma centelha vital. A mão desistiu e cerrou-se em um punho insolente, dando toques com o dedo na testa de metal.

O Corvo pousou no topo da cabeça do Homem Grade. Fez uma linha fina de cocô que deslizou sobre o rosto imóvel, deixando uma risca branca vertical sobre o inerte olho esquerdo.

— Exatamente. Não há ninguém mais aqui, apenas um monte de metal — disse o Caminhante. — Ao contrário do senhor. Um pássaro de penas inigualáveis, por assim dizer. Não levou muito tempo para você se recuperar, não é mesmo?

Havia várias coisas que o Corvo considerava inadequadas no Caminhante. Nunca ficar parado o fazia um poleiro para lá de ideal, por exemplo. Sem falar no hábito de fazer comentários irônicos sobre sua habilidade de renascer. As pessoas não faziam piadas sobre fênices, pensou o Corvo. Ele guardou o comentário para uso futuro em uma briga de ressentimento e deu uma sacudidela nas penas. Elas não davam mais a sensação de novas. Na verdade, sentia como se fossem mais velhas do que a terra que cobre o chão.

— Então — disse o Caminhante, tendo a indelicadeza de se mostrar apressado e impaciente enquanto falava com um pássaro cujos longos devaneios eram calculados em anos-luz. — Precisamos de algo para farejá-lo. Algo com apetite por crianças.

Estava começando a chover forte. Ele levantou a gola do casaco, automaticamente esfregando a pedra pendurada ao redor do pescoço, tirou o retalho da camiseta de seu bolso e pôs na frente do Corvo.

— Chegou a hora do Minotauro.

UM DIA PARA REPARAR

GEORGE ACORDOU DE SUPETÃO. Edie estava parada na sua frente. Parecia melhor. E estava mesmo, porque o cutucava com gosto.

— Ei, você estava roncando!

Ele olhou ao redor da sala. Levantou-se e revistou cada canto.

— Ele foi embora — disse ele, decepcionado.

— Quem foi embora? — perguntou ela, olhando desconfiada.

George então contou a ela sobre o Contador e o que ele disse. Não mencionou nada sobre o que ele próprio contara ao Contador, porque não tinha nada a ver com ela, e, além disso, por já ter contado a alguém, ele achava que era o que importava.

— Como ele era, esse Contador? — perguntou ela. George o descreveu, começando pela sua aparência e pelo seu olho de relógio, terminando com seu aviso sobre os Servos da Pedra.

— E eles não são estigmas? Nem cuspidos?

— Não — respondeu ele, consciente do fato de que Edie o levaria às fronteiras de seu conhecimento.

— Então o que são?

— Excomungados.

— Pelo que disse é o que parecem.

— Quer dizer amaldiçoados. Foram amaldiçoados a caminhar pela terra até desfazer o que fizeram e que lhes causou o infortúnio em primeiro lugar. E os Servos da Pedra têm...

— Contas a acertar com a Pedra.

— É — disse ele, sentindo-se afundando cada vez mais na água ao redor de seus pés.

— E você tem contas a acertar com a Pedra? — perguntou Edie com cuidado, esfregando seu vidro do mar inconscientemente entre seus dedos. Estava se lembrando do aviso da menina afogada, que gritou “Ele não é o que parece”. Sentiu um choque gelado de dúvida. Pensou que o aviso era sobre o Frade Preto. Mas e se a menina estava avisando sobre George?

— Sim. Porém não como eles — disse George, os pés tentando em vão se libertar desesperadamente das águas profundas de sua ignorância.

— “Porém não como eles” — ela repetiu. — Então me diga como é que você sabe disso?

— O Contador me disse que eles são pessoas que fizeram um pacto com a Pedra. Eu não fiz pacto nenhum. Eu, bem, eu a violei.

— E violá-la é diferente?

— Aparentemente é.

Edie sentiu a sala diminuir ao seu redor. Queria respirar ar puro, longe da poeira e da escuridão, longe daquela sensação agora ligeiramente incômoda de estar presa em um lugar fechado com George.

— Como vamos sair daqui? Quero dizer, vai ser um pouco mais difícil descer daqui em plena luz do dia...

George de repente se conscientizou do barulho da cidade do outro lado da porta. O ruído do trânsito já era alucinante e ele percebeu com um choque que havia dormido de novo, e dessa vez bem mais do que antes.

— Podemos sair pela igreja — disse ele, se apressando na direção da porta que o Contador mostrou. — Por aqui.

Ele girou a maçaneta. Edie o acompanhou cautelosamente. Do fundo da escada estreita veio o som de cânticos numa língua que não era o inglês.

— O que é isso? — sussurrou ela.

— Russo — explicou ele. — A igreja é usada agora pelos russos ortodoxos, segundo o Contador.

— O que são “ortodoxos”? — perguntou Edie, seguindo-o pela escada.

— Não sei — disse George, se escondendo atrás de uma coluna no meio da igreja. — Infelizes, pelo jeito que cantam.

A parte da frente da igreja estava cheia de pessoas, a maioria velhinhos, com uns poucos jovens, todos virados para o altar. Estavam todos de pé, e o que cantavam não era bem um hino, era mais como gemidos rítmicos de dor e apologia, liderados por um padre ancião de barba, que vestia um longo robe negro. Seus olhos eram os únicos que poderiam ver George e Edie passarem por trás da coluna na direção da porta da rua. No momento em que ele percebeu alguma coisa, a porta já se fechava atrás deles.

Pararam nos degraus e olharam para a cidade que continuava a se movimentar à frente deles. O vazio relativo das ruas noturnas deu lugar a uma multidão de pedestres, e onde os ônibus noturnos vazios apostavam corridas com os táxis em ruas sem gente, táxis cheios agora moviam-se centímetro por centímetro num engarrafamento piorado pela chuva incessante.

— Maravilha! — resmungou Edie irritada, olhando para a cortina de água que caía do céu cinzento e apertando o casaco contra si. — Isso é mesmo maravilhoso.

— Não, Edie — disse George. — É maravilhoso SIM. Lembra-se do que o Artilheiro disse? As gárgulas não voam na chuva! Isso significa que não precisamos nos preocupar com eles nos avistando de cima. A chuva é maravilhosa. Vamos.

— Vamos aonde? — perguntou ela, não se movendo do canto seco na frente da porta. — Estou com fome.

— Para o Monumento — explicou ele, excitado.

— É. Mas não sabemos que monumento é — disse ela, pensando que mesmo se ele soubesse, não era um monumento o que ELA precisava, e tentando decidir se seu medo recente de George se dissiparia por si só caso não fosse o que parecia ser.

— O Monumento — explicou ele. — O Contador me ajudou a decifrar.

E então contou a ela como as pistas foram escondidas no que o Frade Preto dissera.

— Não sei se devemos confiar no Frade — disse ela.

— Eu também não — admitiu George. — Mas o Contador disse que parecia fazer sentido. E ele não viu razão para que o Frade não nos ajudasse.

— E por que você confia no Contador?

Porque ele tinha olhos bondosos, pensou George. Porque ele compreendeu quando eu contei sobre meu pai.

— Porque ele me disse para não confiar nele. Disse para não confiar em ninguém, nem mesmo nele, a não ser que fosse um cuspidor sem uma pontinha de estigma.

Edie sacudiu a cabeça, como se isso fosse a coisa mais idiota que ela ouviu naquele dia.

— Pode ter sido um blefe duplo, ou não?

— Não — disse George com firmeza. — Aqui.

Ele pegou o pedaço de chocolate de seu bolso e entregou a ela.

— Ele deixou isso para você. Disse que você estaria faminta quando acordasse. Ele é este tipo de pessoa.

— O tipo que dá doces para meninas ingênuas — disse ela, pegando o chocolate mesmo assim.

— Não creio que você seja ingênua — retrucou ele.

— Pode apostar que não — disse ela, o pedaço de chocolate desaparecendo dentro de sua boca.

— Já não sou ingênua há muito, mas muito tempo.

— Venha, então, se quiser — disse ele, olhando para o relógio acima deles. Estava ficando tarde. Os Hércules olhavam direto para a rua, os olhos fixos e imóveis como se não houvessem se movido um centímetro desde o dia em que o escultor os esculpiu na pedra viva.

— Tem mais chocolate? — pediu ela com a boca cheia de cacau.

— Não — disse George, começando a correr para uma rua estreita.

— Oh — resmungou Edie decepcionada.

Ele não se virou para ver se ela o estava seguindo. Depois de alguns metros, ouviu a voz de Edie pelo seu ouvido direito.

— Por que estamos indo nessa direção? Está mais molhado do que nas ruas mais largas.

— Ninguém bota estigmas nos fundos de prédios ou em vielas — explicou ele.

— Bem pensado — disse ela de má vontade. — Foi mais uma idéia do seu amigo Contador?

— Não. Essa eu deduzi por mim mesmo.

AMIGOS AUSENTES

O DICIONÁRIO OBSERVAVA OS advogados que tinham assuntos matinais no tribunal. Sentiu os pombos pousando em sua peruca e se divertiu com o ruído que faziam ao se posicionarem.

— Perdão, Sr. Johnson. Uma pergunta. Cordial, pode confiar.

Ele olhou para baixo. O Contador olhou para ele.

— Devo me apresentar, talvez?

— Não é necessário. Você deve ser o Contador. Não perco muito nessa posição, meu senhor. Nós talvez não tenhamos tido muita razão para conversar, mas o vejo entrando e saindo, checando os relógios e contando sem parar as suas contas.

— Ah, sua fama lhe precede. Realizações magníficas. Homem de muitas palavras, ET CETERA. Mim mesmo, poucas. Porém desejo conhecimento.

— A busca de conhecimento é uma das coisas que nos elevam acima do bovino ruminante, meu senhor. Isto e a habilidade de apreciar um cachimbo e uma boa xícara de chá. Se você não tem malícia, então não faço objeção em conhecê-lo e iluminá-lo o quanto minha tênue lâmpada de saber possa lançar sua luz no miasma tenebroso que nos circunda.

O Contador curvou-se em uma série de reverências curtas.

— Eternamente agradecido. Dívida de gratidão. Assunto menino.

— Menino? O que há com o menino? Que menino?

— Menino incomum. Anda com menina. Menina fagulha.

O Dicionário teve um arrepio e se sacudiu.

— Oh, aquele menino. O que há com ele?

— Conheci. Noite passada. Rapaz decente. Em apuros. Procura o Coração de Pedra.

— E um balaio de encrencas ele causa na sua busca. Por acaso sabe de um cuspidor conhecido como Artilheiro?

O Contador se sacudiu para cima e para baixo, com uma excitação cordial.

— Certamente. Definitivamente. Bem, não. Mas gostaria de. Gostaria de entrar em contato com ele. Contar sobre o movimento do menino e da menina. Precisam de ajuda, creio.

— O Artilheiro mesmo pode ser que esteja além de ajuda, para dar ou receber. Saiu daqui sem condições de alcançar seu plinto antes da virada do dia, sinto dizer.

O Contador parou de se curvar e despencou como uma marionete que tem suas cordas cortadas.

— Mas. Oh, sei, sei. Tragédia. Gostaria de... Infortúnio. Gostaria de fazer algo por eles.

Uma pausa. Um resmungo. E o som de um homem rasgando de má vontade uma folha de um dicionário muito antigo.

O Contador olhou para cima. O Dicionário limpou a garganta com um ruído explosivo.

— O Artilheiro tem amigos, é claro. Pode me incluir como um deles. Porém outros amigos de

uma natureza mais marcial são, a essa altura dos eventos, os mais indicados. Uma palavra aos ventos, por assim dizer. O Senhor tem uma caneta ou lápis, por acaso?

Ele segurava uma pequena folha de papel.

— Talvez possamos nos aliar em recrutar um pombo?

EM LINHA RETA (OU COMO VOA UM CORVO)

O CORVO BATEU ASAS e subiu acima da solidez de vidro brilhante, na direção noroeste, através da chuva. Abaixo dele se encontrava um conjunto misto de edifícios aleatoriamente combinados sem um indício de rima ou razão, além do acidente histórico e do estrago do tempo, de um incêndio e de bombardeios aéreos. Ali se encontravam também telhados pontiagudos e agulhas rasgando o céu a alturas consideradas impensáveis na época de suas construções, mas que agora eram menosprezadas por torres de escritórios e blocos gigantesco de apartamentos que os rodeavam.

O Corvo aproveitou uma corrente de ar de um dos sistemas de ventilação de um prédio e espiralou mais alto. Enquanto fazia isso, olhou para trás, para o manto de edifícios da cidade às suas costas, onde havia menos torres e mais blocos, manto este cortado pelo rio sinuoso, contido pelos aterros em ambas as margens.

O Corvo se lembrou do rio vivo, de suas curvas agora mais agudas e menos profundas do que quando o conheceu, uma serpente se movendo para o interior da terra num ritmo muito lento para ser notado pela humanidade. Ele agora estava contido entre cimento e muro, domado, feito um canal, longe de ser um rio vivo. O Corvo se lembrou do tempo em que ele movia moinhos de grãos. Agora a única coisa que girava à sua margem era aquela roda-gigante no South Bank onde as pessoas pagavam para admirar o que o Corvo desfrutava de graça geração atrás de geração.

O Corvo continuou seu curso, o retalho da camiseta de George esvoaçando no seu bico. À frente dele, à distância, viu a parte mais densa de prédios iluminados de dentro para fora contra as nuvens metálicas. O Corvo se mediu contra a silhueta bulbosa de um deles, que parecia mais um pepino gigante esticado grosseiramente em evidência, e começou a descer.

Em linha reta entre ele e o pepino, um quilômetro à frente, ficava o limite leste de um gigantesco complexo de cimento e vidro, como uma fortaleza montada em forma de pirâmides quadradas, como zigurates e torres finas. Dentro desta cidadela futurística havia fontes e passeios em níveis diferentes. E muito concreto. O Corvo sabia que sob a superfície, no canto sul deste complexo, passava em tempos remotos o muro da antiga cidade. E lembrava de quando a pequenina igreja branca abandonada numa pequena e lisa ilha verde dentro da fortaleza de concreto fora o edifício mais alto naquela área.

O Corvo fez a curva ao redor de um dos blocos pontiagudos e desceu bruscamente até um canto esquecido no complexo. Havia uns poucos canteiros de flores elevados, açoitados pela chuva. Na realidade não eram bem canteiros de flores. Foram plantados com a vegetação robusta para enfrentar o clima da cidade, vegetação que quase combinava de igual para igual com o cinza dos pisos de cimento, tanto pela cor como pela falta de originalidade. O único sinal de exuberância ficava por conta das cavalinhas.

O Corvo pousou no chão em frente ao canteiro de cavalinhas e ficou olhando suas pontas penosas serem açoitadas pela chuva e pelo vento.

Acima deles formava-se uma figura poderosa e curvada, preta e brilhante na chuva, com a água deslizando sobre seu dorso maciço e longilíneo e refletindo as luzes ao redor. Era uma figura de características decididamente másculas; abaixo da cintura, um homem com pernas fortes e musculosas prontas a pular de seu pedestal rodeado de cavalinhas e atacar de surpresa qualquer

transeunte. Sua principal característica era, contudo, a predominância dos músculos da cintura para cima: não eram músculos de um homem, e sim o poder bruto e maciço de um touro adulto. Os ombros se curvavam sob a cabeça de touro adornada com chifres agressivos e afiados, e tão bem executado foi o trabalho do escultor que o ruído de um touro possesso parecia permear a atmosfera, mesmo se jamais — para um olho comum — houvesse se movido ou respirado.

O Corvo pousou no seu ombro, soltou o retalho que caiu no canteiro à sua frente, se achegou ao ouvido espetado do bovino e grasnou alguma coisa.

Acima deles, as torres dos blocos de apartamentos desistiram de segurar as nuvens de chuva em um só lugar e as deixaram se mover para outras partes da cidade. Ao que a chuva cessou e um pequeno buraco de azul surgiu na tela de nuvens no céu, o Corvo iniciou sua trajetória para o sul mais uma vez.

No canteiro, atrás das cavalinhas, para aqueles olhos que viam o que realmente estava lá e não o que não estava, não se via mais um Minotauro. Era apenas um círculo de terra recentemente remexida, onde uma pata havia cascado o chão antes de se arrebatrar numa fúria veloz.

DEPOIS DO PUDIM

GEORGE E EDIE PASSAVAM por uma nova área do centro de Londres. Era um lugar onde os edifícios modernos se erguiam altos em cada lado das ruas, mas essas mesmas ruas, pelos nomes, pela estreiteza e pelo acaso de seus ângulos, denunciavam fazer parte de uma planta muito antiga de Londres. Eles viraram em uma rua levemente aladeirada chamada Pudding Lane, ou a rua do Pudim.

— Não sei por que chamam uma rua de Pudim — resmungou Edie, estreitando a gola ao redor do pescoço.

— Era aqui que ficavam as padarias — explicou George, contente de se achar numa parte de Londres que ele conhecia, pelo menos através das lições de história. — Foi aqui que começou o incêndio.

— Que incêndio?

— O Grande Incêndio. Em 1666. Começou em um forno de padaria por aqui.

— Você sabe de datas e fatos? Além de rico, você deve ser um gênio.

— Não sou rico, Edie. E esta é uma data fácil de se lembrar. É um cigarro e três cachimbos.

— É o quê? — perguntou Edie, perplexa.

— É assim que a gente aprende. O “um” parece um cigarro e o “seis” é como um cachimbo. Sabe como é, cachimbos, fumados por velhinhos?

— Não conheço nenhum velhinho. E não aprendi sobre incêndio nenhum.

— Bom, se você não acredita em mim, olhe ali — disse George, virando à esquerda no fim da Pudding Lane.

Uma coluna alta de pedra esticava-se acima da cabeça deles, dominando uma pequena praça que ficava no topo de uma ladeira baixa. George imaginou que ela parecia uma versão menos imponente da Coluna de Nelson. Talvez fosse pela altura dos prédios que a rodeavam, que não ofereciam oportunidade para se apreciá-la à distância; ou talvez fosse porque o frontão quadrado em que a coluna foi colocada possuía uma porta no meio, e dentro dela uma luz amarela brilhava. Por isso a coluna mais parecia um farol do que uma coluna de triunfo. E é claro, não havia qualquer figura triunfante no topo da coluna de pedra cinza. Em vez disso, havia uma jaula quadrada que beirava suas laterais, pintada em branco e cinza. E dentro desta jaula incomum havia uma urna dourada com flamas amarelas petrificadas. Mesmo em um dia cinzento como aquele, o dourado faiscava contra a cidade opaca ao seu redor.

Edie o puxou de volta para a Pudding Lane.

— O quê?

— Ficou cego de repente para não ver mais dragões?

— Dragões? — disse ele, ansioso.

— No topo do plinto!

Ele espiou pelo canto da esquina. E lá estavam. George não havia notado os quatro dragões

talhados grosseiramente em cada canto do plinto. Os dentes davam uma aparência desesperada, como se suas patas estivessem ficando cansadas de se segurar aos cantos e eles fossem cair de cabeça no chão a qualquer momento.

— Eu tenho que subir até lá — disse ele, olhando para a chuva fina. — Ainda chove.

— Eles não são gárgulas, George. Acho que a regra de “não voar na chuva” só funciona para as gárgulas que têm como função canalizar a água da chuva. Além disso, eles têm um jeito... maldoso.

Ela tirou seu vidro do mar. Estava opaco e sem vida, mostrando que, apesar da proximidade e da cara ameaçadora, aqueles dragões, pelo menos por enquanto, não constituíam ameaça.

— Pode ser que sejam estátuas mortas — disse ele.— O Contador me disse que um monte de estátuas não se movem mais porque estão mortas. Morreram em guerras entre os cuspidos e os estigmas.

Percebendo a armadilha que sua boca estava armando para ele cair, resolveu parar.

— Que guerras entre cuspidos e estigmas? — perguntou Edie.

— Isso é história antiga — disse ele rapidamente, querendo mudar de assunto. E analisou minuciosamente o seu relógio de pulso. — É melhor continuarmos. Não tenho muito tempo.

Ele não ia contar para ela que, ao fazer o Artilheiro lutar com o Pterodáctilo, ele havia dado início a uma guerra entre os cuspidos e os estigmas que não seria nada antiga.

— Olhe. Provavelmente não vai ter problema para a gente — disse ele, indicando o vidro do mar.

Edie enfiou o vidro de volta no bolso.

— Rá — foi o que conseguiu dizer no momento, mas pôs todo o sentimento que podia demonstrar naquele “rá”.

Os dois ficaram observando os dragões com muita atenção para qualquer sinal de movimento enquanto caminhavam até a base da coluna.

— George — disse ela, acenando com a cabeça para uma placa na pedra do lado esquerdo da porta.

A placa avisava do preço do bilhete para visitar o Monumento. Para crianças era uma libra.

— Não temos duas libras — disse ela. — Você vai ter de subir sozinho.

Ele olhou para a jaula acima.

— Vou o mais rápido que puder. Você fique protegida ali — disse George, apontando para um prédio moderno de fachada de mármore marrom lustroso.

Edie tremeu. Ele tirou seu casaco.

— Tome. Ponha isso. Para se aquecer. Vou estar lá dentro, subindo os degraus. Lá dentro não está molhado. E com certeza vou ficar com calor quando chegar lá em cima.

Ela ficou surpresa com a oferta. Pegou o casaco devagar, mas enfiou seus braços nas mangas com decisão.

— Obrigada.

— De nada.

— O que você vai fazer se a chuva parar e um desses dragões não estiver morto e acordar?

George deu de ombros e tentou mostrar mais confiança do que sentia, embora soubesse agora que tentar esconder as coisas de Edie era inútil. Seus olhos pareciam arrancar a verdade das coisas. Era isso, ou ele estava ficando meio tonto com toda a correria e falta de sono. Uma pontada de fome lhe espetou o estômago, mas ele ignorou.

— Tem uma jaula lá em cima. Como uma jaula para tubarões. Sabe como é, aquela que as pessoas usam para nadar com os tubarões.

— Eu não nado com tubarões. Deve ser a coisa mais chata do mundo, não acha?

Depois de uma longa pausa, ele decidiu que aquela era uma pergunta retórica.

— Vai dar tudo certo.

Ela sabia agora que o “Vai dar tudo certo” ou “Não vai acontecer nada” era o equivalente para George ao assovio no escuro, uma maneira de ele lidar com seus nervos e temores. Decidiu deixar passar porque ele tinha emprestado o casaco e o frio estava passando.

George olhou para a coluna de pedra desbotada e para as nuvens também cinzentas que atravessavam o céu acima dela.

— É melhor eu ir logo. Parece que o tempo vai melhorar a qualquer momento.

Deu um sopro e respirou fundo, como um mergulhador se preparando para pular do trampolim.

— Agora, como é que eu devo fazer para apanhar uma chama com toda essa chuva, eu não faço a mínima idéia. Bom, é agora então.

Ele se virou e foi até a porta, um olho espiando os dragões imóveis ao passar por baixo deles.

— Boa sorte.

Edie foi para seu abrigo do outro lado da praça. No meio do caminho, virou-se e ficou surpresa de vê-lo parado na porta que levava à escada, olhando para ela com uma expressão estranha. George mudou assim que viu que ela estava olhando para ele. No entanto, por um instante de descuido, ela viu toda a hesitação e o temor sob aquela bravura que ele tinha demonstrado no caminho. Ele transformou a expressão num sorriso confiante e acenou para ela, antes de empurrar a porta.

— George! — ela gritou, correndo de volta sob a chuva fina. Para sempre depois ela se perguntou por que fez o que fez naquele momento, mas abriu o zíper de seu casaco e entregou a ele o vidro do mar. — Para lhe dar um aviso se as coisas mudarem. Você sabe.

Ele sentiu um nó na garganta. Sabia muito bem o quanto o vidro do mar significava para ela.

— Edie...

Ela acenou para ele ir e correu para o abrigo.

— Mas não vá perdê-lo. Agora se apresse.

Ele ficou olhando até ela alcançar o toldo na saída do prédio. Depois enfiou o vidro no bolso, segurou a porta e entrou.

Lá dentro havia uma catraca de duas vias e um pequeno guichê do lado direito, onde um homem se sentava lendo um jornal e tomando o chá escaldante de uma garrafa térmica. Ele mal olhou quando George pôs a moeda em frente da janelinha. Entregou um bilhete e um folheto e voltou a ler seu jornal com um grunhido que soou como “Não estou para brincadeiras”.

George tossiu, foi para o centro do plinto e olhou para cima. Iluminada pelas poucas lâmpadas em intervalos regulares, uma escada de pedra em espiral levava ao topo da coluna, com seu

corrimão pintado de preto emoldurando o espaço restrito de ar como uma concha de caramujo. No centro, a uns setenta metros, ele viu o reflexo de uma luz branca que vinha de uma porta que dava para a jaula e para o céu. Apesar das lâmpadas, o espaço dava a impressão de ser antigo e muito distante da cidade ao redor. Tinha o cheiro distinto de pedra seca, apesar da chuva lá fora. George olhou para o vidro do mar e começou a subir. Subia três degraus de cada vez e contava enquanto subia.

Quando ele alcançou o trigésimo degrau, Edie começava a ficar preocupada lá fora. Não era uma preocupação específica. Embora com estátuas pulando de prédios e correndo atrás dela, tentando amassar sua cabeça entre duas grades, ela não achava que precisava ser muito específica a respeito de sua preocupação. Na verdade, não era uma preocupação propriamente dita. Era mais como um vazio insistente, como quando uma pessoa de repente nota uma ausência. Uma vez ela teve uma dor de ouvido, uma dor daquelas horríveis, tanto que não sabia como ia continuar agüentando. Então sua mãe leu uma história para ela e a primeira história levou a uma outra história. Depois de um tempinho, ela acabou esquecendo da dor, o que era muito bom. Só que todas as histórias chegam a um fim, e aquelas que sua mãe estava contando não eram a exceção da regra. Quando ela parou de ouvir a última história, o mundo real retornou, ela se lembrou da dor, e o ouvido voltou a latejar. O que ela sentia agora era exatamente o que sentiu naquele espaço de tempo entre perceber que a história tinha acabado, sabendo que havia esquecido da dor, e a certeza e o conhecimento absoluto de que ela, a dor, estava para voltar, e dessa vez ainda mais cruel.

Ela estava sentindo a falta do vidro do mar mais do que achou que ia sentir. Devia ser isso. Não poderia estar com saudades de George, em quem ela não sabia, fez questão de lembrar, se devia confiar ou não.

Mas então por que ela tinha lhe entregado o vidro do mar se não confiava nele? Puxou o casaco, o casaco dele, mais apertado. Ao fazer isso, sentiu uma coisa dura. Procurou no bolso e achou a cabeça quebrada do Dragão. Seus olhos opacos olhavam para ela e isso a fez colocá-la de volta no bolso rapidinho, de repente preocupada que pudesse acordar os dragões por algum processo obscuro.

Edie desejou ainda mais ter seu vidro do mar. Já o possuía há tanto tempo. Porém só tinha revelado sua função quando ela chegou na cidade — mas isso talvez porque não havia coisas como estigmas no litoral, ou pelo menos no lugar onde ela cresceu. Seu litoral não era afluyente o suficiente nem para ter lixeiras especiais para cocô de cachorro, imagine então estátuas ou gárgulas.

Uma sombra escura passou entre ela e o céu. Edie ergueu a cabeça por simples reflexo, mas relaxou quando viu que era apenas um pássaro, não um dragão ou gárgula.

No entanto, logo ficou imóvel. A chuva estava passando. De fato, no momento em que percebeu que a chuva ia parar, a chuva já tinha parado. E é claro, por Edie saber o que sabia, ela tinha razão para se alarmar. Porém, a coisa que a deixaria aterrorizada era algo completamente diferente.

E estava atrás dela.

Alguma coisa saindo das sombras, como uma escuridão se tornando visível.

ATRÁS DE EDIE

TUDO FUNCIONA EM CICLOS; se Edie não tivesse dado o vidro do mar para George, ela não estaria imaginando o litoral e o dia em que soube que sua mãe não voltaria mais. Se ela tivesse o vidro do mar, talvez pressentisse alguma coisa. É claro que, se ela tivesse o vidro na mão, talvez ele fizesse isso por ela. Mas ela não tinha e ele não pressentiu, por isso ela não sabia o que estava por trás de si até que uma mão cobriu sua boca e a outra a puxou para a escuridão das sombras que rodeavam a praça.

George respirava pesado e havia perdido a conta dos degraus. Estava no trezentos e alguma coisa quando alcançou a porta no topo. Enfrentou a brisa molhada e olhou para o céu raivoso que cobria a mistura desordenada de prédios ao seu redor. A escuridão era iluminada COM FLASHES traiçoeiros do sol de inverno que começava a surgir do seu lado direito. O rio Tâmisa passava surpreendentemente próximo, se alargando liso embaixo da silhueta familiar da Tower Bridge para o leste. Quando ele se virou para o norte, notou um agrupamento de prédios modernos e brilhantes se esticando entre blocos de escritórios mais antigos e sujos.

O prédio em forma de pepino se destacava acima de um prédio formado de canos e aço que era conhecido como Edifício Lloyds.

George viu uma porção de guindastes crescendo como ervas daninhas entre os prédios prontos e aqueles em construção. Continuou seu giro na direção oeste até parar e ficar de frente para o conhecido meio globo da Catedral de Saint Paul. Teria sido uma visão perfeita da cúpula e de suas colunas de apoio se não fosse por um bloco negro que obscurecia a visão no meio do caminho entre o Monumento e a Catedral. A torre negra possuía um risco diagonal distinto de metal prateado que refletia os poucos raios de sol que insistiam em perfurar a faixa de nuvens.

Quando conseguiu respirar normalmente de novo, ele pensou como pareciam tristes e malqueridos todos aqueles telhados, como as partes órfãs de prédios que ninguém olhava, a não ser que estivessem em lugares altos como o que ele estava agora. Na hora em que começou a se conscientizar e trazer sua mente para o presente, percebeu que a água que soprava na brisa vinha da jaula que rodeava o passeio, e não das gotas da chuva que já não caía mais.

Olhou para a urna dourada com a flama congelada acima dele. O pouco de sol que surgia bateu na urna e a fez brilhar contra o pano de fundo de nuvens cinzentas. Um pássaro batendo as asas pousou em cima dela.

Ele decidiu que as chamas na urna pareciam mais um cardo dourado ou uma alcachofra. E pensou também que o pássaro não ficaria muito à vontade entre aqueles espetos, dourados ou não.

Depois George lembrou que tinha parado de chover e pensou nos dragões agachados com suas caras raivosas. Olhou para o vidro de Edie.

Estava opaco, mas ao mesmo tempo fazia um zunido, dando à sua mão uma vibração leve, mas persistente. George olhou para a cidade lá embaixo.

Acima dele, o pássaro deu um pulo para longe da coroa de chamas e ocupou o ar entre o sol e o vidro. A sombra que formou parecia parar a vibração. Sem pensar, ele moveu o vidro para a luz

fracas do sol e ele começou a vibrar de novo, apenas por um instante. Logo a sombra bateu as asas sobre o vidro e ficou ali. George o moveu e desta vez a sombra o antecipou e continuou bloqueando o sol. George olhou para o pássaro.

Era um corvo.

Embora um bico, por sua anatomia peculiar, impeça um pássaro de sorrir, George teve a distinta impressão de que naquela faísca de vida no olho do Corvo estava um desafio, como a dizer “Tente de novo”.

E ele tentou. Fingiu virar para a esquerda, mas pôs o vidro para a direita. O Corvo movimentava-se com ele, como se estivesse preso por cordões. Seus olhos piscavam com o que parecia escárnio. George sabia agora que Corvo era aquele, porque a maneira como ele ficava pendurado no ar desafiava as leis básicas da aeronáutica avícola. Lembrou-se exatamente para onde o Fuzileiro o havia mandado e de onde, portanto, ele havia retornado.

O Corvo dava a impressão de saber exatamente o que George estava pensando. Parecia que balançava a cabeça concordando enquanto pairava no ar.

Saber que o Corvo estava fazendo de tudo para que George não colocasse o vidro contra a luz do sol o deixou ainda mais determinado a vencê-lo e pôr o vidro no sol. Que dificuldade teria ele? Enquanto corria para o canto, o Corvo atravessou o ar entre ele e o raio de sol, acompanhando como se estivesse sobre trilhos.

— O que você quer? — George gritou para o animal.

— CRAC — grasnou ele. Com malícia, pensou George.

— Vá embora! — gritou, e segurou o vidro esticando o braço. Isso o aproximou da grade da jaula. Em um movimento tão rápido quanto um pensamento, o Corvo subiu no ar, pôs a cabeça entre as grades e tentou arrancar o vidro de sua mão.

— Não vai, não!

George pulou para trás e se encostou na parede de pedra do monumento. Escondeu as mãos atrás das costas por segurança. O Corvo se pendurou nas grades e ficou virando a cabeça para cá e para lá, como se calculasse quanto tempo George ainda continuaria com aquilo. Suas penas pareciam ainda mais negras com o sol diretamente atrás dele. Parecia um buraco negro no meio da claridade.

George sentiu um sulco na pedra atrás de suas costas. Teve uma idéia. Enfiou o vidro ali. Depois fechou a mão como se ainda o tivesse e fingiu ir para a esquerda de novo, mas virou-se para a direita. O pássaro seguiu sua mão como se ele ainda tivesse o vidro, mantendo a sombra.

George se virou o mais rápido que pôde. O vidro preso na parede refletiu a luz, como se o raio de luz fosse seu próprio holofote. O vidro vibrou, zuniu e de repente acendeu-se com uma chama pálida que rolava nas suas bordas como uma coroa de fogo.

— Sim! — gritou George.

— CRAC — grasnou o Corvo, o mais próximo de um gritinho de surpresa que um bico podia fazer.

O disco de fogo vibrante se sacudiu para fora do vão da parede e pulou para o chão dentro da jaula. O Corvo deu um bote para pegá-lo, mas passou um metro longe, por causa das grades. George agachou-se para pegar o vidro do chão. O fogo latejou vorazmente e George decidiu não pegá-lo, mas se inclinou sobre ele, olhando para o vidro com bordas de fogo.

Não sabia o que esperava ver. Talvez palavras escritas em chamas. Ou um mapa. Ou algo como uma bola de cristal flamejante. O que ele viu foi... nada.

Apenas um vidro opaco com um anel de chamas na beira.

Logo as chamas morreram e ele se transformou no que sempre fora... o fundo de uma garrafa quebrada há anos, polida pelo mar e pela praia.

George ficou tão decepcionado que quando as chamas se acabaram ele levou a mão sem pensar — a sua mão da cicatriz — para pegá-lo.

Se o corte do Dragão tinha causado uma dor impossível de imaginar, esta dor foi ainda pior, porque a outra tinha doído apenas na sua mão. Esta dor começou no seu pulso quando ele segurou o vidro, mas logo espalhou-se da dor da cicatriz na sua mão, espiralando ao redor do pulso e serpenteando pelo seu braço. Era como se uma trepadeira espinhosa tivesse crescido com uma velocidade impressionante, cravando seus espinhos no pulso, subindo pelo seu cotovelo e alfinetando a parte superior de seu braço. Porém, em vez de continuar machucando seu braço e sua pele, na axila a dor foi para dentro como se a espinhenta trepadeira houvesse usado seus espinhos para aniquilar o seu peito, enrolando-se ao redor de seu coração, seus pulmões e suas vísceras. Ele não conseguia respirar, seu coração batia irregularmente e ele sentiu uma náusea como jamais havia sentido antes. A única coisa que o impedia de vomitar era a dor visceral que dominava seu estômago.

Então George começou a se sacudir e a tremer quando a mensagem presa no fogo do vidro começou a se comunicar com ele. Sentiu uma pequena pausa em toda a dor e o tremor, e naquele instante traiçoeiro de alívio ele teve um momento de lucidez para saber que era por aquilo que Edie devia passar quando pressentia. E ele sentiu.

Mas o que lhe veio não foi o passado, como para Edie.

O que o atingiu foi o AGORA.

Sentiu como se uma mão gigante e implacável forçasse sua cabeça a olhar para o vidro. Seus olhos estavam abertos, e ele não conseguia piscá-los, mesmo quando começaram a arder e a secar. Em choques de dor e náusea o vidro revelou uma imagem, depois outra e mais outra. Elas eram a visão do topo do Monumento. Ele percebeu a vista na direção em que olhava, espalhada no chão da jaula.

Era um quadrado estreito de um rio turvo, formado entre duas tiras horizontais de muro cimentado de um prédio de escritórios, de um lado, e de uma torre e uma agulha de uma igreja com uma meia-cúpula do outro.

Depois a visão pulou para frente e para os lados e ele estava olhando para o cume de um edifício de escritórios em que uma pérgola de madeira, completamente fora de lugar, coberta com plantas moribundas, rodeava um sistema de ventilação que cuspiam vapor para o céu.

Mais um pulo dolorido e a lente da visão fez um ZOOM. Ele se achou olhando para a parede em curva do prédio mais além, uma fachada moderna de pedra que contrastava com uma linha de prédios vitorianos ao lado.

Depois a visão fez outro ZOOM, lançando-o para frente, a sobrevoar Londres, e ele viu alguma coisa conhecida: era a base da Torre Negra, aquela enjaulada com listras diagonais em aço prateado.

Então a dor e o aperto diminuíram na hora do reconhecimento, e ele precisou se concentrar para não vomitar quando o próximo pulo o levou à perspectiva da catedral de Saint Paul, antes de

descer abruptamente para a base da Torre Negra e girar até parar num último quadro que era, ele sabia — porque estava emoldurada por chamas — o que ele tanto procurava.

A Pedra de Londres.

Só que não tinha nada de místico.

Não parecia nada mágico.

Não parecia ter uma história excepcional.

Nem mesmo parecia algo interessante.

Parecia SIM com o prédio mais sujo, mais triste, mais esquecido de toda Londres; um prédio sem nem mesmo a dignidade de uma distinção de sua época.

Havia, contudo, alguma coisa ao nível da calçada que pulsava com uma luz fraca, mas o resto do prédio era um bloco de escritórios sem vida, negligenciado e abandonado pela falta de inquilinos.

George observou o último quadro, tentando controlar seu estômago embrulhado e seu coração descompassado, tentando entender como era possível que o fim do seu pesadelo e da sua busca pudesse estar em um lugar que parecia o tipo de prédio onde uma firma de importação e exportação de um país de Terceiro Mundo alugaria uma sala por um mês ou menos, antes de ir à falência, deixando de pagar o aluguel ou de esvaziar seus cestos de lixo.

AMIGOS ANTIGOS, TRAIÇÕES NOVAS

QUANDO A VISÃO FAISCANDO para George transmitida pelo vidro do mar cessou e o disco opaco voltou a ser apenas o fundo de uma garrafa, ele o deixou cair e ajoelhou no chão, apenas tentando lembrar como era uma respiração normal.

O alívio que sentiu da dor ter desaparecido foi enorme. Foi tão enorme que ele não percebeu os primeiros puxões quando o Corvo conseguiu pegar pelo bico, através das grades, a ponta de seu cadarço. Era um pássaro robusto, e o que lhe faltava em tamanho ele compensava em força. No terceiro puxão, George percebeu e se virou, meio desequilibrado. O Corvo já tinha passado o seu pé através das grades e estava batendo as asas para trás com grande determinação.

— Ei! — George gritou, dando um pontapé no pássaro com sua perna livre.

O pássaro puxou seu pé entre as grades com uma força inesperada e continuou batendo as asas para trás.

— Ei, pare com isso! — gritou George, tão surpreso com a força impressionante do pássaro e com sua insistência que quase deu um riso misturado com uma onda de pânico. Histeria, ele pensou, enquanto chutava o pássaro de novo. Mas o que aconteceu é que ele apenas acertou a grade de metal sólida e sentiu uma dor que não era nada imaginária no pé e no tornozelo.

O pássaro não deu sinal de notar nada e empurrou sua perna por cima da parede de setenta metros, fazendo com que as coisas agora não parecessem mais tão engraçadas ou absurdas. Parecia também que ele não estava em perigo verdadeiro de cair por causa das barras de metal, mas agora sua perna estava presa entre elas e suas mãos se seguravam na jaula. Ele puxou a perna pendurada, mas o pássaro não se moveu.

Outra coisa se moveu.

Foi seu sapato.

Seu sapato foi puxado do pé e o Corvo ficou no ar por um instante com o sapato pendurado pelo bico, mais parecendo um pássaro que acabou de pegar uma minhoca somente para descobrir que a minhoca usava um sapato de tamanho normal. O Corvo cuspiu o cadarço e lançou-se contra a perna da calça.

Quando se ouviu o ruído seco do sapato atingindo a calçada lá embaixo, o Corvo já tinha agarrado a perna da calça e a estava puxando por cima da parede. George segurou-se na jaula e puxou na direção oposta, mas o pássaro parecia dobrar seus esforços.

— Você não vai conseguir me empurrar pela jaula! Então me largue! — gritou ele. Sua coxa estava começando a doer pela força com que o pássaro puxava.

Então a dor começou a diminuir porque as grades começaram a se abrir.

Alguma coisa voou até as grades e começou a empurrá-las, separando-as cada vez mais com um ruído penetrante de metal resistindo. A coisa empurrava usando os ganchos nas pontas de suas asas de morcego e assoviava com o esforço que fazia através do cano enferrujado que atravessava o meio de sua cara de gato selvagem.

Era o gato-gárgula de Saint Pancras, aquele que George vira pela última vez no terraço do

apartamento de sua mãe.

Como o Corvo, ele parecia ter uma força muito desproporcional ao seu tamanho. Grunhia e chiava através do cano de água enquanto empurrava e fazia força, e George percebeu que ele talvez tivesse a força necessária para arrancar as grades. Se ele fizesse isso, George viraria geléia se espatifando lá embaixo depois de cair setenta metros.

O monstro empurrou as grades o suficiente para enfiar sua cabeça entre elas e rosnar para ele. Instintivamente, George procurou se proteger. Sua mão agarrou o cano saliente do seu rosto, que parecia um cano de espingarda enferrujado, e empurrou tentando afastar a gárgula para longe dele.

— Vá embora! Não tenho medo de você!

A gárgula sacudiu a cabeça como um cachorro com um rato entre as mandíbulas, e George continuou segurando o cano e o empurrando para fora da jaula.

— Não tenho mesmo! — ele gritou, tentando convencer a si mesmo. — É apenas uma bica! Uma bica horrorosa, feita para assustar, mas não assusta nada!

Deitado como estava, de costas, ele dobrou sua perna livre para dar um chute na cara da gárgula. — Saia daqui, sua bica! Vá embora! — gritou George, enfiando a bota no peito da coisa com toda a sua força.

George ouviu um ruído de arrastado quando a gárgula foi projetada para fora da jaula. Um de seus ganchos se soltou da grade e ele ficou se balançando no ar por um instante. George aproveitou para tentar puxar a perna que o Corvo segurava, mas o Corvo parecia ancorado em um bloco de ar.

A gárgula então voltou a se aproximar com uma velocidade assustadora e feroz. George teve um momento apenas para notar que a boca do monstro estava completamente aberta e guinchando porque algo havia mudado, e sentiu a razão da mudança nas suas mãos. Um pedaço de metal enferrujado. George arrancou o cano da boca do monstro quando lhe deu o chute, e isso permitiu que sua boca viesse com todos os dentes livres prontos para abocanhá-lo com ferocidade dobrada.

BLAM.

A gárgula foi projetada para um lado por uma bala atirada lá de baixo.

BLAM.

A segunda bala afrouxou suas garras da grade. George teve a impressão de que ele ficou parado no ar, como um coioote em um desenho animado quando o deserto acaba de repente e ele começa a pedalar no mesmo lugar sobre um cânion de mil quilômetros de altura.

A surpresa da gárgula era cômica. A boca, livre do cano, estava aberta em uma reconhecível expressão de “Hããã?”.

— Adeus, Bica — disse George.

BLAM.

A Bica se fragmentou em poeira e estilhaços, poeira que foi sugada por um redemoinho de vento girando ao redor do monumento e depois foi levada para cima, para o noroeste, na direção dos galpões de trens do outro lado da avenida Euston.

O Corvo parou de puxar e, sem afrouxar seu bico da calça de George, olhou na direção de onde

vieram as balas. George não sabia como o Fuzileiro o encontrara, mas sabia que só poderia ser ele.

O Corvo olhou para George de novo. Dava a sensação de estar muito decepcionado, e pareceu dar de ombros. Então começou a puxar a perna de George com uma fúria inédita. As unhas de George procuravam um vão em que se agarrar nas placas de metal do chão.

BLAM.

O Corvo foi atingido e girou como uma hélice na ponta da perna dele. George sentiu um alívio brusco quando seu bico se abriu para comentar:

— CRAA. — grunhiu o Corvo.

BLAM.

O pássaro virou uma súbita bola de penas negras oleosas. E George, livre, não vacilou nem um instante e correu.

Desceu a escada em uma velocidade estonteante. Atravessou a catraca com violência e empurrou a porta, sabendo que se depararia com o Fuzileiro e Edie, e estava tão aliviado e extasiado que não percebeu seu sapato no meio da calçada. Tropeçou nele e deu uma pirueta no ar, terminando em um baque dolorido na calçada antes de olhar e ver uma silhueta escura recarregando o revólver. Não era o Fuzileiro.

— Melhor olhar para onde vai, meu rapaz — disse a voz grave que George pensou nunca mais poder ouvir de novo. — Não sabe o tipo de problema que terá correndo desse jeito.

Era o Artilheiro.

Edie saiu de trás do Artilheiro e sorriu para George. Foi o primeiro sorriso aberto que ele viu em seu rosto.

Parecia que o sol brilhava de dentro dela.

Seus olhos escuros faiscavam de entusiasmo e alívio. Sabia que ele sentia alívio ao ver o Artilheiro também. Sentiu mais que alívio. Sentiu...

— Devagar — disse o Artilheiro quando George se levantou e se jogou para ele. O Artilheiro pôs sua mão enorme na frente e George, que estava a um milímetro de fazer papel de bobo ao abraçar um homem tão grande puramente por alívio de vê-lo de novo, segurou a mão, apertando-a e sacudindo-a para cima e para baixo em genuína gratidão e excitação.

— Você está BEM! — ele explodiu. — Quero dizer, você está... OK!

— Você também não está mal, pelo que vejo — resmungou o Artilheiro, soltando a mão e coçando a nuca numa demonstração do que poderia ser constrangimento. — Você estava brigando com aqueles dois como ninguém. Pelo jeito você criou um pouco de arrojo, eu diria.

— Os dois me pegaram — admitiu George. — Eu estava apenas tentando salvar minha pele.

— Às vezes tudo o que se pode fazer é tentar. Mas enquanto se tenta, não se desiste, e isso é a metade do caminho.

Edie estava exultando.

— Ele apareceu do nada. E eu pensei que ele era um estigma, mas depois vi que era ele, e então aquele pássaro apareceu e ele estava se preparando para atirar e aí o estigma realmente apareceu e você estava brigando e ele não conseguiu mirar, mas aí BLAM BLAM BLAM! — ela imitou o Artilheiro atirando. — Foi fantástico!

George mediu com os olhos a distância entre a jaula no topo do Monumento e a calçada, e deu um sorriso para o Artilheiro.

— Aquilo foi pontaria demais!

— Foi boa.

— Não, eu quero dizer, você poderia ter errado.

— Não sou pago para errar — disse o soldado, voltando o revólver ao coldre. — Sou o Artilheiro.

O rosto de George doía de tanto que ele sorria.

— E você não está morto.

— Da última vez que olhei, não estava não.

— Da última vez que eu olhei, você estava muito ferido — disse Edie. — Falou também como se fosse morrer. Daí o Fuzileiro disse que seu recado foi...

— Eu achei que estava. E quase fui pro belezão. O Dragão não aceita prisioneiros, e me feriu de verdade. Cheguei até o parque de Saint James e me atolei na lama. Quase me afoguei no lamaçal. Pensei que tinha chegado minha hora e isso é a pura verdade.

— Mas você alcançou seu plinto. Antes da meia-noite...

— Não — ele esfregou o queixo. — Um dos meus companheiros apareceu e me carregou para casa. O Oficial. Salvou minha pele.

— E você salvou a minha — disse George, amarrando o cadarço.

— Você conseguiu? — perguntou Edie. — Conseguiu descobrir o fogo?

— Consegui — ele sorriu e apontou. — Fica ali, do lado oposto de uma torre negra que é uma espécie de jaula com cortes diagonais de aço prateado...

— Rua Cannon — disse o Artilheiro. — Certo. Sigam-me. E Edie, tente não se perder, hem?

O Artilheiro foi na frente. Eles os seguiram ligeiro. Edie sorria apesar de não querer. George percebeu uma expressão desconhecida no rosto dela.

— O que foi? — perguntou ele.

— Edie. Ele me chamou de Edie — disse ela tentando parar de sorrir, e corou.

— Bom, é seu nome, não é?

— Ele geralmente me chama de “aquela fagulha” ou ela .

— A gente acaba se acostumando com você.

George riu de seu constrangimento.

— É? — ela quase parecia satisfeita.

— Bom — disse George —, a gente se acostuma com qualquer coisa...

Ela deu um soquinho cordial nele enquanto atravessavam a rua atrás do Artilheiro.

— Estou feliz de tê-lo de volta — disse ela, os olhos fixos nas costas do Artilheiro.

— É — disse George. — Estou feliz por você estar aqui também.

— Cale a boca.

— Não. É verdade. Eu lhe devo uma — disse ele se defendendo.

— Não, não deve.

Eles pararam um pouco enquanto um táxi fazia um retorno na frente deles.

— Realmente. Seja sincera, me diga: por que ainda está comigo?

— Porque você voltou para me pegar. Sem pensar. Com aquele estigma me pendurando pela cabeça. Foi por isso que lhe dei o vidro do mar.

George sentiu-se mal. Parou de sorrir e chutou o chão.

— Edie, eu não voltei para você sem pensar primeiro. Quero dizer, no fim eu fui, mas cheguei a pensar em correr, em fugir...

Ela olhou para ele, absorvendo a verdade do que ele dizia.

— Sinto muito. Gostaria de ter sido mais corajoso, sem pensar sobre fugir. Mais como ele — disse George, apontando com o queixo para onde o Artilheiro esperava impacientemente do outro lado da rua estreita. O táxi fez sua manobra, cantou os pneus e se foi. Ela puxou o braço dele e correram para o outro lado.

— Talvez seja mais corajoso pensar em fugir e acabar ficando. E não é apenas por causa disso — disse ela. — Talvez por eu ter perdido a razão quando as esfinges me deram mais uma pergunta. Se eu tivesse perguntado sobre o Coração de Pedra você teria chegado lá mais rápido.

— Vamos chegar lá mais rápido se vocês dois pararem de tagarelar e apressarem o passo — disse o Artilheiro, estalando os dedos para eles.

— Não são apenas o terror e o medo que fazem a gente parar de pensar — Edie continuou com a voz baixa. — A raiva faz isso também. Assim, todas as coisas, algumas das coisas por que passamos, foram minha culpa. Se eu não tivesse perguntado sobre o pressentimento, você teria chegado lá mais rápido.

— Ou talvez não chegasse lá de jeito nenhum.

— Não. Você chegou aqui. Era para ser assim. A marca na sua mão, ter o poder de fazer coisas. TEM DE SER, George. Quero dizer, eu não faço idéia do que tem de ser, mas sei que é para ser. Quero dizer, seu pai, ele era um fazedor, certo? Você não percebeu ainda?

Ele não queria falar sobre seu pai. Por isso ignorou a pergunta dela.

— Edie. Sinceramente. Como você poderia NÃO ter perguntado o que era pressentir? Quero dizer, ser uma coisa, uma coisa tão, não sei bem, esquisita e assustadora e NÃO SABER o que é deixaria qualquer um maluco. Não tinha como você não ter perguntado.

— Parem de matraquear e fiquem de olho no céu — disse o Artilheiro, parando para que eles chegassem perto.

— Pode ser que eu tenha apenas machucado o danado.

— É — disse Edie, correndo agora para manter o passo.

— Não acho que machucá-lo seja suficiente, se for o mesmo pássaro que vimos ser destruído na noite passada.

— É o mesmo, sim — disse o Artilheiro. — Não se pode matá-lo. Do mesmo jeito que não se pode matar a Memória, e é isso o que ele é.

— O quê? — perguntou Edie, tropeçando em uma pedra de calçada mal colocada. O Artilheiro segurou-a antes que caísse e a pôs de pé sem olhar para baixo. O gesto reflexivo de um cavalheiro a deixou atônita, tanto que ela esqueceu da pergunta sobre o pássaro. Ela não sabia se

agradecia ou não. Ficou inesperadamente confusa, e não sabia por quê.

— O que quer dizer? — perguntou George.

— A memória sempre encontra uma maneira de sobreviver. Mesmo que não haja ninguém para recordá-la, ela se armazena em pedras e espera até que um ser da mesma espécie venha cutucá-la e abri-la.

Edie tocou no ombro de George enquanto corriam.

— Pode me dar de volta? — perguntou ela.

— O quê? — disse ele, no momento em que percebeu o que ela queria dizer.

— Meu vidro do mar.

— Oh — disse ele.

Ela parou. Ele parou também dois passos depois e virou-se, tentando achar um jeito de explicar.

— VOCÊ O DEIXOU LÁ! — engasgou ela em descrença, poupando George de ter de pedir desculpas.

— Você não está falando sério, ou está?

— Foi tudo muito confuso. Eu estava sendo atacado. Não lembrei...

Edie olhou para ele. Sentiu no seu âmago como se um elevador com o cabo quebrado despencasse, criando um vácuo profundo enquanto caía. A traição a atingiu com tanta violência que a deixou tonta e enjoada.

— Vamos buscá-lo mais tarde. Quero dizer, logo. Depois que chegarmos na Pedra — disse George, percebendo que o Artilheiro estava caminhando de volta até eles.

Toda a alegria, o calor e o alívio que Edie sentiu quando o Artilheiro apareceu foram sugados como se jamais houvessem existido, e em seu lugar agora havia uma frieza, uma solidão e, no centro de tudo, o mesmo buraco de sempre, o vazio, a carência. Ela não conseguia pensar no que dizer para ele. Ela conhecia o sabor de uma traição e isso era bem pior.

Edie simplesmente se virou e refez seus passos por onde vinham. Em quatro passos, ela já virava a esquina.

O Artilheiro olhou para George, seu rosto inescrutável, o que o deixou ainda pior. George sentiu-se ultrajado de repente. Estava tão perto. Todo aquele pesadelo ia terminar.

— O quê?

O queixo quadrado enorme se balançou de um lado para o outro enquanto o Artilheiro sacudia a cabeça, dando a impressão de uma enorme decepção. O senso de ultraje em George começou a subir e a se espalhar nas faces e no pescoço.

— O quê? Não fiz de propósito! Tudo acontecia ao mesmo tempo! Lembra-se?

— Você não entende, filho...

— Então é mais uma coisa para o monte — cuspiu George. — Pode pôr em cima do monte de coisas que eu não entendo. Não entendo nada disso, não quero nada disso, não pedi por nada disso, eu...

— Você esqueceu a pedra do coração dela.

— O quê?

— O vidro do mar é sua pedra do coração. A pedra do coração de uma fagulha é essencial para ela. É vital para o que são.

— Mas a gente está quase chegando! Olhe! Estamos aqui!

Ele apontou para a rua estreita, para a Torre Negra e para o prédio sem adornos do outro lado.

O queixo gigante deu uma última sacudidela de negação, ainda mais determinada.

— Você está aqui — seu polegar apontou por cima de seu ombro — e ela está lá.

— Mas...

— Ela está lá. Sem sua pedra do coração. E está sozinha.

NUM PISCAR DE OLHOS

EDIE CHEGOU NA PEQUENA PRAÇA aos pés do Monumento. A porta estava trancada. Ela não podia acreditar. Estivera lá havia tão pouco tempo e estava aberta. Ela bateu com força na madeira pintada, antes de notar um pedaço de papelão enfiado na moldura da janelinha de vidro: “Volto em cinco minutos”, dizia, mal escrito com caneta de feltro vermelha.

Ela deu um passo para trás e olhou para a jaula no topo. Seu coração batia rápido e seus joelhos tremiam. O vidro do mar a fazia se sentir melhor. Tudo o que precisava era tê-lo perto de si. Na hora em que estivesse com ele nas mãos, não sentiria mais aquele buraco no seu âmago.

Tentou então controlar sua respiração. Inclinou a cabeça para o céu e fechou os olhos. Cinco minutos eram trezentos segundos, que eram trezentos elefantes. Ela contou os elefantes na sua mente, tentando não apressar, tentando fazer cada elefante durar um segundo inteiro...

Enquanto Edie conta, vamos tirar uma foto da cidade. Visualize a cena: uma menina de frente para uma porta aos pés de uma coluna alta, de olhos fechados, balançando-se de um pé para o outro, os cabelos longos e negros se movimentando em contraponto, contando elefantes na cabeça para se manter calma.

Fique aí com ela. Conte uns elefantes também.

Faça outra foto.

Alguma coisa está faltando.

A coluna está lá.

A porta também.

A menina não.

Olhe de volta para a primeira foto, a foto com a menina. Havia outra coisa na cena, uma coisa negra e indistinta à esquerda do quadro. Uma coisa negra, indistinta, mas parecida com um touro. Alguma coisa avançando para a menina.

Agora olhe para a segunda foto. O esboço de um touro de duas pernas saindo da foto na ponta esquerda da moldura. Nos seus braços o corpo de uma menina, com a boca se abrindo em choque.

É assim a velocidade do Minotauro.

Tão rápido que o atendente do guichê estava removendo a placa da porta no mesmo instante em que o homem-touro apareceu e agarrou Edie, sem que ele visse nadinha.

Foi rápido assim que Edie foi tirada de cena.

Se piscou, não viu.

O PACTO COM O CAMINHANTE

Os OLHOS DO ARTILHEIRO perfuravam George, o que fazia ele querer virar uma bola e rolar para escapar da intensidade daquele olhar fixo. Além disso, sentia o chamado da Pedra no fim da rua.

O Artilheiro piscou duas vezes.

— Estúpidas fagulhas. Vamos.

Ele se virou e correu atrás de Edie. George ficou em choque.

— Ei!

O Artilheiro parou e olhou para trás.

— Para onde está indo? — perguntou George.

— Para onde precisam de mim.

O Artilheiro virou a esquina e desapareceu.

George queria ajudar Edie. Também queria devolver a coisa que ele quebrara e fazer as reparações com a Pedra e acabar com tudo aquilo de uma vez. E se fosse rápido talvez...

Lembrou-se de que não estava com o casaco. Edie estava. E o fragmento de cabeça do Dragão estava dentro do bolso do casaco.

— Estúpidas fagulhas.

Numa onda de raiva, mais negra do que a torre à sua frente, ele correu atrás do Artilheiro e de Edie. Cada passo que dava para longe da promessa de segurança o cortava como navalha e o deixava cada vez mais com raiva dela e de seu apego idiota àquele vidro do mar.

O Artilheiro chegou à base do Monumento. Nenhum vestígio de Edie. Esticou a cabeça e levantou um pouco o capacete de zinco, tentando ver se ela já estava no topo da coluna. Não havia ninguém lá e nenhum sinal de movimento visível perto da jaula acima.

O Artilheiro fez uma revista rápida ao redor do plinto. Quando voltou à frente da porta, George estava chegando na praça.

— Onde ela está?

O Artilheiro deu de ombros e apontou para a porta.

— Talvez esteja subindo a escada...

George sacudiu a cabeça.

— Ela não tinha dinheiro para pagar a entrada — disse ele, mostrando ao Artilheiro o pedaço do bilhete.

— Então é melhor você entrar e ver. E se ela não estiver lá, é melhor você voltar com a pedra do coração para devolver a ela.

George lembrou dos trezentos e tantos degraus e ficou com mais raiva ainda.

— Está bom.

Então alguma coisa se acendeu na sua mente.

— Pedra do coração?

O Artilheiro deu de ombros.

— Pedra do coração, pedra da memória, pedra da visão... tem vários nomes.

George ficou tonto.

— Espera aí. Estou procurando o Coração de Pedra e o estou procurando com alguém que, como você agora se lembrou de me dizer, carrega uma coisa chamada pedra do coração, e você não acha isso IMPORTANTE?

O Artilheiro coçou a cabeça constrangido.

— É. Bom. Não. O negócio é que nunca chamam de “Coração de Pedra”, sabe como é, chamam de pedra da memória ou pedra do coração. Além do quê — ele parou para pensar numa coisa que pudesse fazê-lo se explicar —, além disso, você disse que o vidro só mostrou o Coração de Pedra, que fica na rua Cannon. Então não é que seja o vidro em si, ou que a fagu... Edie seja o Coração de Pedra o tempo todo e não percebemos, não é? Assim, não houve dano nenhum, então vamos nos apressar e buscar o vidro para ela. A gente conversa depois, tá certo?

Ele então empurrou George para a porta.

George mostrou o bilhete para o atendente. O Artilheiro ouviu o menino explicando que havia deixado alguma coisa lá em cima e o atendente o deixou entrar com um resmungo.

O Artilheiro ficou aliviado. George o fez se sentir estúpido, como se ele tivesse DEIXADO passar algo. Era porque o menino havia mudado. As coisas que ele enfrentava agora o estavam deixando mais direto e mais seguro de si. Não era mais o menino queixoso que parecia ser quando o viu pela primeira vez. O Artilheiro sorriu.

Ele deu a volta ao redor da coluna de novo e uma coisa chamou sua atenção. Era um cheiro. Franziu as narinas e se inclinou para ver mais de perto uma marca na calçada. Era um arranhado no chão que tinha levantado a pedra um pouco, como se tivesse sido feita quando o cimento ainda estava molhado. Porém a pedra da calçada não era de cimento. Era uma laje antiga. Mas pelos grãos que o Artilheiro pegou e esfregou entre os dedos, a marca era recente, e tinha sido feita por algo com força suficiente para deixar um rastro na laje de pedra.

Ele andou mais um metro para trás e encontrou uma coisa que o deixou paralisado. Era o rastro de uma pata afundada no asfalto na beira da rua. Ele levantou a cabeça e pôs a mão no revólver.

Entretanto, não havia nada para se ver. Um prédio comercial desovou uma pequena multidão de homens e mulheres vestidos com trajes escuros. Eles caminhavam para longe do Monumento, rindo e conversando, as gravatas coloridas esvoaçando na brisa.

Foi então que ele viu a figura solitária caminhando na sua direção em meio ao fluxo bem-humorado de empregados saindo para o almoço. Uma figura alta, com um casaco longo e verde de TWEED, os fios de cabelo que escapavam do capuz do pulôver açoitados pelo vento.

O Caminhante veio direto até ele.

Sem tentar chamar a atenção para o que fazia, o Artilheiro se endireitou e, como quem não quer nada, andou alguns metros para sua esquerda, parando na frente da porta, caso George retornasse. Ele não sabia o que o

Caminhante queria, mas sabia que era melhor George não esbarrar com ele. O Artilheiro havia esperado sua visita desde o momento em que viu o Corvo puxando a perna de George na jaula acima deles.

— Achei mesmo que você não custaria a aparecer. Nunca está muito longe daquele pássaro medonho, não é mesmo?

O Caminhante fez o que se pode chamar de uma pausa em movimento na frente do Artilheiro, mudando de um pé para o outro enquanto o media com os olhos. Jogou então o capuz para as costas, expondo aos elementos seu rosto cinza e chupado.

— E você, por acaso, viu aquele maldito pássaro? Ele nunca está onde devia. Se estivesse, eu teria chegado aqui muito mais cedo.

— Desculpe, amigo, mas ele teve de ir.

Os olhos de cor violeta olharam para o Artilheiro de cima a baixo com desdém e se fixaram no revólver que ele segurava casualmente.

— Teve de ir?

— Estava causando aborrecimento. Se é que você me entende.

— Entendo perfeitamente. Ele é muito bom no quesito aborrecimento. É uma de suas qualidades mais refinadas.

Os dois se entreolharam.

— Ele vai voltar muito furioso.

— Não é problema meu — retrucou o Artilheiro.

Os olhos do Caminhante faiscaram. O meio sorriso se curvou num momentâneo sorriso de antecipação, como um homem faminto que sente o aroma de uma padaria à distância.

— Perdoe-me, porém eu penso o contrário. Acho que é problema seu, sim. Uma coisa que ele faz é não esquecer de nada — e seus lábios formaram um sorriso afetado e detestável — por ser o que ele é e tudo mais, se é que você entende minha alusão.

— De você não quero entender nada. Onde está a menina?

— A menina?

— Vi os rastros do Touro, Caminhante. Onde ela está? O Caminhante começou a andar de um lado para o outro mais notadamente. Três passos para um lado, uma meia-volta, três passos de volta.

— Não era minha intenção incluir a menina nos planos. Ela é uma distração para o estrategema.

— Em inglês, por favor.

— Pode ter certeza de que a língua que falo é um inglês melhor e mais antigo do que os grunhidos que saem de sua boca, meu combatente de lata — zombou o Caminhante. — O Touro tinha um retalho de roupa que pertencia ao menino. Eu quase o surpreendi no apartamento. O Touro seguiu seu faro. Sabe bem como crianças estimulam seu apetite.

— Então para que ele foi pegar a menina?

— Em todo empreendimento bem planejado há sempre a possibilidade de uma variável não calculada. Neste caso, o que transparece é que o menino deu seu casaco para a menina. O Touro não tem culpa nenhuma.

— Para onde a levou?

— Encontrei com ele escavacando seu caminho no velho canal da rua Fleet. Você sabe onde ele vive. Decepcionado por ele ter me trazido uma menina, em vez do menino, deixei-o levá-la para

casa com ele. Tudo o que você tem de fazer agora é encontrar o menino e levá-lo até lá para fazer a troca. É uma tarefa tão simples que eu creio que até mesmo uma coisa grosseira e mecânica de metal como você poderá efetuá-la sem muita confusão.

O Artilheiro cerrou o punho e se controlou para não amassar aquela cara de escárnio. Pelo menos não até saber mais.

— Liberte a menina.

— Quando você trazer o menino para o Touro. Então o Touro me entregará o menino. Não preciso dela. Preciso do menino. Preciso daquilo que o menino tem.

— E por quê, Servo da Pedra? — cuspiu o Artilheiro.

— Há reparações a serem feitas.

— Ele fará as reparações. Está tentando fazer isso desde que percebeu o que fez.

— Ou o que ele é.

— Disso ele não sabe ainda.

— Você não contou a ele?

— Não contei a ele porque não tenho certeza do que ele é. E o que importa é que o que você quer fazer não é certo. Ele vai fazer as reparações dele...

O Caminhante explodiu de repente, o cuspe voando no espaço entre os dois.

— Ao inferno com as reparações DELE! Não dou a mínima importância às reparações DELE! Você acha que eu gosto de ser o Servo da Pedra? Eu era um Homem de Poder! Eu TIVE servos, e não apenas os de carne e osso! Eu quero o que foi quebrado para que eu faça as MINHAS reparações.

Ele então olhou fixo para o Artilheiro. O acesso apenas intensificou a fúria de seu olhar. O Artilheiro deu de ombros.

— Pelo que ouvi, você tem de servir à Pedra porque a ofendeu com sua ganância e sua cobiça de mais poder. Ele, por outro lado, contrariou a Pedra sem ter consciência do que fazia.

— Quer dizer que a ignorância dele triunfa sobre a minha inteligência? Eu creio que não:

— Comparado com o que você deve ter feito para acabar excomungado, ele não fez nada.

— Está pedindo por ele? Que emocionante. Infelizmente a Pedra não é sentimental. Se eu fizer o sacrifício dele, uma fração da minha maldição vai ser apagada. E talvez...

Sua mão tirou do bolso do pulôver uma estatueta que ele tinha tirado do quarto de George.

— Possuo a imagem dele também. Feita por um fazedor. A Pedra talvez troque um servo pelo outro...

— Caminhante, eu não vou deixar você fazer isso.

— Não tem como me deter.

O Artilheiro levantou o revólver. O Caminhante fez cara de escárnio e revirou os olhos. Tirou os fios longos e escassos de cabelo do rosto com um toque de pulso irreverente.

— E você certamente não pode me matar.

BLAM. BLAM.

Dois tiros, tão rápidos que quase se combinaram em um só. A estatueta de George explodiu em pó e mil cacos. O impacto das balas fez o Caminhante ser jogado para trás numa pirueta, seu

longo casaco cortando o ar quando ele atingiu a calçada.

— Mas posso impedir que você coloque a imagem dele na Pedra — disse o Artilheiro secamente. — Não vai ser desse jeito que você vai reclamar a alma dele.

O Caminhante ficou no chão por um momento, tomando fôlego. Mas logo pulou e ficou de pé, num movimento surpreendente pela sua agilidade, e bateu a poeira da roupa.

Os dois, calmos, olharam para os furos das balas no pulôver. Por acaso, talvez, os projéteis obliteraram o desenho bordado no pulôver, trocando o “John Deere” para “John Dee”. E não havia sangue.

— Eu gostava deste pulôver — disse o Caminhante, pausadamente.

— Então deve me agradecer, Sr. Dee — disse o Artilheiro, pondo o revólver no coldre. — Pelo menos agora está escrito certo.

O Caminhante fazia um drama em examinar as costas do casaco onde as balas, aqui também sem nenhum vestígio de sangue, haviam saído. Na verdade, ele tentava controlar uma fúria imensa que fervia dentro dele. Sorriu sem convencer, os lábios brancos de tensão.

— Você é apenas uma coisa. Feita de metal. Feito por um ser humano. Lembre-se disso. Um ser humano o fez, um humano pode desfazê-lo. Eu sou um ser humano.

O Artilheiro sacudiu a cabeça.

— Você não é um ser humano, Caminhante. Você não tem mais nada de um ser humano. E não tem há muito, mas muito tempo mesmo.

O Caminhante estirou a mão.

— Atirar primeiro e pensar depois é sempre um stratagema ruim, Artilheiro — disse ele, apalpando os furos que o Artilheiro fez no seu pulôver. A pele por baixo não tinha uma marca sequer. — Esses furos lhe custarão, porque eles me lembraram de sua... capacidade. Passe aqui o revólver. Eu NÃO quero que você enfrente o Touro com uma vantagem injusta.

— Está sonhando!

— O problema de ser um soldado é que você sempre pensa que pode resolver qualquer problema ao apontar uma arma. Mas não desta vez. Entregue a arma ou as balas, ou eu juro pela mão que o moldou que vou deixar o Touro fazer o que ele tem de fazer com a menina, com ou sem o menino!

Levantou a mão e estalou os dedos.

— Pela mão que o moldou, Artilheiro, TODAS as balas!

O Artilheiro rasgou um saquinho de seu cinturão e estirou para o Caminhante, que o pegou e olhou dentro.

— E as balas dentro do revólver, Artilheiro. Todas as balas, sem esconder nenhuma, e jure pela mão que o moldou.

O Artilheiro pareceu empalidecer. Desmontou o revólver e levantou-o, segurando o cilindro entre o indicador e o polegar quase com repugnância, vendo as balas caírem dentro do saco na mão do Caminhante.

— Agora jure! — disse o Caminhante, asperamente.

— Pela mão que me moldou, aí estão todas elas.

— Você sabe a punição se quebrar o Juramento do Fazedor.

— Quem quebra juramentos é você. Mas eu conheço a punição.

— Quebre o juramento e ficará condenado a vagar. Para sempre. Nenhuma criança vale esse sacrifício. Você não consegue nem imaginar a dor que é vagar para sempre.

Ele olhou para o Artilheiro. Depois começou a caminhar bruscamente, a cabeça virada sobre o ombro.

— Encontre o menino. Leve-o para o Touro. Uma vida por uma vida. Troca justa. Estas são as minhas condições. E se ele tentar se aproximar da Pedra sem me dar o que eu quero, se ele tentar fazer SUAS reparações e não as minhas, eu ainda posso causar mais dano para um mortal do que você ou qualquer um dos seus possa imaginar. Ou evitar.

E fazendo um giro com seu casaco de TWEED remendado, ele se foi.

O RUGIDO DO TOURO

FINALMENTE EDIE CONSEGUIU respirar de novo. Quando o Minotauro a agarrou na calçada, o impacto foi tão grande que lhe tirou o ar dos pulmões e não a deixou respirar. Então tudo começou a rodar e a escurecer, e ela desmaiou.

O impacto violento das patas do Minotauro na calçada deve ter feito ela voltar a si, e talvez até mesmo feito seus pulmões voltarem a funcionar.

Ela respirou o ar que era metade fumaça de óleo DIESEL e engasgou de novo. Depois começou a espernear. Estava sendo esmagada no meio daquele peito maciço e negro, curvado como a quilha de um grande barco, coberto de pêlos ásperos que se moviam, embora fossem feitos de metal, como pêlos de animal.

Ela ouvia as batidas do coração gigante contra o seu ouvido direito. Seu olho direito tinha sido espremido no peito do monstro.

Podia ouvir também o profundo ruído ofegante da respiração do animal.

Com seu olho esquerdo ela via uma fração de Londres. O suficiente para saber que aquilo que a carregava corria com o trânsito, acompanhando um ônibus.

Todas essas impressões a atingiram de uma só vez, como um caleidoscópio. Ela resistiu. E esperneou.

A fera parou bruscamente, tão de repente que ela ficou sem ar. As mãos da fera a levantaram e a colocaram frente a frente com sua cara monstruosa, e ela viu pela primeira vez o que a tinha agarrado.

Ela viu a cabeça do Minotauro.

A testa como uma bigorna.

O focinho como um malho.

Olhos minúsculos cheios de fúria.

Chifres afiados, arqueados e esticados para os lados numa curva ameaçadora, prontos a estripar o que viesse à sua frente.

E atrás dos chifres, atrás das orelhas planas, uma giba imensa de músculos sólidos que se assomava na frente dela como uma montanha negra.

Edie sentiu a escuridão se espalhando no seu cérebro e sabia que precisava lutar contra ela. Sabia que precisava continuar lutando.

Abriu a boca para gritar, berrar, mas antes que tivesse tempo para qualquer coisa, o Minotauro se antecipou. Ergueu a cabeça, empinou o focinho e abriu a boca, revelando dentes afiados de predador que foram feitos para tudo, menos mastigar grama. E então o Touro rugiu.

Sem palavras. Apenas um rugido de touro, pura fúria, fome e som, que a atingiu como uma onda de trovão rolante.

Havia notas graves tão profundas que o intestino dela se contraiu e se expandiu, levado por um terror tão antigo e tão enraizado dentro dela que estava além de qualquer explicação.

Havia notas agudas, tão agudas que ela pensou que seus ouvidos fossem explodir de dor.

Então seus olhos se fecharam num reflexo e os cabelos foram esticados numa rajada de hálito quente que cheirava a carne fresca e ossuários antigos. E Edie fez a única coisa que podia para impedir que a escuridão a levasse embora. Usou a energia que ainda lhe restava e gritou, gritou direto na caverna negra e úmida que era a boca do Touro.

Estava tentando berrar mais do que o próprio Belzebu.

HORA DE PARTIR

DE VOLTA AO MONUMENTO, o Artilheiro ficou olhando para a esquina por onde o Caminhante havia desaparecido e respirou devagar.

— Você entendeu tudo?

Não houve resposta. O Artilheiro se virou e estalou os dedos impacientemente.

— Tudo bem agora. Você já pode aparecer. Ele já deu no pé. Foi vigiar a Pedra. Para evitar que você chegue lá antes que ele dê um jeitinho nas coisas.

George surgiu do esconderijo atrás da porta do Monumento. Pálido e exausto. Seus olhos ainda fixos na esquina por onde o Caminhante desaparecera.

— Quem é ele?

O Artilheiro se agachou e apanhou as duas cápsulas vazias do chão. Olhou para os cilindros vazios, enfiou-os no bolso e se ergueu.

— O Caminhante. Você pegou a pedra do coração?

George tirou o vidro do mar do bolso. O Artilheiro deu um resmungo.

— Não a perca. Ela já está num estado lamentável, e se você não entregar a Edie a pedra do coração, ela vai ser aniquilada.

— O que aconteceu?

— O Touro chispa — disse o Artilheiro, cheirando o ar e espiando para a distância.

— O quê? — disse George.

— O Minotauro a levou.

— Minotauro?

— Meio-touro, meio-homem. E todo ruim. O meio-homem odeia o meio-touro nele e o meio-touro pensa que a parte homem é o que o faz infeliz. Uma fera primitiva, feia que dói. Perigosa também. Muito perigosa para ela.

— Por quê? — perguntou George, sua mente revirando a lembrança das lendas gregas que um dia seu pai leu para ele quando estavam de férias numa ilha no Mediterrâneo.

— Porque os minotauros acham que podem ser menos touro e mais homem se devorarem aquilo que querem ser.

— Ele vai devorá-la?

— Não exatamente. Ele vai ter o desejo de devorar, mas está sob ordens do Caminhante. O Caminhante é um Servo da Pedra. Amaldiçoado, como um...

— Excomungado.

O Artilheiro olhou para ele, impressionado por um momento.

— Estou vendo que você andou estudando enquanto eu estava me recuperando.

— Conheci o Contador.

O Artilheiro olhou bem para George.

— Conheceu mesmo? — disse ele lentamente.

— Ele é bom ou ruim? — perguntou George, de súbito sentindo a necessidade urgente de saber por que o Artilheiro usou aquele tom.

— Você vai ter bastante tempo para conversar sobre isso depois que resgatarmos a fagulha.

— Edie — corrigiu George com firmeza. — Ela se chama Edie. E como nós vamos dar um breque em um minotauro? Quero dizer, aquele homem, aquela coisa, ele pegou todas as suas balas.

O Artilheiro pareceu ficar envergonhado por um instante.

— É.

— Por que você deixou ele fazer isso?

— Porque ele é traiçoeiro. Ou eu dava as balas para ele ou ele dava Edie ao Touro. Você não ouviu ele dizer?

— Sim, mas não entendi. Também não entendi o juramento.

— O juramento é uma coisa que um cuspidor não pode quebrar. Jure pela mão do Fazedor e você está perdido se quebrar o juramento.

— Perdido? Como uma estátua que não chega ao seu plinto na virada do dia? Como o Homem Grade?

A cabeça do Artilheiro se virou com o rugido distante acrescentado ao barulho do trânsito.

— Pior ainda. Você vaga. Agora se cale e vamos. Não temos muito tempo — disse ele, bravo, e calou George com um olhar. Começaram a correr.

— Para onde ele a levou? — perguntou George, correndo ao lado dele.

— Você não estudou isso? Para onde os minotauros levam suas vítimas? Onde eles vivem em lendas? — disse ele, apressando ainda mais o passo.

George começou a pensar. Lembrou-se do herói grego e de Ariadne, a filha do rei, que o ajudou a desenrolar um novelo para que ele pudesse achar a saída de um...

— Labirinto! Ele vive em um labirinto? — gritou ele.

— No Labirinto. Isso mesmo.

Mas então as perguntas ficaram fora de questão por um tempo, porque George precisou de todo o seu íôlego para acompanhar o Artilheiro enquanto cruzavam as ruas e corriam pelas calçadas, sempre subindo para o norte, cada vez mais se distanciando do rio.

O Artilheiro parou de repente na ponta de uma calçada para deixar passar um ônibus, levantou George nos braços e atravessou a rua ziguezagueando entre os inúmeros carros. Sacolejando-se nos braços do soldado, George viu os motoristas zarpando por eles sem se dar conta, enquanto o Artilheiro os evitava. Quando chegaram ao outro lado e o Artilheiro o pôs no chão, George ficou enjoado.

— Mas Londres não tem labirinto nenhum — disse George tentando se firmar no chão.

O Artilheiro deu um muxoxo e continuou a andar para o norte.

— Alguns dizem que toda a cidade é um labirinto que ferve. Mas não se preocupe...

Ele apontou para o desvio feito por um botaréu alto e escuro à frente deles. Passaram por placas

indicando o Museu de Londres e por uma que dizia: “Murada de Londres”.

— Já estamos chegando.

George se esforçava para acompanhar. Parecia que ele estava correndo desde sempre. Sua vida se dividia entre o passado, quando ele não corria para nada além de bolas, e o presente, quando ele corria o tempo todo.

— Nunca ouvi falar de um Labirinto de Londres — disse ele entre uma arfada e outra.

O Artilheiro apontou para um muro de concreto entrecortado com passeios, entre prédios pontudos e altos.

— Sorte sua. Porque aqui estamos. Um lugar escuro e labiríntico como qualquer minotauro podia desejar.

O Artilheiro puxou George até uma escada e subiu os degraus. George leu a placa com uma seta que dizia: “Barbican”.

NAS GARRAS DO MINOTAURO

BERRAR NÃO AJUDOU EM NADA. Aliás, Edie nunca acreditou que berrar contra o urro do Minotauro fosse fazer algum efeito. Era como jogar bolas de neve contra uma avalanche para detê-la.

O Minotauro parou de urrar quando usou todo o seu fôlego. Edie sentiu quando ele se sacudiu na chuva, como faz um cão. Notou também o jeito que ele olhou para ela, com seus olhos excepcionalmente minúsculos antes de voltar a correr.

Era um olhar de quem odeia o que é e odeia também o que quer ser.

Ela cerrou o punho e pensou em dar socos, mas o vazio dentro dela sugou toda a sua energia e sua mão apenas se contraiu.

O vazio aumentava e parecia haver menos Edie e mais do nada, porque, de uma maneira aterradora, o olho do Minotauro havia sugado ainda mais o que sobrara dela. Era um olho faminto, um olho ardente, um olho terrível.

O Minotauro subiu por uma escada em espiral e, ouvindo seus cascos arranhando os degraus de cimento, Edie tentou pensar no que deveria fazer. Sentiu que estava se dissolvendo de dentro para fora.

Chegaram num passeio elevado com a chuva caindo. Um velhinho com um andador caminhava à frente deles, arrastando-se no molhado. Edie estirou a mão e gritou.

— Socorro!

Ele não reagiu. Claro que não a via. Sua mente não o deixava ver uma coisa tão inacreditável como uma menina ensopada carregada por uma estátua feroz.

O Minotauro parou. Olhou para ela. Olhou para o velhinho. Seu focinho tremeu e então ele rugiu mais uma vez.

Agora Edie se sentia tão vazia que o som parecia reverberar como um eco dentro de seu vácuo e sacudir cada molécula de seu ser. Sentiu a escuridão ameaçando tomar conta de sua visão e sabia que dessa vez não conseguiria lutar contra ela.

O Minotauro de repente levou-a para mais perto de seu focinho e suas narinas deram uma longa fungada. Estremeceu como se o cheiro da menina fosse algo como um estimulante primoroso, e depois, o que era mais repugnante, Edie sentiu o peso de sua língua inchada e grossa se esticar para fora e lambê-la, do pescoço até o ouvido, depois sobre o olho e da testa até os cabelos.

A última coisa que sentiu antes que a escuridão a envolvesse foi a mão do Minotauro apalpando seu corpo, suas pernas, seus braços, a gordurinha ao redor de seus rins, como um açougueiro inspecionando sua carne.

Então ele a levantou e correu, enquanto o mundo para ela se transformou misericordiosamente em escuridão.

O LABIRINTO DE LONDRES

O ARTILHEIRO E GEORGE saíram da escadaria, deixando para trás o cheiro leve de urina que permeava o concreto, e então se depararam com um passeio elevado.

George escorregou. O chão estava molhado e escorregadio com a chuva que agora começava a cair torrencialmente. Correr sob as nuvens pesadas de tempestade era como correr na direção de alguma coisa de que seria infinitamente mais normal correr para longe. E isso o mais rápido possível.

O Artilheiro segurou-o e o pôs de pé. Depois parou e olhou fixamente para a mão de George, a mão com a marca deixada pelo Dragão, e grunhiu.

— O quê? — perguntou George.

— A marca do Fazedor. A fagulha, Edie, me contou, um pouco antes de o Corvo lhe pegar. Esta marca quer dizer que você tem uma escolha. E eu diria que você já fez essa escolha.

— Que escolha é essa? Eu não escolhi NADA disso! — protestou George.

— Escolheu, sim. Escolheu muitas coisas, meu filho. Está aqui. Para começar, você bem que poderia ter ido até a Pedra e colocado seu mundo em ordem. Mas em vez disso, está aqui.

Acenou como se aprovasse alguma coisa que George não sabia o que era.

— Está mais forte. Mais alto e mais forte do que quando o vi pela primeira vez. Não está se desculpando por ser o que é. Está brigando.

— Estou apenas tentando continuar vivo.

— Não. Se estivesse apenas fazendo isso, já estaria em frente à Pedra fazendo suas reparações, sem pensar em mais ninguém. Não estaria aqui comigo, tentando ajudar Edie.

Ele olhou para George de cima a baixo.

— Você chegou muito longe, meu amigo, e não apenas em quilômetros. E você sabe por que está lutando e não apenas se lamentando da vida?

— Não por causa dessa marca — disse George.

— Está lutando porque você tem alguma coisa pela qual lutar. A marca é o que lhe deixou em apuros, mas é também o que poderá lhe ajudar a se livrar deles. A marca mostra que você pode ser um fazedor.

— Eu não sou fazedor nenhum! Eu não faço nada.

A mão, porém, já estava dentro do bolso, moldando o bolinho de massa.

— Você pode não saber o que é, mas lhe digo uma coisa: os estigmas sabem, e depois do que vi entre você e o Dragão do Temple Bar, acho que sei também. Está nas suas veias e nos seus ossos. Você chegou longe, meu filho. Parecia que era feito de coisa muito duvidosa quando me deparei com você pela primeira vez. Assim é que são as coisas. É como o Jagger costumava dizer no seu estúdio: não é apenas o barro que importa, é o que se faz dele.

George lembrou-se de seu pai, calmamente tragando um cigarro preso no canto dos lábios, as

mãos trabalhando a argila. Mas antes que se aprofundasse na lembrança, o Artilheiro já estava correndo de novo.

— Podemos falar mais tarde. Temos muito o que fazer pela frente.

George correu atrás dele, e percebeu que estavam em uma espécie de área restrita dentro do centro de Londres. As passarelas elevadas em que corriam davam uma impressão futurística ao lugar, especialmente se a visão de futuro incluísse janelas imundas e sem graça espiando de volta para você.

O Artilheiro corria e George seguia atrás por uma passarela correndo paralela à rua, onde os carros e táxis passavam velozes, refletidos em um muro de vidro à sua direita. George teve de desviar de um velhinho com um andador e colidiu com uma lixeira que parecia ser feita de borracha, mas que lhe deu a sensação de ser feita de pedra.

Ele ignorou a dor e seguiu adiante.

À frente deles, a rua de quatro pistas sumiu por baixo de um grande arco que se encontrava embaixo de um prédio de tijolo e concreto, como se engolida por uma baleia. O topo do arco era de vidro e ele viu as pessoas olhando vagamente de suas mesas no restaurante, mastigando distraídos sob um sinal de néon anunciando “Pizza”.

Eles chegaram a um átrio coberto que corria ao longo do arco, e de repente a superfície do chão mudou para um lustroso piso, com barulho, cores e luz artificial brilhante. Canos de aço em diagonais cortavam a parede de vidro à sua esquerda, apoiando o granito rosa polido à sua direita. Uma placa dizia: “Passarela Elevada de Bastion”. Deram a volta em uma estátua de dois dançarinos de tango e retornaram ao ar livre. George não se sentia tão leve como os dançarinos. Era como se arrastasse sapatos de chumbo.

Estava cansado, e enquanto corriam virando aqui e atravessando ali, ele começou a se sentir totalmente fora de controle, sem qualquer idéia de para onde estavam se dirigindo. Estava se perdendo no labirinto.

Viu de relance espaços abertos à sua esquerda, um reflexo de verde e uma igreja branca fora de lugar ao lado de um espelho d’água, mas então entraram de novo em um espaço coberto por um teto baixo. A passarela parecia abraçar o teto ao passar em ângulo reto através de uma floresta de grossas colunas de cimento.

Neste longo espaço em forma de câmara, George sentiu como se estivesse no subterrâneo, embora seus sentidos lhe dissessem que ainda estava muito acima do nível do chão. Além disso, tinha cada vez mais dificuldade em respirar.

— Vamos, meu filho, mais depressa — disse o Artilheiro.

Ele se apressou. Correram na direção do quadrado de luz no fim da passarela mal iluminada.

Quando emergiram sob a chuva, acharam-se em um espaço retangular de proporções enormes, completamente rodeado por apartamentos com sacadas em ângulos que se assemelhavam àquelas pirâmides astecas que ele vira em fotos na escola. A sensação de cidade perdida foi realçada pelo verde de plantas que cresciam em cada sacada, o verde brilhante contrastando com o cinza do concreto e do vermelho dos tijolos. No meio desta praça retangular, havia um espelho d’água com fontes, numa batalha perdida contra o aguaceiro selvagem que obliterava os seus chuveiros metódicos.

Os dois pisaram em poças que cobriam os tijolos sob seus pés e alcançaram uma outra passarela coberta.

George desistiu de tentar se localizar. Concentrou-se apenas em não perder de vista o Artilheiro. Parou de notar as coisas e os lugares por onde corria e apenas registrava o ambiente como um borrão. A não ser em um momento, quando olhou à sua direita e viu uma estufa gigante, com vegetação tropical e crianças em grupos paradas lá dentro olhando para a chuva.

Ele não acreditava que ele próprio havia estado tão desligado e entediado na sua excursão da escola apenas um dia antes.

Sentiu a chuva no seu rosto quente e lembrou-se de quando ficou parado nos degraus do Museu de História Natural, sentindo-se tão enfurecido e tão certo de que ser sozinho era a maneira mais segura de proteger a si mesmo.

Agora, nesse momento, ele teria dado qualquer coisa para fazer parte daquele grupo desinteressado por trás daquelas janelas embaçadas — feliz talvez não, mas pelo menos fora daquele terror; ele não estaria exausto, não estaria onde estava agora. Não conseguia acreditar que tudo o que havia se passado com ele estava acontecendo havia menos de vinte e quatro horas.

Foi nesse ponto que se lembrou que o relógio não parava. Se não chegasse logo à Pedra de Londres, talvez continuasse vivendo — talvez não por muito tempo, pelo jeito — naquilo que o Frade Preto disse se chamar O Caminho Tortuoso.

À frente do Artilheiro surgiu um edifício comercial cortando o céu, sua parte inferior se abrindo como uma rampa de esqui. Iluminado por dentro contra as nuvens escuras e a cortina de chuva, de alguma maneira a visão deste prédio, talvez pela sua estrutura de vidro e luz em vez de concreto molhado, fez George se sentir um pouco melhor.

O Artilheiro virou uma esquina. O Minotauro o atingiu.

O TOURO E A BALA

O MINOTAURO ATINGIU O ARTILHEIRO na hora em que ele virou a esquina, surgindo do nada, agachado e forte, com a ferocidade de um carro em alta velocidade, os chifres se sacudindo para cima e para os lados.

Ouviu-se o baque surdo do impacto, o barulho distinto do ar expelido dos pulmões do Artilheiro misturado com o grunhido feroz que o Minotauro fez ao retesar os poderosos músculos do pescoço e jogar o soldado para o alto, por cima de suas costas.

Os chifres se engancharam na rede de metal presa ao cinto do Artilheiro e a lançaram zunindo na calçada molhada.

O Artilheiro caiu no chão, rolou e freou contra uma tina de cimento, fazendo a água jorrar. O Minotauro virou-se.

Foi somente quando ele se virou que George notou que seus braços estavam cruzados sobre o peito, numa imitação grotesca de quem carrega um bebê — salvo que o que ele carregava não era nenhum bebê, era Edie.

Aquela não era a Edie que George conhecia. Era uma Edie tão pálida que parecia translúcida, um fantasma descorado do que ela tinha sido, preso no peito de bronze escuro do Touro feito uma boneca de pano. Os olhos estavam fechados, e ele teve a nítida sensação, terrível, de que ela já estava morta, até que notou seus lábios balbuciando algo sem som, como se tentasse dizer alguma coisa, como uma sonâmbula.

— EDIE! — ele gritou.

Onde quer que ela estivesse, dentro de sua própria mente, era certo que dali ela não podia escutá-lo. O Minotauro cascou o chão e George sentiu a passarela sacolejar, como dois mundos ao colidirem.

O Minotauro levantou a mão e fez um gesto muito humano para George.

— Fique onde está — grunhiu o Artilheiro, ficando de pé e cambaleando para o espaço entre a fera e o menino.

— O que vamos fazer? — perguntou George, engolindo em seco.

— Vou dar uma lição no maldito.

Tirou o revólver do coldre e mirou o Minotauro.

— Ei, seu monte de carne bovina. Olhe aqui. O Minotauro se contraiu quando viu a arma.

— Mas você não tem uma... — George começou a dizer.

— Tenho sim — disse o Artilheiro sem tirar os olhos do touro na mira do revólver.

— Mas você jurou...

— O Caminhante é muito astuto, astuto demais para o seu próprio bem. Se você quer enganar um cara que pensa ser muito esperto, melhor tentar uma coisa simples. Pus o polegar sobre o corpo do ferrolho, escondendo uma bala quando desprendi as outras. Fiquei com um tiro.

— Mas você quebrou seu juramento!

As feições do Artilheiro se endureceram, a lisura se transformando numa defensiva máscara de indiferença.

— Opção minha. A menina não escolheu isso. Não posso deixar que aconteça.

— Mas você vai...

— Não quero ouvir mais nada — cortou o Artilheiro, levantando o queixo para o Minotauro. — Ponha a menina no chão, Zebu. Devagarinho.

O Minotauro não largou Edie. Em vez disso, sacudiu-a nos braços e pendurou-a, como uma boneca de pano ou um pano de prato, pelos ombros na frente do torso, semelhante a um escudo.

— Bicho ruim você, não é? — disse o Artilheiro. O Minotauro bufou.

BLAM.

O revólver tremeu na mão do Artilheiro. O Minotauro não se moveu. O tiro acordou Edie e seus olhos se esforçaram para entender onde ela estava.

— O qu...? — foi o que ela conseguiu pronunciar.

O Minotauro ergueu a cabeça e urrou furioso e, George pensou, triunfante. O som do rugido ecoou nos prédios de concreto ao redor deles. Depois ele baixou a cabeça e rosnou perigosamente.

George não acreditou no que via.

— O que aconteceu?

O Artilheiro engoliu em seco.

— Errei.

George sentiu como se as paredes do mundo ruíssem sobre ele. Sentiu um aperto no peito e começou a sentir falta de ar.

— O que quer dizer com “errei”? — perguntou ele entre arfadas.

— Não acertei — olhou para sua arma incrédulo. — Minha sorte já deve ter começado a mudar.

— Você é o Artilheiro. Você não ERRA! — disse George por entre os dentes. — Foi o que você disse.

— Também disse para você não acreditar em tudo o que lhe dizem.

Uma pausa enquanto o cérebro de George oscilava no eixo.

— Não, você não disse! Isso você não me disse!

— Oh... — O Artilheiro pareceu envergonhado. — Bom, então deveria ter dito. — Ele tossiu para limpar a garganta. — Estou dizendo agora.

O Minotauro cascava o chão. Na verdade o chão era de cimento, mas estava formando ondas tão facilmente como se fosse feito de manteiga.

— Atire de novo — disse George, sua voz cheia de urgência. Não estava pensando direito. Estava começando a entrar em pânico. — Atire antes que ele ataque.

— Com o quê? — perguntou o Artilheiro. E abriu o revólver. O cartucho vazio caiu na poça d'água com um baque zombeteiro, um TLIM e um PLOP.

— Não tenho mais balas. Lembra-se?

Agora não eram apenas as paredes desmoronando. O chão começava a engoli-lo também.

— O QUÊ?

O Artilheiro mostrou a arma vazia.

— Ma... O qu... Então como você vai resgatá-la? — George balbuciou.

O Artilheiro deu de ombros num gesto fatalista, que George interpretou como totalmente fora de propósito dada a seriedade da situação. Cinco metros à frente a morte calmamente batia no concreto com seu casco.

Edie tinha os olhos fixos neles, olhos arregalados de choque.

— Não sei, meu filho, se tivesse outra bala eu poderia desintegrá-lo em pedacinhos para sempre... mas sem nada para colocar no revólver — apontou para o Minotauro —, ele me rasgará no meio. E você também. E você sabe o que os minotauros fazem com garotinhas?

— Não.

Uma pausa. O Artilheiro deu uma fungada.

— Sorte sua. Melhor não pensar. E eles não mastigam com muita educação.

George pulava de tanta frustração.

— Então o que podemos fazer?

— Lutar até o fim? — disse o Artilheiro.

George não queria chegar ao fim, lutando ou não. A atitude do Artilheiro era corajosa e dura, mas pela primeira vez ele achou também... irritante. Precisava pensar...

Sua mão foi ao bolso e instintivamente começou a moldar a bolinha de cera. E a idéia lhe veio.

— Dê aqui o cartucho vazio.

— O quê?

— JÁ!

O Artilheiro procurou no bolso e tirou os cartuchos vazios. Jogou-os por cima do ombro e George, num reflexo, usando a sua mão marcada, pegou-os no ar.

— Vou fazer uma bala.

O Artilheiro virou um olho surpreso para ele.

— Você o quê?

George já estava enfiando a cera dentro do cartucho vazio. O Artilheiro deu um muxoxo.

— De cera?

George não se deu ao trabalho de olhar para ele. Suas mãos trabalhavam rápido.

— Se eu sou mesmo o “fazedor”, se esta cicatriz é a marca de um fazedor, então por que não? Vou fazer uma bala!

— Sim, mas de cera...

— Você é feito de bronze, mas é flexível o suficiente para se mover. Não há razão por que não funcionaria ao contrário. Se eu fizer bem feito... Como você disse, não é apenas o material, é o que se faz com ele que conta — disse George. — Não tire o olho do Touro.

Havia um tom novo e decisivo na voz de George, e o Artilheiro se viu virando os dois olhos

para a frente, como foi MANDADO. Assoviou lentamente.

— Você é quem manda. Mas se apresse, porque ele já está se preparando para dar o pulo e nos chifrar.

Ouviu-se um novo riscado na calçada e um baque leve quando o Minotauro derrubou Edie.

— Lá vem ele.

— Ache um jeito de distraí-lo. Preciso de um tempinho — disse George, irritado.

— Sim, senhor — disse o Artilheiro com um sorriso fino. — Segure isso. Vou ficar com as mãos cheias.

Passou o revolver para trás, rápido, e depois virou-se para enfrentar o Minotauro cara a cara.

Os chifres se alojaram em cada lado de sua cintura e ele se jogou rolando para trás, deixando a força do impacto impulsioná-lo para frente. George precisou pular para não ser amassado pelas duas estátuas acopladas. A forma de bala que ele estava moldando se alisou com sua queda.

Ele correu até Edie, que jazia sobre um canteiro de concreto. Ouviu uma colisão às suas costas e viu que o Artilheiro e o Minotauro tinham rolado em um salto mortal completo. O barulho viera das botas do Artilheiro tocando o chão, enquanto ele se equilibrava de pé novamente. Ele segurou os chifres do Minotauro como o guidom de uma bicicleta enquanto o Minotauro o empurrava pela calçada para a beira da passarela elevada.

O chão faiscava com as tachas de suas botas raspando a pedra sob as solas.

George pegou o vidro do mar de seu bolso e pôs nas mãos fracas de Edie. Ouviu o seu murmúrio, mas não compreendia o que ela dizia porque sua atenção estava nas mãos que moldavam a cera.

— Rápido, meu filho! — gritou o Artilheiro.

George já estava consertando a bala que moldava.

Edie percebeu o que ele fazia. Seus olhos de súbito se iluminaram, como se a intensidade do vidro do mar atravessasse seu corpo e a enchesse de luz.

— Isso mesmo, George. FAÇA funcionar.

Ele não teve tempo de concordar. Rolava e moldava a cera nas mãos.

O Artilheiro agora estava acuado entre o corrimão e o Touro. Abaixo ficava a rua repleta de automóveis velozes. Ele lutava contra o poder imenso dos músculos bovinos do Minotauro, depois cerrou os dentes e empurrou.

— O seu problema, Zebu... É que... você daria uma... ótimo... ensopado. Ou almôndegas.

O Minotauro sacudiu os chifres. O Artilheiro continuou segurando.

— Sabe o que é almôndega, não sabe, Zebu?

O Minotauro sacudia violentamente a cabeça de um lado para o outro. O Artilheiro continuou segurando.

— São como bolinhos de carne. Agora, isso dá o que pensar.

Então sua bota do exército com suporte de ferro subiu no espaço entre as pernas do Minotauro como um malho. Ele o chutou com toda a força de seu corpo e os pés do Minotauro pularam do chão por um centímetro quando a bota acertou o alvo.

O Minotauro berrou de dor e fúria. George sentiu a força daquele urro o atingir como uma onda

de choque. O urro anterior fora um sussurro comparado a este. O Touro se sacudiu e tentou ferir o Artilheiro no meio do peito. O Artilheiro se esgueirou para um lado e o impacto mandou mais faíscas do corrimão atrás dele.

— Faça, George — disse Edie, em tom de urgência.

George baixou a cabeça e se concentrou na cera e no cartucho vazio. Trabalhou até formar um cone liso. Enquanto trabalhava, tentou ignorar os grunhidos e choques atrás dele. Pensou em balas. Pensou no que elas podem fazer. Pensou no que ele já vira uma bala fazendo. Pensou nelas pulverizando as salamandras no Memorial de Artilharia. Pensou no Corvo explodindo em penas, duas vezes. Pensou na gárgula virando pó na jaula no Monumento. Lembrou-se das balas nas mãos do Artilheiro quando ele calmamente recarregava o revólver. Imaginou a força que um projétil possui quando atravessa seu alvo. E quando pensou no que era uma bala, no que vira, em como era seu formato, ele percebeu que suas mãos começaram a relaxar e quase trabalhavam por si mesmas, quase como se soubessem o que ele estava fazendo. A dor na cicatriz tinha parado completamente.

Ele alisou a ponta da bala de cera e, com a ponta da unha de seu polegar, fez um círculo suave ao redor do topo, como viu em balas de verdade.

George então destravou a arma e enfiou a bala dentro, como viu o Artilheiro fazer.

De repente sentiu um redemoinho de pernas, botas, chifres e patas para o ar quando as duas estátuas se chocaram. Havia colidido com um canteiro elevado de cimento com tanta força que ele se quebrou, lançando terra no chão ao redor dos corpos em combate. George atravessou a passarela e levantou a arma.

— Eu fiz!

O Artilheiro então olhou para ele, e naquele instante o Minotauro enfiou um chifre no espaço livre da sua cintura.

Saíram faíscas e clarões semelhantes a uma pedra de amolar quando a ponta afiada do chifre perfurou o bronze.

— Ui — disse o Artilheiro em choque.

George não acreditou que o Artilheiro tinha sido ferido.

Não depois de ele ter voltado.

Não depois de ter pensado que ele tinha morrido.

O Minotauro sacudiu a cabeça, girando o chifre dentro da ferida com a ferocidade de um cachorro sacudindo sua presa, empurrando o Artilheiro contra o corrimão por cima, da rua movimentada. O Artilheiro apoiou-se no corrimão com as costas e levantou suas mãos para dar um soco por cima, no pescoço do Touro. Suas mãos mudaram de direção e tocavam sem rumo no corrimão.

George ficou horrorizado. O Artilheiro tinha voltado somente para morrer de novo? Ele sentiu o gosto negro na boca, a coceira ardente no nariz e começou a correr para frente, segurando o gatilho da arma com as duas mãos e mirando o meio da cabeça imensa do Touro.

— Mire — gaguejou o Artilheiro.

George deu um passo para o lado e ajustou o alvo. Nem por um instante aquele sentimento negro deixou lugar para ele pensar que arma NÃO ia disparar. Ele fez a bala. Era tudo o que sabia. E agora ele a usaria para salvar seu amigo. Seus amigos.

O olho do Minotauro abaixou e mirou o cano da arma. Era um olho cheio de ódio e voracidade, e, quando o bicho urrou e empurrou, George firmou o dedo no gatilho.

No entanto, antes que ele atirasse, houve um CRACK e o Minotauro e o Artilheiro sumiram.

O mundo de George havia se estreitado em um cone de visão tão restrito que ele teve de recuar um passo para entender o que havia acontecido. Seu dedo relaxou o gatilho.

O Minotauro tinha empurrado o Artilheiro por cima do corrimão, que se envergou, mandando os dois voando sobre a rua movimentada.

George se equilibrou na beira do vão para ver o que tinha acontecido.

PAM!

O Artilheiro e o Minotauro caíram com toda força sobre o teto de um ônibus vermelho. Com o impacto, o Artilheiro se contorceu e se livrou do chifre como uma espada escapando da sua bainha.

Ele ainda teve forças para dar um empurrão no focinho do touro e mandá-lo para a beira do teto, onde as mãos do monstro seguravam desesperadamente enquanto o ônibus se movimentava, sem ninguém perceber que havia um Minotauro pendurado na traseira e um Artilheiro deitado no seu teto.

Edie se aproximou de George na beirada do corrimão.

— Ele está ferido.

— É — disse George, desejando que ela não tivesse percebido que foi porque ele gritou que o Artilheiro se distraiu e tirou os olhos do Minotauro por um instante crucial, o instante em que o monstro aproveitou para chifrá-lo. — Vamos segui-los correndo. Os dois desceram a escada sem parar.

— Esconda a arma — disse Edie. Ele deu uma olhada rápida para ela.

— As pessoas não nos notam quando estamos com cuspidos porque eles não conseguem vê-los e nós não fazemos sentido. Agora, duas crianças sozinhas numa rua, uma carregando um canhão desses aí? Faça os cálculos.

Ele notou que ela tinha se recuperado e decidiu não fazer um comentário enquanto desciam a escada em espiral até a rua, pulando três degraus de cada vez.

A MORTE VEM DE CIMA

O ÔNIBUS GANHOU VELOCIDADE. No seu teto, o Artilheiro ficou de joelhos dolorosamente e se inclinou sobre o buraco no seu lado.

— É apenas um buraco. Nada das partes mais importantes. Tem gente que vive com coisas piores.

Tirou uma atadura de seu invólucro e afrouxou a capa. Pressionou a atadura sobre o lado machucado fazendo uma careta e rapidamente enrolou a cintura com a gaze, amarrando as pontas.

— Tudo em ordem — grunhiu ele. No entanto, deixou-se sentar com as pernas abertas. — Preciso tomar fôlego.

Ele arfava. Inclinou a cabeça e olhou o céu, as nuvens e a chuva que molhava seu rosto.

Um berro furioso o fez voltar à realidade.

O Minotauro estava subindo de novo para o teto do ônibus.

O Artilheiro olhou ao redor. Não via nada que pudesse usar como arma. O ônibus acelerava até um cruzamento. O semáforo acima deles tinha acabado de ficar verde. O Minotauro ficou de pé.

O Artilheiro se levantou com dificuldade e se preparou para receber o impacto.

— Venha, Zebu. Acabe o que começou.

Ele sabia que quanto mais distraísse a atenção do Touro, mais tempo o menino e a fagulha teriam para se esconder. Deu então uma olhadela para o cruzamento que se aproximava.

— Eu não sou a favor de machucar animais estúpidos, mas no seu caso abro uma exceção.

O Touro urrou e preparou-se para atacar. O Artilheiro se firmou e, quando o Touro estava prestes a atingi-lo, agachou-se bem rente ao teto. Assim que o Touro passou raspando, usou toda a força que lhe restava para se impulsionar para o alto. Usou tudo o que tinha e sentiu a atadura que acabara de pôr na cintura se rasgar com o esforço.

Se não fosse pelos chifres afiados e pelos urros de fúria do Minotauro, a cena teria parecido até engraçada, como dois dançarinos desengonçados, um levantando o outro para o ar num movimento desajeitado.

O ímpeto do Touro se deparou com a subida do Artilheiro. Os cascos se levantaram do teto do ônibus e as pernas fizeram uma bicicleta no ar. Houve um TAMP e o Artilheiro caiu no teto de novo, enquanto o Minotauro ficou pendurado, seus chifres presos no braço de aço que segurava o semáforo acima do trânsito, que seguia seu ritmo.

Ele berrou em fúria enquanto o Artilheiro seguia em cima do ônibus. Seu urro foi tão poderoso que fez os pingos que caíam no teto do veículo açoitarem o rosto do Artilheiro. Ele piscou e acenou para o Touro.

— Adeus, Zebu. Dizem que o melhor bife é aquele que se pendura, não é?

Ele não riu de sua própria tirada. Ficou olhando o Minotauro se contorcendo até que o ônibus virou uma esquina e ele não o viu mais. Daí se concentrou em reatar a atadura sobre seu ferimento.

Pelo menos as crianças estavam seguras agora, pensou ele. E este pensamento lhe deu uma desculpa para sorrir e ignorar a dor absurda que sentia.

George e Edie corriam pela rua atrás do ônibus. O revólver fazia um volume pesado no bolso do menino. Por sorte, era uma rua de mão única, assim não havia chance de perder o ônibus se corresse bastante. Um caminhão alto competia com eles, bloqueando a vista.

Negociaram uma curva e se acharam no meio de um trânsito intenso, e nada do ônibus. O caminhão passou por eles.

— Para onde foram? — disse Edie, recuperando um pouco o fôlego.

— Sei lá — respondeu George. — Ele provavelmente vai se dar bem, você não acha?

— Espero que sim.

Ela revirou o bolso para pegar o vidro do mar.

— Está tudo bem, não está? — perguntou ele. O vidro incandescia.

— Não.

Deram uma volta, espiando pela rua. Não viam nada.

— O que é? — perguntou George, as mãos de repente se fechando na forma confortante do cabo do revólver no seu bolso.

— ONDE está? — disse Edie, intrigada.

Ouviram um barulho. Não muito alto. Um rangido, acima deles. Ao mesmo tempo, os dois pararam de olhar a rua procurando o perigo embaixo e olharam para cima, exatamente sobre suas cabeças.

Uma coisa negra e chifruda se contorceu e se desvencilhou do cabo do semáforo acima deles, caindo como uma bigorna.

Os dois tiveram um instante para pular e se livrar dos cascos quando o Touro caiu no asfalto, mas não o suficiente para se livrar das mãos que os agarraram — Edie pelo braço e George pela garganta.

Tampouco tiveram tempo de tapar os ouvidos contra o rugido de vitória que explodiu entre os dentes do Touro quando ele levantou os dois no ar como um troféu e berrou seu triunfo para as nuvens acima.

George viu que Edie lutava e chutava, ao mesmo tempo em que gritava alguma coisa para ele, mas ele não ouvia uma palavra. E antes que ele pudesse pensar no que fazer agora, o Minotauro o segurou de frente para seu focinho, o cheirou e o lambeu com sua língua grossa como uma lesma gigante.

George se engasgou. Em seguida foi levantado no ar e agora foi a vez de Edie ser cheirada. Quando a língua se desenrolou para lambê-la também, ele viu os olhos dela implorarem e viu como ela se retraiu. Viu também como isso dava prazer ao Minotauro, viu que sua boca se abriu em um meio sorriso estranho e resfolegante; e isso foi demais para George suportar.

Não foi tanto o olhar malicioso da fera, mas o tremor nos olhos de Edie que levou George àquela fúria profunda que o impelia a protegê-la e o fez tirar a mão do casaco, a mão que segurava o revólver.

Apontou a arma firmemente e tentou ficar imóvel enquanto colocava o Minotauro na mira.

E quando ele fez isso, Edie conseguiu falar uma única palavra de conselho.

— Mire.

Ele ajustou a mira e se deparou com o olho virando-se para enfrentar o seu sob a mira da arma. O Touro começou a urrar e aquele sentimento negro começou a inundar sua barriga. Nem por um instante ele pensou que a bala que ele fez não funcionaria; pensou apenas que ele poderia estragar tudo se errasse. Quando a arma estremeceu nas suas mãos, ele se concentrou apenas em controlar o tremor e tudo ficou silencioso naquele instante. Então o pequeno olho sob a mira de repente parecia tão grande como as portas de um celeiro.

BLAM.

George sentiu a arma dar um solavanco na sua mão. O urro do Touro parou de súbito. As mãos se abriram em um espasmo e George e Edie caíram no chão.

A cabeça do Touro sacudiu para trás, para frente, para trás de novo, cada vez mais rápido, e ele tentava dar um berro, o corpo em espasmos como se tentasse extrair a bala — a bala de George — da sua cabeça. Então ele ficou de pé, olhou para longe com um olho derramando o que parecia bronze líquido, rosnou e começou a dar um bote, mas se estatelou como uma pedra.

Por muito tempo, tudo o que George ouviu foram as batidas do próprio coração e sua respiração.

— Na mosca — disse o Artilheiro.

George pôs Edie de pé e ficaram olhando o Artilheiro mancar até eles com um sorriso dolorido, mas triunfante.

Aos pés deles, a carcaça do Minotauro começou a se desintegrar numa pilha chiante de limalha que o vento começou a dispersar.

— Caramba! Agora me diga que você não tem as mãos de um fazedor. E na hora H, hem?

O Artilheiro estava ferido. George e Edie percebiam pelo jeito que ele andava, curvado para um lado, a mão segurando uma atadura a redor de sua cintura.

— Pelo menos ele está caminhando. Provavelmente quer dizer que vai dar tudo certo, não acha?
— disse Edie baixinho.

George olhou para o relógio. Eram 15h13. Procurou no bolso do casaco, aquele que Edie ainda usava, e achou a cabeça do Dragão.

— Olhe, tenho de chegar até a Pedra em menos de meia hora — disse ele. — Melhor ir agora. Aí eu volto e vamos achar um jeito de ajudá-lo a voltar para o seu plinto antes da meia-noite.

Ela tirou o casaco e o entregou a George.

— Vamos juntos — disse o Artilheiro. — Chegamos até aqui juntos, vamos até o fim juntos.

— Mas você está ferido.

— Eu sei. Minha sorte virou...

— Porque você quebrou seu...

— Chega de conversa. Precisamos nos apressar. E você precisa de mim, meu filho, porque o Caminhante vai estar vigiando a Pedra e eu não fiz tudo o que fiz para ver você acabar nas mãos dele no último momento, não é?

Ele liderou o caminho, ficando mais ereto a cada passo, visivelmente empurrando a dor para longe de sua consciência enquanto caminhava.

A TORRE NEGRA

Do LADO OPOSTO da negligenciada e repelente fachada do prédio comercial, no meio da qual está embutida a Pedra de Londres, fica uma estação.

Do lado de fora da estação, como em muitas das estações em Londres, há uma banquinha de um homem que vende jornais.

As pessoas têm enchido as ruas da cidade com seus gritos para atrair fregueses para suas mercadorias desde que nasceu a idéia de comércio. O homem que agora anunciava o nome de seu jornal havia destruído sua voz ao usá-la como propaganda sob sol e chuva, frio e calor, exacerbado pelo hábito de fumar três maços de cigarros de alto teor de alcatrão por dia. O som que fazia era uma espécie de estenografia, em vez de uma descrição clara de seu produto.

— Stannid! Qui tem Stannid^{6} — gritava ele a cada vinte segundos.

No resto do tempo ele tossia, cuspiam e assoava o catarro que escorria do nariz. O ruído começava a irritar o Caminhante, que andava de um lado para o outro no metro de calçada atrás dele, sob a sombra da Torre Negra.

Ele se safou de uma cuspidam de catarro que o jornaleiro esguichou na sua direção e decidiu que assim era demais. Se o Corvo estivesse ali, ele poderia ficar mais tranquilo, porque os olhos do Corvo deixavam passar menos do que esqueciam e, é claro, ele não esquecia quase absolutamente nada. Sendo assim, ele tinha de ficar vigiando a Pedra do outro lado da rua e esse homem de tosse irritante o estava fazendo perder a concentração.

Ele estirou a mão e tocou de leve no ombro dele. O homem se virou, chocado de ver alguém atrás de si, tão perto durante esse tempo todo. Antes que pudesse dizer qualquer coisa o Caminhante sorriu e falou com calma.

— Vá para casa. Você está doente. Provavelmente doentíssimo. Pode até morrer.

O jornaleiro começou a tremer. Esqueceu que tinha acabado de ver o Caminhante. Não teve consciência de que acabara de ouvi-lo. Sentiu-se terrível, doente e cheio de pavor. Eram os malditos cigarros.

Desceu a tampa de metal da banquinha e passou o cadeado. Sentiu o pânico subir no seu peito. Ficou imaginando se conseguiria chegar em casa antes que sofresse um ataque do coração.

O Caminhante sorriu satisfeito, distraído, torcendo o fragmento de pedra ao redor de seu pescoço com a mão enquanto observava o homem ir embora numa explosão de tosse.

Ele deu a volta em uma coluna e pôs a mão no bolso. Tinha certeza de que poderia fazer o menino não vê-lo se ele chegasse muito próximo da Pedra, mas sabia que o Artilheiro, se ainda estivesse com ele, o veria. Assim, tirou um disco de prata de seu bolso. Era do mesmo tamanho e formato de um estojo de maquiagem de mulher. Girou o disco. Ouviu-se um clique e o disco revelou ser dois espelhos engenhosamente ligados um ao outro por um clipe, para facilitar o transporte. Ele os separou e pôs um de volta no bolso. O outro ele segurou do outro lado da coluna. Posicionou o espelho em tal ângulo que lhe possibilitou uma boa visão do outro lado da rua. Ficou andando no mesmo lugar imperceptivelmente, os olhos fixos na Pedra. Enquanto vigiava, lambia os lábios secos, a mão afrouxando a antiga adaga da bainha presa ao seu cinto.

AÇO TEMPERADO

O ARTILHEIRO PAROU NA ESQUINA que levava à rua Cannon, onde a Torre Negra cortava o céu em sua jaula de tubos prateados.

— Vocês não se movam até eu assoviar. Quando eu der o assovio, significa que estou com ele, ou que o caminho está livre.

George olhou para o relógio. Eram 15h31.

— Só tenho onze minutos — disse com a voz calma.

— Temtempo. Não apareçam. Vou dar a volta por trás. Para ver onde o maldito está.

Edie pôs a mão para impedir o Artilheiro. Quando sua mão lhe tocou, uma onda de impressões começou a inundá-la. Não era como pressentir. Não era medo. Não tinha aquela forma de cortes dolorosos do passado. Era fluido, mas havia uma pulsação de desconforto, como um dente que vai começar a doer.

— Espere — disse ela. — Uma coisa que não é boa está para acontecer.

Ele olhou longamente para ela. Depois deu um sorriso curto.

— Fagulhas vêm o passado. Não o futuro. E coisas ruins acontecem o tempo todo. É por isso que continuamos fazendo o que fazemos.

— Não é isso...

Ele saiu às pressas.

— Mais tarde, está bem?

— O que foi que ele quebrou? — perguntou Edie, os olhos fixos nas costas que sumiam na distância. George se encostou contra a banquinha de jornal fechada e respondeu.

— Ele fez um juramento de que não usaria uma bala contra o Minotauro.

— O que quer dizer?

— Ele se pôs na linha de perigo, como levar uma praga ou coisa assim. Tudo para nos salvar.

— Você quer dizer “me” salvar — disse ela secamente. Mas então um pouco da flama antiga retornou e seu queixo se ergueu. — Eu não pedi para ele vir.

Ela deu um chute furioso na banquinha de jornal, que tiniu lamuriosamente, mas isso não a fez se sentir melhor.

— Desculpe. É o meu temperamento. Sempre meu temperamento. Se eu tivesse ficado... — disse ela, olhando para longe.

— Ficado o quê?

— Nada.

Ele pôs a mão no ombro dela. Edie se sacudiu. George, porém, não soltou.

— Edie. Ficado o quê?

— Se eu soubesse como controlar meu temperamento, não creio que estaria onde estou agora.

Não teria ficado sozinha. Teria uma família — ela deu uma risada curta que soou mais como um soluço. — Teria um pai, pelo menos... por pior que fosse. Se eu soubesse como me controlar.

Eles ficaram parados por bastante tempo, a mão dele no ombro dela, seus olhos nas suas costas. Os olhos dela estavam em um lugar completamente diferente, um lugar com o mar no horizonte, seixos nos pés e um trem passando cheio de olhos que não viam e um maquinista acenando contente, interpretando a cena de maneira completamente errada, olhando para o outro lado antes de ver o que ela teve de fazer com o homem atrás dela.

— Simplesmente vem. Me atravessa como um vento ruim. Não posso fechar as portas e deixá-lo para fora. Sopra para dentro de mim como um vento negro e eu entro no redemoinho e então é... e depois eu...

— Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

— Não. Não vai — disse uma voz corroída pelo mau humor. — Não para você. Nada jamais vai ficar bem para você outra vez.

O Caminhante se materializou atrás de George, segurando a longa lâmina afiada da adaga na altura de sua garganta.

A PEDRA DE LONDRES

A MÃO LIVRE DO CAMINHANTE apalpou os bolsos de George, que não pôde se mover. A lâmina tocava seu pomo-de-adão tão rente que ele nem se atrevia a engolir.

— Por favor — pediu ele, tentando manter a voz sem tremer. — Só quero que tudo isso termine. Só quero ir para casa.

Os dentes do Caminhante se mostraram num rosnado sem humor.

— Ninguém vai para casa. Ninguém nunca vai para casa.

As pernas de Edie começaram a tremer. Ela bateu com os pés no chão para conter o tremor, mas não funcionou.

Não era apenas a adaga, o homem com o longo casaco verde, ou ainda o veneno em sua voz. Tudo isso era ruim; tudo isso era muito, muito ruim mesmo. Mas não era nada comparado à coisa que estava causando aquele terror absurdo.

O que lhe causava tanto terror, o que abriu o buraco negro em volta de seus pés, foi o fato de que ela já tinha visto aquela adaga lustrosa e o Caminhante.

Ela sabia que ele era capaz de cortar a garganta de George sem perder o sorriso, porque, é claro, a última vez que ela tinha visto aquele homem foi quando ele estava afogando a menina em um buraco gélido no Carnaval no Gelo.

Até mesmo isso ainda não era a pior coisa de todas. A pior coisa era muito terrível para se pensar, por isso ela bateu o pé para esquecer e gritou com ele.

— Deixe ele em paz!

O Caminhante a ignorou completamente, enquanto sua mão revistava com cada vez mais desespero os bolsos de George.

— Cadê a coisa que você quebrou, menino? Pode me dizer. Tudo o que eu quero é a coisa que você quebrou. Tudo o que eu quero é colocá-la na pedra...

Finalmente sentiu a cabeça do Dragão no bolso do casaco. George sentiu o cheiro de seu hálito no ouvido, permeado de fome e ruína.

— Aqui está. Tire do bolso, menino, e me entregue. Sou EU quem vai fazer as reparações. É para MIM que a Pedra vai sorrir.

Edie sentiu um puxão entre ela e o Caminhante. Ele estava tão preocupado observando George pegar a pequena cabeça do Dragão de seu bolso que tinha deixado de observá-la. Ela tinha sentido esse puxão antes, mas geralmente era quando alguma coisa especialmente ruim estava tentando fazê-la tocar nela. Coisas com uma tristeza muito profunda exerciam esse tipo de puxão. Ela nunca entrava em cemitérios ao redor de igrejas, por exemplo, porque as lápides a puxavam como ímãs. No entanto, nenhum humano jamais provocara um puxão assim. Foi então que ela percebeu o que era.

Era a pedra com o furo no meio.

A pedra pendurada no pescoço do Caminhante.

— Deixe ele em paz! — ela gritou.

O Caminhante ergueu seus olhos violeta e olhou para ela. Tirou a lâmina da garganta de George e avançou para ela fazendo um zigzague rápido no ar.

— Cale a boca, sua intrometida, ou lhe abro como um saco de batatas. Você vai se derramar pela calçada, e sabe o quê? Ninguém vai se importar.

— Vão sim — disse George. E enquanto a lâmina era fustigada na frente de Edie, e não em cima de sua garganta, ele segurou firme a cabeça do Dragão e arremessou-a por cima do ombro na cara do Caminhante, com toda a força que conseguiu juntar.

O Caminhante cambaleou para trás, uma mão cobrindo um olho, a outra cortando com a adaga o espaço onde George se encontrava. Só que George não estava mais lá. Tinha rolado para a lateral, para longe das garras do Caminhante, tentando se livrar. E quase conseguiu.

A lâmina arranhou uma de suas costelas, fazendo um corte de meio metro na sua camisa, e rascou a lã grossa de seu casaco. A adaga se prendeu nas fibras e o Caminhante a usou para puxar George para perto dele. George desesperadamente tentou tirar os braços do casaco para escapar dela, mas não houve tempo suficiente.

— Agora você vai morrer, menino! Não era necessário, mas agora vai... Pela Pedra, eu juro que vai! — gritou o Caminhante. — E se você cegou o meu olho, juro pela Pedra que vou fazer você SOFRER muito a caminho de seu QUIETUS!

— Não! — berrou Edie, pulando para cima do Caminhante como um gato selvagem, levada de repente pelo puxão da pedra, intuitivamente sabendo o que deveria fazer.

O Caminhante viu a menina pulando para cima dele, os cabelos negros esvoaçando, os olhos faiscando, e por mais que tentasse arrancar a adaga para feri-la, ele não sentiu fúria, nem raiva. Sentiu algo que tinha quase esquecido, porque não sentia isso há séculos.

Sentiu medo.

George bateu a cabeça do Dragão com toda força nos dedos do Caminhante, fazendo sua adaga voar longe na calçada.

A mão direita de Edie foi de encontro à garganta do Caminhante e se fechou na pedra pendurada em seu pescoço. Sua mão esquerda agarrou a orelha dele e não soltou. Edie sentiu o metal de seu brinco furando sua palma, mas continuou segurando como um cão raivoso.

Então o passado a atingiu com aquela conhecida sensação repugnante, com clarões de dor e de náusea.

Seus cabelos se arrepiaram em um círculo quando o choque a atingiu. A cabeça do Caminhante pendeu para trás. Seu casaco também se abriu como um leque porque o que ela via o atingiu também.

George conseguiu se livrar da última manga do casaco quando a primeira imagem atravessou o cérebro de Edie.

E foi isso que ela viu.

Uma sala em um palácio.

Membros da corte de colete e meias, espadas penduradas do seu lado. Babados brancos ao redor do pescoço.

Janelas de chumbo e vidro refletindo velas.

Uma mulher em trajes tão largos como as velas de um barco atravessava a sala, seus cabelos vermelhos como fogo, um babado ao redor do pescoço também. O rosto mais branco que o babado. Ela disse alguma coisa para um homem que se inclinava numa mesura.

“...não falhe, John Dee” foi tudo o que Edie ouviu, quando ela entregou uma bolsa de couro e saiu. O homem ficou olhando ela sair da sala.

Era o Caminhante.

Outra cena. Edie foi tomada por mais uma onda de náusea. Tentou fechar os olhos. Eles foram forçados a se abrir de novo.

Agora ela estava numa oficina escura.

A única iluminação vinha de uma vela e de um braseiro.

Um vulto com um solidéu colocava fogo líquido de um caldeirão de metal em uma fôrma.

Enquanto o fogo líquido esfriava, a luz diminuiu, e na incandescência vermelha ela viu o homem se virar e gritar alguma coisa furiosa.

Era o Caminhante de novo.

O tempo a sacudiu de novo para a noite.

Agora ela viu uma rua.

A antiga Londres à luz da lua.

Prédios de madeira e pedra salientavam-se sobre o pavimento.

Uma igreja.

Ao lado da igreja, na rua, uma pilastra quadrada. Ao lado da pilastra, o Caminhante. Embaixo da pilastra um sinal talhado que lia: “PETRA LONDINIUM”.

Um clarão de metal. Um baque de martelo.

O Caminhante extraíndo um torrão da pedra.

O vento aumentou e levantou as folhas em redemoinho. Então Edie ouviu um ruído como um farfalhar de asas batendo se aproximando de repente.

Então o Caminhante ficou imóvel, cheio de culpa.

E logo a perspectiva mudou bruscamente e se aproximou da nuca do Caminhante, como se pronto a atacá-lo. Ele se virou, os olhos se arregalaram em puro horror e ele gritou:

— NÃO!

O passado acabou e Edie voltou ao presente. O Caminhante ainda gritava, os olhos arregalados, no aqui e agora. Ela soltou a pedra e se afastou.

Um vulto escuro passou correndo por cima de seus ombros e agarrou o Caminhante por trás em um abraço imenso e apertado que não deixava espaço para escapar. Eles olharam para o vulto.

Era o Artilheiro.

— Eu não falei para ficarem escondidos?

Apesar de ainda estar se sentindo enjoada, Edie abriu um sorriso junto com ele e George.

— Agora, que horas são?

O SACRIFÍCIO

O ARTILHEIRO SEGUROU O CAMINHANTE em um abraço firme de bronze, imobilizando seus braços. A cabeça do Caminhante se inclinou para frente, os cabelos grisalhos e oleosos cobrindo o rosto. O pressentimento de Edie parecia ter sugado sua energia e sua força de vontade.

George olhou para seu relógio.

Quatro minutos.

— Tenho que ir.

— É — disse o Artilheiro. — E boa sorte.

O tom na voz dele fez George parar e se voltar.

— O que acontece? Quando eu colocar a cabeça do Dragão em cima da Pedra?

— Você consegue o que quer. Põe um fim a tudo.

— E o que isso quer dizer?

— Anda logo — disse Edie.

— Diga a ele — disse uma voz maldosa. A cabeça do Caminhante se ergueu um pouco e um olho violeta espiou para George. — Diga para ele dizer adeus.

George sentiu que havia uma longa lista de perguntas para as quais ele deveria saber as respostas, mas que agora não tinha o tempo para perguntar.

— O que acontece?

O Caminhante deu de ombros.

— É o fim. Você faz suas reparações. Você volta para sua visão de uma Londres segura e contente, SANS cuspidos, SANS estigmas, SANS qualquer coisa estranha ou inexplicável para perturbar sua vida suave e feliz. E já vai tarde.

— Mas vou me lembrar de tudo isso, não vou?

— Edie — disse o Artilheiro. — Leve George para a Pedra.

— Se eu colocar isso no Coração de Pedra, você está dizendo que eu... o quê? Vou esquecer de vocês?

O Caminhante cuspiu.

— Coração de Pedra? Aquilo ali não é o Coração de Pedra coisa nenhuma. Aquilo é a Pedra de Londres. Mas isso mesmo. Você faz suas reparações frívolas e retorna para uma existência ainda menos relevante.

— Edie! — cortou o Artilheiro.

Ela pegou o braço de George e o puxou na direção do prédio sujo com a pedra encaixada em sua fachada. A mente de George não parava de rodar.

Atrás deles, o Caminhante deu de ombros, enfiando a mão de soslaio no seu casaco.

— Não, não vai, não — disse o Artilheiro, apertando ainda mais.

Edie puxou George até o gradil baixo no lado do prédio. Atrás dele, ficava a Pedra, inocente como qualquer pedaço de alvenaria. Exceto pelo fato de que Edie sentia um puxão ruim e forte vindo de lá.

— Vá.

Ele olhou para o relógio. Um minuto e meio. Noventa segundos para dizer alguma coisa que fizesse sentido. Só que nada fazia sentido. Especialmente aquilo que não saía de sua mente.

George olhou para Edie. Seu queixo se arrebitou naquele habitual gesto insolente, mas havia um sorriso e olhos brilhantes de um negro profundo quase se assemelhando aos cabelos que lhes serviam de moldura.

— Estou com um pouco de medo — disse ele.

— Todo mundo tem medo — respondeu a menina.

— Se eu fizer isso, eu acho que não... Quero dizer, você ficará... Ou eu vou para uma Londres em que tudo isso não faz sentido. Assim, eu não vou acreditar em você — ele limpou a garganta.

— Não vou conhecer você. Quero dizer, você ainda estará aqui, nesta Londres do avesso. Este lugar que dá medo. E estará sozinha.

— Vou ficar bem — disse ela, repetindo palavras que eram dele. — Depressa.

Ela abriu o sorriso e seus olhos pareciam brilhar ainda mais. Ele olhou para ela.

— Você não tem medo de nada.

— Eu sei. Por isso vou ficar bem. Agora vá.

Ele ficou olhando para ela. Queria se lembrar de tudo. Seu rosto, o formato de seu queixo arrebitado, seu sorriso fino.

— Edie, e se as esfinges me deram uma resposta que contém dois significados? Quero dizer, isto seria totalmente plausível por serem o que são, você não acha?

— George, se apresse, por favor. Você sabe o que as esfinges disseram: “Seu remédio jaz no Coração de Pedra, e a Pedra do Coração vai ser o seu alívio. Para pôr um fim ao que começou, você deve primeiro encontrar o Coração de Pedra e depois deve fazer o sacrifício e as reparações para consertar o que foi quebrado ao colocar na Pedra do Coração de Londres aquilo que é necessário para o seu reparo!” Agora faça isso! O tempo está passando. Lembre-se do que o Frade disse sobre isso!

E, à menção do Frade Preto, George tremeu. Tremeu porque se lembrou do que o Frade tinha dito sobre as esfinges tecendo enigmas mesmo quando davam respostas. Ao mesmo tempo, do canto de um olho, viu o Caminhante se contorcendo para se libertar das mãos do Artilheiro e pensou no escárnio com que ele havia falado que a Pedra de Londres não era o Coração de Pedra... Então pensou no Frade Preto de novo com uma urgência tão transparente que ele quase acreditou ter ouvido novamente a voz sono-rosa e alegre dizendo: “... O QUE PODERIA SER MELHOR PARA ELAS DO QUE DAR UMA RESPOSTA COM DOIS SENTIDOS? EXCETO UMA COM TRÊS! O QUE É O CORAÇÃO DE PEDRA? QUEM DIRÁ?”

George virou-se para Edie, uma idéia nova explodindo dele num jato de palavras.

— Edie, espere, pare de falar e escute. Apenas escute! O Coração de Pedra e a Pedra do Coração de Londres? E se forem duas coisas DIFERENTES, em vez de serem duas maneiras de descrever a mesma pedra? E se esta Pedra de Londres for a Pedra do Coração de Londres, mas o Coração de Pedra for uma outra coisa, alguma coisa que não estamos vendo?

Ela negou com a cabeça. Não queria continuar com nenhuma conversa, queria pôr um fim àquilo.

— Que tipo de coisa? Quero dizer, esqueça...

— Não sei o que o Coração de Pedra pode ser, mas sei o que o Frade disse, ele disse que poderia ser qualquer coisa, qualquer lugar, qualquer um...

— Não há tempo para isso, George — disse ela, secamente.

Ele sentiu o desespero, como se estivesse quase compreendendo.

— Não, sério mesmo, e se houver mais sentido aqui do que eu apenas reparar o que quebrei e voltar para casa, para minhas aulas de matemática e para um bando de meninos que não gostam tanto de mim e nem eu gosto deles? Quero dizer, Edie, veja isso!

E mostrou sua mão para ela, a mão com a marca do fazedor.

— Eu fiz a BALA, Edie. E ela FUNCIONOU! E se...

Ela negou com a cabeça e o interrompeu.

— Não há tempo para “e se”, George. Este é o momento em que você faz o que tem de fazer... e adeus, está bem? Não há por que nós dois ficarmos presos aqui, certo? É como os alpinistas: um cai e fica pendurado pela corda e o outro se segura o máximo que pode, mas no fim das contas, a corda só pode com um, então por que ambos devem cair da montanha? Vá, George. Você agora está seguro. Vá para casa. Ninguém volta para casa, ele disse, mas você vai! Sim, você é especial, George. Você vai conseguir fazer a coisa que todos eles disseram que você não conseguiria fazer: você ganhou deles, não perca seu tempo NÃO INDO para casa. Faça isso ter um significado ao ir para casa e ser feliz! Corte a corda! Não é sua culpa se eu estou pendurada nela. Se fosse você que estivesse pendurado, eu cortaria a corda sem hesitar um instante, agora vá!

— Não.

Ele olhou para o relógio.

— Não vou deixar você sozinha aqui. Não vou esquecer tudo isso.

— Você é um idiota! Você pode ficar livre!

— E você ficará presa aqui. Sozinha.

— Eu soube me cuidar antes de conhecer você.

— Não soube, não.

— E daí? Se você esquecer tudo sobre isso aqui, não saberá de nada mesmo e nem vai precisar se sentir culpado, seu idiota, seu idiota absoluto!

E ela lhe deu um tapa.

No rosto. E ele ficou ali parado. E ela deu outro tapa. Ele apenas olhou para ela, alguma coisa se endurecendo dentro dele.

— VÁ!

Desta vez ela fechou a mão com força e, quando lhe deu o soco, o rosto dele se sacudiu e sangue brotou de um lábio.

— Eu lhe disse para nunca mais me bater — disse ele, com a voz dura.

— E eu lhe disse para nunca mais me dizer o que fazer — retorquiu ela, a mão se fechando em um punho novamente, se preparando.

— Ainda está aqui? — ameaçou Edie. Ele se virou e se inclinou sobre a grade.

— Tudo bem. Até logo.

— É. Até logo — disse ela, vendo ele virar as costas e caminhar. Depois ela deu a volta e caminhou até o Artilheiro, esfregando alguma coisa no olho.

— Vai ficar tudo bem — disse o Artilheiro. — Você vai ficar bem.

— Não diga, é mesmo? — disse o Caminhante, afetando um tédio extraordinário na voz. — Fagulhas nunca ficam bem. Elas acabam quase sempre em final infeliz. Conte a verdade para ela.

— Com licença, por favor. — Era a voz de George. Edie se virou.

Ele estava parado, com cara de confuso. Não havia sinal de reconhecimento nos seus olhos. Era horrível. Parecia desorientado e se desculpendo como na primeira vez em que o vira. Todo o vigor que ele demonstrou ao completar sua busca parecia ter sido arrancado dele.

— Desculpe, mas eu estou... você sabe onde estou? — disse ele, parecendo envergonhado. — Desculpe, mas não sei como cheguei aqui. Acho que sofri alguma coisa.

Fazia um gesto de quem estava desamparado e perdido. Ela se lembrou do menino de quem não tinha gostado logo quando conheceu.

— Desculpe, mas eu também não faço idéia.

E então virou-se para ir embora.

— Edie.

Ela parou. E então sabia. Voltou-se. George sorriu para ela. Ereto e irreverente. Ele jogou a cabeça do Dragão para o ar e pegou-a de volta.

— Resolvi ficar com isso aqui. Para descobrir como é o Caminho Tortuoso — disse, e piscou para ela. Uma piscada com o lampejo de aço. — Você não se livra de mim assim tão fácil, não.

E, para grande constrangimento dos dois, eles se viram se abraçando e rindo, embora, no momento em que perceberam o que faziam, tenham parado imediatamente e apenas sorrido um para o outro.

— Essa foi uma brincadeira de mau gosto — disse ela.

— É. Mas você mereceu. Toda aquela história boba de “cortar a corda”.

— Você não precisava fazer isso, George. Falo sério. Não tenho medo de nada.

— Eu sei.

Ficaram em silêncio por um momento, pararam de sorrir e se olharam. Ela respirou fundo.

— Tenho medo de tudo.

— Eu também sei disso.

Ele não sabia o que fazer ou dizer.

Por isso deu um soquinho amigo no ombro dela.

— Que nojo — disse uma voz horrenda atrás deles. — Você encontrou o seu próprio Coraçõzinho de Pedra.

O Caminhante ainda estava preso pelo Artilheiro, que sorria e sacudia a cabeça.

— Infelizmente, temos de ir agora — disse o Caminhante, retirando as mãos dos bolsos. Ele conseguia apenas mover a parte inferior dos braços, mas no fim foi o suficiente. Os espelhos

brilharam em cada uma de suas mãos.

Ele manteve os espelhos paralelos um ao outro. E antes que algum deles pudesse fazer qualquer coisa, o Caminhante levantou um joelho e, com um movimento brusco, num piscar de olhos, tocou o pé em um dos espelhos pequenos.

Assim que o pé tocou no espelho, houve um clarão e a cabeça do Artilheiro se deslocou para trás com tanta violência que seu capacete caiu. Com um pequeno redemoinho que preencheu o espaço onde estavam antes, os dois pareciam ter sido sugados para dentro do espelho.

Por um momento terrível, tudo o que havia eram os dois espelhos suspensos no ar, paralelos um ao outro, o capacete do Artilheiro e a adaga no chão entre os dois, como uma tigela negra e uma faca.

De repente, os quatro objetos também sumiram.

George e Edie ficaram olhando para o espaço vazio, paralisados de horror.

— Ele levou o Artilheiro!

Edie deslizou para o chão, precisando se apoiar na parede do prédio.

— O Artilheiro se foi.

Ela não conseguia acreditar.

— E nem ao menos sabemos para onde ele o levou!

George sentou-se ao seu lado. Sentiu-se cansado. Exausto. No entanto, tinha uma certeza.

— Vai dar tudo certo — disse ele.

— Como? — retrucou ela, com um tom abatido na voz.

— Não sei — disse ele, olhando as pessoas que emergiam da estação do metrô da rua Cannon como se nada estranho tivesse acontecido. — Mas sei que agora é a nossa vez. A bota está no outro pé.

— O quê?

— Nós temos de salvá-lo — ele sorriu, tentando mostrar confiança. — Vai dar tudo certo.

Ela olhou para ele, tomada de súbito pelo horror e pela frustração.

— Não vai. Vai...

Ela olhou para o lugar onde o Artilheiro tinha estado e tentou se lembrar onde havia visto o capacete e a adaga daquele mesmo jeito, como uma tigela negra e uma faca. Então a lembrança de alguém gritando para ela "...portões em espelhos!" do outro lado de uma extensão de água congelada veio à sua memória. Mas antes que ela pudesse fazer a conexão, a lembrança daquele gelo tomou conta dela e aquela outra coisa aterrorizante, a coisa que ela tinha suprimido ao gritar para o Caminhante, chegou à sua memória também, e era uma realização tão atroz que ela precisou contar a George.

— George. Eu o vi! Aquele que carregou o Artilheiro. Eu o vi antes...

— Você viu o Caminhante antes de hoje?

Ela disse que sim com a cabeça, o terror subindo na sua garganta porque sabia o que tinha que contar, sabendo que dizer em voz alta só faria a coisa mais real.

— Devia ser uns cem anos atrás, ou talvez até duzentos anos!

— O quê?

— Eu o vi quando tive a visão do passado lá no Tâmis. Eu o vi no Carnaval no Gelo.

— Não pode ser...

— Vi sim. E ele estava afogando alguém. Era... Era...

Ela não conseguia terminar.

— Era... horrível? — ofereceu ele.

— Era eu.

Ele olhou para ela.

— Era uma menina com um gorro daqueles antigos. Ele a afogou, e ela era eu.

Por um bom tempo, os dois ficaram olhando para longe e não disseram nada.

— Bom — disse George por fim. — Não podemos deixar que isso aconteça também, não é mesmo?

E enquanto o sol baixava no céu, eles se levantaram em silêncio e caminharam juntos na direção da luz.

FIM

AGRADECIMENTOS

TODAS AS ESTÁTUAS, CUSPIDOS E ESTIGMAS deste livro realmente estão lá nas ruas, esperando ser descobertos. Se você tiver vontade de descobri-los, ou mesmo somente a sua Londres do avesso, eu recomendo pegar o LONDON COMPENDIUM de Ed Glinert, botar no bolso e sair explorando as ruas de Londres. Eu fiz isso, e ainda faço, e o considero indispensável. Igualmente indispensáveis, embora menos portáteis, são os livros LONDON ENCYCLOPE-DIA, de Christopher Hibbert e Ben Weinreb, e LONDON: A BIOGRAPHY, de Peter Ackroyd. O livro deste último autor, HAWKSMOOR, foi uma das duas obras que me fizeram sair da rotina de minha Londres e ir procurar as outras, uma provocação pela qual fico eternamente grato. A outra obra foi uma cópia empoeirada de LONDON, de H.V. Morton, uma mistura rara de impressões que eu também recomendo procurar em sebos.

Em uma nota mais pessoal, agradeço imensamente a Katie Pearson pela citação de D.H. Lawrence no início do livro. Gostaria de agradecer também ao meu (na época com doze anos) afilhado Alexander Darby pela leitura do primeiro trecho do livro e por me dizer que eu deveria descrever melhor as coisas. E finalmente agradeço a Jack e Ariadne, e especialmente a Domenica, por se encaixarem tão bem no papel de sondagem e primeiros ouvintes da história, como também pela crença irrefutável nela. A única coisa mais gostosa do que escrever CORAÇÃO DE PEDRA foi lê-lo para vocês durante a noite. Este livro pertence a vocês.

^[1] COCKNEY. sotaque típico dos habitantes da parte leste da cidade de Londres. (N.T.)

^[2] Em inglês, Adam, o nome da rua em que os personagens se encontram. (N.E.)

^[3] No original, Mudlark and Frost Fair. Mudlark era uma prática antiga da população londrina mais pobre, que catava na lama do rio Tâmsa, em maré baixa, objetos e materiais como cobre e ferro para vender. O Frost Fair (Carnaval no Gelo) se iniciou no ano de 1564, quando o rio Tâmsa congelou e os habitantes da cidade organizaram uma espécie de carnaval no gelo no meio do rio. A prática durou até 1814, e a partir de 2005 foi reintroduzida, agora à margem sul do rio, perto do Globe Theatre, já que hoje em dia o Tâmsa não congela mais. (N.T.)

^[4] Pequenas bolsas penduradas na frente de saíotes escoceses, parte da vestimenta tradicional da Escócia.

^[5] Em inglês, “fetter” quer dizer “grilhão”. (N.E.)

^[6] The Evening Standard, jornal inglês. (N.T.)